

GEORGINA DA CONCEIÇÃO BRANCO GARRIDO

DOS CONVENTOS AO ECONOMUSEU
***PATRÍCIO & GOUVEIA Lda.* - Fábrica de Bordados**

Orientador: Professor Doutor Mário Canova de Magalhães Moutinho

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Museologia

Lisboa

2015

GEORGINA DA CONCEIÇÃO BRANCO GARRIDO

DOS CONVENTOS AO ECONOMUSEU
***PATRÍCIO & GOUVEIA Lda.* - Fábrica de Bordados**

Versão provisória para defesa pública

Orientador: Professor Doutor Mário Canova de Magalhães Moutinho

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Museologia

Lisboa
2015

EPÍGRAFE

Quando uma sociedade se esquece de preservar não apenas o seu património (...), usos e costumes, mas relaxa o registo de suas técnicas, não está de alguma maneira se preparando para a assimilação aleatória e indiscriminada de quaisquer outros valores nessas áreas, esquecendo matrizes informativas de um desenvolvimento autónomo e endógeno e sujeitando-se à adopção de padrões que não lhe são necessariamente os mais benéficos em termos sociais, ainda que possam estar mais próximos de uma pretensa ou verdadeira modernidade?”¹ (Russio, 1989; p.11).

Este texto serve de inspiração para todos nós que percebemos que o mundo mudou e que há novas necessidades que teremos de acompanhar e assimilar.

É um facto que vivemos num mundo mais globalizado, promovido pelo rápido e grande desenvolvimento, sobretudo nas áreas dos transportes e dos meios de comunicação, que, por um lado, nos vão aproximando e enriquecendo, mas que, por outro, nos obrigam a conviver com povos e raças distintas, podendo conduzir-nos a uma uniformização de culturas.

Efetivamente, a uniformização cultural acontece quando as culturas não estão devidamente compreendidas e cimentadas no seu meio, quando se perdem memórias próprias e adoptam comportamentos de outros, por vezes mal interpretados e mal aplicados, conduzindo ao esquecimento de saberes e ações que caracterizam um povo e que marcam a sua diferença, contribuindo para o empobrecimento de algumas culturas e para problemas sociais.

Assim sendo, torna-se necessário valorizar, apelar e salvar memórias coletivas, recuperar o *saber estar* e o *saber fazer*, acabar com a ideia de que a *herança cultural* pode ser a razão de algum tipo de exclusão social, que leva os pais a não transmitirem aos filhos determinados valores, cavando cada vez mais um fosso cognitivo e afetivo entre eles e a própria sociedade.

¹ Rússio, Waldisa (1989). Museu, Museologia, Museólogos e Formação. In Revista de Museologia n.º4, S.P. Instituto de Museologia de São Paulo.

DEDICATORIA

Dedico este trabalho à minha única filha, Júlia, uma das herdeiras desta casa.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, ao anterior director da fábrica, o Senhor Comendador José Agostinho de Sousa; ao actual director, o Senhor João Sousa, e a todos os herdeiros, a confiança que depositaram em mim, partilhando as suas dificuldades e a possibilidade que me deram de conhecer a fábrica e a atividade. A todos os funcionários da fábrica pela simpatia, pela disponibilidade para responder a todas as minhas questões, esclarecer as minhas dúvidas e partilhar os seus saberes.

Ao meu orientador, Professor Doutor Mário Canova Moutinho, pelo apoio e interesse, provando que nem a distância nos impede de realizar os nossos objetivos.

A todos os meus antigos colegas que me ajudaram e incentivaram: Mestre Ana Teresa Klut, Mestre Teresa Catarina Santos e Mestre Ana Bonito.

A todos aqueles que em outras áreas me foram fornecendo indicações: Dr. João Pedro Araújo, Dr. Magna Pereira, Eng. Ricardo Fernandes e Eng. Maria João Pereira.

Ao antigo director do IBTAM, Escultor Ricardo Veloza; à Eng. Paula Cabaço, actual Directora do IVBAM – Instituto do Vinho e do Artesanato da Madeira pela abertura e informações dadas. Ao Dr. Paulo Bairos pela disponibilidade e pela orientação nas pesquisas.

À irmã Maria da Cruz, do Convento da Caldeira, em Câmara de Lobos, por me ter recebido em Fevereiro e Junho de 2015.

À CMF – Câmara Municipal do Funchal por me ter fornecido todo o processo de arquitectura e licenciamento do edifício.

Um especial agradecimento ao Professor Tarciso Moreira pela disponibilidade que teve em acompanhar-me neste projeto e pela incansável ajuda na pesquisa e na investigação.

Agradeço à Arquiteta Alexandra Gouveia por me ter ajudado na realização do projeto de arquitetura e na procura do processo de construção do edifício.

Por fim, os meus sinceros agradecimentos à Professora Doutora Anne Martina Emonts, da Universidade da Madeira, pelas informações e por me ter encaminhado até à Senhora Elisabeth Elfriede Gesche, que me recebeu em sua casa, a Quinta Olavo, no mês de maio de 2015 e me transmitiu valiosas informações, memórias da sua família, conhecimento do seu espólio privado, entre outros enriquecedores contributos que me fizeram perceber e relacionar muitos dos acontecimentos e factos da história do bordado na região.

Foi através de todos eles que foi possível realizar este projeto de reestruturação e

revitalização da fábrica “*Patrício & Gouveia Sucrs. Lda*” que se dedica à tão nobre atividade de produção e venda do tradicional Bordado da Madeira.

RESUMO

A proposta apresentada dá a conhecer a arte do bordado na Ilha da Madeira, atividade considerada importante para a sustentabilidade e fixação da grande maioria da população, essencialmente no meio rural e que teve, durante mais de um século, um importante papel no desenvolvimento económico, social e cultural da região e, por isso, faz parte da memória colectiva de um povo.

Hoje, esta atividade atravessa uma fase difícil que compromete a sua continuidade.

Assim sendo, pretendemos que o presente trabalho venha a ser o projeto de reestruturação e revitalização de uma fábrica de bordados no Funchal, fundada em 1925, a “*Patrício & Gouveia Sucrs. Lda.*”, considerada uma referência pela sua dimensão, singularidade e História, de forma a evitar o seu encerramento e posterior desmantelamento, e assegurando esse património para as gerações futuras.

Este é um projeto que se enquadra na economuseologia como alavanca para o equilíbrio entre o desenvolvimento e a sustentabilidade de uma empresa e de uma atividade inseridas numa região que vive essencialmente do turismo.

Nesta dissertação será ainda apresentada uma resenha histórica do Bordado da Madeira, desde a sua origem na região, até aos nossos dias, passando pelo processo de industrialização e fases que influenciaram a produção.

Em suma, este trabalho resultou de um conjunto de olhares, aos quais se juntou a experiência de quem trabalha e gere esta casa e esta atividade.

Palavras-chave: Bordado, memória, sustentabilidade, revitalização, industrialização

ABSTRACT

This proposal makes known the art of embroidery in Madeira, which is considered important for the sustainability and establishment of the majority of the population, mainly in rural areas and had, for over a century, an important role in economic, social and cultural development of the region and therefore is part of the collective memory from our people.

Today, this activity goes through a rough patch that compromises its continuity.

Therefore, we intend that this work will be the restructuring project and revitalization of an embroidery factory in Funchal, founded in 1925, "*Patricio Gouveia & Sucrs. Lda.*", considered a benchmark for its size, uniqueness and history, in order to avoid its closure and subsequent decommissioning, and ensuring that heritage for future generations.

This is a project that fits in economuseology as leverage in order to have a balance between development and sustainability of a company and an inserted activity in a region that lives essentially on tourism.

In this thesis will be also presented an historical review of Madeira Embroidery, from its origin in the region, to the present day, through the industrialization process and stages that influenced the production.

To sum up, this work resulted in a number of looks, joining the experience of those who work and manage this house and this activity.

Keywords: Embroidery, memory, sustainability, revitalization, industrialization

ABREVIATURAS E SIGLAS ÚTILIZADAS

ACIF – Associação Comercial e Industrial do Funchal

AAVV – Autores vários

AFP – Adolfo de Freitas Patrício, sócio fundador da P&G

ANTT – Arquivo Nacional da Torre do Tombo

APOM – Associação Portuguesa de Museologia

ARM – Arquivo Regional da Madeira

BMF – Biblioteca Municipal do Funchal

CEE – Comunidade Europeia

CEHA – Centro de Estudos de História do Atlântico

CET – Curso de Especialização Tecnológica

C^a – Companhia

CELF – Centro de Estudos, Línguas e Formação do Funchal

CMF – Câmara Municipal do Funchal

Conv^o - Convento

EUA – Estados Unidos da América

FEC - Fundação Europeia da Conservação

FSE – Fundo Social Europeu

ICOM – Conselho Internacional de Museus

ICOMOS – International Council on Monuments and Sites

Ibidem – no mesmo lugar

Idem – o mesmo

IBTAM – Instituto do Bordado e da Tapeçaria da Madeira

IDE – Instituto de Desenvolvimento Empresarial

INPI - Instituto Nacional de Propriedade Industrial

IVBAM - Instituto do Vinho e do Artesanato da Madeira

JAS – José Agostinho de Sousa, Genro e sucessor de JDMG

JDMG – João de Deus Magno Gouveia, Sócio fundador da P&G

KPMG – Cutting Through Complexity

Ld^a. – Limitada

MINOM – Movimento Internacional para uma Nova Museologia

mt. - metros

Nº - número

op.cit. – Obra citada

pág. - página

P&G - Patrício & Gouveia – Fábrica de Bordados.

PIB – Produto Interno Bruto

pp - pormenor

PUC – Pontifícia Universidade Católica

RAM - Região Autónoma da Madeira.

RUMOS – Programa de Valorização do Potencial Humano e Coesão Social

s/d – Sem data

Sucrs. - Sucessores

SWOT – Strengths Opportunities Weaknesses Threats

TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação

UE – União Europeia

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e

Cultura

UMa – Universidade da Madeira

Vº - verso

Vol. - volume

ÍNDICE GERAL

	Página
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I - Do convento à indústria	21
1. O bordado	21
2. A origem do bordado na Ilha da Madeira	23
3. A situação atual do bordado na região	47
4. Processo produtivo	
4.1. Bordado da Madeira	51
4.2. Principais pontos do Bordado da Madeira	60
4.3. Tapeçaria	68
5. Bordados Portugueses	71
CAPÍTULO II - A P&G como património cultural	76
1. O edifício	80
1.1. Tipo de construção	83
1.2. Localização do imóvel	85
1.3. Estado de conservação	87
1.4. Espaços atuais e suas funções	89
2. As empresas	96
2.1 – Situação financeira	100
2.1.1 - “Gouveias Ld. ^o ”	101
2.1.2 - “JDMG Ld. ^a ”	101
2.1.3 - “P&G Sucr., Ld ^a ”	102
3. Recursos humanos atuais, competências e formação	104
4. Bens móveis	106
4.1. Arquivo de desenho e chapas	106
4.2. Documentação	111
4.3. Mobiliário e equipamento	113
5. Construindo um diagnóstico	118
5.1. A minha experiência como visitante	118
5.2. Diagnóstico sobre os funcionários	120
5.3. Opinião de um cliente	121

5.4 - Opinião das guias-turísticas	121
5.5 - Opinião das Agências de Viagem	122
5.6 - A minha experiência de visita à concorrência	123
5.7 - Síntese das opiniões	123
6. Identificação/Síntese dos problemas e pontos fortes (Matriz <i>Swot</i>).....	125
CAPITULO III - Proposta de intervenção	129
1. Fundamentos teóricos – Evolução das bases da Museologia	129
2. Enquadramento da proposta de intervenção na Museologia Contemporânea	137
3. Metodologia de intervenção num Economuseu	143
3.1. Vertente museológica	143
3.1.1. Valorização Social	144
3.1.2. Valorização Educativa	144
3.1.3. Valorização Cultural	145
3.2. Vertente empresarial	148
3.2.1. Gestão financeira	149
3.2.2. <i>Marketing</i> e comunicação	150
3.2.3. Vendas	152
3.3. Vertente produtiva	152
3.3.1. <i>Design</i>	152
4. Um modelo de organização baseado na prestação de serviços	154
5. Organigrama espacial	162
5.1. Descrição das funções dos diferentes espaços	164
5.1.1. Espaços públicos	164
5.1.2. Espaços públicos condicionados	168
5.1.3. Espaços reservados	170
6. Projeto de arquitetura – Organização funcional	172
7. Novos recursos humanos	176
8. Calendarização	183
9. Resumo da proposta de intervenção	185
CONCLUSÃO	188
BIBLIOGRAFIA CITADA	190

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA	193
GLOSSÁRIO	203
ÍNDICES REMISSIVOS	206

ÍNDICE DE FIGURAS

	Página
Fotografia 1: pp de um roquete do Convento das Mercês	25
Fotografia 2: pp Legenda de um desenho de Bordado da Madeira	52
Fotografia 3: pp Bordado a branco da P&G	65
Fotografia 4: pp Bordado policromado da P&G	65
Fotografia 5: pp Macacão em matizado feito na P&G	70
Fotografia 6: pp Matizado com ponto grado feito na P&G	70
Fotografia 7: Edifício da Fábrica de Bordados P&G, Rua do Anadia, N° 35.	82
Fotografia 8: Zona do arquivo de desenhos originais. Secção de desenho	109
Fotografia 9: Zona do arquivo de chapas. Secção de estampagem.	110
Fotografia 10: Divisórias com móvel incorporado.	113
Fotografia 11: Equipamento de escritório	114
Fotografia 12: Pequeno objeto na secção de desenho – aparalápis fixo numa bancada de trabalho... ..	114

ÍNDICE DE GRÁFICOS

	Página
Gráfico 1: Volume de vendas locais dos anos de 2009 a 2014 das três empresas	100
Gráfico 2: Resultado do exercício das três empresas no período de 2011/14	100
Gráfico 3: Resultados do exercício da “ <i>Gouveias Ld^{op}</i> ” de 2011/14	101
Gráfico 4: Resultados do exercício da “ <i>JDMG Ld^a</i> ” de 2011/14	102
Gráfico 5: Resultado do exercício da “ <i>P&G Sucres. Ld^{op}</i> ” de 2011/14	102
Gráfico 6: Relação de vendas do mercado Nacional e Internacional da empresa <i>P&G Sucres. Ld^a</i> ..	103
Gráfico 7: Relação de vendas dos mercados dentro e fora da comunidade europeia da empresa <i>P&G Sucres. Ld^a</i>	103
Gráfico 8: Encargos anuais com recursos humanos das três empresas e com as bordadeiras de fora, nos anos de 2011/2014	104
Gráfico 9: Organograma da Direção	184

ÍNDICE DE IMAGENS

	Página
Imagem 1: Selo de garantia que acompanha o bordado	48
Imagem 2 : Secção de desenho da P&G	51
Imagem 3: Picotagem de um desenho, P&G	53
Imagem 4: Secção de verificadoria, P&G	55
Imagem 5: Secção de lavandaria da P&G	56
Imagem 6: Secção de engomadaria da P&G	58
Imagem 7: Secção de recorte e acabamentos da P&G	59
Imagem 8: Ponto arrendado	60
Imagem 9: Ponto Ana	60
Imagem 10: Ponto escada	60
Imagem 11: Ilhó Aberto de Grega e Ilhó Aberto	61
Imagem 12: Folhas Abertas e Folhas Fechadas	61
Imagem 13: Ponto bastido	62
Imagem 14: Ponto cordão ou pau	62
Imagem 15: Caseado liso e caseado bastido	62
Imagem 16: Ponto richelieu	63
Imagem 17: Ponto oficial	63
Imagem 18: Ponto francês	64
Imagem 19: Garanitos	64
Imagem 20: Ponto pesponto	64
Imagem 21: Ponto sombra	64
Imagem 22: Ponto matiz	65
Imagem 23: Ponto chão	65
Imagem 24: Mapa de distribuição das Freguesias da cidade do Funchal.....	85
Imagem 25: Mapa das Zonas Históricas do Funchal	86
Imagem 26: Planta da cave, cotada	90
Imagem 27: Planta da r/c, cotada	91
Imagem 28: Planta da 1º piso, cotada	93
Imagem 29: Planta da 2º piso, cotada	94
Imagem 30: Planta da 3º piso, cotada	95
Imagem 31: Planta da cave	173

Imagem 32: Planta da r/c	173
Imagem 33: Planta da 1º piso	174
Imagem 34: Planta da 2º piso	174
Imagem 35: Planta da 3º piso	175

ÍNDICE DE QUADROS

	Página
Quadro 1: EXPORTAÇÃO DE BORDADO em 1852	28
Quadro 2: EXPORTAÇÕES DE ARTEFATOS em 1878	30
Quadro 3: PRINCIPAIS MERCADOS: ALEMANHA, GRÃ-BRETANHA E EUA Anos de 1878 a 1952	31
Quadro 4: EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE CASAS DE BORDADO Anos de 1893 a 2014	32
Quadro 5: N.º DE BORDADEIRAS EM RELAÇÃO AO N.º DA POPULAÇÃO Anos de 1862 e 1906	34
Quadro 6: N.º DE BORDADEIRAS DE CASA E DAS FÁBRICAS DE BORDADOS Anos de 1862 a 2014	36
Quadro 7: AGENTES DE BORDADOS em 1924	37
Quadro 8: BORDADOS E A ECONOMIA FAMILIAR em 1950	39
Quadro 9: EXPORTAÇÃO DE BORDADOS Anos de 1966 a 1981	42
Quadro 10: PRINCIPAIS MERCADOS de 1966 a 1981	42
Quadro 11: EXPORTAÇÃO DE BORDADOS Anos de 1982 a 2014	44
Quadro 12: CÓDIGO DE PONTOS	66
Quadro 13: RELAÇÃO DOS PONTOS TRADICIONAIS DO BORDADO DA MADEIRA COM OUTROS BORDADOS DO PAÍS	72
Quadro 14: ESPAÇOS FÍSICOS ATUAIS	89
Quadro 15: RECURSOS HUMANOS “ <i>Gouveias Lda.</i> ”	105
Quadro 16: RECURSOS HUMANOS “ <i>JDMG & Filhos, Lda.</i> ”	105
Quadro 17: RECURSOS HUMANOS “ <i>Patrício & Gouveia, Sucrs. Lda.</i> ”	106
Quadro 18: INVENTÁRIO DO ARQUIVO DE DESENHO	109
Quadro 19: INVENTÁRIO DE CHAPAS DA SECÇÃO DE ESTAMPARIA	110
Quadro 20: INVENTÁRIO DOS BENS MÓVEIS E EQUIPAMENTOS	115
Quadro 21: DISTRIBUIÇÃO DOS SERVIÇOS PELOS ESPAÇOS	163

Quadro 22: DISTRIBUIÇÃO DOS ESPAÇOS FÍSICOS	172
Quadro 23: RESUMO DO NOVO QUADRO DE RECURSOS HUMANOS	183
Quadro 24: CALENDARIZAÇÃO	186

INTRODUÇÃO

As razões que me levaram, em 2014, a aceitar o desafio de ajudar uma fábrica de bordados na ilha da Madeira, a *Patrício & Gouveia Sucessores, Lda*, mesmo sem conhecer a realidade da atividade do bordado nem ter a consciência dos problemas que a dita fábrica e o sector atravessam foi: em primeiro lugar, o prazer de enfrentar um novo desafio pessoal, o dever e até a responsabilidade ética e profissional de não baixar os braços perante as dificuldades que me foram transmitidas acerca da casa fundada pelo bisavô da minha filha, João de Deus Magno Gouveia, nascido em 1906, e pelas atividades que nela se realizam e que fazem parte de uma sociedade e da região que escolhi e me acolheu e onde estou integrada desde 1992.

A razão de ter continuado, durante o ano de 2015, com a realização deste documento que tem por base o projecto que servirá para a reestruturação e revitalização da *P&G - Fábrica de Bordados*, foi porque percebi de imediato que se tratava de um património singular que deveria ser salvaguardado e que, à partida, existem interesses não só dos sócios herdeiros da fábrica, mas também da região em continuar com esta atividade. Interesses esses de ordem económica, pela relevância que tem para a economia regional, quer no mercado interno, quer enquanto produto de exportação; de ordem social, designadamente pelo número de pessoas e profissionais envolvidos; culturais, enquanto elemento diferenciador e definidor de uma cultura.

Para além dos interesses apontados, a genuinidade destes produtos, conferida através da forma de confeção, *design* e matérias-primas utilizadas, coloca-os em patamares de elevada qualidade, mesmo ao nível de *obras de arte*, diferentes dos demais artigos concorrencialmente similares, aliados ao facto de poderem responder a solicitações e personalização externas quer na dimensão dos artigos, quer na composição do desenho ou no próprio relevo inimitável por meios puramente mecânicos, que tornam o produto apropriado, por natureza, à satisfação de um determinado nicho de mercado que nem sempre encontra resposta para estas especificidades, ou sequer alternativa, noutros produtores. É, pois, com base nesta ordem de razões que nos propomos perspetivar a sua continuidade e conseqüente procura destes artigos considerados “*ex-libris*”, consolidando a tradição a que estão indissociavelmente arreigados, sem, porém, deixarmos de acompanhar as solicitações que o presente convoca, bem como os desafios que o futuro nos reserva.

A metodologia de trabalho foi baseada na integração diária na fábrica através da

observação, do contacto e da análise de aspetos a que tive acesso e que estavam ao meu alcance. De um ponto de vista teórico, baseei-me na minha formação académica e experiência profissional. Já ao nível da atividade prática, coloquei-me no papel de operária, visitante e cliente. A fim de ganhar uma visão mais holística do meu objeto de estudo, entrevistei pessoas ligadas à casa e ao tema, visitei outra fábrica produtora do Bordado da Madeira e entrei em várias lojas que se dedicam à comercialização dos artigos.

Das opiniões e dos olhares recolhidos resultou um trabalho de apreciação do funcionamento da fábrica, do estado de conservação do património, do *saber fazer* tradicional, dos artigos e da imagem global da fábrica. Registe-se que esse trabalho foi entregue a todos os herdeiros. A sua leitura, por vezes, poderia dar a ideia de ser um pouco poético, menos realista ou, por vezes, até cruel. Não obstante, creio que constituiu um importante contributo, sobretudo como ponto de partida para realizar um projeto de recuperação e revitalização da fábrica.

O trabalho também foi desenvolvido no sentido de perceber e aprofundar o processo do *saber fazer* tradicional, a História do bordado na região e, com ela, como não poderia deixar de ser, a História social, cultural e económica que esta atividade envolve e que está inserida numa região com contornos muito próprios, uma vez que o bordado da Madeira acompanha e faz parte da própria História social e económica da região, fazendo parte integrante da memória coletiva e da identidade cultural de um povo, tal como a P&G que, por isso, também foi contemplada com a História do edifício das três empresas existentes, dos objetos, espaços e meios humanos.

As pesquisas foram efetuadas através de testemunhos vivos e pesquisas bibliográficas, estas muitas vezes de difícil acesso, sobretudo devido à grande carência de registos escritos.

Pese embora as dificuldades encontradas, estamos em crer que este contexto e esta proposta de intervenção tornam pertinente a existência de um museu da indústria do bordado - *museu vivo* - enquadrado nos modelos da Museologia Contemporânea, em especial da Economuseologia, que permite a uma empresa privada apoiar-se, para o seu desenvolvimento e sustentabilidade, nas bases essenciais da museologia, sendo que através da sua interdisciplinaridade e meios de comunicação irá ajudar a compreender, classificar, defender, valorizar, apoiar, proteger e divulgar esse património para que esta herança cultural fique assegurada para as gerações futuras.

A existência de um espaço aberto ao conhecimento desta atividade parece-nos fundamental, tendo em atenção que a preocupação não pode ser apenas fazer para vender, mas fazer para ver como se faz.

Não temos dúvidas de que a instalação desse museu deverá ser na fábrica de bordados P&G, razão justificada por ter sido o único edifício construído de raiz para esse fim, com uma estrutura própria e ainda em funcionamento, para além do facto de possuir o maior arquivo nacional de documentação e de desenho do bordado.

O objetivo principal que se pretende é essencialmente o de salvar e tornar rentável a *P&G - Fábrica de Bordados*, que se encontra enquadrada numa região que actualmente tem como principal motor económico o turismo, e procurar encontrar soluções para as dificuldades financeiras, reconhecendo erros a evitar, replicar as boas práticas, procurar novas formas de intervenção, apresentação, divulgação, no sentido de manter e criar novos postos de trabalho, e, ao mesmo tempo, sensibilizar o poder político para a necessidade de serem tomadas medidas urgentes para a continuidade desta atividade.

Estruturalmente, o presente trabalho de projeto desenvolve-se e articula-se em três capítulos, necessários à sua coerência. O Capítulo I - *Dos conventos à indústria*, o Capítulo II - *P&G como Património Cultural*, o Capítulo III - *Metodologia de intervenção*.

O Capítulo I possui 7 pontos que, de uma forma geral, analisam o bordado e relatam a sua História. Assim, o ponto 1 destina-se a apresentar o que se entende por bordado; o ponto 2 relata de uma forma cronológica a História do Bordado da Madeira, desde o povoamento da ilha e o aparecimento da indústria até aos nossos dias. As várias fases por que passou, as influências que recebeu e a sua importância a nível social, político, económico e cultural para a região terão enquadramento na P&G. O ponto 3 faz uma análise da situação atual do bordado na região; o ponto 4 apresenta o processo produtivo do bordado, da tapeçaria, bem como os pontos utilizados; o ponto 5 identifica semelhanças do Bordado da Madeira com outros bordados do país.

O Capítulo II possui uma introdução que servirá de enquadramento para justificar a razão de a P&G ser considerada património cultural nacional. Seguem-se 6 pontos, nos quais serão apresentados os diferentes bens da P&G. Assim, o ponto 1 tem como ponto de partida a necessidade de construir o imóvel, passando pela aquisição da área de implementação, pelo projeto, tipo de construção, localização, estado de conservação, espaços atuais e suas funções; o ponto 2 apresenta as empresas que atualmente estão em atividade dentro do

edifício, desde a sua formação à situação financeira atual, focando essencialmente o período compreendido entre 2011 e 2014; o ponto 3 descreve os recursos humanos existentes, passando pela análise e descrição dos seus perfis, competências e formação; o ponto 4 descreve os bens móveis existentes, acompanhados de inventário resumido (arquivo de desenho e chapas, documentação, mobiliário e equipamento); o ponto 5 é constituído por um conjunto de pareceres que fazem o resumo do diagnóstico atual da P&G; o ponto 6 apresenta uma matriz *Swot* como síntese das potencialidades, das oportunidades, dos problemas e das ameaças, que ajudaram a definir caminhos a seguir e que foram apresentados no Capítulo III.

Basicamente, o Capítulo III possui 8 pontos necessários para explicar a proposta de intervenção. Assim, o ponto 1 é composto por fundamentos teóricos que apresentam a evolução das bases da Museologia; o ponto 2 faz o enquadramento da proposta de intervenção na P&G, justificando a escolha do modelo de desenvolvimento baseado na Economuseologia; o ponto 3 explica a metodologia de intervenção nas suas várias vertentes (museológica, empresarial e produtiva); o ponto 4 aponta o modelo de organização baseado na prestação de serviços a criar; o ponto 5 apresenta o organigrama espacial com os espaços públicos, públicos condicionados e reservados, que vão criar um percurso coerente; o ponto 6 será composto pelo projeto de arquitetura; o ponto 7 cria o novo quadro de recursos humanos necessário ao funcionamento da nova estrutura; o ponto 8 apresenta a calendarização do projeto. Incluo ainda no final do trabalho um ponto de conclusão.

A título pessoal, julgo ser de toda a propriedade registar que foi através da *Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias* de Lisboa, que dei início aos meus estudos na área da museologia, no ano de 1997/98, com uma pós-graduação ministrada no Funchal, em parceria com a ULHT. Posteriormente, em 2001/02, frequentei o Mestrado em Museologia, ministrado na mesma universidade, em razão da competência e profissionalismo inegavelmente reconhecidos a esta prestigiada instituição, que teve o mérito de ter sido a primeira a disponibilizar cursos de pós-graduação em Museologia, em Portugal, tendo depois, e pelo seu reconhecido trabalho, já no início da década de 90, formado quase meia centena de teses de mestrado. Foi também nesta universidade, e através do *Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Arte*, que, durante o ano de 2007, surgiu o primeiro curso de doutoramento em Museologia em território nacional, iniciativa que é, a todos os títulos, reveladora da procura de qualidade e excelência que caracterizam esta instituição, princípios que procurei seguir e cimentar enquanto matriz orientadora.

CAPÍTULO I

Do convento à indústria

1. O Bordado

Por bordado entende-se o labor da agulha com que, sobre o tecido ou matéria de fundo penetrável e preexistente, se aplica uma ornamentação com fios têxteis. A execução do bordado pode ser realizada com pontos que lhe podem conferir relevo ou não e que são a essência da técnica da arte de bordar.

É considerado Bordado da Madeira os artigos de bordado e de tela bordada (tapeçaria) na RAM. Relativamente à sua produção, esta envolve uma série de etapas e de profissionais, que, em conjunto, realizam artigos de elevada qualidade e perfeição.

Atualmente são consideradas casas de bordado autorizadas as fábricas de produção de bordado ou de tapeçaria; espaços de comercialização destes artigos; agências de exportação e, ainda, estilistas. De realçar que nem sempre foi assim. No início, esta era uma actividade caseira depois, em meados do séc. XIX, esses artigos começaram a ser comercializados e, em consequência, surgem as primeiras bordadeiras de casa que trabalham por encomenda, os comerciantes, os vendedores ambulantes, os exportadores e os agentes, todos estas actividades destinadas a produzir e a escoar os artigos.

Saliente-se que tem existido um esforço de periodização do bordado baseado essencialmente nas influências e no gosto externo, que foram moldando os artigos produzidos ao gosto do destino e das encomendas recebidas, daí se afirmar que existe um período inglês, um alemão, um sírio ou americano, e, por último, um regional.

Contudo, embora existam poucas referências, o Bordado da Madeira teve um outro período anterior a estes que remonta ao povoamento da ilha e que, na realidade, foi o que conduziu à sua origem na região. Este bordado é caracterizado por não obedecer a regras; utilizava materiais produzidos na região, mais precisamente tecidos de cor crua ou aclareados; o desenho era riscado diretamente sobre o tecido; utilizava linhas brancas ou branco neve (branco azulado); a sua composição era livre, sem a preocupação de simetria e inspirada na flora local. Posteriormente, devido ao posicionamento da ilha, que fazia parte das escalas de navios transatlânticos, em parte devido ao comércio da cana-de-açúcar e depois do vinho, verificou-se um afluxo de comerciantes à região que se interessaram por

outros tipo de mercadoria, entre elas o bordado, de reconhecido valor. Em consequência disso surgiram encomendas desses artigos, o que veio a contribuir para um gradual aperfeiçoamento de técnicas e de gosto impostos pelo destino. Essa imposição presume-se que tenha começado pelos ingleses que encomendavam bordados a branco sobre tecidos por eles enviados; depois, teve continuidade com os alemães, que introduziram o gosto pelo linho bege, a linha castanha, tendo mesmo sido pelas suas mãos que esta atividade viria a transformar-se na indústria que hoje se conhece, ao mesmo tempo que a tornaram conhecida em todo o mundo; os sírios, os judeus, entre outros, que vieram para a região pela mão dos alemães, trouxeram outro tipo de artigos; o bordado policromado, os tecidos suíços, irlandeses e escoceses, introduzidos nos anos 40/50, e, por último, os italianos, que desenvolveram essencialmente a roupa de criança.

Desde os últimos anos do séc. XIX, a atividade é conhecida na região como indústria do bordado, termo que nos poderá conduzir a outras interpretações, posto que não se trata de uma produção industrial plena, mas de um trabalho que, apesar de poder ser em série, é uma forma de *saber fazer* caseira, executada manualmente, sem recurso a máquinas. Contudo, há que sublinhar que desde essa altura possui já uma organização que envolve um elevado número de profissionais especializados e organizados que se dedicam à produção (desenhadores, copiadores, picotadores, estampadores, agentes, bordadeiras, lavadeiras, recortadeiras, e engomadeiras) e um elevado número de profissionais que se dedicam à sua venda (comerciantes locais e exportadores).

Não obstante a sua reconhecida importância, não podemos considerar o bordado como o único artigo artesanal da ilha, embora seja um artigo singular de grande impacto popular e de referência nacional e internacional, enquanto instrumento de afirmação de uma cultura regional, sendo entendido como artesanato artístico, com grande impacto na economia regional, tanto nas exportações como na venda local, continuando a empregar um grande número de pessoas quer no espaço fabril, quer no espaço domiciliário, constituindo as bordadeiras uma classe distinta dos restantes artesãos.

Por outro lado, a escala mundial destes artigos retirou-lhes o carácter familiar que possuíam, sendo certo que continua a ter uma envolvente humana, individual, paisagística e um valor de produto artesanal que a sociedade de consumo, habituada a coisas prontas, não consegue apagar, daí resultando a sua principal riqueza simbólica que o mundo contemporâneo procura, através de percursos únicos e artesanais de devoção a coisas simples, bem como à sabedoria transmitida por gerações anteriores.

2. A origem do bordado na Ilha da Madeira

Em Portugal, a arte de bordar está presente desde tempos recuados em muitas regiões como: Minho, Douro Litoral, Beira Alta, Beira Baixa, Alto Alentejo, Beira Litoral, Estremadura, Madeira e Açores.

A introdução do bordado na ilha da Madeira remonta ao seu povoamento no séc. XV, designadamente por pessoas vindas essencialmente do norte de Portugal (Minho e Beira Alta) ou do Algarve. Devemos levar em consideração, conforme Eduardo Pereira², esses que cá chegaram traziam das suas terras as famílias, costumes, tradições, culturas e processos de trabalho que aos poucos foram desenvolvendo e transmitindo às gerações que iam surgindo.

Nessa época, as mulheres abastadas e as morgadinhas, vindas de várias partes do continente, conforme Calve de Magalhães³ as mulheres bordavam para fruição própria e para promover encontros entre senhoras da sociedade da época. O bordado também era executado por necessidade de bem vestir, de presentear alguém, realizar enxovais de casamento ou batizado e para decorar o lar.

Tal como no resto do país, os conventos tiveram um importante papel na divulgação do conhecimento do bordado e do aperfeiçoamento da técnica, conforme Otília Fontoura,⁴ na região, as ordens religiosas que cá se instalaram, nomeadamente as Ordens das Clarissas, que com a sua presença permanente na ilha contribuíram ativamente para a formação das populações e para a transmissão de ensinamentos dos diversos campos de atividade, sejam eles agrícolas, artesanais ou mesmo a nível cultural e religioso.

Pelas razões aduzidas, temos de ter em conta o número de conventos construídos no Funchal e a sul da ilha, onde o povoamento foi mais acentuado e, por isso, o maior incentivo ao ensinamento do bordado, uma vez que o povoamento a norte da ilha foi mais tardio e mais lento, não havia conventos ou instituições ligadas ao ensino e a própria orografia condicionou a evolução de saberes, devido à agressividade do relevo, do clima mais rigoroso, mais chuvoso, mais frio, e que não permitia efetuar a cultura do açúcar, como se verificava a sul⁵, tendo, por isso, uma agricultura mais intensa, o que não permita às populações disporem de tempo para se dedicarem ao bordado.

² Pereira, Eduardo C.N. (1998), *Ilhas de Zargo*. 4ª Edição, (Volume II, pág. 179 a 180) Funchal.

³ Magalhães, M. M. de S. Calvet de (1995). *Bordados e Rendas de Portugal* (1ª Edição: Coleção Outras Obras, pág. 25) Seixal.

⁴ Fontoura, Otília Rodrigues (2000). *As Clarissas na Madeira – Uma presença de 500 anos*, 1ª Edição. Funchal: CEHA – SRTC.

De destacar, em especial, os Conventos da Encarnação e de Santa Clara no Funchal, que tinham a seu cargo dar formação religiosa à sociedade aristocrática, formar e preparar as jovens a nível cultural, religioso, social e prepará-las para as lides domésticas:

*“Por vezes, ao lado das pupilas encontravam-se, em certas épocas, algumas meninas que entravam, não por razões vocacionais, mas simplesmente como educativas. Esmeravam-se as religiosas em prepará-las para a vida dando-lhes uma formação feminina, humana e espirituais primorosas. Cuidavam a sua educação e cultivavam nelas sentimentos delicados e as boas maneiras.”*⁶ (Fontoura, 2000; p.288).

E, ainda, conforme Otília Fontoura⁷, no início do Séc. XVII, o Convento de Santa Clara, exerceu um papel relevante na área social e educativa, já que até à primeira metade do Séc. XVII esta era a única escola feminina na Madeira, destacando-se no ensinamento da leitura, caligrafia, música, bordados, doçaria e artes decorativas, tendo como objetivo formar, com muito esmero, as suas educandas. Este Convento possuía propriedades noutras freguesias da ilha, em particular São Vicente e Curral Grande, onde se fazia o cultivo do linho para fabricar a indumentária religiosa, designadamente toalhas de altar, alvas e outros artigos em tecido. Bordava-se também sobre seda e damasco com ponto matiz, conseguindo um efeito harmonioso de cores, desenhos e fios de ouro e de prata. Confeccionava-se, ainda, flores de cera e panos pintados que eram vendidos a turistas que visitavam a ilha.

O antigo Convento das Mercês do Funchal (1667/1910) surgiu de uma iniciativa do capitão Gaspar Berenguer e sua esposa, Dona Isabel de França, com o objetivo de construção de uma capela, bem como o acolhimento de jovens raparigas, cuja construção remonta a 1655 e que, mais tarde, veio a tornar-se num mosteiro. Do antigo Convento das Mercês do Funchal podemos, ainda hoje, auferir alguns trabalhos artísticos confeccionados no claustro deste convento e que consta de um roquete que se encontra, atualmente, no Convento da Caldeira em Câmara de Lobos. É possível encontrar registos do séc. XVIII, no Convento das Mercês⁸, da confeção de tecidos de linho e seda, produzidos na Fajã da Ovelha, região que constituía o maior abastecedor deste Convento.

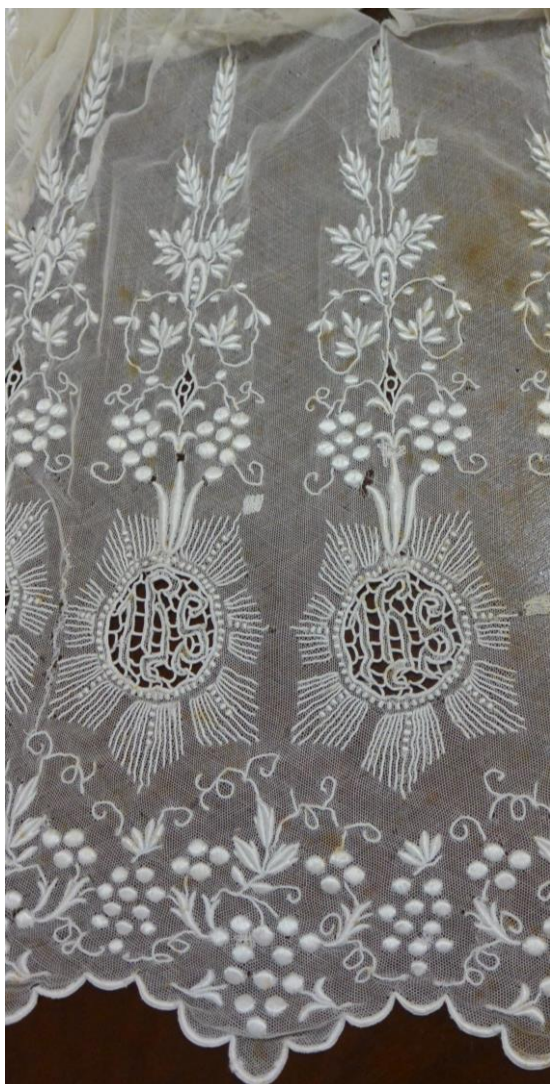
⁵ Segundo o estudo de Raquel Soeiro de Brito, em 1940 a população da ilha da Madeira, 80% da população estava concentrada a sul da ilha, enquanto que na costa norte, apenas detinha 20% da população. Comunicação apresentada: A importância da Madeira no início da expansão e a sua evolução recente, (1986) in Artes do I Colóquio Internacional de História da Madeira (Volume I, pág. 72). Funchal, DRAC.

⁶ Fontoura, Otília Rodrigues, ob. cit. Pág. 288.

⁷ *Ibidem* pág. 94

⁸ ARM. Convento das Mercês. F. Lvº 274, flhs 157,160 vº, 164 vº, 169.

A transposição do bordado para o meio rural foi gradual, pensando-se que inicialmente terão sido as servas que começaram a criar, no seu próprio meio, os seus enxovais bordados, de acordo com registos de 1572 de Gaspar Frutuoso⁹. Nessa época, raras eram as peças que saíram do circuito familiar. Quanto aos motivos, estes eram livres, espontâneos e simplistas, executados em linhos, morim ou cambraia, tecidos nos teares regionais com 60 cm de largo.



Fotografia nº 1: pp de um roquete do Convento das Mercês, atualmente no Convento da Caldeira em Camara de Lobos. (G. Garrido)

Na segunda metade do séc. XVI, com o comércio do açúcar e posteriormente do vinho, no séc. XVII, o porto de Funchal tornou-se um dos centros de apoio no Atlântico, atraindo também para a ilha comerciantes e vendedores de tecidos da Flandres e Inglaterra, os quais eram adquiridos pelas populações mais abastadas e bordados para uso de vestuário, o que contribuiu para que o luxo fosse notado na região. Como testemunho desta opulência, há um relato de 1566 de Gaspar Frutuoso, mais precisamente aquando do assalto francês à cidade: “... *mui rica de muitos açucares e vinhos e os moradores prósperos, com muitas alfaias e ricos enxovais, muito pacífica e abastada, sem temor nem receio do mal que lhe cuidavam.*” (ICPD, 1998; p.136).

Numa tentativa de travar a ostentação no vestuário de alguns extractos sociais, provocado pela utilização de ricos tecidos de importação e pelo trabalho de bordado neles aplicados, D. Pedro, em 1686, faz publica uma lei que determina que todos os tecidos bordados não podiam levar prata nem ouro¹⁰.

⁹ Frutuoso, Gaspar (1522-91) (1998). *Saudades da Terra, História das Ilhas do Porto-Santo, Madeira, Desertas e Selvagens*, Livro II. (Nova ed. Pág. 136, Capítulo quadragésimo quarto) Instituto Cultural de Ponta Delgada.

¹⁰ Mauro, Frederico (1989). *Portugal, o Brasil e o Atlântico 1570 – 1670*, (3ª Edição: Imprensa Universitária, 2º Volume, pág. 335) Lisboa: Estampa. Faziam parte das leis pragmáticas como medidas proteccionistas, de forma a travar a saída da moeda, mas também uma forma de

Em 1749, D. João V autoriza a utilização do bordado a branco ou a cores, no vestuário, mas de manufatura local. Durante todo o séc. XVIII, poucas referências existem sobre o bordado.

Séc. XIX – o ensino, a exposição, início da indústria, o prestígio, a 1.^a crise – fase inglesa e o início da fase alemã.

No início do século XIX continuava a não haver referência direta ao bordado, mas o Convento de Santa Clara continuava a ser passagem obrigatória para a maioria dos estrangeiros que visitavam a ilha e onde adquiriam recordações, entre as quais constava o bordado.

Foi nesta altura que a atividade do bordado tomou outra dimensão, adoptando-se o seu ensino regular em escolas da região. É assim que surge no Funchal, em 1819, a primeira escola inspirada no modelo de escolas fundadas por Mr. Joseph Lancaster¹¹. A referida escola tinha como objetivo a proteção infantil feminina e a sua formação.

Até meados do séc. XIX não existem referências claras à venda ou exportação de bordado. Todavia, no segundo quartel do séc. XIX é já conhecida uma indústria fabril variada na região. Para além dos vinhos, as indústrias domésticas começaram a ter peso na economia regional, entre elas, os bordados, as flores feitas de penas, a doçaria e a tecelagem de linho e de lã. De acordo com um relatório de 1862, existiam 559 teares, com maior incidência em Santana e na Calheta, nos quais se cultivava linho e se realizava o pastoreio de ovelhas.

O bordado como mercadoria e com peso na economia familiar só foi relevante depois da segunda metade do séc. XIX, altura em que José Silvestre Ribeiro (Conselheiro do Rei), para fazer face a algumas dificuldades sentidas já desde os anos 40, provocadas pela fome e conseqüente emigração das populações, organizou a 1 de Abril de 1850, no Palácio de São Lourenço, no Funchal, uma “*Exposição de toda a Indústria da Ilha*”, semelhante à que se tinha realizado no continente um ano antes, visando promover as diversas indústrias e o artesanato do arquipélago, numa altura em que a Madeira atravessava uma crise económica e social demolidora devido aos conflitos europeus e à destruição da vinha pelo *oídeo*¹² em

desenvolver a indústria portuguesa, ideias defendidas pelos mercantilistas portugueses, destacando-se, entre outros, Duarte Ribeiro Macedo. Cf. ainda Duarte Ribeiro Macedo in Joel Serrão (dir.) *Dicionário da História de Portugal* (1981) (Volume IV, pág. 113 e 114) Porto.

¹¹ O modelo de escola *Lancasteriana* tinha aberto em Londres, a primeira escola em 1798 que tinha como objetivo apoiar e preparar crianças, em especial as meninas pobres da capital inglesa. Foi neste modelo de escola que se inspirou Mr. Joseph Phelps (comerciante de vinhos da região desde a década de 80 do séc. XVIII) aquando do seu regresso ao Funchal em 1819 de Londres, para fundar uma escola de formação e proteção às crianças mais pobres do sexo feminino.

¹² *Oídeo* é um nome genérico dado a um elevado número de fungos unicelulares que provocam doença nas plantas.

1852 e pela *filoxera*¹³ em 1872, o que levou a que a atividade do bordado tivesse especial relevância na economia regional, visto que a agricultura tinha deixado muita mão de obra livre para ser aplicada no bordado, pois esta era a única alternativa para fazer face à crise que se fazia sentir.

Depois do êxito da exposição de 1850, no ano seguinte a Madeira recebeu o prestigante convite da Rainha Vitória para participar numa exposição realizada em Londres em 1851, tendo apresentado bordados, flores da região e flores de penas das freiras do Convento de Santa Clara. Refira-se que o bordado foi muito apreciado e considerado como perfeição inexcelsável, o que abriu portas à exportação para a Europa, numa altura em que o bordado a branco predominava, em conformidade com o gosto das novas correntes artísticas do neoclássico¹⁴ e do romantismo.^{15 16}

À medida que o produto ia sendo conhecido e ganhando mercados, ia sendo comercializado, inicialmente tal como o vinho, através dos caixeiros e armazenistas. Quanto aos primeiros intermediários conhecidos, estes foram os ingleses Frank e Robert Wilkinson. Existiam ainda os vendedores ambulantes que procuravam turistas no cais ou se deslocavam em pequenas embarcações até aos barcos de grande porte ancorados ao largo, para vender os artigos produzidos por essas mulheres habilidosas. Os vendedores ambulantes, que se chamavam de bomboteiros, não eram bem vistos pela população, como explica o Heraldo da Madeira de 1904: “... o “bomboteiro” é igualmente um typo marítimo, um tanto fadista, que se emprega na venda de artefactos indígenas, a bordo, trocando-os muitas vezes por artigos estrangeiros, que vende barato, para liquidar depressa...”¹⁷.

Quadro 1: EXPORTAÇÃO DE BORDADO em 1852¹⁸

Destino	%
---------	---

¹³ **Filoxera** – Phylloxera, inseto que devastou a vinha na Europa no séc. XIX. Este inseto possui um canal injetor de veneno e um tubo alimentar com o qual extrai a seiva, com os seus nutrientes, da videira. Quando a toxina existente no veneno corrói a estrutura da raiz da planta, a pressão da seiva baixa e, por consequência, a filoxera retira o seu tubo alimentar e procura outra fonte de alimento. Por isso, as raízes de uma videira morta não possuem qualquer rasto do insecto.

¹⁴ O **neoclassicismo** foi um movimento cultural revivalista nascido na Europa em meados do século XVIII, que teve larga influência na arte e cultura de todo o ocidente até meados do século XIX. Teve como base os ideais do iluminismo e um renovado interesse pela cultura da Antiguidade clássica – Grega e Romana, advogando os princípios da moderação, equilíbrio e idealismo como uma reação contra os excessos decorativistas e dramáticos do Barroco, embora ainda com muita influência do Barroco e do Rococó.

Não foi apenas um movimento artístico, mas também cultural, que refletiu as mudanças que ocorriam na época marcadas pela ascensão da burguesia. Este estilo procurou expressar e interpretar os interesses, a mentalidade e os hábitos da burguesia manufatureira e mercantil da época da Revolução Francesa e do Império Napoleónico, mas também expressou muitos valores políticos e cívicos quando patrocinado pelo Estado. Acedido em Maio de 2015. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Neoclassicismo>

¹⁵ O **romantismo** foi um movimento artístico, político e filosófico surgido nas últimas décadas do século XVIII na Europa que perdurou por grande parte do século XIX. Caracterizou-se como uma visão de mundo contrária ao racionalismo e ao iluminismo e buscou um nacionalismo que viria a consolidar os estados nacionais na Europa. Inicialmente apenas uma atitude, um estado de espírito, o romantismo toma mais tarde a forma de um movimento, e o *espírito romântico* passa a designar toda uma visão de mundo centrada no indivíduo. Acedido em Maio de 2015. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Romantismo>.

¹⁶ **Silva**, Paulo Fernando Teles de Lemos (2006). Bordados Tradicionais Portugueses. Universidade do Minho.

¹⁷ **Heraldo da Madeira**, Anno I. Funchal, domingo 2 de outubro de 1904. Pág. 1, nº 42.

¹⁸ **Vieira**, Alberto (1999). O Bordado da Madeira na História e Quotidiano do Arquipélago (1ª Edição, Anexo ponto 3). Calaméo. Funchal CEHA.

Logo que o bordado passou a ser encomendado por mercados externos, também passou a estar subordinado às diretrizes desses mercados, no que diz respeito às necessidades e ao gosto daqueles que o encomendavam. Inicialmente sujeitava-se ao gosto inglês, que orientava o trabalho, impunha os motivos e até os seus próprios tecidos, uma vez que a indústria têxtil inglesa era mais avançada e produzia tecidos de melhor qualidade que os da região.

EUA	53
Canadá	6
Venezuela	8,1
Grã-Bretanha	3,7
África do Sul	3,9
Outros	16,7

Neste período surgem os primeiros dados conhecidos em relação à evolução das exportações de bordados e que devem ser levados em consideração. Em 1852 (Quadro 1) verificou-se a procura destes artigos por mercados espalhados por vários continentes, sobretudo para o continente Americano.

Em 1861, segundo o Diário de Notícias¹⁹ de 1935, a exportação do Bordado da Madeira era já considerada uma atividade próspera, sendo inicialmente o mercado inglês o mais significativo.

Durante muito tempo, o aparecimento do bordado e da indústria do Bordado da Madeira esteve associada apenas a um nome, Miss Phelps, como a entidade responsável pela origem do bordado na região e por introduzir técnicas e pontos oriundos do bordado inglês. A 12 de Agosto de 1857, conforme registo notarial²⁰, Miss Phelps formou uma sociedade comercial por quotas, com José Aurélio Natividade Figueira, a que deram o nome de “*Figueira e Phelps, Lda*” e que se situava no Caminho do Pilar, n.º14, no Funchal. Basicamente, esta sociedade destinava-se à produção e à comercialização do Bordado da Madeira.

Greta Mónica Phelps era natural de Dronfield, filha de James Cameron Phelps e neta de Joseph Phelps, ambos comerciantes de vinhos instalados na região. Miss Phelps nascera a 25 de outubro de 1920, era solteira, residia no Hotel Miramar no Funchal, sendo bancária de profissão. Os contactos de Miss Phelps com a Inglaterra foram importantes pois facilitaram as exportações para esse país, embora esteja longe da realidade a afirmação de que esta senhora foi a responsável por trazer o bordado para a região, como ainda hoje muitos afirmam.

É visível que o Bordado da Madeira apresenta grandes semelhanças com bordados de outras partes do país, essencialmente no Bordado de Viana do Castelo e da região de

¹⁹Diário de Notícias, Ano 59º - Nº 18.181, terça-feira, 4 de junho de 1935. Funchal

²⁰ ARM. Registo Notariais, Notário Bacharel João Batista do Amaral Barata, pág. 61 a 64.

Viseu (Tibaldinho), embora mais elaborado devido às exigências impostas dos diferentes mercados e pela indústria em que se transformou esta atividade na região. A avaliar pelos registos das exportações do bordado de 1852 (Quadro 1), podemos constatar que estes artigos já possuíam mercado anterior à formação da empresa de Miss *Phelps* e para diferentes partes do mundo, havendo conhecimento de que em 1862 existiam por toda a ilha 1029 bordadeiras que se dedicavam ao bordado e ao croché. Registe-se que só no conselho do Funchal eram 844 bordadeiras, dos 17.677 habitantes²¹, números que podem provar já a existência de uma atividade desta natureza.

No final da década de 50 do séc. XIX, as remunerações das bordadeiras, conforme o *Heraldo da Madeira*²² de 1904, já constituíam uma importante fatia na economia familiar. Mesmo em Câmara de Lobos (local de pescadores), o bordado era mais rentável que o setor das pescas. No Funchal, as mulheres usavam por dia 12 kg de linha para bordar, ao passo que no campo usavam cerca de 2 kg. *Grosso modo*, isto correspondia a um rendimento familiar anual de 100:000\$000 (cem mil reis) na cidade e de 8:000\$000 (oito mil reis) no campo. A maior quantidade destes trabalhos era vendida localmente ao turismo que visitava a ilha, mas sabe-se que existia uma parte destes artigos que se destinava, nesta altura, à exportação, essencialmente para a Inglaterra, mas também para outros destinos, nomeadamente Lisboa, Cabo Verde, entre outros. Registe-se que o bordado era o quinto maior artigo vendido e exportado da Madeira. Essas vendas locais, de parceria com as exportações, chegaram a atingir os 543,332kg de artigos que rendiam 10\$000 (dez mil reis) por kg.

Em 1876, segundo Dr. António de Vasconcellos²³, surge no Funchal outra escola de relevo, a Escola Central de Associação de proteção e instrução do sexo feminino funchalense²⁴, que entre outras formações dedicava especial importância ao ensino do bordado, do desenho e da confeção de bordados em roupa, toucados e roupa branca para cama. Esta escola tinha dois tipos de alunas, as alunas ordinárias entre os 9 e os 12 anos, as alunas voluntárias que frequentavam regularmente a escola podendo escolher a classe que queriam frequentar, e ainda um outro tipo de alunas temporárias, que não tinham frequência

²¹ Parte dos valores apresentados por Alberto Vieira, ob. cit. Anexo da obra, ponto 1.

²² *Heraldo da Madeira* – ANNO I. n.º 42, domingo 2 de outubro de 1904. Funchal, pág. 1.

²³ Vasconcellos, Dr. António da Câmara Leme Homem de (1876). Escola Central da Associação de proteção e instrução do sexo feminino funchalense, pág. 28. Funchal. ARM.

²⁴ A 9 de Março de 1875, um grupo de 34 senhoras da alta sociedade do Funchal, reúnem-se para criar a Associação de Socorro Mútuo e de Instrução da Mulher. Faziam parte: a Ex.ª Senhora Viscondessa de São João, presidente; Dona Augusta de Freitas Leal, vice-presidente; Dona Silvana de Freitas Sant'Anna; Dona M.ª Amália de Câmara Leme e D.ª Augusta de Freitas Leal.

Estas Senhoras assinaram com autorização um estatuto para a criação dessa Associação que daria educação, ensino, emancipação, independência, aperfeiçoamento, progresso e civilização às mulheres mais desprotegidas e pobres. Estes estatutos foram aprovados, por alvará do chefe civil do distrito do Funchal, a 14 de abril de 1875.

A Associação foi instalada através da assembleia-geral de 10 de junho seguinte, na casa de residência da Dona M.ª Helena d'Almeida, situada na calçada de Santa Clara, sob a presidência da Ex.ª Sr.ª Dona Silvana de Freitas Sant'Anna e Vasconcellos. Ibidem.

regular em dias e horas, mas que frequentavam diversas lições para poderem praticar matérias de sua escolha sem que daí adviesse prejuízo do ensino. O método de ensino dividia-se em 6 classes e consagrava o ensino das matérias seguintes:

1ª Classe: Criar o sirgo, fazer trança e chapéus de palha, lavar, engomar, fiar, tecer e outras inerentes à cozinha.

2ª Classe: cozer, marcar a agulha, pontear, remendar, fazer meia, croché, redes e frioleira.

3ª Classe: Desenho linear com aplicação ao ornato, ao bordado e às flores, bordar a branco, talhar por medida e fazer roupa branca e espartilho.

4ª Classe: Costura mecânica.

5ª Classe: Talhar por medida e fazer vestidos, mantilhetes, capas, etc.

6ª Classe: Fazer toucas, toucados, enfeites, flores, rendas, bordados não compreendidos na 3ª Classe, chapéus de tecido de seda ou lã, obras de cabelo, etc.

As aulas práticas eram acompanhadas por aulas teóricas e principalmente de forma expositiva. (Vasconcellos, 1876; p.28)

A exportação de bordados foi sendo crescente, conforme dados de 1878 (Quadro 2), que apontam agora para 1.809 Kg de artigos de bordados exportados, o que rendeu 55.252\$000 (cinquenta e cinco mil, duzentos e cinquenta e dois mil reis) representando, cada vez mais, uma importância significativa na economia madeirense, atendendo à época e à população que era agora de 130.473 habitantes e 28.522 fogos.

Quadro 2: EXPORTAÇÕES DE ARTEFATOS em 1878²⁵

Artigos	Ano de 1878
Bordados	55.252\$000 – 82,3%
Flores artificiais, vimes e trabalhos em madeira	11.835\$000 – 17,7%
Totais	67.087\$000

Depois de 1881, segundo o Diário de Notícias²⁶ de 1884, surgem as primeiras exportações para cidades portuárias da Alemanha, primeiro Hamburgo, depois Colónia e

²⁵Madeira, in Dicionário Universal Português Ilustrado (1884) (Volume VI, pág.734) Lisboa cf. Alberto Vieira ob. cit. Anexo, ponto 3.

²⁶Diário de Notícias, Ano 59º. terça-feira, 4 de junho de 1935. Nº 18.181.

através deles para os EUA. Verificamos que no final da década de 80 do séc. XIX as exportações tinham atingido os 5.883Kg.

A presença alemã na região foi fundamental e decisiva para que a atividade doméstica do bordado se tornasse na indústria que hoje conhecemos.

Quando Georg Friedrich Sattler veio com a sua família de Estugarda para a ilha da Madeira, em 1860, por motivos de saúde de sua mulher (tuberculose), encontrou na região muitos estrangeiros, entre eles, russos e alemães. Sattler acabou por decidir ficar na região e, em 1876, assumiu o cargo de Cônsul Honorário alemão, o que contribuiu para o estreitamento de relações deste país com a região e as primeiras exportações de bordado para a Alemanha, as quais rapidamente ultrapassaram as Inglesas (Quadro 3). Sabe-se, igualmente, que essas exportações tiveram início em 1881 pela mão de um outro alemão, Otto Von Streit, vindo para a região, também por motivos de saúde, em 1880 e tendo fundado por cá uma fábrica de bordados.

Quadro 3: PRINCIPAIS MERCADOS: ALEMANHA, GRÃ-BRETANHA E EUA - Anos de 1878 a 1952²⁷

Ano	Alemanha	Grã-Bretanha	EUA	Totais (Kg)
1878				1.809
1890	2.136	3.098		5.883
1891	2.294	2.461		5.464
1892	2.291	2.869		6.506
1895	33.173	2.751		37.927
1896	17.052	2.734		20.628
1897	38.976	11.783		42.902
1898	20.681	434		21.826
1899	31.708	1.092		33.431
1900	29.739	401	91	30.463
1902	29.491	241	37	30.131
1903	40.536	20	86	40.928
1904	37.522	-	20	37.669
1906	39.840	628	52	40.574
1907	52.065	484	233	53.074
1912	5.126	1.149	2.481	8.872
1913	7.981	727	2.274	11.087
1914	4.408	331	3.419	10.188
1920				68.470
1943				174.780
1952				259.168

²⁷ Parte dos valores apresentados por Alberto Vieira. Ob. cit. Anexo da obra, ponto 3.

A primeira dificuldade deste setor, já considerada na altura como indústria, deu-se precisamente no final do séc. XIX quando, sobretudo os ingleses, deixaram de comprar, consequência de uma viragem na moda e no gosto, pela saturação do mercado e pela falta de criatividade a nível de motivos, mas também causada pela crise que a Europa atravessou em 1882/84, principal destino das nossas exportações, tendo sido fechados vários bancos em Inglaterra e França. Esta crise, segundo Valentim Prada²⁸, atinge também a Bolsa de Nova Iorque e com ela as exportações de bordado para este continente.

A partir de 1896, porém, assistimos a uma estabilidade financeira na Europa e na América. Como consequência, o crédito torna-se mais barato e o ouro circula entre os países, o que deu início à “*belle époque*”.

Quadro 4: EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE CASAS DE BORDADO

Anos de 1893 a 2014²⁹

Ano	Casas
1893	5
1894	8
1895	9
1896	10
1903	11
1910	16
1912	19
1918	34
1920	60
1922	70
1923	100
1936	80
1949	91
1953	103
1969	88
1981	59
1999	46
2001	45
2006/8	8 na Campanha Publicitária
2012	24 Inscritas
2014	17 Inscritas 4 (?) Fábricas

Com a evolução da atividade começa a surgir a necessidade de disciplinar o setor e, assim, surgem as primeiras fábricas de bordados, no final do séc. XIX. Em 1896 existiam 10 fábricas de bordados (Quadro 4), na sua grande maioria alemãs.

Nesta altura diz-se que termina a 1ª fase do bordado, chamada fase inglesa, que deu lugar à segunda fase do bordado, chamada fase alemã.

Séc. XX – A 2.º fase – Fase Alemã, afirmação da indústria, reconhecimento, a 3.ª fase – Fase Síria.

A primeira metade do séc. XX foi muito afetada pelas duas guerras mundiais (1914/18, 1939/45), que vieram a afetar também a indústria do Bordado da Madeira.

As primeiras dificuldades, que coincidiram com o fim da 1ª fase do bordado, começaram a ser superadas a partir de 1905 quando, e já desde 1880, os empresários alemães mostraram interesse na exploração comercial do bordado, sendo eles os maiores responsáveis por tornarem a Ilha da

²⁸Prada, Valentim Vasquez de (1987). *História Económica Mundial*. (1ª Edição, Volume II, pág 306 e 307) L. Porto, Civilização Editora.

²⁹Parte de valores apresentados por Alberto Vieira, até 2001. Ob. cit. Anexo na obra, ponto 2.

Madeira conhecida em todo o mundo como “*Centro Produtor de Bordado*”.

Assim, deu-se início à 2.^a fase do Bordado da Madeira, a chamada fase alemã.

Em 1894 eram conhecidas oito casas de bordados na Madeira, duas casas portuguesas que trabalhavam para seis casas alemãs de: Otto Von Streit, Wilhelm Marum, George Wartenberg, Kretzschmar, Dutting & Gaa e Wolfenstein & Horwitz.

Presume-se que foi precisamente por iniciativa do alemão Otto Von Streit, proprietário da primeira casa de bordados alemã, conhecida por *Casa Grande*³⁰ situada no Funchal na Rua Dr. Vieira (Carreira) nº 100, que se fez em 1881 a primeira exportação para a Alemanha. A partir desta data, o bordado da região passou a estar subordinado ao gosto alemão. Foram introduzidos novos tecidos, novas linhas e a técnica de estampagem para acelerar o processo produtivo e a qualidade do desenho.

O bordado seguia inacabado para Hamburgo, onde era lavado, acabado e engomado, para depois seguir para o continente americano, pelas mãos dessas empresas alemãs especializadas em exportação de artigos bordados.

A casa *Marum*, situada na Rua da Carreira no Funchal, segundo Elisabeth Gesche³¹, tinha como sede principal a empresa “*Hauptsiz*” na cidade de Colónia, na Alemanha, e foi pela mão do seu proprietário, Wilhelm Marum, que fixa residência na região em 1898, Emil Gesche, que mais tarde, em 1910, depois da sua viagem à volta do mundo, veio a tornar-se sócio-industrial da casa Marum e cônsul do seu país nesta região, substituindo Georg Friedrich Sattler, seu futuro sogro. Emil Gesche era oriundo de Berlim e veio para a Madeira visitar um amigo da mesma cidade, Bennuo Paulini, industrial de bordados na região.

Emil Gesche, na sua viagem à volta do mundo, contactou com emigrantes madeirenses nas ilhas do Havai (conhecidas anteriormente por ilhas Sandwich) que se dedicavam ao cultivo da cana-de-açúcar e onde as mulheres bordavam e vendiam a particulares os seus trabalhos que eram muito apreciados. Verificou também, na sua passagem por Cantão e por Hong-Kong, que lá também se produziam bordados idênticos aos da Madeira, mas de inferior qualidade, e que eram exportados para os Estados Unidos.

Em virtude de Portugal ter entrado em 1916 na 1.^a guerra, Emil Gesche teve de deixar o Funchal, só regressando em 1920. Em 1921 formou, com o seu amigo Judeu Schnitzer, a firma Gesche & Schnitzer destinada à produção e exportação de bordados. Essa

³⁰ Esta casa foi gerida, depois de 1910, pelo austríaco Johann Franz Wagner que se tornou cônsul da Áustria na região nos anos de 1923/26.

³¹ Informações recolhidas da conversa com a senhora **Elisabeth Gesche**, manuscrito das memórias e crónicas da sua família, conhecimento do seu espólio privado, maio de 2015, Quinta Olavo, Funchal.

fábrica funcionou até em 1934, altura em que foi feita a dissolução da sociedade por ordem do governo alemão.

Em 1957, Emil Gesche voltou a ser nomeado cônsul do seu país na região, acabando por falecer no Funchal em 1966, sucedendo-lhe a sua filha Elisabeth Gesche e, com ela, encerra um longo percurso de uma família de três gerações (120 anos) de cônsules na região³².

Foi durante a sua permanência na Madeira que industriais dos bordados alemães trouxeram para a região, judeus, entre outros, para gerir as suas fábricas, presume-se que pela mão de Wilhelm Marum sediado em Colónia, de onde vieram alguns judeus, cidade que na altura possuía um grande número desta população.

O bordado foi-se disciplinando e transformando-se de forma decisiva na indústria que ainda hoje conhecemos. Foram os alemães que introduziram a arte de desenhar em papel vegetal; as máquinas de picotar; o processo em série de estampagem; criaram escolas; introduziram o gosto do linho cru bordado a linha castanha; valorizaram o ponto a sombreado, razão pela qual o Bordado da Madeira ficou subordinado ao gosto alemão.

Esta disciplina trouxe a divisão e a afirmação das profissões relacionadas com a atividade. Disciplinou-se o comércio, apareceram os desenhadores, os picotadores, os estampadores, os agentes, os comerciantes e as bordadeiras da fábrica e as de casa. O número destes profissionais aumentou e o número de bordadeiras na região passou de 1.029 para 32.000 em 44 anos³³.

Quadro 5: N.º DE BORDADEIRAS EM RELAÇÃO AO N.º DA POPULAÇÃO - Anos de 1862 e 1906³⁴

Concelho	Bordadeiras		População	
	Ano – 1862	Ano – 1906	Ano - 1862	Ano – 1906
Funchal	844	12.400	17.677	43.710
Câmara de Lobos	152	6.100	-	17.467
Ponta do Sol	10	2.300	-	-
Calheta	7	4.500	-	18.270
Machico	-	600	-	11.824
Santa Cruz	8	3.500	-	16.358
Porto Moniz	4	400	-	4.201
São Vicente	4	1.100	-	8.121
Santana	-	800	-	9.339
Porto Santo	-	300	-	2.311
Totais	1.029	32.000	110.249	169.783

³² Ibidem.

³³ Idem Ibidem.

³⁴ Valores apresentados por Alberto Vieira, até 2001. Ob. cit. Anexo na obra, ponto 1. Dados confirmados pela pesquisa feita pelo Professor Tarciso Moreira.

A expansão económica foi enorme e dominada pelas casas e fábricas alemães que controlavam, quase na sua totalidade, o volume das exportações.

No período que antecedeu a 1ª guerra, a produção incidia essencialmente em lenços de mão e guardanapos.

A expansão foi perturbada com o início da primeira guerra (1914/18). Esta nova etapa passou a ser chamada a terceira fase do bordado, quando as casas e as fábricas alemãs passaram a ser dirigidas pelos súbditos sírios e judeus que deram movimento ao comércio dos bordados e a produzir directamente, sem a dependência alemã, para o mercado americano. Os alemães que viviam na Madeira fugiram ou foram presos e os seus bens confiscados; a Inglaterra proibiu a importação do Bordado da Madeira; o Funchal foi a única cidade portuguesa a ser bombardeado pelas tropas alemãs, em 1916 e 1917, provavelmente devido à presença inglesa na região; o domínio da economia mundial passou de Londres para os EUA; os encargos alfandegários aumentaram com o intuito de nivelar o preço dos artigos em circulação e houve uma quebra das carreiras transatlânticas. Mesmo assim, o número de fábricas veio sempre a aumentar e, a partir de 1917, segundo o Diário de Notícias³⁵ de 1935, os valores das exportações efetuadas pela Alfândega do Funchal nunca tinham sido tão elevados, chegando a atingir os 100.000.000\$00 em 1924. Este facto ficou a dever-se à desvalorização do escudo, bem como a um conseqüente aumento de competitividade dos produtos portugueses no estrangeiro; o governo americano permitiu a importação livre do Bordado da Madeira, o que levou a uma época áurea liderada pelos judeus alemães que já cá residiam e por quatro famílias de judeus de origem americana, que por cá se instalaram nos anos de 1917/18.

Os sírios passaram a dominar a indústria, introduziram novos desenhos e a aplicação do bordado nas forras de almofadas e roupas de cama. A produção teve um grande incremento, mas a qualidade diminuiu drasticamente porque se reduziu a quantidade da linha utilizada, para diminuir custos, tempo e satisfazer as encomendas do continente americano. Os artigos perderam o seu prestigiado nos mercados internacionais, decaindo cada vez mais.

Os sírios introduziram novos desenhos e a aplicação do bordado nas forras de almofadas e roupas de cama, verificando-se um grande aumento de produção, mas a qualidade diminuiu drasticamente em razão da redução da quantidade da linha utilizada, para

³⁵ Diário de Notícias, Ano 59º. terça-feira, 4 de junho de 1935. Nº 18.181.

diminuir custos, tempo e satisfazer as encomendas, o que contribuiu para desprestigiar o produto nos mercados internacionais, fazendo-o decair cada vez mais.

No final da década de 20, segundo Abel Caldeira³⁶, no ano de 1925, os sírios deixam de dominar a indústria do bordado, que passa a ser gerida agora, na sua maior parte, por industriais locais e por alguns ingleses residentes que geriam firmas dedicadas à exportação do bordado.

Nesta fase síria, a expansão foi de tal ordem que se verificou um grande aumento do número de fábricas e de profissionais do setor. O número de bordadeiras duplicou em 13 anos. Segundo o Diário de Notícias³⁷ de 1935, passaram a existir, em 1924, 60.000 bordadeiras, o que correspondia à grande maioria da população feminina da ilha (Quadro 6).

Quadro 6: Nº DE BORDADEIRAS DE CASA E DAS FÁBRICAS DE BORDADOS
Anos de 1862 a 2014³⁸

Ano	Bordadeiras de casa	Bordadeiras nas fábricas de bordados	Totais
1862	1.029	-	-
1906	30.000	2.000	32.000
1924	60.000	-	-
1981	20.000	1.158	-
1983	33.000	-	-
2001	6.000	-	-
2014	-	-	3.000

Em 1923 existam 100 casas de bordados (Quadro nº4) que produziam, exportavam e comercializavam localmente o bordado.

Em diversos pontos da ilha foram-se estabelecendo agentes de bordados que incentivavam e procuravam, por toda a região, mãos habilidosas. Esses agentes (Quadro 7) asseguravam a distribuição para a confeção e faziam a recolha. Estes profissionais eram considerados o elo entre as fábricas, comerciantes, exportadores e as bordadeiras domiciliárias. O seu número passou a ser de, em 1924, cerca de duas centenas, espalhadas por todos os conselhos.

Este trabalho domiciliário procurado pelos agentes constituía, para muitas famílias, a única fonte de sustento, muitas vezes utilizando homens e crianças para a confeção ou transmissão de conhecimentos que garantiam a sustentabilidade de um agregado familiar.

³⁶ Caldeira, Abel Marques (1995). *O Funchal no Primeiro Quartel do Século XX, 1900 – 1925*. 2ª Edição, pág. 45 e 46. Funchal.

³⁷ Diário de Notícias, Art. Cit.

³⁸ Baseado em dados fornecidos pela investigação feita pelo Professor Tarciso Moreira.

As cerca de quatro famílias sírias, que durante a 1ª guerra vieram para a região e incentivaram a produção para a exportação de bordado para ao EUA, tiveram que fugir em 1924/25 devido à descoberta de práticas menos corretas, o que acabou por trazer à região uma delegação americana para averiguações. Nesta altura, a produção ficou na mão dos madeirenses que produziam ao gosto sírio, essencialmente forras de almofadas e roupa de cama.

A tipologia do desenho vinha de fora, mas na região existiam escolas de formação para desenhadores. Assim, o desenho foi sendo por cá desenvolvido, aperfeiçoado ou adaptado.

Quadro 7: AGENTES DE BORDADOS em 1924³⁹

Concelho	Agentes
Boaventura	5
Calheta	6
Camacha	13
Câmara de Lobos	13
Campanário	+ 3
Caniçal	3
Caniço	11
Estreito da Calheta	+ 3
Estreito de Câmara de Lobos	3
Monte	Em todos os sítios
Ponta Delgada	52
Ponta do Sol	2
Porto da Cruz	3
Porto Moniz	4
Porto Santo	16
Prazeres	1
Quinta Grande	+ 10
Ribeira da Janela	3
Santo António da Serra	13
São Jorge	+ 2
São Roque do Faial	5
Santo António – Funchal	Em todos os sítios existiam agências das principais casas de bordado

Foi neste contexto de pós-guerra que João de Deus Magno Gouveia e Adolfo de Freitas Patrício começaram a trabalhar para uma fábrica de bordados, a casa “*Saydah*

³⁹ Ibidem

Importing Co situada na Rua da Carreira nº 100 no mesmo local da *Casa Grande* de Otto Von Streit, e que desde 1917 pertencia à família americana Murad Saydah de origem síria.

A expansão veio de novo a ser perturbada no final da década de 20, não só pela baixa se qualidade incentivada pelos sírios, mas também por se ter sucedido o “*crush*” da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, o que justifica um pouco o vazio de 1924 a 1950. Os EUA foram arrastados para uma das piores crises da história e, com ele, a economia mundial, mais especificamente os países que viviam das exportações para os EUA. Esta crise na indústria do bordado teve o seu pico em 1934, mas foi contrabalançada, de certa forma, com o mercado brasileiro, que se manteve até cerca de 1956.

Na tentativa de superar a crise instalada, mais concretamente no período que vai do final da década de 40 ao início da década de 50, foram introduzidos pelo industrial do bordado Charles Rolland novos desenhos; novos tecidos vindos da Suíça e da Irlanda; novas técnicas vindas de França - o *appliqué*, de Itália - o *sombreado* e de Espanha – o *arrendado*; linhas coloridas, numa tentativa de renovar os artigos e agradar a outros mercados, travando assim o declínio da atividade e diversificando a oferta.

Em Portugal, com a aprovação da Constituição de 1933 (ano da primeira escritura da P&G como sociedade) e da instalação do regime político do Estado Novo⁴⁰, houve em 1935, segundo o Diário de Notícias⁴¹ desse ano, um projeto do decreto que regulamentou a indústria dos Bordados da Madeira na tentativa de salvar o setor, devido à sua reconhecida dimensão, bem como à sua importância social e económica para a região. Em resultado da reconhecida relevância desta área de atividade surgiu um estatuto de regulação do Bordado da Madeira na tentativa de discipliná-lo e protegê-lo. Um ano depois foi criado o Grémio dos Bordados (sistema cooperativo) com fundos cedidos pelos próprios industriais e que obedecia a regras impostas pelos seus associados, o que conduziu, em 1938, a uma lei que controlava, disciplinava e decidia quem podia ser associado. Foi definido o produto, certificado com selo de venda na região e estabelecida a relação entre o dador de trabalho e o executante.

Foi através da indústria do bordado que a Madeira de tornou pioneira em muitas iniciativas. Foi a primeira região a ter o primeiro têxtil com certificação e selo de origem; foi a primeira a criar legislação específica para uma actividade doméstica, tendo criado vários diplomas no âmbito regional, que foram sendo aperfeiçoados até 1993, havendo inicialmente

⁴⁰ **Estado Novo** é o nome do regime político autoritário, autocrata e corporativista de Estado que vigorou em Portugal durante 41 anos sem interrupção, desde a aprovação da Constituição de 1933 até ao seu derrube pela Revolução de 25 de abril de 1974.

⁴¹ Diário de Notícias, Artigo cit.

a atribuição de um prémio de produtividade (de 1993 até 1998). Depois de 1998 é atribuído a estas trabalhadoras um mês de subsídio, pago em duodécimos; em termos de Segurança Social, já existiam fundos de previdência para as executantes, práticas implementadas desde o final do séc. XIX pelas empresas estrangeiras cá instaladas, presumivelmente empresas alemãs⁴², neste caso fábricas geridas por: Wilherm Marum, Emil Gesche, Willy Schnitzer e George Wartenberg que depois de 1907:

“... tiveram a iniciativa de criar para as casas de bordados alemães existentes no tempo - 6 - uma Caixa de Socorros para o pessoal de bordados através da qual todo este tinha assistência médica e medicamentos gratuitos. O médico desta "Caixa" era o falecido Dr. Carvalho, e para mantê-la, as firmas contribuíam com 50 reis semanais por cada empregado ou operário ao serviço, sem nenhum encargo para estes.”
(Gesche, 2015)

A partir de 1943 verifica-se um novo impulso na indústria do bordado, chegando a atingir nesse ano 174.789 Kg de artigos exportados e, em 1952, 259.168 Kg. Este impulso voltou a ser significativo na economia familiar da região (Quadro 8).

Quadro 8: BORDADOS E A ECÓNOMIA FAMILIAR em 1950⁴³

Concelho	Pagamento de mão-de-obra	N.º de famílias	População
Funchal	16.293\$00	19.095	93.983
Câmara de Lobos	10.305\$00	5.270	27.420
Ribeira Brava	7.251\$00	4.020	20.762
Machico	4.837\$00	4.305	22.218
Santa Cruz	5.118\$00	5.475	28.070
Calheta	3.494\$00	4.950	24.078
São Vicente	1.503\$00	2.465	12.521
Santana	1.380\$00	3.132	15.543
Ponta do Sol	2.202\$00	3.042	15.735
Porto Santo	582\$00	587	3.017
Porto Moniz	263\$00	1.272	6.422

⁴² Apoiado no desenvolvimento e na análise de políticas sociais de apoio criadas na Alemanha durante o século XIX, com especial ênfase no período que antecedeu a 1ª guerra (1890/1910) que repensou e contribuiu para uma melhor qualidade na sociedade. A Alemanha depois da sua unificação com Otto Von Bismarck (1815 a 1898) já possuía um sistema de segurança social bastante desenvolvido em comparação com outros países e que serviu mais tarde como modelo, ainda hoje existente nos EUA (lei de acidentes de trabalho, reconhecimento dos sindicatos, seguro de doença, acidentes ou invalidez, etc...). Este modelo surgiu no período de Guilherme II, tinha como finalidade evitar a revolução, à medida que a situação ia piorando, reforçavam-se as organizações de caridade.

⁴³ Baseado em dados fornecidos pela investigação feita pelo Professor Tarciso Moreira.

Este novo impulso foi motivado pela oportunidade de confecção das *batitas* (peças de vestuário para criança), que surgiu durante a 2ª guerra e que, *grosso modo*, eram artigos exportados para os EUA, voltando a ocupar um vasto leque da população ligado ao bordado. A primeira fase da confecção destes artigos era entregue a costureiras que confeccionavam essa roupa de criança e que posteriormente era entregue à fábrica de bordados, que depois as distribuía pelas bordadeiras para serem aplicados os labores. Este tipo de confecção era anteriormente executado pelos filipinos, mas depois da 2ª guerra passou a ser confeccionado na Madeira, isto porque as Filipinas sofreram os efeitos devastadores da guerra, tanto a nível populacional como de destruição, em virtude das bases americanas ali existentes. Também após a 2ª guerra, o bordado de *ponta de lenços* de mão, que era confeccionado pelos chineses, passou pela mesma razão a ser um trabalho realizado na Madeira. Assim, a região passou a confeccionar os artigos que anteriormente eram executados pelos asiáticos, tornando-se a Madeira o principal fornecedor do mercado americano. A região, nessa altura, possuía ainda um acordo com o governo de Salazar, que possibilitava a importação de matéria-prima do exterior (linho da Irlanda, organdi da suíça e linhas da França ou da Inglaterra) e a exportação de artigos sem necessitar a ida a Lisboa, o que tornava a indústria menos burocrática e mais rentável.

Foi durante esta 2.ª Guerra (1944/47) que JDMG, perspicaz industrial, veio a construir o edifício da *P&G - Fábrica de Bordados*. Este edifício foi projetado e pensado para ser a maior fábrica de bordados da região e satisfazer a necessidade da existência de um imóvel na região que reunisse todas as condições exigidas por uma indústria organizada e disciplinada.

As preocupações sociais, as exigências de Salazar e as boas práticas aprendidas, fizeram com que no projeto deste edifício fosse contemplada a criação de um espaço para a alfabetização, uma cozinha, um refeitório, um vestiário, instalações sanitárias, um pátio e ainda um consultório médico que recebia visitas três vezes por semana para o apoio aos funcionários. Nesta linha de apoio foi ainda adquirido, pelo fundador da fábrica, um terreno na margem direita da Ribeira de João Gomes, localizado a menos de 1 km da fábrica, onde JDMG mandou construir um bairro social para albergar as famílias mais carenciadas que trabalhavam na fábrica. Esse bairro era constituído por um grupo de dez residências unifamiliares, de três ou quatro assoalhadas. Até hoje, todas estas condições se mantêm na fábrica, com exceção da sala de alfabetização. O apoio médico é feito agora pelo Dr. Nicolau Borges, duas vezes por mês, continuando a ser gratuito para os funcionários, e as

residências possuem apenas uma renda simbólica para os descendentes dos antigos funcionários.

Como testemunho da década de 40/50, o Comendador José Agostinho de Sousa diz:

“... ninguém consegue calcular, durante e depois da guerra, devido à destruição da Europa, os EUA não tinham onde ir buscar nada a parte nenhuma, foi quando se voltaram para a região. O trabalho era tanto que quase não se podia aqui entrar com a nuvem de poeira provocada pelo corte de tecido, muita fazenda se aqui rasgou... As encomendas chegavam às 30.000 dúzias de lenços de mão e aos 20.000 jogos de lençóis... era uma loucura.

Havia um barco que vinha quinzenalmente dos EUA buscar às 40 e às 50 caixas de bordado. Nessa altura os bordados eram colocados em caixas de cartão e depois acondicionado em grandes caixas de madeira que seguiam no barco ...”⁴⁴ (Sousa, 2015).

Nos anos 60 assiste-se a uma nova recessão nas exportações do bordado para os EUA, em parte provocada por uma crise a nível regional. Nesta altura, a P&G, na pessoa do seu fundador JDMG, e agora apoiado pelos seus dois genros José Agostinho de Sousa e José Maria Rosa Fernandes, foi pioneira quando teve a iniciativa de abrir as suas portas ao turismo, que passou a poder visitar gratuitamente a fábrica e desta forma valorizar e divulgar um trabalho, um *saber fazer* tradicional e um artigo de qualidade. Essas visitas foram crescendo, com a curiosidade de ver a laboração, sendo que no início dos anos 2000 chegaram a atingir os 120.000 visitantes.

Nesta década, muitas fábricas fecharam a actividade (Quadro 4) e as exportações para os EUA caíram, devido a uma saída maciça de mão-de-obra do bordado, à semelhança do que também ocorreu noutros países grandes produtores de bordado da Europa, como por exemplo a Itália e a Suíça. O desinteresse crescente pela atividade foi provocado, por um lado porque se considerou que esta atividade não garantia a sustentabilidade nem proteção à saúde e à velhice e, por outro, para que essa mão de obra passasse a ser utilizada noutras atividades, como foi o caso do emprego na indústria, serviços, e, mais concretamente na região, a mão-de-obra foi canalizada para a hotelaria.

⁴⁴ Sousa, José Agostinho de (2015). Memórias e registos do Arquivo privado. Funchal, P&G.

Segundo Joaquim Vieira,⁴⁵ na apreciação à década de 60, com o deflagrar do conflito colonial em África, os nossos jovens trabalhadores eram enviados para combater em África ou emigravam para França. Presume-se que cerca de 1,3 milhões de portugueses emigraram para a Europa ou então para o continente americano, o que representou cerca de 15% da população, tendo sido o ano de 1966 o maior ano de emigração, atingindo os 120 mil⁴⁶. A Madeira, na década de 60, assistiu à maior emigração clandestina de sempre, que atingiu 14% da população, o que representa 36.400 pessoas. Segundo Raquel Soeiro⁴⁷, entre 1973 e 1975, como primeiro destino de emigração, saíram 5.640 pessoas para a Venezuela.

Nos anos 70, Richard Nixon, em visita à China, abriu fronteiras ao comércio asiático, criando desta forma uma concorrência feroz ao produto regional através de artigos mais acessíveis, porém de inferior qualidade (Quadro nº 10). O comércio do bordado a nível externo foi mantido agora, de novo, pelos ingleses e alemães, embora em pequena escala.

Nesta década, o comércio com Itália, sobretudo a sul de Roma, veio a verificar-se um bom mercado e uma alternativa para o sector da exportação (Quadros 9 e 10), que assentava essencialmente em roupa e enxovais de criança e foi o que acabou por dar um novo impulso a esta actividade, que voltou de novo a garantir a sustentabilidade de algumas famílias dependentes desta indústria.

Quadro 9: EXPORTAÇÃO DE BORDADOS – 1966/81⁴⁸

Ano	Totais
1966	19.635.000\$00
1967	10.210.000\$00
1968	138.000.000\$00
1969	140.000.000\$00
1970	146.000.000\$00
1971	148.027.000\$00
1972	163.000.000\$00
1973	179.000.000\$00
1974	202.561.000\$00
1976	154.000.000\$00
1977	231.632.000\$00
1978	404.181.000\$00
1979	564.865.000\$00
1980	632.536.000\$00
1981	748.943.000\$00

Quadro 10: PRINCIPAIS MERCADOS – 1966/81⁴⁹

Anos	Itália (%)	EUA (%)	Outros (%)
1966	0	70	30
1967	2	64	34
1968	6	58	36
1969	12	58	30
1970	13	55	32
1971	16	55	29
1972	18	59	23
1973	34	43	23
1974	49	29	22
1976	45	33	22
1977	47	30	23
1978	55	21	24
1979	60	18	22
1980	64	14	22
1981	66	17	17

⁴⁵Vieira, Joaquim – Portugal do Século XX. 1960-70.

⁴⁶Ibidem, Pág. 80.

⁴⁷Brito, Raquel Soeiro de. A importância da ilha da Madeira no início da Expansão Ibérica e a sua evolução recente, ob. pág.75.

⁴⁸Valores apresentados por Alberto Vieira, até 2001. Ob. cit. Anexo na obra, ponto 3.

⁴⁹Ibidem.

Ao longo dos anos passaram pelos seus quadros de recursos humanos da P&G, funcionários de origem alemã (M^a Francisca Binanzer Horske) e italiana (Giovanni) que facilitavam e mantinham o contacto com os mercados exteriores, o que também possibilitou e facilitou alguns destinos das exportações. Prova disso foi o facto de, no final da década de 60, a P&G ter sido pioneira e ter um importante papel na economia da região através da abertura em grande escala das exportações para Itália, quando o mercado americano começou a registar uma grande queda, foi o mercado Italiano a manter o sector (Quadro n.º 10).

Em 1967, a P&G foi procurada por três importadores de bordado Italianos, graças ao seu prestígio internacional, mas também por possuir nos seus quadros de funcionários um italiano que facilitou o contacto com o seu país e, por outro lado, este contacto deu-se porque se tratava da maior casa de bordados na região, capaz de dar resposta às solicitações exigidas pelo novo mercado Italiano interessado no Bordado da Madeira, em especial enxovais e roupa de criança, levando a fábrica a procurar clientes em 1971, a norte de Roma, em 1972, a sul de Roma, e, posteriormente, a manter até 1991, a sul de Itália, mais concretamente em Nápoles, um agente de bordados, o senhor Bruno Salvatto. Esta posição também abriu a possibilidade a outros industriais da região de alargarem os seus horizontes de exportação.

“ ... a Itália, tanto a norte como a sul, era também um grande produtor de bordado, depois a norte as casas fecharam e a sul as que ainda bordavam não eram suficientes para satisfazer as exigências do mercado... Em 1967, três Italianos vindos da Sicília, vieram até à região e procuram a P&G por esta ser a maior casa. Fizeram aqui muitas encomendas e depois começaram a se dispersar por outras casas da região.

Desses três Italianos, um veio a falecer pouco depois, outro veio e ser despedido por nós por ter ultrapassado os nossos princípios éticos e morais e ter até traído a nossa confiança, tendo ido depois trabalhar com uma outra casa, actualmente essa também já encerrou. O outro importador manteve-se a trabalhar connosco até 1991, altura em que fui a Bari e verifiquei que já não podia nem tinha forma de competir com os valores por eles apresentados.” (Sousa, 2015).

O percurso da casa até então e o resultado desta iniciativa levou o Presidente da República Portuguesa, *Exm^o Sr. General António Ramalho Eanes*, à atribuição, em 1985, de

Quadro 11: EXPORTAÇÃO DE BORDADOS Anos de 1982 a 2014⁵⁰

uma *Comenda de Mérito Industrial*, ao fundador João de Deus Magno Gouveia, que viria a tornar-se, assim, no primeiro empresário do setor a receber tão importante estatuto.

Contudo, no decurso da década de 70 foi crescendo o desinteresse pela atividade do bordado e, paralelamente, o número de bordadeiras.

Ainda na década de 70, com a revolução de 1974 em Portugal, e com a implantação da democracia, o modelo anterior imposto pelo Estado Novo (cooperativismo), que não sentia necessidade interna de alteração, foi posto em causa e verificou-se que o anterior modelo de protetorado não promovia a inovação, não incentivava a concorrência nem a competitividade. Assim, o Grémio da Indústria dos Bordados, que era uma organização autónoma, veio em 1978 a ser substituído pelo IBTAM⁵¹, órgão de competência do Estado, que separou em três setores a atividade: o produto que ficou sob a tutela do Estado. Os industriais ficaram ligados a associações e as executantes ficaram ligadas a sindicatos. O IBTAM (órgão do Estado) servia como árbitro destes três setores e que lhes conferia uma nova dinâmica.

Nesta altura surgem os sindicatos livres que irão reivindicar melhores condições de trabalho e de proteção social para as profissionais desta atividade. Por outro lado, os industriais não estavam preparados para as novas condições de trabalho impostas pelos sindicatos e também porque na altura já se debatiam com inúmeras dificuldades no comércio internacional, provocadas sobretudo pela expansão do comércio asiático que concorria com o Bordado da Madeira. A indústria entra então num período lento de crise e de colapso provocados por circunstâncias externas e que se vêm a acentuar na década de 90 (Quadro 11).

Ano	Totais
1982	78.000.000\$00
1984	72.000.000\$00
1985	1.470.000.000\$00
1986	1.818.000.000\$00
1987	1.967.000.000\$00
1988	2.289.000.000\$00
1989	2.256.000.000\$00
1990	2.434.000.000\$00
1991	2.548.000.000\$00
1992	2.515.658.073\$00
1993	1.773.335.176\$00
1994	1.444.453.964\$00
1995	1,307.339.468\$00
1996	1.248.733.147\$00
1997	1.297.559.752\$00
1998	Eur 6.781.827,00
1999	Eur 6.093.836,00
2000	Eur 5.812.658,00
2001	Eur 5.037.955,00
2002	Eur 3.998.315,00
2003	Eur 2.916.220,00
2004	Eur 2.442.367,00
2005	Eur 2.046.169,00
2006	Eur 2.202.897,00
2007	Eur 2.339.888,00
2008	Eur 2.117.593,00
2009	Eur 1.560.972,00
2010	Eur 1.295.872,00
2011	Eur 1.271.292,00
2012	Eur 1.200.230,00
2013	Eur 961.164,00
2014	Eur 844.373,00

⁵⁰ Valores de 1992 a 1997 apresentados por Alberto Vieira, até 2001. Ob. cit. Anexo na obra, ponto 3. Os dados apresentados das restantes datas foram cedidos pelo IVBAM.

⁵¹ Decreto Regional, nº 7/78/M. in Diário do Governo. Série I, nº 49/78 de 28 de fevereiro de 1978.

Devido às condicionantes exigidas pelo mercado de trabalho e a obrigatoriedade mínima de escolaridade vieram a criar-se outras perspetivas e alternativas para os jovens que lhes despertaram interesse por outras atividades e que, ao mesmo tempo, os conduziram até à cidade. Desta forma houve o abandono da agricultura, assim como de muitas atividades domésticas e, conseqüentemente, a desertificação da paisagem e do meio rural. O desinteresse pela atividade da agricultura e do bordado levou a uma grande redução da mão-de-obra canalizada agora para a indústria hoteleira e para os serviços.

Só depois de 1986 é que se começou a tomar medidas internas para travar a situação, por se ter verificado que o número de bordadeiras e de casas de bordados tinha caído para valores próximos de 1918 (Quadros 4 e 6).

Foram então estabelecidas posições relativas à defesa da qualidade e autenticidade do artesanato regional⁵² com a denominação de origem⁵³, sempre no sentido da defesa, da valorização e da divulgação.

Na década de 90, com o fim das barreiras alfandegárias impostas pela CEE, vamos assistir a uma invasão de produtos asiáticos de inferior qualidade na Europa, que se tornaram concorrentes, em particular para o Bordado da Madeira, o que se revelou gravoso não só a nível de preço, margens de lucro, mas igualmente em termos dos malefícios ao bom nome da marca de referência do Bordado da Madeira. Desta forma, os industriais do setor ficaram sem margem de manobra para ajustar valores de mercado, porque o Bordado da Madeira pode custar caro devido ao tempo de execução e ao número de profissionais que envolve, o que levou a que estes artigos ficassem sujeitos a um nicho de mercado de luxo muito pequeno e apenas a profundos conhecedores do artigo.

Ainda nesta década, e a partir de 1992, o volume de exportações foi caindo. Nesta altura, os principais mercados eram o alemão e, em maior escala, o italiano. A queda do muro de Berlim, em 1989, provocou um grande decréscimo das exportações para a Alemanha, o que em parte justifica a queda do volume de exportações para esse país a partir de 1992. O mercado Italiano foi reduzido quase a zeros, à semelhança do que se veio a verificar no resto da Europa, onde começou a surgir uma indústria emergente dos países asiáticos, que reproduzem cópias fieis de tudo, incluindo o bordado, a preços sem concorrência, o que provocou a incapacidade dos industriais locais de competirem com esses mercados.

⁵² Decreto Regulador Regional nº 11/86/M. in Diário do Governo, Série I, nº 146/86, de 28 de junho de 1986. Região Autónoma da Madeira – Assembleia Regional.

⁵³ Jornal Oficial, I Série, nº 22 de 26 de julho de 1979.

1996 foi o ano da criação do núcleo museológico do bordado, com exposição permanente, no edifício da IBTAM.

Em 1997, o IBTAM é integrado na Secretaria Regional dos Recursos Humanos; é atribuído subsídio de desemprego às bordadeiras de casa, nos termos acordados pelo estatuto governativo e sindical, depois de esta atividade, que era considerada até à data como *part-time* e sem argumentos reivindicativos para a obtenção de alguns benefícios, ter sido mesmo uma atividade equiparada a trabalhador por conta de outrem, apenas para efeitos de Segurança Social.

Mau grado todas as dificuldades, a P&G continuou a ter um papel importante na economia regional, que conduziu em 1999 a uma nova *Comenda de Mérito Industrial*, desta vez atribuída ao sucessor de JDMG, o Senhor José Agostinho de Sousa, pelo Presidente da República Portuguesa, *Exmº Sr. Jorge Sampaio*.

Esta condecoração foi atribuída a JAS por este ter revelado, por natureza, ser possuidor de um carácter de dever moral e justiça, ser um profundo conhecedor e amante da arte do bordado, ter um bom poder de observação e ser um industrial de talento atento ao mercado. Prova destes predicados foi o seu relevante desempenho perante o mercado Italiano ou ainda o seu conhecimento profundo do gosto do mercado alemão e americano.

Com a entrada da moeda única, mais forte que o dólar, os custos do bordado vieram agravar-se devido à paridade do euro com o dólar⁵⁴.

Todos estes fatores reunidos conduziram à situação em que se encontra a atividade do bordado na região.

⁵⁴ A elaboração do texto da pág. 21 à pág. 46 teve o apoio à investigação do Professor Tarciso Moreira.

3. A situação atual do bordado na região

Com a entrada do séc. XXI têm existido ações próprias com o intuito de promover a continuidade da atividade, como são exemplo a formação de bordadeiras, de desenhadoras de bordados ou as ações direcionadas para as empresas (atendimento, gestão, marketing, etc.).

Têm ainda existido alguns meios de divulgação do Bordado da Madeira, entre os quais se destaca o IVBAM, que recorre aos meios considerados adequados para proceder à divulgação, defesa e valorização destes produtos, quer por ações dirigidas aos mercados (participações em feiras, mostras, delegações, outros), quer por estudos (próprios ou encomendados) ou publicidade.

Segundo o IVBAM, e por sua iniciativa, começou-se a repensar o posicionamento no mercado e a inovação dos artigos através de parcerias com alguns *designers* (2006) e de 2006 a 2008 foi feita promoção, tendo sido investidos 12.114,24 Euros.

Sobre os incentivos existentes, salientamos os programas próprios, habitualmente sob a tutela dos organismos oficiais Regionais com a tutela dos fundos comunitários, dos quais são exemplo as ações Intervir do IDE, na sua vertente de investimento ou incentivos, ou da responsabilidade deste Instituto no âmbito das suas ações direcionadas. Com efeito, nos últimos anos tem sido feita uma clara aposta em ações no mercado local e de exportação, em feiras e mostras, assim como em parcerias e *marketing*.

A venda de bordado pode ser controlada nos estabelecimentos comerciais fora das fábricas de produção através duma disciplina de comercialização que se encontra regulamentada. Assim, podem ser controlados particularmente pela Inspeção Regional das Atividades Económicas e pelos serviços alfandegários, pois existe legislação⁵⁵ própria e geral⁵⁶. Contudo, não existem organismos regionais que permitam efetuar estudos sobre o impacto nas vendas destes artigos ao turismo de cruzeiros e de terra, mas, em relação às exportações, é sabido que os maiores clientes continuam a ser: EUA, Itália e Reino Unido e que o volume de vendas nacional e internacional é de 50% / 50%, resultados estes que necessitam de um estudo mais preciso.

Desde a criação dos registos de Denominação de Origem e da Marca «*Bordado da Madeira*»⁵⁷ que se protegem os artigos de Bordado da Madeira de outros,

⁵⁵ Decreto Regulamentar Regional nº 11/86/M e Lei 55/90.

⁵⁶ Código da Propriedade industrial e intelectual.

concorrencialmente similares, que podem abusar da boa reputação criada pelos artigos de bordado originários da RAM, no mercado interno, assim como nos principais mercados destinatários. Aqui, o IVBAM atribui uma defesa clara de valorização do setor e do produto desde a sua regularização. Após a inspeção minuciosa da perfeição e autenticidade do trabalho, é colocado um selo de garantia que atesta a qualidade e autenticidade das peças. Com esta certificação é possível inferir a transversalidade do reconhecimento da qualidade do produto e da sua importância sociocultural ao longo da História.



Imagem 1: Selo de garantia que acompanha o bordado. IVBAM

O IVBAM possui o Museu do Bordado, desde 1996, com exposição permanente, dando a conhecer parte da História desta atividade na região e detalhes de alguns aspetos técnicos. No ano de 2014 foi visitado por 2.418 pessoas, situando-se o custo dos ingressos em 2,00 Euros (para reformados e grupos); gratuito (para crianças, estudantes e lares); 2,50 Euros (para restantes visitantes). Também me foi comunicada a importância das visitas às fábricas de bordados, uma vez que estas são ações que permitem o contacto direto com potenciais clientes ou público-alvo, sendo também consideradas importantes na valorização e divulgação destes produtos.

Apesar de todos os esforços, tem-se verificado uma queda, cada vez mais vertiginosa, no número de fábricas e de bordadeiras. Por outro lado, os estudos existentes no sentido de obter informações estatísticas não são muito claros. Em relação às bordadeiras domiciliárias existem informações localizadas no tempo, mas não um estudo exaustivo e único sobre o número de bordadeiras existentes. Estima-se que, hoje em dia, existam cerca de 3000 bordadeiras (o que não significa que são as que estão em atividade), com idades superiores a 20 anos. Refira-se que a faixa etária com maior número de bordadeiras situa-se entre os 41 e 50 anos e até mais idade. A formação destas profissionais é feita nas Casas do

⁵⁷ Decreto Regulamentar Regional nº 11/86M. in Diário da República. Série I, nº 146/86 SÉRIE I de 28 de junho de 1986. Região Autónoma da Madeira – Assembleia Regional. Estabelece disposições relativas à defesa e autenticidade do artesanato regional. E Decreto-Lei nº 65/90M. DR 47/90 SÉRIE I de 1990/02/24. Ministério do Comércio e Turismo. Atribui ao IBTAM competência para a emissão de certificados de origem em Portugal. Altera o Decreto-Lei nº 75-A/86, de 23 de abril.

Povo, na proximidade do local de habitação ou no próprio instituto (IVBAM), sendo a sua remuneração variável e indexada ao trabalho executado.

Em relação às fábricas, ainda existentes, há um acompanhamento interno do número de produtores, comerciantes e estilistas autorizados, que aponta para 17 inscrições no ano de 2014, mas não existe um estudo sobre o número de fábricas em funcionamento. Das 17 mencionadas, duas referem-se apenas à produção e comercialização de tapeçaria; duas à produção e comercialização de tapeçaria e de bordado e, nas restantes 13, estão incluídas fábricas com comercialização, casas comerciais, casas comerciais com autorização para produção e os estilistas. No *site* do IVBAM verificamos que estão identificadas nove empresas regionais, mas uma encerrou a atividade em 2014, outra em 2015 e, das restantes sete, uma é exportadora e uma é uma estilista. Dos valores apresentados julga-se que em 2015 estejam em atividade apenas quatro fábricas que persistem asfixiadas por uma economia que vai lentamente matando a atividade. É sabido também que dessas fábricas, apenas duas são visitadas por turistas, a P&G, e uma outra de dimensões muito mais reduzidas e que data dos anos 60 do séc. XX.

Em abril deste ano de 2015, aquando da Festa anual da Flor, o IVBAM criou um *stand* para exposição e venda do bordado, com a presença de três fábricas.

No nosso parecer, a falta de certezas desta última década, quanto a dados, deve-se provavelmente, à fusão do IBTAM com o Instituto do Vinho para dar o IVBAM. Este novo instituto, devido aos apoios que surgiram para o vinho e não para o bordado nem para a indústria dos vimes, teve de dar respostas às solicitações do governo no sentido de explicar a utilização desses apoios recebidos. Com esta circunstância, o setor da indústria do bordado passou para segundo plano. Também muitas das políticas utilizadas noutros setores do governo não têm valorizado o genuíno nem a diversidade, e os apoios externos têm sido canalizados, na sua maior parte, no sentido de uniformizar a oferta para o turista que visita a região, no desrespeito pela continuidade da paisagem e pela qualidade de vida dos habitantes⁵⁸.

Desta original indústria brevemente só restará a memória, que será recordada pelos mais idosos com nostalgia e com saudade, particularmente se não interviermos a tempo, como tem vindo a acontecer a outras manufacturas bem distintas e que contribuíram para uma economia e uma sociedade que está a ser transformada em passado.

Existem apoios camarários, estatais e comunitários para as pequenas e médias empresas que se dedicam a alguns setores de atividade, mas, todos eles, controlados e supervisionados, desde 1986, pela União Europeia que impõe restrições no sentido de não deixar que esses apoios sejam aplicados para a exportação, no sentido de não causar concorrência com outros artigos idênticos produzidos nos locais de destino. Como a Madeira tem custos de continuidade territorial e é considerada uma região ultraperiférica, a UE apenas permite a expedição até ao primeiro porto, de forma a colocar a região “em pé de igualdade” com o resto da Europa.

Desde 1986, muitos apoios comunitários têm sido canalizados para o nosso país, o que levou os sucessivos governos a criarem formas de os merecer e aplicar, deixando de utilizar e incentivar a utilização dos apoios estatais⁵⁹.

Agora, e até 2020, a Madeira terá ao seu dispor mais 415 milhões de euros de fundos comunitários ao abrigo do Programa Operacional Madeira 14-20, que foi aprovado pela Comissão Europeia em 19 de dezembro de 2014.

Este programa foi realizado pela KPMG, a pedido do Governo Regional, e apresentado à região pela Dr^a Isabel Guimarães, a 23 de janeiro de 2015, e pelo secretário regional do Plano e Finanças, Dr. Ventura Garcês, a 27 de fevereiro do mesmo ano.

Este plano será um passo importante para o desenvolvimento e crescimento económicos, bem como para a criação de emprego de uma forma sustentada e sustentável da região, promovendo o crescimento inteligente, sustentável e inclusivo até ao final da presente década.

Foi também informado pelo secretário regional do Plano e Finanças que foram tomadas medidas no âmbito do Emprego e Formação Profissional, a fim de permitir que se operacionalizassem a curto prazo várias candidaturas, no âmbito do FSE, através do Programa RUMOS.

Todavia, há a assinalar um estudo a elaborar sobre o mesmo, estudo esse que define já as prioridades e adaptações a fazer sobre o mesmo, a fim de ser elaborado e enviado à UE.

⁵⁹ O texto das páginas 47 a 50, foi elaborado com informações fornecidas pelo IVBAM. Também foi importante a recolha obtida no DIÁRIO DE NOTÍCIAS, regional referente às datas a que se reportam e à presença no congresso da ACIF/KPMG que apresentou o Documento Estratégico para o Turismo na RAM (2015-20), realizado na Sala de Congressos do Casino da Madeira em janeiro de 2015.

4. Processo produtivo

4.1. Bordado da Madeira

A primeira e a última fase de produção decorrem no espaço fabril, a fábrica⁶⁰, como se diz na região. A fase intermédia é realizada pela bordadeira em sua casa.

Podemos decompor o processo de execução do Bordado Madeira em várias operações distribuídas por secções e diferentes operários com atividades específicas.

Uma peça de Bordado Madeira nasce sempre com a criação de um desenho original feito a *Crayon* sobre papel vegetal, por Desenhadores/Criadores de Bordado da Madeira⁶¹. Mas a sua criatividade está condicionada por duas limitações fixadas: a dimensão da peça a criar e o número de pontos a utilizar. Estas limitações são impostas pelo industrial, que muitas vezes segue as directrizes do cliente que faz a encomenda.



Imagem nº 2 : Secção de desenho da P&G. IVBAM in processo produtivo <http://www.bordadomadeira.pt>

Assim, o desenhador, ao elaborar um original, toma em consideração três fatores que se irão repercutir na medida final da peça: a medida do desenho; a medida do corte do tecido, atendendo à possibilidade de encolhimento deste, devido ao número de pontos (quanto maior for o número de pontos, maior o encolhimento) e a uma segunda possibilidade de encolhimento devido à lavagem.

A construção do desenho faz-se consoante a dimensão das peças e se o padrão é ou não simétrico. Se for uma peça de grandes dimensões, e o padrão for simétrico, utiliza-se um quarto da dimensão real; se o padrão for assimétrico, a dimensão empregue é de metade da real.

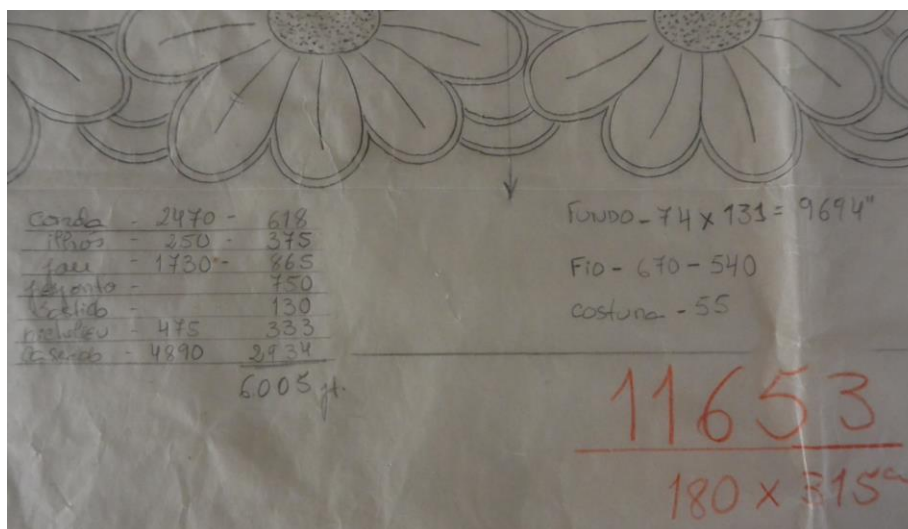
⁶⁰ As **Fábricas de Bordados**, não são os lugares onde se executam os trabalhos. São casas comerciais que têm uma dezena de operárias distribuídas por diversas secções. Fornecem o tecido já estampado à bordadeira, que o vai receber à fábrica, ou através da sua agente, esta executa o bordado na sua casa, nas horas vagas da lida caseira.

Informação do IVBTAM que considera bordadeira profissional toda aquela mulher que executa bordados para a “*fábrica de bordados*”. No entanto, o Instituto Nacional de Estatística Sá considera bordadeira profissional o indivíduo que borda pelo menos cinco horas por diárias. Ora, muitas mulheres não dedicam esse tempo diário ao bordado, ficando assim excluídas das estatísticas.

⁶¹ Em 1893 foi criada no Funchal a **Escola de Desenho Industrial António Augusto de Aguiar** (antiga Escola de Desenho Industrial Josefa de Óbidos), ministrando, entre outros, cursos de debuxador de bordados (de três anos), contemplando as disciplinas de Desenho Geral e Desenho Profissional (debuxo), reservado aos empregados da indústria de bordados.

A realização do desenho é orientada de forma esquemática, utilizando sinais convencionais na representação gráfica dos motivos, para identificar e determinar o tipo de ponto a ser empregue. O Copiador reproduz tecnicamente os desenhos (vulgarmente denominados riscos).

Posto isto, os desenhos originais contêm, além da sua numeração, todas as outras informações adicionais que completam as indicações necessárias para a produção do artigo e para o cálculo do custo exacto da produção. Essas indicações estão legendadas em grelhas colocadas na orla do lado esquerdo do desenho, contendo a dimensão da peça, o tipo de pontos a executar e onde os aplicar, o tipo de aplicações que a peça pode levar, as cores, o tipo de costuras e ainda a contagem em metros, centímetros quadrados ou unitários dos diferentes pontos, valores que são multiplicados por um índice legal, atualizado anualmente em tabela fornecida pelo IVBAM, e que traduz em percentagem o grau de dificuldade e remates que cada ponto tem que ter. É com esta informação que se calcula o preço dos pontos, os custos a pagar à bordadeira e a quantidade de linha e de tecido a utilizar.



Fotografia 2: pp Legenda de um desenho de Bordado da Madeira, Pertence ao nosso arquivo (G. Garrido).

Posteriormente, os desenhos originais são entregues à secção de Picotagem (percussão punctiforme), onde a Picotadora tem a tarefa de realizar as cópias de cada original, perfurando o desenho, com o auxílio de uma máquina própria para picotar. Aqui, os desenhos são colocados entre folhas de papel vegetal presas com alfinetes e todos os traços existentes no desenho. Através desta operação são transformados em chapas, geralmente duas. Estas chapas são numeradas com lápis azul e as legendas são copiadas para que toda a informação esteja também presente.



Imagem nº 3: Picotagem de um desenho, P&G.
IVBAM in processo produtivo <http://www.bordadomadeira.nt>

Depois são enroladas em tubos e envolvidas em papel pardo da mesma medida, onde é colocado o número de identificação. O tubo é amarrado com um fio de algodão e enviado para a secção de estampagem que recebe as chatas já picotadas e guarda-as no seu próprio arquivo que se encontra numerado. Assim, cada chapa tem o seu lugar próprio para que o acesso seja imediato quando uma

ordem chega.

É na secção de estampagem que se realiza o corte do tecido à dimensão da peça e a estampagem do desenho sobre esse tecido. Estes trabalhos são realizados pela estampadeira, que segue as instruções fixadas na chapa para determinar a dimensão e a forma da peça a cortar.

O corte não consiste em rasgar o tecido, porque tal acarretaria o desfiamiento das margens, mas sim em tirar o fio ao longo da linha de corte, com a mão esquerda, enquanto, com a direita, se corta o tecido com a tesoura.

A estampagem consiste no decalque do motivo picotado para o tecido já cortado, pelo emprego de uma graxa⁶² e com o auxílio de uma boneca⁶³.

A graxa é constituída por um pigmento⁶⁴ em pó, um aglutinante⁶⁵ e um solvente⁶⁶.

A utilização de diferentes cores de pigmentos deve-se ao facto de se poderem utilizar várias cores de tecido para estampagem, embora o pigmento atualmente mais usual

⁶² **Graxa** é uma substância pastosa de alta viscosidade.

⁶³ **Boneca** é um utensílio muito simples, feito à base dos restos dos tecidos de textura grossa, com a forma aproximada de um pequeno cone que se adapta à mão. Depois de embebida em petróleo e na graxa é passada em movimentos sucessivos sobre o papel vegetal picotado para fixar o desenho no tecido.

⁶⁴ **Pigmentos** são substâncias que têm cor própria, geralmente são fornecidos em pó, são insolúveis, são usados na indústria de tintas, plásticos, etc. Os pigmentos podem ser orgânicos ou inorgânicos, sintéticos ou naturais, e têm diferenças entre si em relação à opacidade, resistência a intempéries, facilidade de dispersão e moagem.

Os **pigmentos inorgânicos** dividem-se em sintéticos e naturais. Os inorgânicos naturais são geralmente óxidos e possuem menor cobertura, maior dificuldade de dispersão e menor poder tintorial; os inorgânicos sintéticos, são produzidos industrialmente, têm propriedades melhoradas, proporcionam maior cobertura, uniformidade na cor, poder tintorial superior e melhor dispersão, o que resulta em estabilidade na aplicação. As matérias-primas usadas para produzir os pigmentos inorgânicos são os sais de metais como ferro, cobre, cromo, chumbo e cádmio, que são poluentes e podem ser prejudiciais à saúde de quem os manipula.

Os **pigmentos orgânicos** são substâncias sintéticas que apresentam na sua estrutura química agrupamentos chamados cromóforos, responsáveis por lhes conferir cor.

⁶⁵ **Aglutinantes** são substâncias capazes de cobrir cada partícula de pigmento e mantê-la em suspensão, aderir a camada de tinta ao substrato, conceder propriedades óticas que intensifiquem a cor natural, a fim de proteger as partículas de pigmentos de eventuais danos ambientais.

⁶⁶ **Solventes** são substâncias de ajuste às propriedades de cura e à viscosidade de uma tinta. São voláteis e não se tornam parte do filme seco de uma tinta. Também controlam a reologia e as propriedades da aplicação e afetam a estabilidade da tinta enquanto esta se encontra no estado líquido. A sua função principal é funcionar como transportador dos componentes não voláteis. Os solventes podem ser alifáticos, aromáticos, alcoóis, cetonas e Éter de petróleo, etc. A água é o principal solvente das tintas de base aquosa.

seja o azul (anil – azul ultramarino⁶⁷) porque as cores dos tecidos mais frequentes são o branco ou o bege. Em tecidos de outras cores pode ser utilizado o pigmento branco (alveiade⁶⁸). Muito raramente é utilizado o pigmento preto (carvão vegetal⁶⁹), que produz uma sombra no motivo bordado, muito apreciado no mercado americano. Julga-se que este pigmento foi o primeiro a ser utilizado.

A graxa, nesta fábrica, é a mistura apenas do pigmento com o petróleo, mas pode ser preparada de diversas maneiras. A mais usual consiste na mistura de um quilograma dum pigmento em pó, dois decilitros e meio de petróleo – estes são os dois elementos fundamentais – um quilo de parafina e cinquenta gramas de sebo. A parafina e o sebo vão ao lume num tacho até estarem líquidos. Adicionam-se pequenas doses de petróleo e pigmento, após o que, a mistura resultante, vai novamente ao lume cerca de trinta minutos. Finalmente, vaza-se em recipientes e mexe-se devagar até ganhar consistência, por arrefecimento da pasta. A parte superior, por sua vez, é raspada e a graxa obtida pode ser utilizada no dia seguinte.

A estampagem é um trabalho realizado sobre largas e compridas mesas revestidas com tecidos absorventes (geralmente um cobertor) e panos finos de algodão (geralmente lençóis de cor rosa ou azul). Estas forras têm a finalidade de absorver excessos de petróleo e evitar que o tecido escorregue por falta de aderência. A Estampadeira limpa a chapa com petróleo para retirar eventuais resíduos de graxa de utilizações anteriores. Depois coloca o tecido a estampar sobre essas mesas, estende-o, certifica-se de que o tecido não tem imperfeições e sobre ele assenta, convenientemente, a chapa que fixa com pesos⁷⁰ nas extremidades. Submete-o à operação de estampagem, que é realizada com o auxílio da boneca, embebida em petróleo e na graxa. Esta operação é realizada em movimentos circulares sucessivos, sobre o papel vegetal picotado, para fixar o desenho no tecido até que a totalidade do desenho esteja estresido (ou estampado) com todos os seus pormenores. É também nesta secção que se faz o controle de entrada e saída de tecidos. Para cada rolo deve existir uma folha, na qual são descarregadas todas as quantidades de tecido que saem. Esse documento é conferido pela administração e anotado numa outra folha que será entregue na secção de recebedoria, que fará nova encomenda.

67 **Anil** – azul cobalto (CoOAl₂O₃), pigmento azul utilizado desde o início do séc. XIX.

68 **Alveiade**, pigmento branco de origem natural à base de óxido de zinco. Alveiade de chumbo à base de óxido de chumbo, pigmento fabricado. Alveiade como carbonato de zinco.

69 **Carvão vegetal** é obtido a partir da queima ou carbonização de madeira. Após esse processo resulta em uma substância negra.

70 **Pesos** são objetos metálicos aferidos utilizados como medida nas pesagens com certos tipos de balanças – tendem a substituir os ferros de engomar antigos.

A estampagem encerra a primeira fase de produção fabril do bordado Madeira. O tecido estampado vai para a secção de recebedoria, junto com o documento de encomenda, onde recebe o bilhete, as linhas e depois é remetido às bordadeiras domiciliárias diretamente ou ao seu agente. Esta fase intermédia de produção realiza-se fora do espaço fabril, no lar da bordadeira, quase exclusivamente em zonas rurais e em regime de tarefa.

A recebedoria é a secção que estabelece o elo entre a fábrica e as bordadeiras domiciliárias, diretamente ou com os agentes distribuidores que as representam. Possuem data semanal certa para os levantamentos, entregas e pagamento dos trabalhos. Os agentes são pagos pela fábrica no final de cada ano, mediante apresentação dum recibo de pagamento. O cálculo é feito por percentagem do valor anual dos trabalhos prestados, podendo variar entre 8 e 10%.

O trabalho desta secção é receber a ordem de encomenda da administração, com a indicação do tipo de peça, quantidades, tipo de desenho, tecido, pontos e medidas, após o que se precede ao pedido interno para a estampagem do desenho no tecido. Depois, quando recebe o tecido estampado, cumpre verificar a contagem dos pontos, contabilizar linhas e juntar os negalhos⁷¹ ao tecido. O pedido para a realização do bilhete é encaminhado para o

escritório, informatizado, e o bilhete é preparado. Este documento possui um anexo destacável que acompanha a peça, tem um número de ordem, identifica o dador da encomenda, a bordadeira, o agente, o desenho, a medida, o artigo, a peça, as linhas, o tecido, os pontos, o preço, a data de saída, o prazo para a execução e acompanha sempre a peça até ao final do percurso no exterior.



Imagem n.º 4: Secção de verificadora.
IVBAM in processo produtivo
<http://www.bordadomadeira.pt>

Quando o trabalho bordado chega à fábrica é encaminhado para a verificadora, que controla a qualidade dos postos aplicados, a data é registada e, se tudo estiver perfeito, o pagamento à bordadeira é feito na hora. Caso contrário, volta para a bordadeira o corrigir.

Depois de verificado, o trabalho vai para a secção de lavandaria. O processo de lavagem pode levar alguns dias e pode ser arriscado porque utiliza produtos que devem ser

⁷¹ **Negalhos** é o nome atribuído localmente aos novelos de linhas.

capazes de retirar qualquer tipo de sujidade e a tinta da estampagem, pois qualquer pequeno descuido na dosagem desses produtos pode danificar irremediavelmente tecidos e cores.

O tipo de lavagem depende da qualidade do tecido, do bordado, das cores, das aplicações, do tipo de sujidade e nódoas que apresenta, bem como da tinta da impressão que serviu de modelo ao ato de bordar. Esta operação já não é só manual, uma vez que existem máquinas que auxiliam a operação da lavagem nos tanques.

Existem três tipos de lavagem, uma para linhos bordados a branco; outra para linhos crus bordados com linhas igualmente de cor crua; outra para tecidos e/ou linhas de cores variadas.



Imagem nº 5: Secção de lavandaria da P&G. IVBAM in processo produtivo <http://www.bordadomadeira.pt>

- Lavagem de linhos brancos: tem uma primeira lavagem na máquina com sabão⁷² e água a 40° para retirar a sujidade maior. Depois vai a uma barreira⁷³ com branqueador⁷⁴, um ou dois dias, numa tina com cerca de 50l com água quente. Tem uma segunda lavagem na máquina nas mesmas condições da primeira lavagem. O anil é retirado num banho com sal de azedas⁷⁵ numa tina de 50l e água quente. Tem uma lavagem manual em três ou quatro águas limpas no tanque para retirar o sal de azedas. Tem uma terceira lavagem na máquina nas mesmas

⁷² O **sabão** em pó utilizado na máquina de lavar, é “Diversey” clax revita 3 ZP4 em sacos de 25 Kg, industrial.

⁷³ A **barreira** é um banho de imersão para tecidos brancos com a finalidade de branqueá-los. É feita numa tina com cerca de 50l de capacidade, onde se coloca água quente e uma mistura de sabão em pó com branqueador em percentagens iguais (cerca de dois copos de 50ml cada). As peças ficam mergulhadas 1 ou 2 dias.

⁷⁴ **Branqueador** também é conhecido localmente por *fada*, mas é o composto químico **perborato de sódio** (PBS), é um sal de sódio do ácido perbórico, cuja fórmula é NaBO_3 . O anião perborato é um oxidante, como o permanganato, a água oxigenada ou a lixívia. É um sólido branco, inodoro, solúvel em água e irrita a pele. Cristaliza-se como monohidratado ($\text{NaBO}_3 \cdot \text{H}_2\text{O}$) ou tetrahidratado ($\text{NaBO}_3 \cdot 4\text{H}_2\text{O}$). É obtido pela reação de tetraborato de sódio, peróxido de hidrogénio, e hidróxido de sódio. O perborato forma ligações verdadeiras entre os átomos de oxigénio. Isto torna o material mais estável, mais seguro para a sua manipulação e o seu armazenamento. Na forma de monohidratado dissolve-se melhor do que na forma de tetrahidratado e é mais estável em temperaturas mais elevadas. O monohidratado é preparado pelo aquecimento do tetrahidratado. O perborato de sódio sofre hidrólise em contacto com a água, produzindo peróxido de hidrogénio e borato; gera oxigénio numa solução aquosa quando esta alcança uma temperatura igual ou superior a 60°C. Portanto, é uma fonte de oxigénio ativo, sendo usado para a elaboração de produtos como detergentes, produtos de limpeza, descolorantes e branqueadores. Tem propriedades antissépticas e pode agir como um desinfetante.

⁷⁵ **Sal de azedas** tem este nome localmente porque visualmente se parece com o sal da cozinha. É utilizado para retirar o anil do tecido. É preparado numa tina com cerca de 50l de capacidade, onde se coloca água quente e cerca de 2 copos de 50ml de ácido oxálico. O **ácido oxálico** ou **ácido etanodióico** é um ácido dicarbonado, de fórmula molecular $\text{H}_2\text{C}_2\text{O}_4$ ou, mais precisamente, $\text{HO}_2\text{CCO}_2\text{H}$. É um ácido orgânico saturado, de cadeia normal e relativamente forte. Em grandes quantidades é venenoso. Comercialmente, a forma mais usual é a dihidratada, de fórmula molecular $\text{C}_2\text{H}_2\text{O}_4 \cdot 2\text{H}_2\text{O}$. Apresenta sabor azedo. Sólido cristalino e incolor. Solúvel em água, etanol e outros. Em solução aquosa liberta 2H^+ por molécula. É utilizado em: Produto anti-tártaro. Eliminação de ferrugem em metais, mármore e outras pedras. Fixação de corantes em tecidos (mordente). Obtenção de corantes. Fabricação de tintas de escrever. Branqueamento e curtição industrial de couros. Branqueamento de têxteis, papéis, cortiça e palha. Produção de oxalatos.

condições das anteriores. Volta a ter uma última barrela, 2 ou 3 dias, numa tina com cerca de 50l com água quente para retirar o amarelado. Tem uma quarta lavagem na máquina nas mesmas condições das anteriores. Leva um banho final numa tina com anil e goma⁷⁶. Depois vai à máquina retirar o excesso de água e segue logo para ser engomado ainda molhado.

➤ Lavagem de linhos crus: Tem uma primeira lavagem na máquina com sabão e água a 40° para retirar a sujidade maior. O anil é retirado num banho com sal de azedas numa tina de 50l e água quente. Tem uma lavagem manual em 3 ou 4 águas limpas no tanque para retirar o sal de azedas. Tem uma segunda lavagem na máquina, mas com sabão azul⁷⁷ e branco em barra e um banho final numa tina com goma. Depois vai à máquina retirar o excesso de água e segue logo para ser engomado ainda molhado.

➤ Lavagem de tecidos e linhas de cor: o tratamento é idêntico aos anteriores, mas deve haver cuidado com a proteção das cores dos tecidos ou das linhas. As doses de branqueador são reduzidas para 1/3 ou 1/4 na barrela normal. Se um tecido bege necessitar de uma barrela, esta deve ser feita só com 1/4 ou menos de branqueador para não perder a cor. Nos casos de muita sujidade, esta só sai no tanque manualmente.

Depois do bordado lavado e o excesso de água ser retirado na centrifugadora, as peças passam para a secção dos engomados e são submetidas à ação dos ferros de engomar.

A primeira fase de passar a ferro requer alguma perícia e um grande esforço físico por parte das engomadeiras, pois o seu trabalho tem como objetivo distender as fibras e desfazer algumas incorreções, restituindo o apresto perdido na lavagem para facilitar as restantes operações de acabamentos.

⁷⁶ A colocação de goma nas peças de bordado é para dar “corpo” ao tecido. É um procedimento para todas as peças. A “**Goma Crua**” apresenta-se como um pó branco, em caixas de 1kg. Toda a quantidade do pacote é colocada dentro de um saco de pano e é demolido, como um pacote de chá, dentro duma tina de água onde se vão colocar as peças para receberem a goma. Por vezes, 1kg é a quantidade para uma toalha grande, embora outras peças mais pequenas se possam juntar.

Se a peça for branca é colocado um pouco de anil na água da goma, porque o branco fica com mais brilho. Se for outro tecido, a gomagem faz-se apenas com a goma e a água.

⁷⁷ O **sabão azul e branco** em barra é colocado dentro dum saco de pano de algodão, confeccionado com os restos dos tecidos pela própria fábrica, para evitar que aquele fique impregnado na peça bordada. Este sabão nestas condições pode ser utilizado nas lavagens à mão ou à máquina.

A segunda fase processa-se no final e depois de ter sido aplicada a goma. Aqui, as engomadeiras, com a ajuda de um *molhão*⁷⁸, humedecem ligeiramente as peças, para as passar mais facilmente.

Nestas operações, e numa mesma peça, podem trabalhar várias operárias ao mesmo tempo, tudo dependendo da sua dimensão. Umhas puxam a peça e outras passam o ferro, até que o tecido bordado se aproxime ao máximo da sua dimensão antes de ter sido bordado.

As mesas de engomar são rectangulares, grandes, revestidas com cobertores e panos de lençol.

Por sua vez, os ferros de engomar são eléctricos, ligados a tomadas situadas numa trave fixa à mesa, num plano superior, a um metro da superfície. Esta disposição das tomadas destina-se a fazer correr os fios de tal forma que não atrapalhem o ato de engomar. A temperatura do ferro é fundamental para cada tipo de tecido. A título de exemplo, o linho requer uma temperatura mais elevada que a cambraia.



Imagem nº 6: Secção de engomadaria da P&G.
IVBAM
in processo produtivo <http://www.bordadomadeira.pt>

Depois da primeira passagem a ferro, seguem-se os acabamentos. Nesta secção, cada operária tem o seu número, que aponta numa ponta de cada peça para perceber e se responsabilizar pelo percurso das peças. Só no final é que se corta essa ponta.

As operárias implicadas neste processo de acabamentos têm várias categorias, que vão desde a recortadeira, consertadeira e serzideira.

Na secção de recorte, as recortadeiras efetuam as operações que consistem no corte do tecido excedentário ao desenho do bordado para dar destaque aos pontos bordados. Recortam pontos abertos, como as aberturas do ponto *Richelieu*, recortam o excesso de tecido do caseado e remendam os pontos que se tenham inadvertidamente solto, para além de outros acabamentos necessários.

⁷⁸ **Molhão** é um simples amontoado de tiras de linho demolhadas num recipiente com água.

O recorte é feito com uma tesoura pequena de bicos pontiagudos que se maneja com a mão direita, em movimentos verticais e horizontais, consoante as formas do bordado, o qual é preso com a mão esquerda, sobre o dedo indicador, entre o polegar e o médio.

Na secção de acabamentos ainda há lugar para as consertadeiras e as serzideiras. As peças que o exigem são submetidas a trabalhos de costura e filetagem, trabalho que se destina a reparar imperfeições da bordadeira ou pequenos acidentes durante os percursos anteriores.

No final, as peças são de novo conferidas e convenientemente dobradas pelas dobradeiras, segundo uma técnica que depende das dimensões, formato da peça e embalagens onde vão ser colocadas.

A selagem é a operação final e consiste em colocar um selo fornecido pelo IVBAM, que garante a autenticidade do bordado, sendo ainda atribuído um certificado de qualidade.



Imagem n.º 7: Secção de recorte e acabamentos da P&G. IVBAM, in processo produtivo
<http://www.bordadomadeira.pt>

4.2. Principais pontos do Bordado da Madeira

Podemos considerar como pontos principais do bordado tradicional da Madeira, o ponto cordão, o caseado liso e o bastido, porque estão na base de outros pontos, por derivação ou por conjugação.

Os pontos do Bordado da Madeira podem ser divididos em cinco classes: arrendados, abertos, bastidos, caseados e diversos.

A classe dos arrendados, diferente de todas as outras, engloba todos os pontos abertos em que a bordadeira faz uma contagem e uma retirada de fios do tecido, na vertical e na horizontal, sendo os buracos presos com linha de bordar. Os principais pontos arrendados são: cruzinha; olho de passarinho; latadinha; ana e escada. Estes dois últimos podem ser auxiliares de costura.

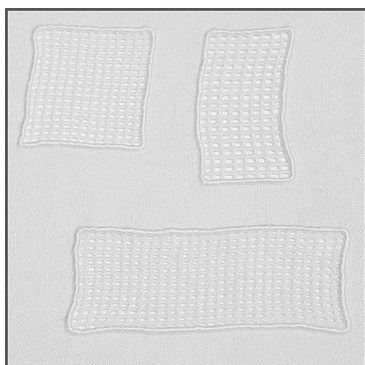


Imagem 8: Ponto arrendado IVBAM



Imagem 9: Ponto Ana IVBAM



Imagem 10: Ponto escada IVBAM

Na classe dos abertos estão incluídos todos os pontos que requerem cortes no tecido e uma urdidura⁷⁹. Os principais pontos abertos são: ilhó aberto; ilhó de grega; folha aberta; folha fechada e a cavaca.

Os ilhós abertos de grega têm forma oval, metade do círculo é preenchido com bastido e a outra metade com ponto cordão. Os ilhós abertos têm forma circular, são feitas as coberturas da extremidade do círculo, recortado e arrematado só com o ponto caseado para recorte. As folhas abertas são feitas só com ponto cordão no rebordo, as folhas fechadas são primeiro urdidadas e depois cobertas para garantir o volume, podendo ainda existir folhas fechadas feitas com ponto chão (sem urdidura) e sem relevo. As cavacas têm figura geométrica circular executada em ponto cordão com aberturas recortadas.

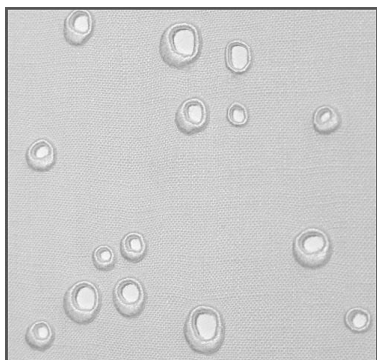


Imagem 11: Ilhó Aberto de Grega e Ilhó Aberto. IVBAM

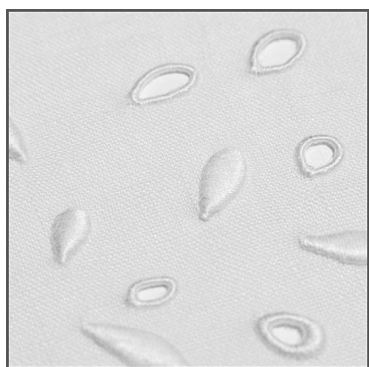


Imagem 12: Folhas Abertas e Fechadas. IVBAM

Na classe dos bastidos encontramos os pontos aplicados sobre uma urdidura feita anteriormente. Este é um bordado a cheio que se aplica em várias formas e ornatos. As principais aplicações deste ponto bastido são: no ponto cordão ou pau; folhas fechadas ou bastidos; garanitos bastidos, pastas ou viúvas; cheios.

O ponto cordão é utilizado em contornos de desenho que não exijam recorte, em espirais, nos ilhós; nas folhas abertas, nas cavacas e no ponto oficial. Quando é utilizado em caules, toma o nome de ponto pau. Os garanitos bastidos apresentam forma redonda, são

⁷⁹ **Urdidura** é uma sequência de alinhavos na área do desenho o o conjunto de fios que se aplicam no tear.

urdidos e cobertos, sendo pouco maiores que cabeças de alfinete. As pastas são circulares maiores que os garanitos, mas apresentam menos relevo. As viúvas são uma espécie de trevo de quatro folhas bastidos.

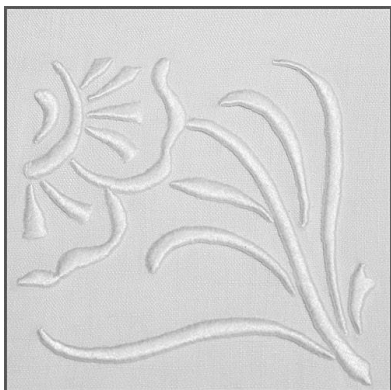


Imagem 13: Ponto bastido. IVBAM

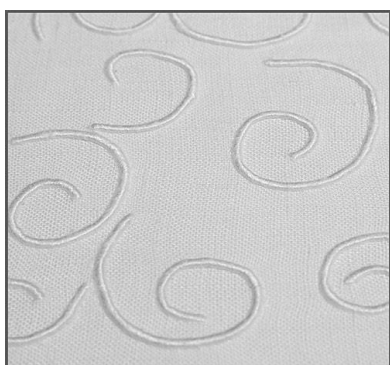


Imagem 14: Ponto cordão ou pau. IVBAM

Na classe dos caseados, os pontos são feitos e fechados em forma de nó sobre uma urdidura. Este ponto difere do ponto cordão pelo nó produzido no cruzamento da linha, de forma a assegurar a área de recorte. Os pontos caseados podem ser lisos ou bastidos, retos, às curvas ou em bicos.

O caseado liso é um ponto que é urdido com um rebordo resistente para ser recortado nas extremidades das peças ou em aplicações. O caseado bastido é feito em forma de unha, em vez de reto.

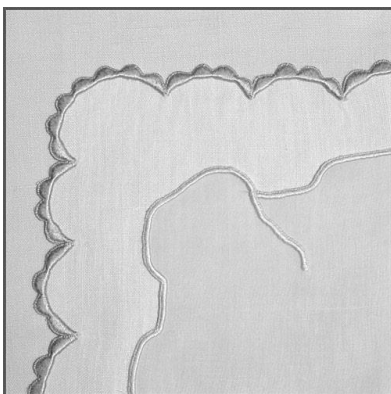


Imagem 15: Caseado liso e caseado bastido. IVBAM

Na classe dos diversos encontramos pontos adaptados para diversas finalidades e que representam a evolução do bordado. Nos pontos diversos encontramos o *richelieu*; oficial; francês simples, duplo e aplicado; corda ou pé de flor; remendo; *filet*; pesponto; sombra; matiz e chão.

O *richelieu* é feito com o ponto caseado com bordos recortados, geralmente em tecidos mais pesados. O ponto oficial, idêntico ao *richelieu*, é feito em ponto cordão, geralmente usado em tecidos mais leves. O ponto francês (no continente é chamado ponto Paris) envolve sempre mais que um tecido, sendo um ponto que serve para prender aplicações de outros tecidos, geralmente de organdi. O ponto corda é utilizado em contornos de desenhos, ilhós, folhas abertas, cavacas e oficial. O ponto de remendo é quase um ponto de costura, sendo muito utilizado para prender aplicações de outros tecidos. O pesponto, por sua vez, (ponto de areia) é utilizado em desenhos para encher superfícies lisas e sombrear o tecido. O ponto sombra ou revés é um ponto feito pelo avesso, com laçadas em x, sendo utilizado apenas em tecidos mais leves e transparentes para produzir um efeito de sombra. O matiz é utilizado em zonas de preenchimento sem urdidura. O ponto chão não tem relevo e é feito na oblíqua.

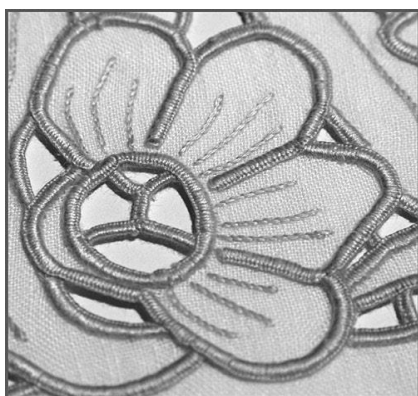


Imagem 16 : Ponto richelieu. IVBAM

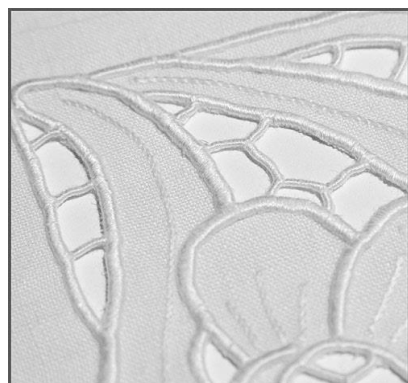


Imagem 17 : Ponto oficial. IVBAM

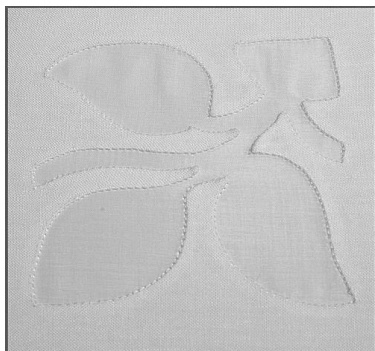


Imagem 18 : Ponto francês. IVBAM

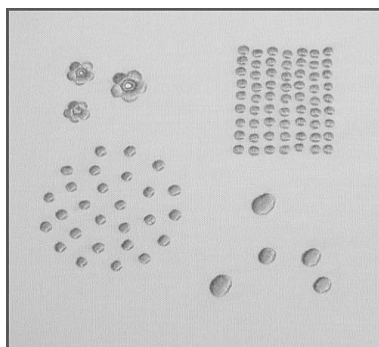


Imagem 19: Garanos. IVBAM



Imagem 20 : Ponto pespointo. IVBAM

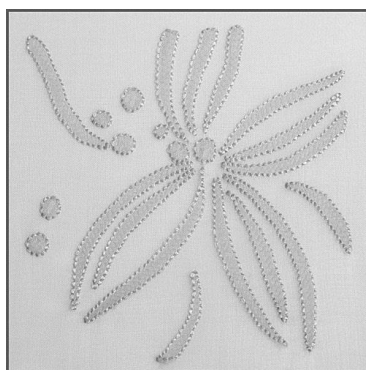


Imagem 21: Ponto sombra. IVBAM



Imagem 22: Ponto matiz. IVBM

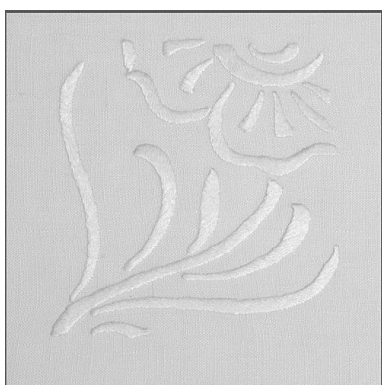


Imagem 23 : Ponto chão. IVBAM






















Fotografia 3: pp Bordado a branco da P&G. (G. Garrido).



Fotografia 4: pp Bordado policromado da P&G. (G. Garrido).

Todos os pontos possuem um código de identificação que é introduzido no próprio desenho (Quadro 12), sendo picotado e estampado no tecido, para que a bordadeira os identifique e aplique no seu local próprio.

Quadro 12: CÓDIGO DE PONTOS

TIPO DE PONTOS	CÓDIGO DE EXECUÇÃO PARA A BORDADEIRA
Arrendado	
Escada	
Ilhó aberto	
Ilhó de grega	
Folha aberta	
Folha fachada	
Cordão/ponto pau	
Folhas em bastido	
Garanitos bastidos	
Pastas ou viúvas	
Caseado liso	
Caseado bastido	
Richelieu	
Oficial	
Francês	Na peça a bordar vão as aplicações dos tecidos em alinhavo, aqui a bordadeira saber qual o mais apropriado, simples ou duplo
Corda/pé de flor	
Pespointo	
Sombra	
Matiz	
Chão	

A atividade da bordadeira de casa está regulamentada através de Decretos Legislativos Regionais e anualmente são estabelecidos, por Portaria, os valores remuneratórios mínimos a pagar aos trabalhos das mesmas, que é variável de acordo com o número de pontos que executa.

O cálculo do número de pontos que compõem uma peça é feito por contagem de pontos industriais, que não corresponde necessariamente ao ponto técnico. Uma vez tomada a quantidade dos pontos industriais, estes são multiplicados por uma base, atualizada anualmente em portaria⁸⁰, que estabelece os valores remuneratórios mínimos a pagar pela peça às bordadeiras de casa. Para o bordado, o preço é atribuído por cada 100 pontos, sendo o trabalho de monogramas ou os sobre tecidos de seda os mais bem pagos, 2,43 Euros e 2,61 Euros, respetivamente⁸¹. De entre os pontos mais bem pagos encontram-se o ponto Ana, o ponto escada, os pontos bastidos, as cavacas e o *Richelieu*. Para a tapeçaria, o preço é atribuído por cada 1000 pontos, sendo os pontos *gobelin*, miúdo e alemão executados em várias cores. Os mais bem pagos atingem os 1,62 Euros. Todos os outros situam-se nos 1,44 Euros⁸².

Refira-se que a contagem é feita mediante a natureza de cada tipo de ponto. Estes podem ser contados à unidade, como o ponto ilhó, em que seis pontos reais correspondem a um ponto industrial. Pode-se recorrer a quadrículas milimétricas para os pontos arrendados, calculados por centímetro quadrado. Podem, igualmente, ser calculados por metro linear, como o ponto caseado (a título de exemplo, um metro de caseado liso, até 4mm de largura, corresponde a 60 pontos industriais e um metro de caseado bastido (reto, às curvas ou em bicos) até 4mm de largura corresponde a 80 pontos industriais)⁸³. Neste caso, a contagem das linhas e das curvas dos motivos é feita por meio de um pequeno aparelho, o curvímetro, utensílio utilizado também na leitura de mapas de navegação (para calcular a extensão de linhas curvas). Pensa-se que este aparelho terá sido introduzido na indústria de bordados pelos sírios.

A título de exemplo, um pequeno *naperon* pode levar 700 pontos de bordado, 90 pontos de fio escada e 7 pontos de costura. O preço a pagar à bordadeira de casa é: $700 \times 1,82E + 90 \times 1,82E + 7 \times 1,15E = 14,73Euros$ pela peça.

⁸⁰ Jornal Oficial, Série I, n.º 6 Portaria n.º 11/2015 da Secretaria Regional do Ambiente e Recursos Naturais e da Educação e Recursos Humanos de 13 de janeiro de 2015.

⁸¹ Jornal Oficial, Série I, n.º 6 Portaria n.º 11/2015. Secretarias Regionais do Ambiente e Recursos Naturais e da Educação e Recursos Humanos de 13 de janeiro de 2015. Anexo I (a que se refere o n.º 1 do art.º 1.º).

⁸² *Ibidem*.

⁸³ Decreto Legislativo Regional n.º 22/98/M. in Diário da Republica SÉRIE I-A, n.º 216/98 de 18 de setembro de 1998. Assembleia Legislativa Regional

4.3. Tapeçaria

O processo produtivo da tapeçaria é descrito separadamente por ser um artigo que, embora seja considerado um bordado, apresenta diferenças significativas no seu processo de produção.

Não se sabe ao certo quando a tapeçaria começou a ser produzida na região, mas presume-se que o processo ocorreu depois de 1938, quando o alemão Paul Max Kiekeben pensou em diversificar a produção da sua fábrica de bordado, no Funchal, tendo criado o primeiro *atelier* de tapeçaria.

Dado o seu sucesso, muitas fábricas seguiram o mesmo exemplo. Também no final dos anos 60, uma empresa da família de JDMG criou a empresa “*Sousa, Fernandes e Gouveia, Lda.*”, na Rua da Conceição, nº 82, Freguesia da Sé do Funchal, que também se dedicava à produção de tapeçarias, à imagem do que se produzia na Áustria. No início dos anos 90, essa empresa fechou e este *atelier*, incluindo as suas três operárias, foram transferidas para a P&G. Atualmente, esta pequena secção concentra toda a atividade e continua a reproduzir obras de pequenas e médias dimensões de conceituados artistas pintores, designadamente forros de cadeiras, almofadas, bolsas e pequenos objetos decorativos.

Note-se que a tapeçaria nasce a partir da cópia de um quadro, desenho ou fotografia. Sobre essa imagem é feita uma quadrícula que se copia para a tela ou talagarça, cujos suportes são tecidos em fibras vegetais de canhâmo, estopa, fio de linho ou algodão, numa trama em tafetá de fio simples ou duplo, sendo este último utilizado para trabalhos em duas escalas (por exemplo, quando há a necessidade de utilizar o ponto miúdo e o ponto grada no mesmo trabalho). Os fios para bordar são lãs ou seda, podendo ainda ser realizados em fios de prata ou ouro. Os pontos podem ser vários: o ponto *tramé*, o meio ponto de cruz, o ponto de tecido, o ponto de preencher ou grado, o ponto *gobelin*, que pode ser vertical ou oblíquo, o ponto miúdo, o ponto alemão e o ponto de alinhavo.

Posteriormente estudam-se as cores dos fios, que são anotados num livro que contiver o número da peça, as dimensões e a identificação por zonas (céu, chão, etc.). Mais tarde junta-se o número de fios necessários a cada cor e escolhem-se os pontos. A título de exemplo, o ponto grado é o utilizado como ponto base e no preenchimento de fundos; o ponto miúdo é utilizado onde o desenho exige pormenores; o ponto *gobelin*, de inspiração francesa, é utilizado em trabalhos mais minuciosos. Estes dois últimos são os mais bem

pagos, sendo o mais barato o ponto *tramé*.

Quando é realizada uma peça, pela primeira vez, há a necessidade de criar uma matriz para ser seguida pela bordadeira domiciliária. A realização dessa matriz obedece geralmente a três etapas.

A primeira etapa é a criação de um macacão matizado feito para as carnações das figuras ou para pormenores. Esta técnica consiste em copiar a ponto grado o desenho original, com cores fortes e contrastantes, para facilitar a contagem dos pontos e tornar perceptíveis os limites das cores.

A segunda etapa é a realização do matizado ainda em ponto grado, mas já com as cores originais. Esta técnica ajuda à contagem dos pontos, para depois passar ao ponto miúdo, ponto utilizado neste tipo de trabalho.

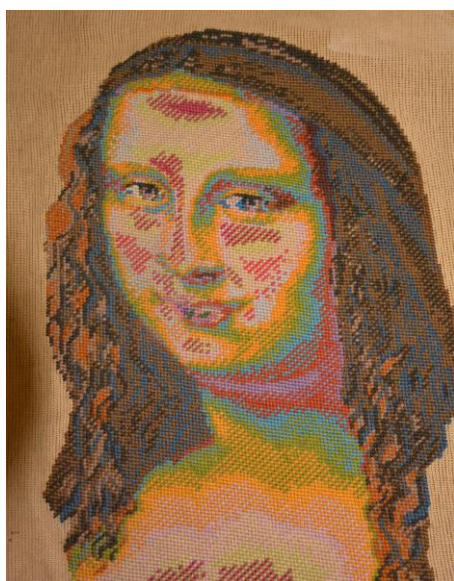
A terceira etapa é fazer o matizado do resto da peça com as cores e os pontos originais e sem as carnações. É nesta fase que é feita a contagem dos fios de lã e a identificação de cores. Para auxiliar a bordadeira a identificar o fio a utilizar, são amarradas pequenas amostras de fio no local da sua utilização.

A matriz e o macacão vão sempre para a bordadeira domiciliária, juntamente com o documento (bilhete) que possui toda a informação para ser realizada a cópia, juntamente com todo o material necessário: talagarça cortada, cores e fios de espessura correcta.

Quando a peça entra na fábrica é verificada e paga à bordadeira ou ao agente. Depois é enviada para a engomadoria e para a secção de acabamentos.

Quando a peça está pronta, é registada e enviada para *Stock*, para ser distribuída para os locais de venda.⁸⁴

⁸⁴ Os textos das páginas 51 a 70, foram feitos com a orientação e colaboração de todos os funcionários da P&G – Fábrica de Bordados.



Fotografia nº 5: pp Macacão em matizado feito na P&G. (G. Garrido)



Fotografia nº 6: pp Matizado com ponto grado feito na P&G. (G. Garrido)

5. Bordados Portugueses

Confrontamo-nos, muitas vezes, com alguma confusão quando se trata de reconhecer o nome atribuído aos pontos e à origem dos bordados, dado que muitas vezes os pontos recebem nomes diferentes, de acordo com as regiões e os motivos utilizados, que têm a ver com interpretações da fauna e da flora locais. Calvet de Magalhães, que classificou e agrupou os pontos utilizados em Portugal Continental consoante a sua utilização, tipifica-os como:

*“Pontos de contorno (adiante, atrás duplo, pé de flor, fendido, cadeia, cadeia em volta, de Bolonha, recorte (simples e contrariado); nós (grilhão e cordão); pontos de encher (lançado, lançado desigual, lançado embutido, cetim, romeno, de pena, em V, matiz, de figura, paninho, areia, oriental, de renda); pontos de fantasia (galo ou russo asna, espinha, espinha duplo, de Creta, triangular, mosca, formiga, fetos, chifre, escada, bretão, espiga, corrente, trança, coral simples e ramificado, garra, margarida, canutilho, corva); pontos de fundo; pontos de tule; pontos de crivo...”*⁸⁵ (Magalhães, 1995)

Verificamos a existência das mesmas atribuições a pontos utilizados ainda no Bordado da Madeira (pé de flor, cordão, matiz e escada) e outros que caíram em desuso, como é o caso do ponto grilhão, utilizado no bordado de Lixa, Airões e caldas da Rainha e que ainda se utilizou na Madeira no início do séc. XX; o ponto atrás que tomou o nome de pesponto ou arrendado.

Trabalhos de bordado podem ser encontrados em várias zonas do país⁸⁶: Minho – Bordados de Viana do Castelo e de Guimarães; Douro Litoral – Bordados de Lixa (Amarante) e de Felgueiras (bordados de Filé e Airões); Beira Alta – Bordados de Viseu (Alcafache, Mangualde, Tibaldinho); Beira Baixa - Bordados de Castelo Branco; Alto Alentejo - Bordados de Nisa e Arraiolos; Beira Litoral – Bordados da Figueira da Foz (Buarcos); Estremadura – Bordados das Caldas da Rainha, Açores – Bordados dos Açores. Outros pontos e motivos vieram por influência externa e imposta pelos clientes de exportação que foram sendo adaptados e deram origem ao que hoje chamamos Bordado da Madeira.

⁸⁵ Magalhães, M. M. Calve (1995). Ob. Cit.

Quadro 13: RELAÇÃO DE PONTOS TRADICIONAIS DO BORDADO DA MADEIRA COM OUTROS BORDADOS DO PAÍS

Madeira	Outras Regiões de Portugal
Arrendados	Bordados de Viana, Lixa, Guimarães, File, Airães, Tibaldinho, Nisa
Abertos	Bordados de Viana e Tibaldinho
Ilhó aberto e de grega	Bordados de Viana, Guimarães, Lixa, Airães, Tibaldinho, Caldas da Rainha
Folha aberta e fechada	Bordados de Tibaldinho
Cavaca	Bordados de Tibaldinho (rodízios)
Bastidos	Bordados de Viana, Guimarães, Lixa, Airães, Tibaldinho, Nisa, File
Cordão ou Pau	Bordados de Viana, Lixa, Airães, Tibaldinho, Nisa, Figueira da Foz (Buarcos), Nisa
Garanitos	Bordado de Tibaldinho, Viana do Castelo, Lixa, Guimarães, Airães
Pastas ou Viúvas	Bordados de Tibaldinho
Cheios	Bordados de Guimarães, Lixa, Airães, Tibaldinho
Caseados	Bordados de Viana, Guimarães, Tibaldinho, Caldas da Rainha, Nisa
Caseado Liso e bastido	Bordados de Viana do Castelo, Guimarães, Lixa, Tibaldinho, Caldas da Rainha
Diversos	
Richelieu	Bordados de Lixa
Corde ou Pé	Bordados de Viana, Guimarães, Lixa, Airães, Nisa, Caldas de Rainha
Filet	Bordado File
Pesponto	Bordados de Viana, Tibaldinho, Nisa
Sombra	Bordados de Viana
Matiz	Bordado de Airães, Açores

A maior influência no Bordado da Madeira parece ser essencialmente do Minho, Beira Alta, e Douro Litoral, tanto a nível de pontos, como de material e motivos. A título de exemplo, o motivo cavaca toma o nome de rodízio Tibaldinho; o garanito toma o nome de borboto ou nó ou nozinho, em Tibaldinho e Viana do Castelo; os arrendados podem aparecer com diferentes atribuições.

O **Bordado de Viana do Castelo** utilizava-se nos trajas populares, atoalhados, sacos de pão, panos de mesa, lenços de mão. Os tecidos podem ser linho ou linho e lã. Os fios podem ser de linho, lã, ouro ou prata. As cores são o azul, branco e vermelho. A técnica desenvolve-se através de estampagem, por molde de papel, ou por risco direto. Os motivos são inspirados na fauna e na flora do local ou em objetos do quotidiano (heras, videira, carvalho, morangos, uvas, pássaros, chaves, vasos, cruces, corações, coroas, etc.).

O **Bordado de Lixa** utiliza-se em lençóis, almofadas, toalhas de rosto, *naperons*, toalhas de mesa, lenços de mão. O tecido é o linho. Os fios são de algodão branco DMC. A cor utilizada é sempre o branco, com exceção dos monogramas nas toalhas de rosto. O bordado é realizado em bastidor de cartão com alinhavos ou através de decalque com papel

químico. Os motivos são inspirados na fauna e na flora local (cachos de uvas em ilhós, parras, monogramas, laços, flores).

O **Bordado de Guimarães** sofreu a influência dos bordados de Viana do Castelo e de Lixa. Utilizava-se em toalhas de rosto ou de bandeja, toalhas de mesa e de batizado, panos para cestos de pão ou para gargalos de garrafa, *naperons*, cortinas, vestidos de cerimónia, lenços, camisas, trajes, quadros, etc. Podiam apresentar grande volumetria. Os tecidos eram em linho ou algodão e linho. As linhas eram de ouro, prata e algodão *perlé* da DMC. Nesta região também se realizavam renda, *crochet* e tecelagem. As cores utilizadas são: o branco, vermelho, preto, cinza, azul e o bege. Os desenhos eram geométricos podendo ser simétricos (listas), inspirados na fauna e na flora local ou em objetos do quotidiano (flores, silvas, passarinhos, corações, estrelas, cercaduras, laços, nomes de pessoas, etc.).

O **Bordado de Filé** utiliza-se em *naperons*, toalhas de mesa, etc. O tecido é o linho, o algodão ou a seda, bem como os fios. O bordado tem como base uma rede feita em fio de algodão de cor crua ou branca, podendo ainda apresentar outras cores. Utilizam-se bastidores de madeira. Os motivos são, essencialmente, diferentes tipos de ornatos florais.

O **Bordado de Airões** (Felgueiras) é semelhante ao de Guimarães. Utiliza-se em conjuntos de cama, almofadas, toalhas de rosto, *naperons*, toalhas de mesa. O tecido é o linho ou cambraia. Os fios são de algodão branco, fios de seda, ouro ou prata. O bordado é realizado em almofada de cartão com colagem do motivo em papel termo-colante. Os motivos são inspirados na fauna e na flora local (abetos, cachos de uvas, espigas, bolotas, laços, flores, cravos, borboletas, peixes).

O **Bordado de Tibaldinho** (Viseu) utiliza-se em roupa de cama, toalhas de mesa, artigos para o lar e aventais. O tecido é o linho ou o algodão. As linhas da DMC são em linho ou algodão. A cor utilizada é sempre o branco. Utilizam o bastidor e a almofada como suporte. O desenho é riscado, o tecido é furado e posteriormente recortado. Os motivos são em arco, círculos, espirais, serpenteado, correntes, laços, estrelas, rosetas, formas geométricas, corações, cavacas, rodízios, verde gaio (conjunto de folhas abertas e garanitos fazendo flores), silvas (conjunto de folhas abertas), viúvas (conjunto de cinco garanitos que fazem uma flor), e ainda outros motivos da fauna e da flora locais.

O **Bordado de Castelo Branco** é conhecido essencialmente pelas suas colchas. O tecido é o linho ou a seda. Os fios são em seda ou algodão. As cores utilizadas são muito variadas. O bordado é realizado em bastidor, o desenho decalcado, e as peças levam um forro. Os motivos são inspirados em objetos do quotidiano, na fauna e na flora locais

(albarradas, corações, galos, pássaros bicéfalos, coroas, flores, etc.).

O **Bordado de Nisa** utiliza tecidos de linho, pano-cru e seda. Os fios são de linho, algodão e seda. A cor utilizada é o branco, com algumas exceções. O bordado é realizado sobre uma almofada e o desenho é decalcado. Os motivos podem ser geométricos, inspirados em objetos do quotidiano ou na fauna e na flora locais.

O **Bordado da Figueira da Foz** (Buarcos) é muito utilizado nos trajes, podendo ser realizado em tecidos e linhas policromadas. Os motivos são geométricos ou inspirados na fauna ou na flora local.

O **Bordado das Caldas da Rainha** é realizado sobre linho branco ou cru e com linhas de linho ou algodão em três variantes de cor canela. Não utilizam o bastidor nem a almofada, mas o desenho é riscado. Os motivos são geométricos, simétricos, inspirados na fauna e na flora locais, apresentando rostos, ornatos florais diversos, e corações.

O **Bordado de Arraiolos** é conhecido pela sua tapeçaria, bordado a ponto cruz, com pontas de diferentes tamanhos em fios de lã ou seda sobre linho ou tela de linho feitos em teares. As cores são variadas, com incidência no vermelho, amarelo, azul e verde. Os motivos são geométricos, figuras humanas, animais e elementos vegetalistas.

O **Bordado dos Açores** é realizado sobre linho ou tule. As cores são o branco e o azul, podendo ainda apresentar outras cores. Pode ser realizado em bastidor, sendo o desenho riscado ou decalcado mediante um molde em papel. Os motivos são assimétricos, geométricos e elementos vegetalistas.

Por último, o **Bordado da Madeira** é utilizado em artigos para o lar: conjunto de cama, atalhados, toalhas de rosto, lenços de mão, toalhas de mesa, *naperons*, panos para cestas de pão, roupa de criança, camisas de noite, blusas, entre muitos outros objetos de uso pessoal ou decorativo. Os tecidos utilizados atualmente podem ser o linho, linho cru, organdi, cambraia e outros tecidos mais leves e transparentes. As peças mais antigas conhecidas são em linho cru ou clareado. Os fios atualmente utilizados são geralmente da DMC, de linho, algodão, em branco, branco neve, bege, policromados, ouro e prata. Os fios mais antigos são de cor branca ou branco neve. A técnica utilizada é a estampagem, tendo na sua origem o risco, o molde em papel e o rodízio. Os motivos são inspirados em elementos vegetalistas, flores, figuras geométricas, laços e monogramas.

É extremamente difícil conhecer todas as influências do bordado em Portugal, datá-lo no tempo e no espaço, no entanto, todos fazem referência a conventos, ordens religiosas e

escolas femininas como responsáveis pela sua divulgação e ensino.

Sabe-se, igualmente, que este sempre foi um trabalho essencialmente feminino, realizado por senhoras da sociedade e aprendido pelas servas. Era visto não apenas como lazer, mas também como resultado da necessidade de realizar peças de vestuário ou de serventia para o lar, nomeadamente enxovais. A sua comercialização também foi feita um pouco por todo o país, sendo o trabalho da bordadeira considerado mal pago e um complemento para a economia familiar. Porém, é de registar que nenhum tomou as dimensões do Bordado da Madeira, uma vez que chegou a ser considerado indústria.

A tendência por todo o país, atualmente, é no sentido de existirem menos bordadeiras e estas serem de idade avançada⁸⁷.

⁸⁷ O texto e o quadro das páginas 71 à página 75 tiveram como ponto de partida o documento criado por Silva, Paulo F. T. de Lemos. “*Bordados tradicionais portugueses*”. Universidade do Minho, 2006. <http://hdl.net/1822/6723>, acedido em abril e maio de 2015.

CAPITULO II

A P&G como património cultural

“O Património é o mais poderoso instrumento ... para a activação e o reforço da Memória Colectiva, através do processo de educacional, permanente ou formal.” (Horta, 2001)

De acordo com o sítio oficial do IPHAN (2011), “ ... *património cultural é o conjunto de todos os bens, materiais e imateriais que, pelo seu valor próprio, devem ser considerados de interesse relevante para a permanência e a cultura de um povo*”⁸⁸ (IPHAN, 2011).

O património quer queiramos, quer não, é uma herança que nos fornece armas para a continuidade. Assim sendo, como herdeiros que somos, todos temos o nosso património cultural, que é a nossa herança cultural, e é isso justamente que nos distingue de outros animais, já que a herança genética não é um exclusivo do homem. Com efeito, ter consciência de uma herança é reconhecer que o que somos hoje devemos ao nosso passado, ou seja, à nossa História. Essa História é construída de memórias e são elas que nos fornecem uma identidade que favorece a coesão e o sentimento de pertença a uma comunidade. Assim, o património cultural favorece o reconhecimento mútuo e marca a diferença entre comunidades, regiões ou países tornando-se uma garantia futura de sobrevivência.

*“O património cultural é, para a sociedade, o que a memória é para o indivíduo ... para uma pessoa física, não ter memória é estar morta enquanto pessoa ... para uma pessoa coletiva, não ter património cultural é morta estar, ainda que na aparência subsista. Em ambos os casos carecem de identidade.”*⁸⁹ (Mendes, 2012, p. 18).

Assim sendo, o património é, sem dúvida, hereditário, histórico e identitário, mas sobretudo cultural, armas que devem ser utilizadas para o progresso material de um país ou de uma região e que é avaliado pela capacidade interpretativa e pelo desempenho no desenvolvimento e na sua capacidade criativa.

⁸⁸ IPHAN, 2011. In TMS – Management Studies International Conference Algarve 2012. Tourism Management Marketing & ITC Management. Book of Proceedings, p. 21. Editores Santos, Águas e Ribeiro. ESGHT. Faro, Universidade do Algarve.

⁸⁹ Mendes, António Rosa (2012). O que é Património Cultural. Olhão. Gente Singular editora.

Não podemos ignorar que as artes na Região não têm tido o desenvolvimento pretendido, todavia não deveremos depreciar o seu mérito, muito menos desvalorizar e desrespeitar a capacidade criativa dos nossos artistas, e, em especial, os desenhadores e criadores de bordados que durante longas horas de trabalho deram lugar ao espírito criativo, construindo magníficas obras de arte.

Como tal, o objetivo deste ponto é o de fazer uma abordagem do precioso e importantíssimo espólio da *P&G - Fábrica de Bordados*, que constitui um Bem Cultural conjunto. O edifício, como elemento arquitetónico singular é o responsável por albergar um importante espólio material e imaterial; as empresas merecem destaque por serem as motoras de uma atividade e de um saber fazer tradicional assentes em todo um percurso histórico de quase um século, representando um conjunto de bens imóveis indispensáveis à realização da atividade; e, finalmente, é de destacar igualmente a riqueza patrimonial, que constitui um importante arquivo de desenho e documentos, quer a nível regional, quer também nacional, como registo gráfico do bordado, em particular o Bordado da Madeira.

Defender este precioso espólio patrimonial cultural e artístico é fundamental e de primordial importância, uma vez que urge mantermos todos os vestígios materiais da História e evolução do Desenho do Bordado da Madeira, assim como a de uma diversidade de artistas que o concebeu.

O vastíssimo espólio gráfico de desenho da fábrica foi sendo construído lentamente ao longo de décadas, o que lhe confere um cunho de monumento, não do ponto de vista da sua escala métrica, mas num conceito de escala cultural, pela sua História no momento em que foi concebido, para quem se destinou, pelo seu aspeto económico, social e artístico, bem como pela arte da composição ornamental do desenho. Efetivamente, através do bordado e das técnicas utilizadas na sua conceção é possível recriar o seu percurso histórico, a sua envolvimento e compreender a importância sócio-económica da atividade na região.

Acrescente-se que o desenho deu lugar aos bordados madeirenses que constituem grandes obras de arte, caracterizadas por uma decoração elaborada e executadas por mãos de fada que com magia os elaboraram, e lhes dão corpo e vida, e que não podemos desassociar dos vários ciclos económicos por que passou.

Muitos destes desenhos constituíram matriz exclusiva de enxovais encomendados por algumas casas reais da Europa, para oferta na ocasião de casamentos ou baptizados, mas também para alguns palácios republicanos, em especial para os Estados Unidos, e ainda para marcas de renome internacional como a *Christian Dior, Harrods, Augustos, Kenzo Takada*,

entre muitas outras.

Insistimos na preservação e salvaguarda dos desenhos e da documentação existentes nesta fábrica, porque a sua perda e destruição constituiriam simultaneamente a descaracterização da criatividade popular e do processo populacional. O objetivo da defesa deste património não se destina exclusivamente aos intelectuais nem aos investigadores. O nosso propósito é beneficiar toda a população, atual e futura, tendo como meta principal salvaguardar a memória dos homens anónimos que nos legaram a sua criatividade artística.

Com efeito, a defesa e a preservação do património é um direito que está consagrado na Lei fundamental da Constituição da República Portuguesa:

“ Incumbe ao Estado, por meio de organismos próprios e por apelo a iniciativas populares: criar e desenvolver reservas e parque nacionais e de recreio, bem como classificar e proteger paisagens e sítios, de modo a garantir a conservação da natureza e a preservação de valores culturais de interesse histórico ou artístico ... ” (Artº 66 – Nº 2, alínea C)

Das dezenas de Fábricas de Bordados da Madeira, aquelas que existiram e hoje estão extintas, não existem quaisquer registos gráficos (desenhos) dessas casas, para além da memória que o tempo acabará por remeter para o esquecimento. É lamentável, por exemplo, que não houvesse uma consciência do valor de um arquivo sobre os cursos de desenho de bordados e o de embutidos e debuxadores de bordados da antiga Escola Industrial António Augusto de Aguiar. Dessa época, infelizmente, chegaram até aos nossos dias apenas alguns embutidos e nada mais.

A *P&G - Fábrica de Bordados* é a única que mantém no seu espólio de desenho alguns dos trabalhos desses alunos anónimos saídos dos referenciados cursos industriais da Escola Industrial António Augusto de Aguiar.

Esta fábrica teve a honra de receber a visita e de fornecer artigos por ela produzidos nestes últimos dez anos para muitas individualidades como: Rainha da Suécia, que comprou o enxoval para o casamento de sua filha; a Embaixada dos EUA, que comprou em 2009 vários artigos de mesa; a Princesa Abeen Bint Turli Bin Abudaliziz Al-Saul da Arábia Saudita, que comprou em 2011 uma grande quantidade de artigos de mesa; a atriz Brigitte Nielsen, entre outros.

Note-se que o esforço para salvaguardar e preservar os bens culturais tem sido desenvolvido, sobretudo, por instituições internacionais especializadas, como é o caso da

UNESCO, o ICOM, o ICOMOS e a FEC, entre outras.

Alguns países têm desencadeado um esforço para a preservação e proteção do seu património cultural e artístico, de que são apanágio a Itália, França, Bélgica, Alemanha, Holanda e Brasil, entre outros.

Mas não cabe apenas ao Estado zelar pelos bens culturais, históricos e artísticos da Região, sem que antes tenha que haver uma sensibilização e mobilização da população para a consciência coletiva.

Contudo, só isto não chega, pois não podemos obter resultados que sejam satisfatórios, se não houver apoios financeiros por parte de organismos do Estado, nomeadamente para a criação de um espaço museológico à altura das nossas legítimas aspirações, a fim de que futuramente, por incúria e insensibilidade, não tenhamos de vir a lamentar uma perda patrimonial irremediável.

Embora tomando a importância didática subjacente ao espólio vastíssimo de desenhos pertencentes a esta fábrica, não pretendemos ser fatigantes, mas afirmamo-nos persistentes no que respeita à oportunidade da defesa da nossa iniciativa, frisando a importância da criação de legislação própria, de forma a promover a proteção deste tipo de acervo histórico e artístico e educativo⁹⁰.

Concluiremos, citando Ramalho Ortigão: “ *É unicamente pela arte inerente à natureza humana, progressiva e terna, que hoje em dia os homens se associam ao destino e na solidariedade da espécie.*” (Ortigão, 1943).

São estes exemplos que nos levam a concluir que o percurso atual e futuro desta fábrica terá de assentar na consciencialização do verdadeiro interesse e necessidade de a transformar num museu vivo.

⁹⁰ O texto das páginas 76 e 79 teve a colaboração do Professor Tarciso Moreira.

1. O edifício

O edifício é um exemplar de arquitetura do *Estado Novo* responsável por albergar, desde a sua construção, uma vastíssima coleção de desenhos de Bordado da Madeira e documentação referente a esta indústria artesanal, desde o início do séc. XX, bem como uma vasta coleção de mobiliário e equipamentos indispensáveis à produção do bordado e, ainda, um importante património imaterial associado ao setor.

A propósito deste edifício, o historiador Alberto Vieira escreveu:

“A Casa de Bordados Gouveia, à Rua do Visconde de Anadia, tinha sido construída segundo uma arquitetura de estilo novo. Não era uma adaptação de conserto de edifício velho para a indústria do bordado. Obedeceu a um plano utilitário de ajustamento às várias modalidades do ofício a que não faltava o conforto e a beleza. Aquele prédio de linhas modernas, de três andares, concita aos olhos para o admirarem.

Qualquer andar, para o lado da rua, tem uma correnteza de janelas que abrem para comprida varanda. No rés-do-chão, vitrinas formam os umbrais das portas da loja de exposição e venda. Dentro delas há manequins a ostentarem vestidos, blusas e camisas com rendilhamentos bordados de desenhos de mágico labor. Vêm-se toalhas de mesa de consertada harmonia de cores, de estranhos recortes, com variadíssimos abertos a sobressaírem no enrugado grosso em feitio de meia-lua, em encadeamento de arcos, circunferências e elipses, e sem cujas pontas parece que se estamparam flores naturais com pétalas de originalidade singular; outras de desenhos de fantástico molde, onde há vestígios da imaginação dos artistas persas, cretenses, helénicos, romanos e árabes cobrem as vidraças interiores das vitrinas. E ainda havia aquelas de cuja combinação prodigiosas de linhas resultavam maravilhas de relevos quase incríveis por saírem de mãos de camponesas rudes.”⁹¹. (Vieira, 1999).

O edifício surgiu da crescente necessidade que o deus fundador, JDMG, teve em procurar espaços, inicialmente para alugar, dentro do Conselho do Funchal, que pudessem ser adaptados a fábrica de bordados e que dessem resposta às exigências do mercado de

⁹¹ Vieira, Alberto. Ob. cit.

procura dos artigos. Primeiro, na Rua Bela de Santiago, Freguesia de Santa Maria Maior; depois, na Rua das Rosas, Freguesia de Santa Maria Maior; depois, na Rua Dr. Vieira, atual Rua da Carreira nº 149, Freguesia de São Pedro, e, depois, na Rua do Carmo, nº 72, Freguesia da Sé.

Foi assim que surgiu uma escritura, a 12 de dezembro de 1942, onde aparece JDMG a adquirir o prédio da Rua do Carmo nº 72, com entrada comum pelo nº 35 da Rua Visconde de Anadia⁹², pelo valor de Esc. 79.160\$00⁹³, onde passou a funcionar a fábrica de bordados e residência da família.

Depois, a 30 de Março de 1944⁹⁴, JDMG adquire a Jacinto Carlos Gomes, pelo valor de Esc. 90.000\$00⁹⁵, dois prédios urbanos⁹⁶, nº 33 e nº 34, na Rua Visconde de Anadia, freguesia da Sé do Conselho do Funchal.

A 30 de Julho de 1946⁹⁷ é lavrada escritura com a autorização a JDMG para proceder à reconstrução unificada dos dois prédios referidos e sobre a entrada nº 35, à Rua Visconde de Anadia.

Até à existência do edifício definitivo foram realizados dois projetos por E. Freitas. O primeiro projeto data de Setembro de 1945, localizado apenas no espaço ocupado pelo nº 33, e por isso seria um edifício mais pequeno que o original, não contemplando lojas para vendas locais. Possuía cave, r/c, 1.º e 2.º andares, e um sótão.

O segundo projeto data de dezembro de 1945 e ocupou os n.ºs 33, 34 e 35 da Rua Visconde de Anadia. Este projeto já previa quatro zonas para vendas locais, uma sala de alfabetização, uma cozinha, um refeitório, um vestiário, instalações sanitárias e um pátio para os funcionários, tudo instalado na cave do edifício e, ainda, uma garagem. O projeto sofreu algumas alterações, a saber: o sótão/águas furtadas foi aproveitado para dar lugar ao 3.º andar, onde foram construídas instalações sanitárias e a lavandaria, esta última prevista para

⁹² **Prédio** descrito na Conservatória do Registo Predial do Funchal sob o nº 14.599, a fls. 190 do Lº B-38º, inscrito na respetiva matriz predial sob o art. 0433.

⁹³ A aquisição a favor de JDMG foi inscrita na Conservatória do Registo Predial a 17 de dezembro de 1942 (Ap.01) sob a inscrição Nº 57.591, fls. 121 do Lº G-85.

⁹⁴ **Escritura** Pública de 1944-03-30, fls. 40 a 42vº Livro nº 226, no extinto Terceiro Cartório Notarial da Comarca do Funchal, João Telles de Mello, Cota ARM: 9379, R Visconde de Anadia, Nº 33 e 34, Funchal – Artº Urbanos Nº 420 e 422, Freguesia da Sé (220310) do Conselho do Funchal.

⁹⁵ A **aquisição** a favor de João de Deus Magno Gouveia foi inscrita na Conservatória do Registo Predial a 04 de abril de 1944 (Ap.05) sob a inscrição Nº 59.072, fls. 71 do Lº G-87.

⁹⁶ **Prédio** urbano com o Nº 33 de polícia, com direito de servidão pelo Nº 32, descrito na Conservatória do Registo Predial do Funchal, sob o Nº 14.758, fls. 75 do Lº B-39º, inscrito na respetiva matriz predial sob o art. 0420, pelo valor de Esc. 60.000\$00.

Prédio urbano a sul com o anterior, com o Nº 34 de polícia, descrito na Conservatória do Registo Predial do Funchal sob o Nº 6.382, a fls. 35 do Lº B-15º, inscrito na respetiva matriz predial sob o art. 0422, pelo valor de Esc. 30.000\$00.

⁹⁷ **Escritura** Pública de 1946-03730, fls. 47a 49, L. 315-C, Primeiro Cartório Notarial do Funchal, Frederico Augusto de Freitas, Cota ARM: 7931 R.Visconde de Anadia Nº 33 e 34 – Artº Urbano Nº 420 e 422, Freguesia da Sé (220310) do Conselho do Funchal.

Autorização de Jordão Meneses de Azevedo, proprietário do prédio urbano sito à Rua do Carmo Nº76, com acesso pelo Nº35 da Rua Visconde de Anadia, descrito na Conservatória do Registo Predial sob o nº 2.128, fls. 122 vº do Lº B-6º, inscrito na respetiva matriz predial sob o artº 0434, a que João de Deus Magno Gouveia, proceda a reconstrução unificada dos dois prédios referidos a possibilidade de construir sobre a entrada Nº35 à Rua Visconde de Anadia que a eles pertence.

o 2.º andar, assim como a garagem que não foi construída para poupar a construção do n.º 37 da mesma rua.

Concluída a edificação, a inauguração do edifício ocorreu a 20 de março de 1947 (Fotografia 1).



Fotografia nº 7 – Edifício da Fábrica de Bordados P&G, Rua do Anadia, N.º 35. Fotografia da década de 40. Arquivo da fábrica.

Na segunda década de 70, devido ao elevado número de visitantes que nessa altura já visitavam a fábrica, houve a necessidade de ampliar a área das zonas comerciais, e, assim, o edifício sofreu obras de ampliação para poente, ao nível da cave e do r/c, mantendo-se até hoje a mesma estrutura, mais precisamente a de um imóvel com uma área total de 1.500m², distribuídos por cinco pisos: cave, r/c, 1.º, 2.º e 3.º andares.

1.1. Tipo de construção

A construção do edifício iniciou-se no princípio de 1946 depois de terem demolido as pequenas construções que existiam no local e de terem procedido ao movimento de terras necessário até atingir a cota determinada pelo projeto, a fim de se fazer a cave e os arredores. As fundações foram feitas em betão ciclópico nos pilares.

É um edifício constituído por um conjunto de seis pórticos em betão armado que se desenvolvem paralelamente entre si, no sentido do menor vão. Distam cerca de 5,25m de eixo a eixo e os dois pórticos centrais distam cerca de 4,50m entre si.

Os pórticos são constituídos por um único vão e têm cerca de 11,00m de extensão entre os eixos dos pilares que se encontram nas suas extremidades.

As solicitações são transmitidas ao solo através de fundações diretas constituídas por sapatas.

A estrutura inclui ainda paredes resistentes, executadas em betão ciclópico ligeiramente armado com 0,50m de espessura, ao longo do perímetro exterior do edifício e caixa de escada, excetuando a fachada norte.

Os pisos são constituídos por soalho de madeira nobre – pinho de Leiria – 5/4, macheado, assente sobre uma estrutura simplesmente apoiada de barrotes de madeira de til. Estes barrotes apoiam diretamente nas vigas de betão armado constituintes dos pórticos. O *hall* de entrada e o corredor do r/c têm pavimento de ladrilho. O pavimento da loja dos bordados r/c é em mármore branco e preto. As outras lojas do r/c e a cave têm pavimento revestido a mosaico cerâmico. Os pavimentos exteriores são em betonilha de cimento.

Entre o pórtico localizado mais a norte e a parede exterior do alçado norte a estrutura dos pavimentos dos diversos pisos é em betão armado. Estas lajes apoiam-se nas vigas desse pórtico, nas paredes resistentes de betão ciclópico dos alçados nascente e poente e numa cortina de pequenos pilaretes de betão armado, que, em conjunto com troços de parede de alvenaria, formam a estrutura do alçado norte do edifício.

O piso do r/c, no lado sul do edifício, entre o 1.º e o 3.º pórticos é também constituído por uma laje em betão armado. O edifício, na cave e r/c, espaço compreendido entre estes pórticos, foi ampliado para o lado poente dando uma maior amplitude à loja da cave (*Gouveias Lda.*) e ao bazar do r/c (*JDMG e Filhos Lda.*). A ampliação foi executada através de uma estrutura simples, reticulada, viga/pilar, em betão armado e paredes em alvenaria de blocos de betão. A estrutura da cobertura desta ampliação é em laje de betão

armado.

A cobertura em telha cerâmica está assente sobre uma estrutura de madeira de til, construída por: ripa, varedo, madres e asnas, que lhe conferem uma forma de caixotão onde são fixadas as telhas e o teto falso no interior. Toda esta estrutura é apoiada unicamente nas paredes exteriores do edifício.

Nos pisos 1 e 2 existem sacadas visitáveis constituídas por lajes em consola de betão armado com cerca de 0,90m de vão. As guardas das sacadas são de betão armado, com a altura de 0,60m, e encimadas por grade de ferro forjado.

No r/c, as paredes divisórias foram executadas em alvenaria de blocos de betão argamassados de 0,10 e 0,14m, desenvolvendo-se desde o pavimento até ao teto. Nos restantes pisos, as poucas paredes existentes foram executadas de forma semelhante. As restantes divisórias são constituídas por painéis de madeira, encimadas por lambrim envidraçado de vidro martelado até à altura de 2,20m.

As paredes exteriores e interiores são pintadas sobre acabamento liso.

Os tetos são constituídos por painéis de estafe pintados.

Os diversos pisos, com exceção da cave, apresentam pés-direitos livres com cerca de 3,90m.

O acesso vertical, localizado junto ao alçado poente, na parte central do edifício, é constituído por uma escada de madeira de castanho sobre estrutura do mesmo material com três lanços entre cada piso. O espaço existente entre os lanços está ocupado por um ascensor.

A porta principal e a porta interior do *hall* são de madeira de mogno do Brasil polido. Os vãos exteriores apresentam caixilharias em madeira de pinho, pintadas, e as portas e janelas são em madeira envidraçada. Os aros dos vãos são em madeira de castanho. No piso 0, as montras das lojas apresentam caixilharias em alumínio lacado. As portas interiores são em madeira de pinho branco engradadas, sendo as almofadas aplicadas em madeira de criptoméria.

As instalações sanitárias e lavandaria localizam-se no extremo noroeste do edifício, centralizando neste local as redes de águas de abastecimento, em tubos de ferro galvanizado, e de saneamento, em manilhas de grés de 0,10m, nos tubos de queda, e de 0,15m, nos ramais, ao longo dos diversos pisos⁹⁸.

⁹⁸ O texto das páginas 76 e 77 teve o apoio do Engenheiro Ricardo Fernandes.

1.2. Localização do imóvel

O edifício fica situado no Funchal. Este Município ocupa hoje uma área de 76,15 Km² (Imagem 1), distribuída por dez freguesias, onde residem, segundo os Censos⁹⁹ de 2011, 111.892 habitantes (cerca de 41,8% da população da RAM), sendo, por isso, o mais densamente povoado da região, com cerca de 1469 hab/Km². Esta elevada densidade populacional não acontece de forma homogénea, porque a fixação da população é feita, de um modo geral, abaixo da cota dos 700 metros.

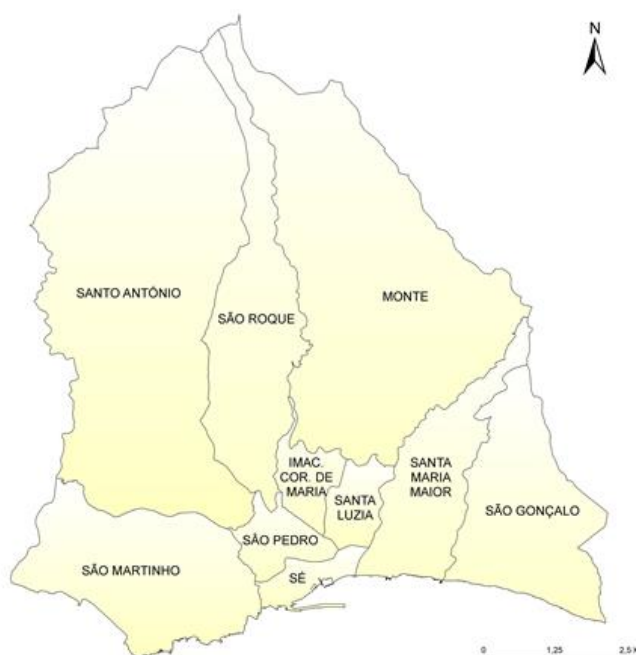


Imagem 24: Mapa de distribuição das Freguesias da cidade do Funchal. Google.

Apenas ¼ da população residente tem idades inferiores aos 24 anos e cerca de 16% situa-se acima dos 65 anos. As freguesias mais povoadas são a de Santo António e a de São Martinho e as menos povoadas são os três núcleos históricos: o de Santa Maria Maior, a nascente; o da Sé, ao centro, e o de São Pedro, mais a norte da cidade.

O edifício fica no limite que separa o Núcleo Histórico de Santa Maria Maior e o Núcleo Histórico da Sé, na Rua Visconde de Anadia, nº 35 (Imagem 2), uma das principais artérias da cidade.

O Núcleo Histórico de Santa Maria Maior teve início nos finais do séc. XV, onde se instalaram os primeiros habitantes. Este núcleo desenvolve-se paralelamente ao mar e vai desde a Ribeira de João Gomes, onde existia a antiga capela da Nossa Senhora do Calhau (primeira paróquia da ilha) e o antigo forte de São Filipe, até ao ainda existente Forte de São

⁹⁹ Dados com base nos resultados provisórios dos Censos 2011. Em relação aos dados dos Censos de 2001, o aumento de população foi de cerca de 7,6%.

In: http://www.cm-funchal.pt/cmfi/index.php?option=com_content&view=article&id=603:dados-sobre-o-concelho&catid=50:caracterizacao

Tiago. As muralhas que uniam estes fortes alinhavam as edificações do povoado composto, na altura, por gentes da pesca e de variados ofícios. É aqui que surge a primeira rua do povoado, a Rua de Santa Maria, que termina na Capela do Corpo Santo com uma pequena porta manuelina. O conjunto atual é classificado e constituído por edifícios de pequena escala, com uma grande riqueza volumétrica, completada por pormenores de interesse arquitetónico, tais como: janelas de guilhotina tripla, fornos, balcões, recortes de varandas de cantaria. Desde os fins dos anos setenta tem surgido nesta zona um pequeno núcleo de bares e restaurantes que dinamizaram esta zona, bem como o aparecimento de algumas unidades hoteleiras.



Imagem 25 – Zonas Históricas do Funchal. Google

O Núcleo Histórico da Sé foi para onde se desenvolveu a cidade depois do final do séc. XVI e início do séc. XVII e onde se estabeleceram os ricos comerciantes do açúcar locais e estrangeiros, onde se construiu o Paço Episcopal (atual Museu de Arte Sacra, com destaque para a coleção do núcleo de arte flamenga dos séc. XV-XVI), o Seminário e o Colégio dos Jesuítas, assim como o novo hospital da Misericórdia, nas imediações da Sé, edifício do séc. XVI (1514) de estrutura gótica e teto de alfarge¹⁰⁰, em madeira de cedro trabalhado ao gosto-mudéjar¹⁰¹.

Próximo da fábrica encontramos também o mercado dos lavradores, inaugurado em

¹⁰⁰ *Alfarge* designa um género de decoração, alegadamente de origem islâmica, usada na Península Ibérica, sobretudo no final da Idade Média. Aplica-se correntemente aos tetos, também chamados “mudéjares”, cuja estrutura de madeira aparente se combina com elementos com o mesmo perfil, mas puramente decorativos, entrelaçando-se de modo a formar figuras geométricas. Por isso se chama “carpintaria de laço” à técnica utilizada.

¹⁰¹ *Mudéjar*, estilo artístico que se desenvolveu exclusivamente entre os séculos XII e XVI (românico, gótico e renascentista) nos reinos cristãos da península Ibérica, que combina e reinterpreta arte islâmica, incorporando elementos ou materiais de estilo ibero-muçulmano.

1940, uma obra que preserva a arquitetura tradicional do *Estado Novo*¹⁰², num estilo que oscila entre a *Art Déco*¹⁰³ dos anos 30 e o *Modernismo*; o IVBAM - Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira, que possui uma coleção permanente sobre o bordado da Madeira e do artesanato, fazendo já parte de alguns circuitos de cidade; o teleférico que proporciona uma magnífica vista sobre a cidade, entre outros museus e locais de interesse turístico.

1.3. Estado de conservação

Desde março de 1998, o edifício está identificado como um imóvel de interesse para a CMF¹⁰⁴, pela sua arquitetura e pela sua singularidade de funções.

O imóvel apresenta robustez estrutural. Contudo, possui alguns problemas pontuais que, se não forem solucionados, poderão vir a tornar-se problemas graves no futuro, não só para o edifício, mas também para todo o Património que alberga, comprometendo o funcionamento das atividades das empresas que lá laboram.

Os elementos estruturais de madeira quer dos pisos, quer da cobertura, por se encontrarem encobertos pelos tetos falsos, não permitem verificar o seu estado de conservação, embora fotos recentes registadas aquando de uma intervenção apontem para um bom estado de conservação dos barrote de assentamento do soalho e da cobertura.

Os pavimentos em madeira necessitam de algumas reparações pontuais, nomeadamente no que se refere à limpeza e tratamento preventivo de madeiras.

As caixilharias necessitam de reparações, pintura, calafetagem e substituição de alguns vidros.

As zonas húmidas dos 2.º e 3.º pisos apresentam francos sinais de infiltrações provenientes das instalações sanitárias e da lavandaria, a necessitarem de intervenção a curto prazo, porque já são visíveis manchas consideráveis de fungos¹⁰⁵.

Pontualmente existem alguns vestígios de infiltrações de origem pluvial quer junto a vãos exteriores, quer junto a uma platibanda existente ao nível do teto do 2.º piso.

¹⁰² *Estado Novo*, também chamado de salazarismo, é o nome do regime político autoritário, autocrata e corporativista de Estado que vigorou em Portugal durante 41 anos sem interrupção, desde a aprovação da Constituição de 1933 até ao seu derrube pela Revolução de 25 de abril de 1974.

¹⁰³ *Art déco* é um movimento internacional na Europa em 1910, tem o seu apogeu nos anos de 1920 e 1930, declina depois de 1935 até 1939. A *Art déco* afeta as artes decorativas, a arquitetura, o *design* de interiores e desenho industrial, assim como as artes visuais, a moda, a pintura, as artes gráficas e o cinema.

¹⁰⁴ Câmara Municipal do Funchal. Identificação Nº 7.61, Cód. Inv. Freg. 7.61 Sé, de março de 1998.

¹⁰⁵ Os **fungos** desempenham um papel importante na decomposição de vários tipos de materiais que se encontram no edifício, como a sua própria construção ou a matéria orgânica dos acabamentos (madeiras) ou do património que alberga (papel, lãs, linhas e tecidos). Por isso é essencial travar a sua progressão e proliferação através da sua identificação e origem.

A instalação elétrica, quadros elétricos e sistema de iluminação também requerem alguma atenção.

Foram encontrados vestígios de alguns insetos no edifício, nomeadamente insetos xilófagos¹⁰⁶, o que conduz a uma necessidade urgente de intervir no sentido de controlar as pragas, uma vez que grande parte do espólio é constituída por madeira, papel e tecidos, materiais vulneráveis, pela sua constituição, ao ataque deste tipo de insetos.

A proteção, recuperação, conservação e valorização do edifício torna-se fundamental por se tratar de um exemplar da arquitetura de uma época, com qualidade, originalidade, integrado na diversidade da paisagem, que representa o suporte de uma memória coletiva essencial para identificar a atividade, a região, o território, a cultura e o país, mas também por ser ele o responsável por albergar uma importante coleção de bens móveis, de saberes e vivências.

A proteção, recuperação e valorização deste património constituem uma prioridade para melhorar a qualidade de vida das populações através da valorização do ambiente urbano, da paisagem e do património cultural que representam importantes fatores de desenvolvimento de uma região que vive essencialmente do turismo.

¹⁰⁶ *Xilófagos* são insetos que se alimentam de madeira (xilo – madeira; fago – comer). São causadores de grandes estragos em madeiras de construções, móveis, etc. Na região podemos encontrar essencialmente térmitas, alguns coleópteros e vários tipos de fungos, todos causadores de grandes danos.

Neste caso, foram encontradas térmitas. As térmitas possuem diferentes morfologias e funções: existem os reprodutores, os soldados e os obreiros, sendo os últimos os mais numerosos e os que produzem maior dano nas madeiras. Algumas térmitas só atacam madeira seca, outras atacam madeiras húmidas, em meio aeróbio ou anaeróbio.

A espécie encontrada foi a *Kalotermitidae*, da madeira seca. O desenvolvimento das suas colónias é limitado apenas a algumas espécies de madeira e as suas colónias são de algumas centenas de térmitas. A infestação das instalações ocorre durante o período de enxameação, quando um casal inicia uma nova colónia, ou pela introdução de uma peça contaminada e na qual existe uma colónia em desenvolvimento.

1.4. Espaços atuais e suas funções

Quadro 14: ESPAÇOS FÍSICOS ATUAIS

PISOS	DISTRIBUIÇÃO DOS ESPAÇOS FÍSICOS NO EDÍFICIO
CAVE	Área de venda de artefactos Área destinadas aos funcionários: Vestiários, Instalações sanitárias, Cantina, Gabinete médico Zonas técnicas – Armazém e Oficina Instalações sanitárias
R/C	<i>Hall</i> Entrada de serviço Loja/Boutique de Bordado da Madeira c/ vestiário e WC Um espaço que funciona como armazém Um espaço que funciona como escritório
1º PISO	Arquivo de desenho Secção de Desenho Secção de Picotagem Secção de tapeçaria Contabilidade e sala de arquivo Recebedoria Sala de administração Sala de direcção Instalações sanitárias
2º PISO	Secção de Estampagem Dois armazéns de <i>stock</i> Sala de apoio à exportação Instalações sanitárias
3º PISO	Zona da Bordadeira Lavandaria Engomadaria e dobragem Secção de acabamentos Embalagem e selagem Instalações sanitárias

Na cave existe um salão amplo, que ocupa a maior parte da área deste piso, com um pé direito de 3m, com cerca de 282m² (Imagem nº 26), destinado à exposição e comercialização de artefatos variados, provas e venda de vinho madeira.

Na parte norte deste piso existem dois armazéns, um com 35m² e outro com 7m²; um refeitório, com 18m², e um vestiário com 16m² para as vendedoras; um consultório médico com 18m² e uma zona central com instalações sanitárias para os funcionários.

As acessibilidades são feitas por um elevador e duas zonas de escadas. Uma zona de escada fica no *hall* de entrada, onde se encontra também o elevador; a outra zona dá acesso à loja de bordados (Bazar Anadia).

A ponte, e apenas com acesso pela área de serviço, existe outro refeitório com 19m² e instalações sanitárias só para as operárias.

A iluminação e o arejamento destes espaços são feitos por janelas de vidro texturado, colocadas junto ao teto, ao longo da fachada norte, e por uma clarabóia virada a poente.

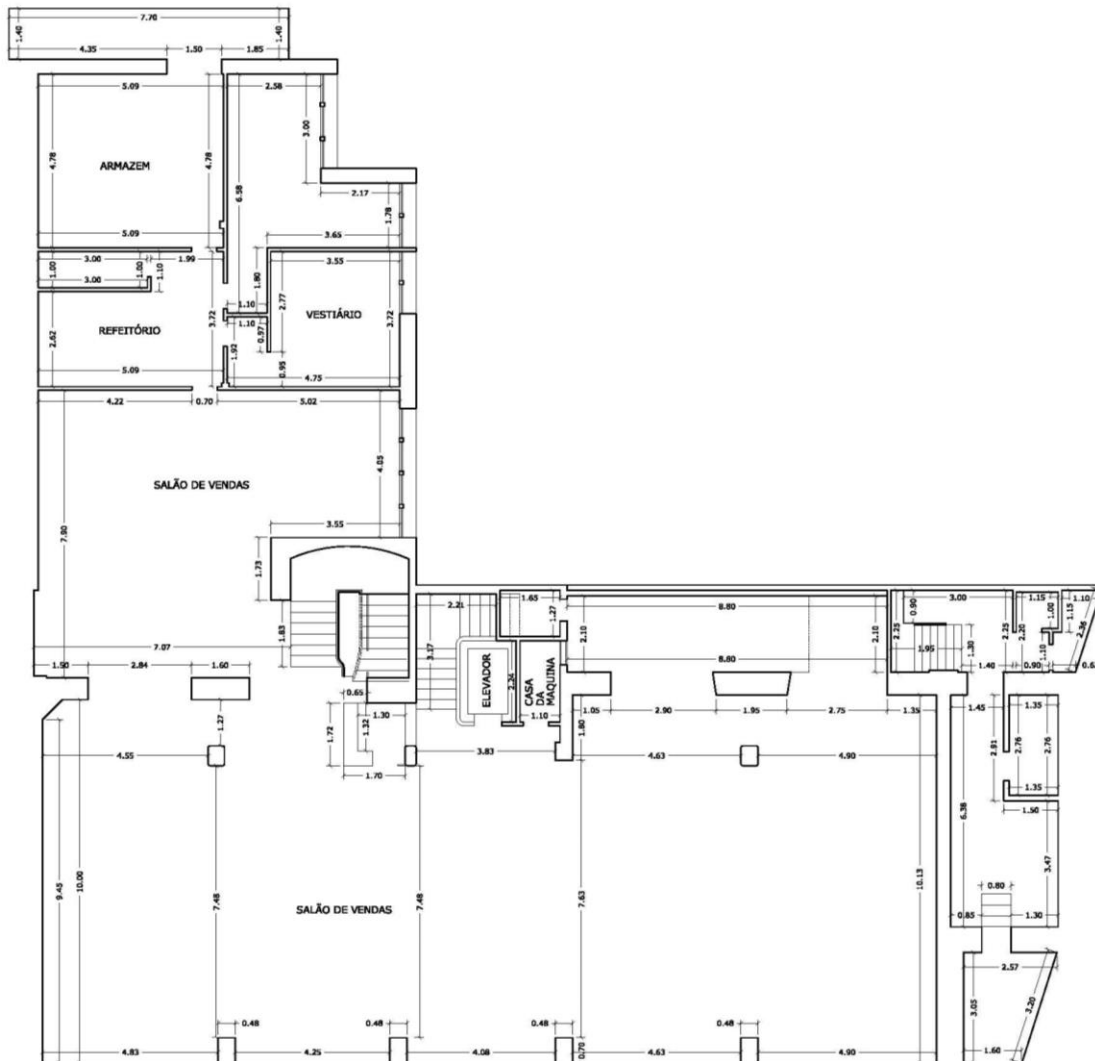


Imagem nº 26: Planta cotada da cave.

Todo o r/c é aberto para a rua Visconde de Anadia, fachada a nascente (Imagem nº 27).

Ao centro da fachada existe uma porta de entrada principal que dá acesso ao hall do edifício, uma porta de serviço, na parte mais a norte desta fachada, portas e montras para os

respetivos espaços (três) existentes para lojas.

Todo o r/c tem um pé direito de 3,90m. O *hall* de entrada é central ao edifício, tem cerca de 30m², e dá acesso às escadas e ao elevador que contemplam todos os andares; a loja para a venda de bordados (Bazar Anadia) fica a sul desse *hall*, tem cerca de 252m². A norte desta loja existe um vestiário para clientes e duas instalações sanitárias, uma para homens e outra para senhoras; os outros dois espaços que eram destinados a lojas localizam-se a norte do *hall* de entrada e têm 41m² e 57m², respetivamente, não estando a ser utilizadas para vendas. O primeiro espaço possui instalações sanitárias e está a ser utilizado como escritório; o segundo espaço tem uma zona de arquivo e um armazém, estando a ser utilizado como armazém de tapeçarias.

A entrada de serviço faz-se pelo corredor norte.

A iluminação deste piso é feita por grandes sacadas e montras viradas a nascente, janelas a poente, na zona do corredor de serviço, janelas com vidro texturado, colocadas junto ao teto, viradas a norte e a poente na loja de bordados (bazar), instalações sanitárias e vestiário, o que garante a luz e a circulação de ar necessárias.

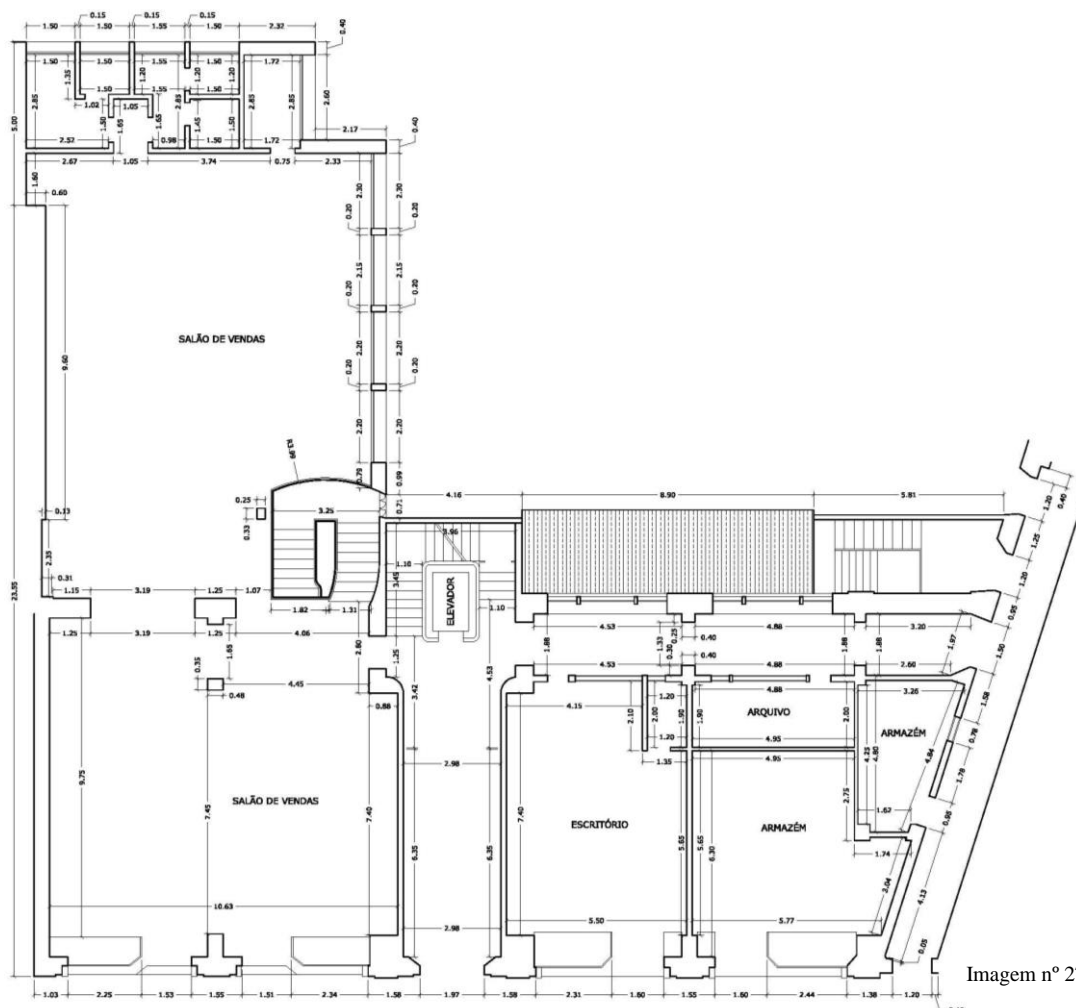


Imagem n° 27: Planta cotada do r/c.

A acessibilidade do r/c ao 1.º piso (Imagem nº 28) é feita por escada e elevador, localizados ao centro da fachada poente que dá acesso a um *hall* que comunica, através de divisórias amovíveis originais em madeira e vidro transparente ou texturado, com o escritório do atual diretor, ocupando uma área de 25m². Todo o 1.º piso tem um pé direito de 3,90m.

Na parte norte encontram-se as instalações sanitárias. A sala da administração tem cerca de 15 m² e, no momento, não está a ser utilizada. A zona de contabilidade, com divisórias amovíveis recentes, ocupa uma sua área total de 30m² e possui uma pequena sala de arquivo.

A recebedoria¹⁰⁷ ocupa uma área de 80m², possui divisórias amovíveis e balcão em madeira originais, para o atendimento aos agentes e às bordadeiras de casa, alguma parte do arquivo de desenho e *stock* de linhas.

No lado sul, também com divisórias amovíveis originais em madeira e vidro transparente ou texturado, encontramos a secção de tapeçaria, com 27m², e o seu arquivo de desenho. A secção de desenho de bordado Madeira, arquivo principal da fábrica, ocupa uma área de 51m². A secção de picotagem compreende cerca de 17m².

Neste piso existem grandes janelas e portas com sacada a nascente. Sobressaem grandes janelas, ao longo de toda a fachada poente, e janelas mais pequenas na fachada a norte. A escadaria é iluminada por uma abertura em vidro texturado.

A acessibilidade do 1.º ao 2.º pisos (Imagem nº 29) é feita por escada e elevador, localizados ao centro da fachada poente, dando acesso a um corredor que comunica, através de divisórias amovíveis originais em madeira e vidro transparente ou texturado, com a secção de estampagem, a norte e a sul, com a sala de exportação.

Todo o 2.º piso tem um pé direito de 3,90m.

A norte, com acesso à sala de estampagem, que tem 157m² de área, existem as instalações sanitárias e dois armazéns para os tecidos, um com 14m² e outro com 6,2m².

A sul situa-se a sala destinada à exportação, onde também se realizam algumas reuniões. Esta sala tem uma área de 102m² e ainda uma pequena zona, com divisória amovível feita em madeira, destinada a arrumos variados.

Tal como o 1.º piso, também aqui existem grandes janelas a nascente, grandes janelas, ao longo de toda a fachada poente, e janelas mais pequenas na fachada a norte.

A escadaria é iluminada igualmente por uma abertura em vidro texturado.

¹⁰⁷ A **recebedoria** é o nome dado ao local da fábrica onde as bordadeiras domiciliárias vão levantar os trabalhos a realizar e entregar os bordados feitos em sua casa.

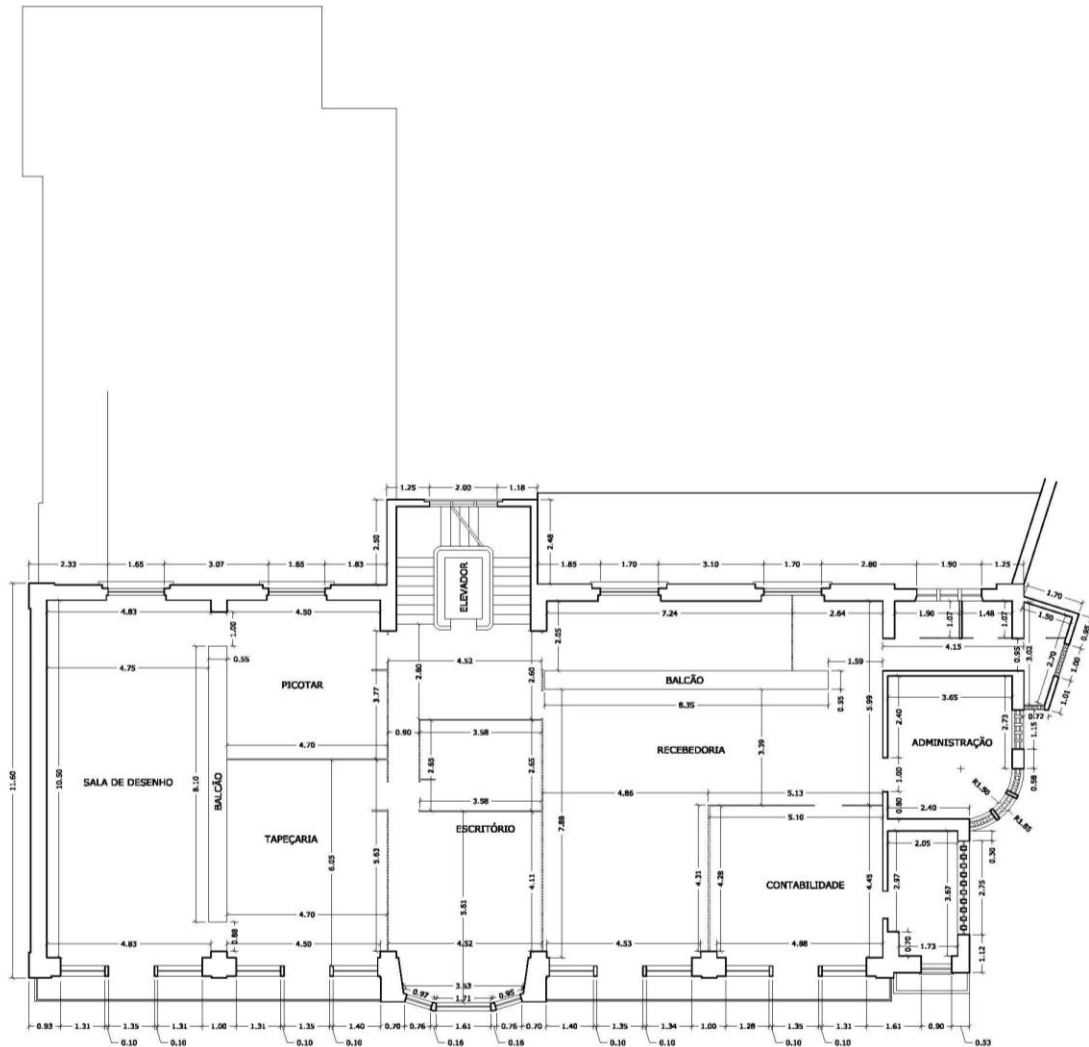


Imagem n.º 28: Planta cotada do 1.º piso

A acessibilidade do 2.º ao 3.º piso (Imagem n.º 30) é feita por escada e elevador, localizados ao centro da fachada poente.

O 3.º andar é uma sala ampla, com teto de caixotão, onde funciona a secção de lavandaria, engomadoria, dobragem, acabamentos, embalagem, selagem, ocupando uma área de 262m².

A lavandaria fica localizada a norte desta sala e ocupa 14m² de área. Junto à lavandaria há uma arrecadação, com 6m², e as instalações sanitárias.

Desta sala há um acesso, através de uma escada exterior localizada na fachada a poente, ao pequeno terraço onde existem os estendais para colocar roupa a secar e os depósitos de água que fornecem o edifício.

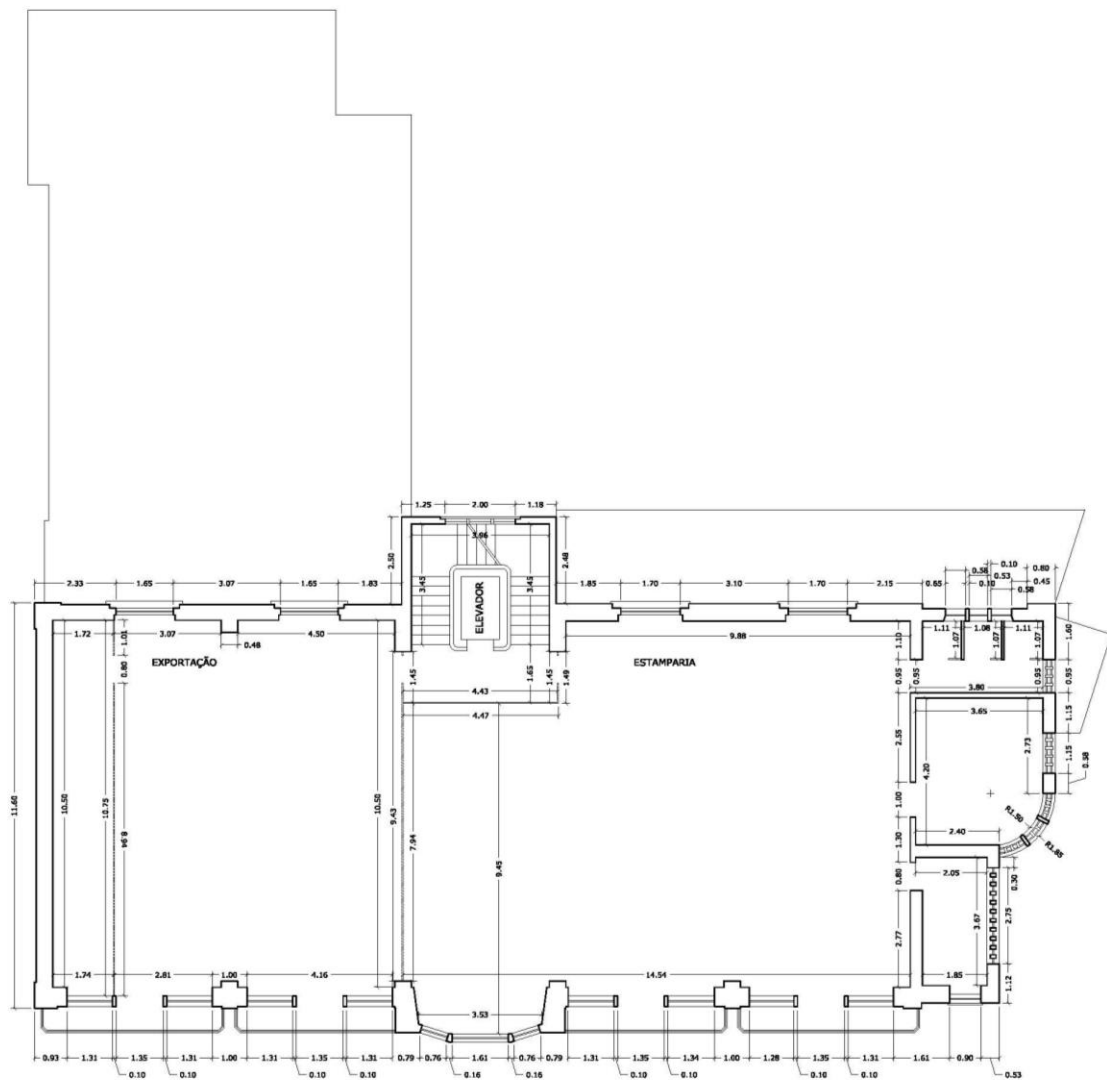


Imagem n.º 29: Planta cotada do 2.º piso.

Tal como nos pisos anteriores, o 3.º piso possui grandes janelas a nascente e grandes janelas, ao longo de toda a fachada poente, e ainda algumas janelas mais pequenas na fachada a norte.

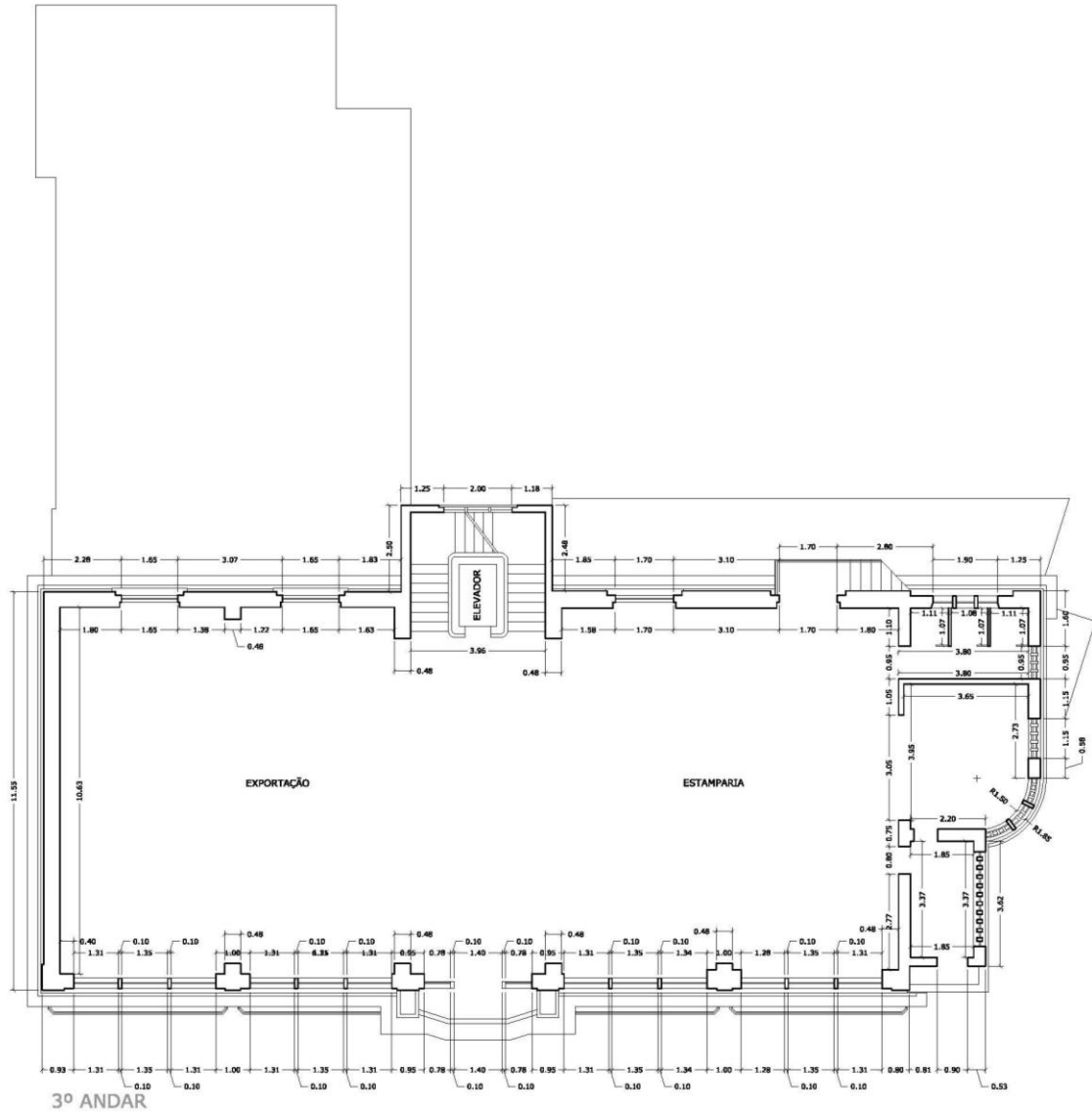


Imagem n° 30: Planta cotada do 3º piso.

2. As empresas

Dos elementos da família de comerciantes Murad Saydah encontramos vários registos na região (Khasel, Raymond, Alfred, Ferris e Cecil)¹⁰⁸. O primeiro registo desta família data de 24 de outubro de 1917, tratando-se de uma escritura em cartório de uma empresa, a *Saydah Importing Company*,¹⁰⁹ com sede em Nova Iorque, e que na região se situava na Rua Dr. Vieira, nº100, propriedade do banqueiro Henrique Figueira da Silva. Esta empresa deu continuidade à primeira fábrica alemã de bordados instalada na região para a produção e exportação do Bordado da Madeira para a Alemanha e que, a partir de 1917, com a família Murad Saydah passou a exportar directamente para os Estados Unidos.

Outros registos podem ser encontrados, um de 22 de março de 1919, tratando-se de um visto de viagem¹¹⁰ para Nova Iorque. Ferris Murad Saydah, um dos gerentes da fábrica de bordados *Saydah Importing, C^a*, nascido em 1896, natural dos EUA, solteiro, residente na Achada, freguesia de São Pedro, no Funchal.

Foram encontrados ainda registos de execução de uma hipoteca movida contra um cidadão local, no valor de 15.000\$00, em propriedades situadas no Porto da Cruz (zona norte da ilha) e posterior liquidação de dívida a 31 de abril de 1925¹¹¹. Uma encomenda de artigos bordados em maio de 1925, a cessação de atividade da *Saydah Importing, C^a*, por parte de Cecil Murad Saydah, outro sócio gerente da empresa, e posterior venda do mobiliário, a 6 de junho de 1925¹¹² (data da fundação da P&G), ao proprietário do edifício. São encontrados ainda alguns processos movidos contra a *Saydah Importing, C^a*, que resultaram em autos de execução fiscal administrativa executados pela Fazenda Pública, no valor de 39.119\$00, entre os anos de 1924 a 1932¹¹³, que nunca foram liquidadas pelo facto de Ferris M. Saydah estar em parte incerta e dele não existirem mais registos da família depois de junho de 1925.

JDMG nasceu em Machico a 14 de junho de 1906 e apenas com 14 anos de idade começou a trabalhar na *Saydah Importing, C^a*, onde já trabalhava AFP, primeiro como aprendizes, depois como agentes. O seu desejo de evoluir levou-o a frequentar, à noite, aulas de noções de comércio na então Escola Industrial e Comercial do Funchal, situada na Rua de Santa Maria, e cujas instalações foram para a Rua J. Tavira e depois para a Rua J. de Deus.

¹⁰⁸ Livros de passaportes n.ºs 1117 (20/03/1917 a 21/09/1920) e 1118 (21/09/1920 a 23/03/1929). D2, B10, E6, Pb. Governo Civil do Funchal. ARM.

¹⁰⁹ Escritura n.º 5103, Cartório Notarial do Funchal, notário João Valentim Pires. Livro 10, fls 24. ARM.

¹¹⁰ Idem. Livros de passaportes n.ºs 1117 e 1118. ARM.

¹¹¹ Caixa 445, n.º1. ARM.

¹¹² 1.º Cartório do Funchal, conservador Frederico Augusto de Freitas. Livro 199C, pág. 1 e pág. 97v.

¹¹³ Processos Judiciais n.ºs 1255 de 09/08/1932, n.º 1471 e n.º 1410 de 18/06/1932. Caixa 564, n.º21. ARM.

JDMG e AFP residiam na mesma casa, junto com suas famílias, na freguesia de Santa Maria Maior desta cidade (Rua da Saúde, Rua das Rosas e depois Rua Bela de São Tiago), locais onde começaram, a 6 de Junho de 1925, a produzir por conta própria encomendas que se destinavam aos EUA, presumivelmente feitas pelo cônsul austríaco Johann Franz Wagner e pela família Murad Saydah, ambos antigos gerentes da fábrica instalada na Rua da Carreira nº 100, a primeira fundada em 1880 pelo alemão Otto Von Streit, a *Casa Grande*, e a segunda fundada em 1917 pela família Síria Murad Saydah oriunda dos Estados Unidos, a *Saydah Importing C^a*. Assim nasceu a primeira P&G.

Por necessidade de espaço, foram sempre arrendando casas maiores, até que em 1933 arrendaram uma pequena casa que se destinava apenas à produção e exportação do bordado, que teve a sua primeira escritura a 28 de janeiro de 1933¹¹⁴, constituindo-se como sociedade comercial do tipo de quotas de responsabilidade limitada, sob a denominação de “*Patrício & Gouveia, Limitada*”, com um capital social nominal de dez mil escudos, dividido por duas quotas: uma no valor de três mil escudos, subscrita pelo sócio AFP, e outra no valor de sete mil escudos, subscrita a JDMG. A sociedade tinha então sede à Rua Dr. Vieira (atual Rua da Carreira) nº 149, no Funchal. A empresa tinha como objetivo a produção, comercialização e exportação do Bordado da Madeira. A gerência pertencia a ambos.

O sócio AFP veio a falecer em janeiro de 1934 na sua residência, Rua da Rosa, nº 8, no Funchal. A sociedade foi dissolvida e liquidada pelo valor nominal da quota, ficando JDMG único proprietário, e a empresa passou a denominar-se “*Patrício & Gouveia, Sucessor Limitada*”.

Mais tarde, uma nova escritura foi realizada, mais precisamente a 30 de março de 1942¹¹⁵, altura em que a fábrica já estava instalada desde 1941 num prédio urbano, de maior dimensão, locado e mais tarde adquirido a Engrácia de Jesus Moreira, situado na Rua do Carmo nº 72, na freguesia da Sé, Concelho do Funchal.

Depois da construção do novo edifício (1946/48), este foi destinado exclusivamente à Indústria de Bordado da Madeira (fabrico, venda local e exportação), na Rua Visconde de Anadia, nº 34, freguesia da Sé do Funchal¹¹⁶.

Numa escritura, datada de 31 de dezembro de 1952¹¹⁷, é constituída sociedade comercial¹¹⁸ do tipo por quotas de responsabilidade limitada, sob a denominação de *P&G*

¹¹⁴ **Escritura** Pública de 1933-01-28, fls. 47 a 48vº, Livro nº 140, no extinto Terceiro Cartório Notarial da Comarca do Funchal, João Valentim de Pires, Cota ARM: 6743 Patrício & Gouveia Ldº. – R Dr. Vieira (R da Carreira), Nº 149, Funchal – (Constituição Sociedade).

¹¹⁵ **Escritura** Pública de 1942-03-30, fls. 27 a 29vº, Livro nº 209, no extinto Terceiro Cartório Notarial da Comarca do Funchal, João Valentim de Pires, Cota ARM: 9362 Patrício & Gouveia Ldº. – R do Carmo, Nº 72, Funchal – (Dissolução e Liquidação Sociedade).

¹¹⁶ **Inscrição** na respetiva matriz predial sob o artº 0894.

Sucessoras Lda, designação mantida até hoje, com o capital social integralmente realizado no valor de 500.000\$00, dividido por três quotas, sendo uma, no valor de 490.00\$00, subscrita a JDMG, e duas, no valor de 5.000\$00, subscritas às suas filhas gémeas, ficando a gerência pertencente exclusivamente ao sócio maioritário. Nesta escritura também se estabelece a forma legal do direito ao arrendamento e o custo mensal da renda a aplicar. O senhorio do imóvel seria JDMG e o arrendatário a sociedade que pagaria mensalmente 3.000\$00, a partir de 1 de janeiro de 1953¹¹⁹.

JDMG casou segunda vez e desse casamento resultaram dois filhos.

A morte de JDMG, em 1989, deu origem a uma nova atualização do Capital Social da empresa, que passou a ser de 30.000.000\$00, e a uma redistribuição de quotas, porque a segunda mulher e seus dois filhos herdaram parte desta empresa, ficando na altura para a segunda mulher 25% do valor da quota de JDMG e para cada um dos filhos (4) 18,75% dessa mesma quota.

Com a introdução da moeda única, houve um ajuste de valores da empresa, o valor de capital da empresa foi atualizado e passou a ser de 150.016,00 Euros.

Depois da morte da segunda mulher de JDMG, os filhos desse segundo casamento herdaram a quota da sua mãe.

Com a morte das gémeas, houve nova alteração e até à data as quotas estão distribuídas da seguinte forma: 35,9375% para os herdeiros de uma das gémeas, 35,9375% por dois dos netos e 14,0625% para cada um dos filhos do segundo casamento.

Por questões de ordem familiar, JDMG criou uma empresa para contemplar estes dois últimos filhos. Assim, no mesmo edifício (cave), e depois da ampliação do espaço nos anos 70, é constituída sociedade comercial do tipo por quotas de responsabilidade limitada, sob a denominação de “*Gouveias Lda*”¹²⁰ com o objetivo de indústria e comercialização de artigos de artesanato, designação mantida até hoje. Essa escritura foi realizada a 22 de março de 1978 e tinha na altura um capital social de 500.000\$00, dividido por quatro quotas, sendo: 75% desse valor atribuído às suas duas filhas gémeas e os outros 25% divididos pelos seus

¹¹⁷ **Escritura** Pública de 1952-12-31. No Terceiro Cartório da extinta Secretaria Notarial do Funchal, João Telles de Mello. Livro nº 279-B, fls. 23 vº a 30. Com o capital social de 30.000.000\$00. Matrícula na Conservatória 1361 flh 133 – Livro C 4º. Nesta mesma escritura foi titulada a localização do referido prédio urbano, propriedade de JDMG, sito à Rua Visconde de Anadia nº34, freguesia da Sé do conselho do Funchal inscrito na respetiva matriz predial sob o artº 0894.

¹¹⁸ A constituição da **sociedade** foi registada na Conservatória do Registo Comercial do Funchal a 29 de abril de 1953 (Ap.01) pela inscrição nº 3.987, fls. 130 do Lº E.17º, sob a matrícula Nº 1.361 do Lº C-4º, fl. 133.

¹¹⁹ **Escritura** de arrendamento. Livro B, flh 55v de 25 de fevereiro de 1953, maço 41, nº 739.

¹²⁰ A constituição da **sociedade** foi registada na Conservatória do Registo Comercial do Funchal a 22 de fevereiro de 1981 sob a Matriz – 02484, fls. 105vº C-7º.

dois segundos filhos. A gerência foi entregue a todos os sócios. Mediante acordo, esta empresa paga uma renda mensal pela ocupação do espaço.

Com a introdução da moeda única e novas leis, a empresa foi obrigada a realizar um aumento de capital de 2.506,00 Euros, porque o capital social mínimo, por lei, passou a ser de 5.000,00 Euros mantendo-se as mesmas percentagens de quotas.

Depois da morte das duas filhas gémeas, uma em 2004 e outra em 2008, as quotas ficaram distribuídas pelos seus 5 netos, um dos seus genros e pelos dois filhos mais novos: o genro e dois netos ficam com 18,75% cada, três netos ficam com 6,25% e as quotas dos dois últimos filhos mantêm-se nos 12,5% a cada.

Por questões de ordem familiar, e agora também por necessidade de ordem fiscal, foi separada a empresa produtora e exportadora da empresa de venda local. Assim, dentro do mesmo edifício (r/c), é constituída sociedade comercial do tipo por quotas de responsabilidade limitada, sob a denominação de “*JDMG e Filhas Lda*”¹²¹ (conhecido *Bazar Anadia*) com o objetivo de indústria e comercialização de artigos de artesanato, designação mantida até hoje. Essa escritura foi realizada a 10 de fevereiro de 1981, com um capital social de Esc. 400.000\$00, dividido por três quotas, sendo: 50% para JDMG e de 25% para cada uma das suas filhas gémeas. A gerência ficou a cargo do fundador e de seus dois genros. Mediante acordo, esta empresa paga uma renda mensal pela ocupação do espaço.

Com a introdução da moeda Euro e novas leis, a empresa foi obrigada a realizar um aumento de capital de 1.995,19 Euros, porque o capital social mínimo, por lei, passou a ser de 5.000,00 Euros, mantendo-se as mesmas percentagens de quotas.

Com a morte de JDMG, a segunda mulher e os seus dois filhos herdaram parte desta empresa, ficando na altura para a segunda mulher 25% do valor da quota de JDMG, e para cada filho (4) 18,75% dessa mesma quota.

Depois da morte da segunda mulher de JDMG, os filhos desse segundo casamento herdaram a quota da sua mãe. Com a morte das gémeas, houve nova alteração e até à data as quotas estão distribuídas da seguinte forma: 34,375% para os herdeiros de uma das gémeas, 6,25% pelos herdeiros da outra gémea, 28,125% por dois netos e 15,625% para cada um dos filhos do segundo casamento.

¹²¹ A constituição da **sociedade** foi registada na Conservatória do Registo Comercial do Funchal a 10 de março de 1978 sob a Matriz – 02750, fls. 41, Livro C-8°. Com o Capital Social de 400.000\$00. Sociedade Comercial do tipo quotas em escritura a 22 de dezembro de 1980. Livro nº 570 – A. Terceiro Cartório.

A fábrica chegou a empregar, na década de 60, 229 operárias, 15 desenhadores e picotadores, 10 cargos de chefia e 24 vendedores nas suas instalações, para além de um número elevadíssimo (alguns milhares) de bordadeiras de casa e agentes que as representam. Atualmente trabalham 35 pessoas distribuídas de seguinte forma: “*Gouveias Lda*” – 6 funcionários; “*JDMG & Filhos, Lda*” - 9 funcionários (6 estão a recibo verde); “*P&G Sucrs. Lda*” - 20 funcionários, incluindo as operárias.

2.1. Situação financeira atual

O modelo empresarial existente atualmente data do final da década de 70, com contabilidade organizada e equipamentos amortizados ao longo dos anos.

Foi consultada documentação das três empresas desde 1994, embora a evolução dos quatro últimos anos, 2011 a 2014, sejam suficientes para fornecer o panorama geral da situação atual. De salientar ainda as dificuldades acrescidas no ano de 2010 (Gráfico 1), ano de aluvião, que fragilizaram toda a economia da região.

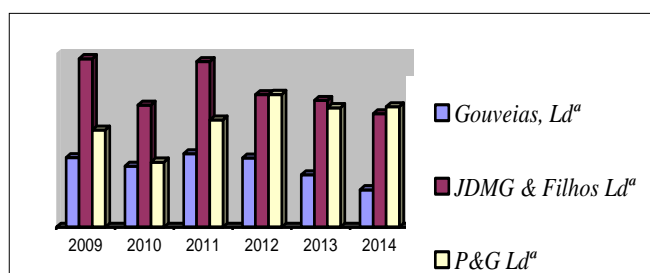


Gráfico 1 – Volume de vendas locais dos anos de 2009 a 2014 das três empresas.

Apesar de as empresas terem beneficiado anualmente, até 2013, de subsídios à exploração promovidos pelo IDE e terem usufruído da divulgação e da participação em feiras e mostras nacionais e internacionais promovidas pelo IVBAM, os resultados líquidos das três empresas apresentam valores negativos (Gráfico 2).

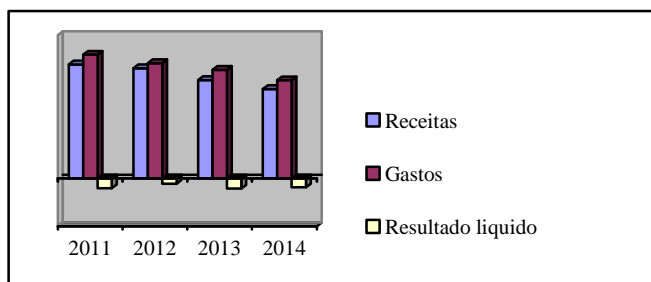


Gráfico 2: Resultado do exercício do conjunto das três empresas no período de 2011/14.

Atualmente, os clientes da fábrica são, essencialmente, constituídos pelo turismo

que visita a região. Existe ainda uma carteira de clientes destinada à exportação para Portugal continental, Inglaterra, Irlanda, Itália, Bélgica, Japão, Angola, Estados Unidos da América, entre outros.

2.1.1. “*Gouveias Ld.*”

Esta empresa é a que apresenta maiores dificuldades, sendo de assinalar que no período de 2011 a 2014 apresentou um decréscimo no total das receitas de 48,8% provocado por um decréscimo na venda de artigos e nos subsídios à exploração que recebia.

Neste período tem havido um esforço na redução total dos gastos de operacionalidade, na ordem dos 26,21%. Este decréscimo foi devido à redução da aquisição de mercadorias, bem como gastos com o pessoal, entre outros.

Os valores finais obtidos apontam para resultados operacionais e líquidos negativos, sempre no sentido do seu agravamento (Gráfico 3).

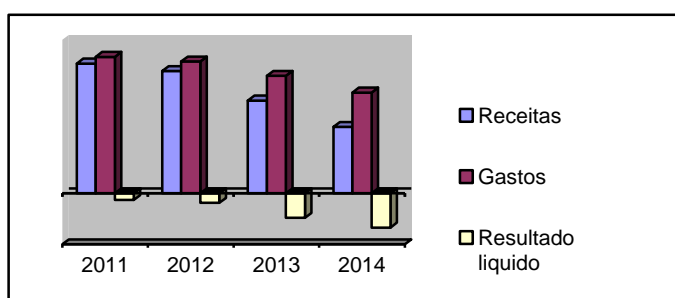


Gráfico 3: Resultados do exercício da empresa “*Gouveias Ld.*” no período de 2011/14

2.1.2. “*JDMG Ld.*”

No período compreendido entre 2011 a 2014, esta empresa, apresentou um decréscimo no total das receitas de 31,5%, provocado por um decréscimo na venda de artigos, bem como pela inexistência de subsídio à exploração no ano de 2014.

Neste período tem havido um esforço na redução total dos gastos de operacionalidade, mais precisamente na ordem dos 27,24%. Este decréscimo foi devido à redução da aquisição de mercadorias, a gastos com o pessoal, entre outros.

Os valores finais obtidos apontam para resultados operacionais e resultados líquidos negativos, embora no sentido do seu desagravamento (Gráfico 4).

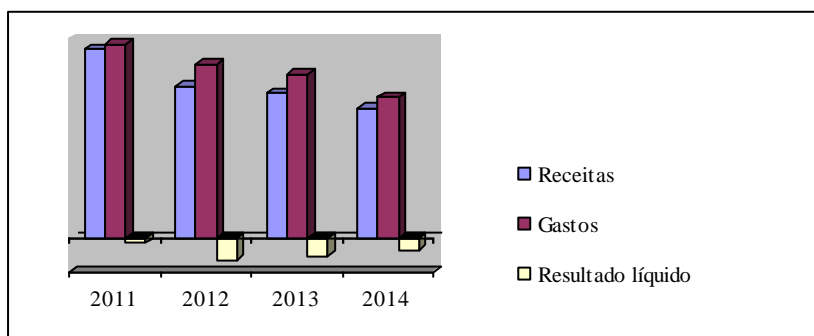


Gráfico 4: Resultados do exercício da empresa “JDMG Lda.” no período de 2011/14.

2.1.3. “P&G Sucr., Lda”

Esta empresa, no período de 2011 a 2014, também apresentou um decréscimo, embora menor, no total das receitas, que foi de 12,32%, provocado essencialmente por um decréscimo nas vendas.

Neste período houve uma redução nos gastos de operacionalidade, na ordem dos 8,81%. Este decréscimo foi, essencialmente, devido à redução da aquisição de mercadorias.

Os valores finais obtidos apontam para resultados operacionais e resultados líquidos que vão alternando ora negativos, ora positivos (Gráfico 5).

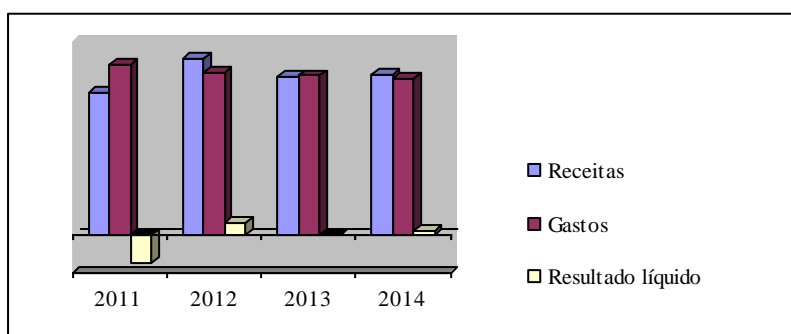


Gráfico 5: Resultado do exercício da empresa “P&G Sucres. Lda” no período de 2011/14

Em relação às exportações, atualmente o mercado nacional corresponde a cerca de 93% e o mercado internacional ao restante. Dos 7%, que se destinam à exportação, 42% são para mercados dentro da comunidade europeia e o restante para outros países (Gráfico 6).

Através da análise do período estudado verifica-se que a tendência de redução nas vendas foi idêntica em todos os mercados, tendo maior incidência nos países dentro da Comunidade Europeia (Gráfico 7).

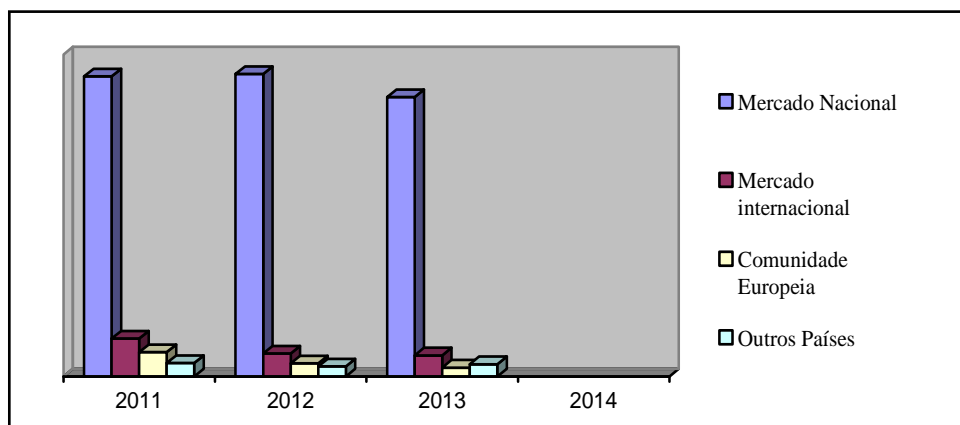


Gráfico 6 – Relação de vendas do mercado Nacional e Internacional da empresa *P&G Sucrs. Lda*

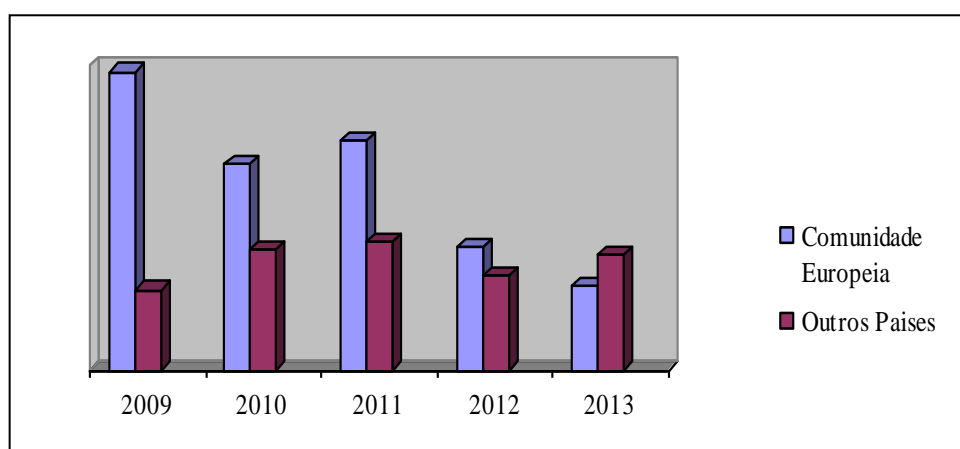


Gráfico 7 – Relação de vendas dos mercados dentro e fora da comunidade europeia da empresa *P&G Sucrs. Lda*

Hoje, o número de visitantes ainda são cerca de 90.000, redução que fica a dever-se a uma diminuição da procura destes artigos, à conseqüente diminuição na produção e no número de funcionários ativos, o que torna a visita menos atrativa.

Perante a dificuldade financeira das empresas, torna-se fundamental encontrar uma solução de reestruturação para que venham a tornar-se sustentáveis. Desta forma, pretende-se preservar o trabalho e o *saber fazer* tradicional de qualidade que caracteriza os artigos produzidos por estas empresas, preservar e criar novos postos de trabalho, formar, divulgar, modernizar e comercializar os artigos.

3. Recursos humanos atuais, competências e formação

Os 35 funcionários existentes na fábrica estão a trabalhar desde longa data, têm entre 11 a 54 anos de trabalho, sendo de registar que 6 dos 35 funcionários já são reformados e permanecem ao serviço mediante apresentação de recibos verdes.

Todos são nascidos entre a década de 30 e o final da década de 70. Os mais velhos são os responsáveis pelo atendimento ao público na loja da fábrica.

As suas habilitações máximas são o 9.º ano de escolaridade, alguns com alguma formação profissional.

As suas categorias profissionais são, essencialmente, de operários, vendedores, operadores de caixa, empregadas de limpeza, tradutor, informático, prestadores de serviços vários, decoradora e técnicos administrativos.

Existe ainda uma carteira com 31 agentes que representam 420 bordadeiras domiciliárias espalhadas por todo o arquipélago (Ribeira Brava, Câmara de Lobos, Quinta Grande, Calheta, Campanário, São Vicente, Estreito de Câmara de Lobos, Machico, Caniçal, Porto da Cruz e Porto Santo). Dados do ano de 2014 apontam para 270 bordadeiras e 21 agentes que prestaram serviços à produção dos artigos desta Fábrica nesse ano.

Uma grande parte dos gastos das empresas é destinada a suportar os encargos anuais com os recursos humanos (Gráfico 8), que neste período têm sido mais ou menos constantes.

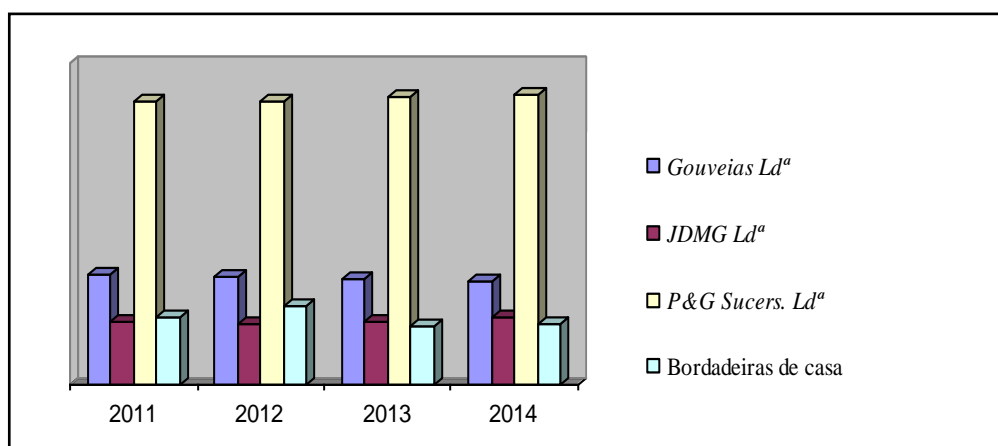


Gráfico 8 - Encargos anuais c/ recursos humanos das três empresas e com as bordadeiras de casa, nos anos de 2011/14

Quadro 15: RECURSOS HUMANOS da Empresa “*Gouveias Lda.*”

Sexo	Nascimento	Entrada na Empresa	Anos de casa	Habilitações literárias	Profissão/Categoria
F	1975/06	1994/07	21	Ensino básico – 9.º ano + Curso Profissional	Vendedora de loja
F	1959/08	1984/01	31	Ensino básico – 9.º ano	Vendedor de loja
F	1970/02	2004/05	11	Ensino básico – 6.º ano	Vendedor de loja
F	1970/08	1995/10	20	Ensino básico – 4.º ano	Emp. de limpeza
F	1956/03	1988/10	27	Ensino básico – 9.º ano	Vendedor de loja
F	1977/11	1994/05	21	Ensino básico – 6.º ano	Operador de caixa

Quadro 16: RECURSOS HUMANOS da Empresa “*JDMG & Filhos, Lda.*”

Sexo	Nascimento	Entrada na Empresa	Anos de casa	Habilitações literárias	Profissão/Categoria
M	1954/10	1971/09	44	Ensino básico – 4.º ano	Vendedor de loja
F	1951/01	1973/07	42	Ensino básico – 9.º ano + Curso Profissional	Operador de caixa
M	1970/07	2002/05	13	Ensino básico – 9.º ano	Vendedor de loja
M	1939	1962	54	Ensino básico – 9.º ano	Tradutor
M	1942	1942	49	Ensino básico – 4.º ano	Prestador de serviços
F	1934	1971	44	Ensino básico – 4.º ano	Prestador de serviços
M	1950	1964	51	Ensino básico – 4.º ano	Prestador de serviços
F	---	---	---	---	Decoradora
M	---	---	---	---	Informático

Quadro 17: RECURSOS HUMANOS da Empresa “*Patrício & Gouveia, Sucessores. Lda.*”

Sexo	Nascimento	Entrada na Empresa	Anos de casa	Habilitações literárias	Profissão/Categoria
F	1955/09	1986/03	29	Ensino básico – 4.º ano	Engomadeira
F	1954/01	1969/01	46	Ensino básico – 4.º ano	Encarregada de Industria Têxtil
F	1969/08	1986/04	29	Ensino básico – 9.º ano + Curso Profissional	Bordadeira
F	1951/04	1986/05	29	Sabe ler	Engomadeira
F	1957/03	1977/04	38	Ensino básico – 6.º ano	Apoio à produção
F	1951/05	1977/09	38	Ensino básico – 9.º ano + Curso Profissional	Engomadeira
F	1972/11	1972/11	43	Ensino básico – 4.º ano	Bordadeira
F	1955/05	1973/06	42	Ensino básico – 4.º ano	Serígrafo
F	1952/07	1987/08	28	Sabe ler	Engomadeira
M	1961/02	1984/02	31	Ensino básico – 9.º ano	Outro Superior Administrativo
M	1960/08	1983/10	32	Ensino básico – 4.º ano	Apoio à produção
F	1958/06	1986/02	29	Ensino básico – 4.º ano	Engomadeira
F	1966/12	1985/10	30	Ensino básico – 4.º ano	Bordadeira
F	1953/02	1971/05	44	Ensino Secundário Técnico Profissional	Outros Técnicos Administrativos
F	1968/09	2000/09	15	Ensino básico – 9.º ano + Curso Profissional	Engomadeira
F	1950/04	1973/02	42	Ensino básico – 4.º ano	Engomadeira
F	1960/12	1999/11	16	Ensino básico – 6.º ano	Designer de Prod. Indust. e Equip.
F	1950/04	1977/09	38	Ensino básico – 4.º ano	Bordadeira
F	1957/02	1974/02	41	Ensino básico – 4.º ano	Serígrafo
F	1950/09	1977/09	38	Ensino básico – 4.º ano	Engomadeira

4. Bens móveis

Os bens móveis da P&G, são constituídos por desenhos e chapas de Bordado da Madeira, documentos das empresas, mobiliário e equipamentos.

4.1. Arquivo de desenho e chapas

O espólio de Desenho do Bordado Madeira que compõe o arquivo desta fábrica é constituído por um acervo que reporta à *Saydah Importing C^a.*, que teve o seu início de atividade a 24 de outubro de 1917.

Este espólio encontra-se num razoável estado de conservação, embora peque pela deficiente inventariação. A sua localização fica no 1.º piso do edifício, secção de desenho, recebedoria e secção de tapeçaria.

Na secção de desenho existem 527 caixas de cartão com desenhos de bordado, das quais 373, cerca de 70%, estão numeradas. A maior parte destas caixas, cerca de 78%, tem identificação do conteúdo através da numeração dos desenhos, nome do cliente, coleção ou tipo de tecido, que cada caixa contém. Na recebedoria existem 25 caixas de desenhos de bordado policromados e na secção de tapeçaria 24 caixas com desenhos para tapeçaria, todas sem identificação e sem numeração.

Ninguém sabe ao certo o número total de desenhos existentes porque algumas referências foram esquecidas ou perdidas no tempo, mas sabe-se que em relação à numeração actualmente em vigor existem 17 160 desenhos, sendo: 4 108 desenhos de lenços; 207 desenhos de blusas; 818 desenhos de vestidos de baptizado e 12 027 de outros artigos. Este número não corresponde à totalidade dos desenhos existentes, porque cada original é trabalhado e subdividido para realizar coleções, que podem ter cores, dimensões diferentes e composições idênticas baseadas no mesmo desenho, o que não deixa de ser considerado desenho original, posto que são igualmente numerados com o número do primeiro desenho seguido de medida, forma, cor, etc. Posto isto, e de acordo com a numeração das 527 caixas, 78% das 373 caixas que apresentam numeração e identificação do seu conteúdo, existem 196 024 desenhos diferentes, o que nos leva a acreditar que o arquivo principal poderá conter na sua totalidade cerca de 360 000 desenhos diferentes distribuídos pelas 527 caixas existentes, número que não está inteiramente confirmado porque ainda estamos a proceder ao levantamento do número exato de desenhos.

Na secção de recebedoria existem algumas caixas de cartão com desenhos policromados originais ou variantes policromadas do mesmo desenho. Também não se sabe o número exacto de desenhos, mas calcula-se que possam conter cerca de 17 000 desenhos.

Na secção de tapeçaria existem os desenhos referentes a esta secção, mas o seu número total também é desconhecido, embora se presuma que não deve ser superior a meia centena.

Na secção de desenho e de tapeçaria podemos encontrar todos os livros de registo dos desenhos existentes nas caixas de cartão, o que não acontece na recebedoria porque não existem livros de registo dos desenhos lá existentes.

Na secção de estamperia existem todos os desenhos picotados (chapas) que foram ou estão a ser estampados em tecido para serem bordados.

Algumas chapas estão em rolo e dispostas em prateleiras, com identificação do seu conteúdo, outras são dobradas e colocadas em 54 caixas de cartão lá existentes. O número total de chapas não é conhecido.

Quadro 18: INVENTÁRIO DO ARQUIVO DE DESENHO

	Dimensões das caixas: Alt. x Larg. x Comp.	Quantidade de caixas	Volume total
Caixas de cartão com desenhos originais para Bordado Madeira	18,5cm x 32cm x 53cm	527	16,5m3
	28,2cm x 47cm x 56cm	8	0,6m3
	13cm x 41cm x 60cm	2	0,06m3
Observações: Estas caixas estão no arquivo da secção de desenho, apenas 373 estão numeradas e o registo dos conteúdos feito.			
Caixas de cartão com desenhos originais policromados para Bordado Madeira	19cm x 43cm x 50cm	15	0,6m3
	12cm x 38cm x 47cm	10	0,2m3
Observações: Estas caixas estão na recebedoria sem numeração e sem registos.			
Caixas de cartão com desenhos originais para Tapeçaria	18cm x 43cm x 51cm	24	0,95m3
Observações: Estas caixas estão na secção de tapeçaria, umas contêm desenhos, outras peças originais bordadas que servem de exemplo para serem copiadas.			



Fotografia nº 8: Zona do arquivo de desenhos do Bordado da Madeira originais. Secção de desenho. (G. Garrido).

Quadro 19: INVENTÁRIO DE CHAPAS DA SECÇÃO DE ESTAMPARIA

	Dimensões das caixas: Alt. x Larg. x Comp.	Quantidade de caixas	Volume total
Chapas para estampagem	21cm x 40cm x 78cm	54	3,5m ³
Chapas em tubos para estampagem			35m ³
Observações: As chapas estão todas na secção de estampagem. As que estão em rolo encontram-se em prateleiras com identificação da numeração da respetiva chapa, que corresponde à numeração do desenho original, as 54 caixas estão sem identificação.			
Livros de desenhos			Cerca de 0,5m ³
Observações: Existem alguns livros que contêm estampagem de pequenos desenhos.			



Fotografia nº 9: Arquivo de chapas. Secção de estampagem. (G. Garrido).

4.2. Documentação

A documentação existente nesta fábrica é constituída por um vasto número de registos biográficos de todos os funcionários que trabalharam, desde 1936, nesta fábrica (antes da construção do edifício), e dos que ainda trabalham. Esses registos identificam os funcionários, as suas atividades, as datas de entrada na fábrica, as suas remunerações, o período de gozo de férias, as datas de entrada na fábrica e as causas da sua saída.

Existem registos das bordadeiras de casa, bem como dos agentes. Estes registos podem localizar as bordadeiras, os seus perfis, as peças que realizaram, e os agentes que as representavam.

Já foram identificados alguns dos desenhadores que trabalharam na fábrica, entre eles: Carlos Henrique Menezes de Carvalho (1946 até à década de 70); César Magno Gomes (1952 até à década de 80); José Manuel Crispim Gomes (1959 até à década de 90); Francisco João Câmara (1961-65); João Maurício Ferreira (1963 até à década de 90), entre outros.

Para além desta documentação, também existem *dossiers* que identificam o cliente, o destino dos artigos, o tipo de encomendas, a data e o valor, assim como pastas de fornecedores e registos financeiros das empresas.

A conservação e o estudo destes documentos é fundamental, já que são eles que nos fornecem informação para recriar a memória da fábrica e dos que a ela estiveram ligados.

Com efeito, é precisamente através da documentação existente que podemos recriar e justificar a importância, não só desta fábrica, mas de uma atividade e indústria que contribuiu para a sustentabilidade de uma região, para a fixação das populações e que faz parte da cultura e da memória coletiva de uma sociedade.

É através da documentação existente sobre os funcionários, não só dos que trabalharam e trabalham na fábrica, mas também das bordadeiras de fora e dos seus agentes, que podemos conhecer e criar o perfil de cada um deles, as suas funções, o seu percurso, as transformações e as condições laborais a que foram submetidos.

Com os *dossiers* dos clientes podemos conhecer os destinos do bordado, os mercados, o perfil e o gosto dos clientes a que se destinavam.

Com os *dossiers* dos fornecedores podemos conhecer a origem dos artigos utilizados para a confecção e a sua qualidade.

Por isso, toda a documentação pode ser considerada um Bem Cultural que tem sustentabilidade patrimonial porque não surge apenas enquanto documento, uma vez que a

razão da sua existência pode contribuir para uma identificação histórica, social e económica do percurso da P&G, da atividade e, inclusivamente, da região.

4.3. Mobiliário e equipamento

Todos os espaços estão equipados com mobiliário da época, estrutural (Fotografia 4) e móvel (Fotografia 5), a necessitar de tratamentos de conservação e restauro. Este mobiliário tem vindo a ser amortizado ao longo dos anos, por isso o seu valor actualmente é nulo, o mesmo acontece com o equipamento (Fotografias 5 e 6).

O mobiliário existente é todo de origem. É constituído por diversos tipos de cadeiras, bancos, mesas, armários, secretárias, expositores, balcões, prateleiras e outros objectos. Tudo está em utilização, embora, algum do mobiliário necessite de alguma intervenção de conservação e restauro, outro foi adaptado e transformado a novas necessidades, este último necessita de reparação e de recuperação da imagem original.

O equipamento é constituído por máquinas de costura, de escrever, de calcular, picotadoras, computadores, impressoras, fotocopiadoras, cofres, máquinas de lavar e de secar roupa, ferros de engomar, entre outros, algum deste equipamento já não está a ser utilizado porque deixou de funcionar ou porque foi substituído por outros mais modernos.

Todo o espólio existente tem sustentabilidade patrimonial, constituindo-se como um Bem Cultural em que a razão da sua existência tem valor como um conjunto integrado no edifício e na atividade, podendo contribuir para a identificação histórica de uma época e de uma indústria regional.



Fotografia nº 10: Divisórias com móvel incorporado. (G. Garrido).



Fotografia nº 11: Equipamento de escritório. (G. Garrido).

Fotografia nº 12: Pequeno objeto na secção de desenho, aparalápis fixo numa bancada de trabalho. (G. Garrido).



Quadro 20: INVENTÁRIO DOS BENS MÓVEIS E EQUIPAMENTOS

Cadeiras	C/ braços	S/ braços	C/ braços e estofado em pele	C/ braços e estofado em veludo
Cadeiras de madeira	2	13	11	1
Cadeiras em pele c/ rodízios	3	4		
Cadeiras em pele c/ pés metálicos		2		
Cadeirões c/ braços forrados a tapeçaria	4			
Sofás forrados a pele e braços de madeira	3			
Cadeiras recentes	4	2		
Observações: As cadeiras mais recentes são as que estão em pior estado de conservação e não são para recuperar. Todas as outras necessitam de uma limpeza, reparações de marcenaria e um tratamento de proteção e acabamento final.				
Bancos	Bancos corridos c/ e s/ costa Dimensões: Comp. x Larg. x Alt.	Quantidade	Altos p/ estirador	Outros bancos
Bancos de madeira	2,42m x 0,34m x 0,80m	7	7	34
	1,81m x 0,38m x 0,89m	2		
	1,27m x 0,38m x 0,89m	2		
	1,30m x 0,33m x 0,43m	7		
	0,33m x 0,48m x 0,43m	2		
Observações: Os 7 maiores bancos c/ costa e os 9 bancos s/ costa são pintados de branco os outros 4 são encerados. Todos estão infestados com insetos xilófagos. A tinta branca deve ser retirada e todos necessitam reparações de marcenaria e um tratamento de proteção e acabamento final.				
Mesas	Dimensões Comp x Larg. x Alt.	Quantidade	Dimensões Comp x Larg. x Alt.	Quantidade
Mesas em madeira para engomar c/ suportes aéreos e instalação eléctrica	58,30m x 1,10m x 0,76m	Divididas por 4 filas		
Mesas simples em madeira para trabalho	1,65m x 1,22m x 1,00m	1	1,80m x 1,00m x 0,85m	1
	2,50m x 1,00m x 0,93m	2	1,80m x 0,90m x 0,85m	2
	3,36m x 1,10m x 0,90m	1	2,50m x 0,77m x 0,80m	1
	1,10m x 0,78m x 0,90m	1	3,00m x 1,80m x 0,80m	1
	2,20m x 1,50m x 0,86m	1	2,00m x 1,40m x 0,80m	1
	2,20m x 1,18m x 0,86m	1	1,30m x 1,03m x 0,80m	1
	2,50m x 1,03m x 0,85m	1	2,80m x 0,90m x 0,80m	2
	2,42m x 1,15m x 0,85m	4	1,50m x 0,80m x 0,80m	1
	4,12m x 1,90m x 0,85m	1	1,35m x 0,95m x 0,80m	1
	3,80m x 1,90m x 0,85m	1	1,30m x 0,60m x 0,77m	3
	3,00m x 1,90m x 0,85m	1	1,70m x 0,92m x 0,77m	1
2,40m x 1,50m x 0,85m	3	2,40m x 1,00m x 0,71m	4	
Mesas simples em madeira c/ alçado	2,35m x 0,90m x 0,80m	1		
	0,85m x 1,00m x 3,80m	2		
Alçados para mesas	2,60m x 0,70m x 0,32m	1	1,35m x 0,64m x 0,47m	1
	2,60m x 0,42m x 0,32m	1		
Mesas em madeira para reuniões	2,30m x 1,12m x 0,83m	1		
	3,20m x 1,20m x 0,77m	1		
Estiradores	1,70m x 1,30m x 0,90m	1		
	1,50m x 1,10m x 0,88m	1		

Mesas de apoio	0,75m x 0,47m x 0,80m	1	0,68m x 0,45m x 0,70m	1
	0,45m x 0,33m x 0,78m	2	0,65m x 0,40m x 0,65m	1
	0,47m x 0,39m x 0,72m	1	0,70m x 0,70m x 0,60m	1
	0,50m x 0,60m x 0,70m	1	0,50m x 0,50m x 0,34m	3
Mesas c/ abas	1,20m x 0,57m x 0,92m	4		
	2,10m x 1,05m x 0,85m	1		
Observações: Quase todas as mesas de trabalho são construídas em madeiras brandas, as que se encontram junto a janelas estão atacadas por insetos xilófagos. Algumas devem ser recuperadas outras serão eliminadas. As restantes mesas, incluindo as 2 mesas de reunião, são de madeiras mais nobres, devem ser limpas, reparadas por um marceneiro e um tratamento de proteção e acabamento final.				
Armários	Dimensões Alt. x Larg. x Prof.	Quantidade	Dimensões Alt. x Larg. x Prof.	Quantidade
Armários estruturais em madeira c/ portas	1,77m x 7,90m x 0,84m	1	1,07m x 1,55m x 0,45m	3
	1,10m x 8,45m x 0,58m	1	0,89m x 1,85m x 0,83m	1
	1,09m x 3,10m x 0,40m	1	0,90m x 0,86m x 0,44m	1
Armários em madeira c/ portas em vidro	2,23m x 2,41m x 0,51m	1	1,95m x 1,20m x 0,52m	2
	2,15m x 1,50m x 0,40m	1	1,90m x 1,15m x 0,58m	1
	2,08m x 1,40m x 0,41m	1	1,86m x 2,00m x 0,36m	1
	2,02m x 1,47m x 0,48m	2		
Armários em madeira c/ portas em vidro e de madeira	2,50m x 2,18m x 0,56m	1		
Armários metálicos c/ portas metálicas	2,65m x 2,70m x 0,40m	1	1,70m x 1,10m x 0,50m	2
	2,22m x 1,78m x 0,40m	1	1,60m x 1,20m x 0,42m	2
	2,22m x 1,15m x 0,40m	2	1,10m x 1,65m x 0,45m	2
Armários metálicos c/ gavetas metálicas	1,32m x 0,45m x 0,62m	1		
Armário c/ porta em estore	1,48m x 0,90m x 0,32m	1		
	0,90m x 0,45m x 0,40m	1		
Outros armários de madeira c/ portas	1,86m x 0,95m x 0,47m	1	1,10m x 1,56m x 0,55m	1
	1,80m x 1,52m x 0,50m	1	1,10m x 3,00m x 0,60m	1
	1,75m x 2,17m x 0,50m	1	0,70m x 2,17m x 0,50m	1
Armários em madeira só c/ gavetas	2,36m x 1,26m x 0,56m	1	0,95m x 0,82m x 0,60m	1
	0,89m x 0,82m x 0,59m	1		
Observações: Alguns armários de madeira estão infestados com insetos xilófagos (não os armários estruturais), todos devem ser limpos, reparados por um marceneiro e um tratamento de proteção e acabamento final.				
Secretárias	Dimensões Comp. x Larg. x Alt.	Quantidade	Dimensões Comp. x Larg. x Alt.	Quantidade
Secretárias metálicas c/ gavetas e c/ tampo de madeira	2,06m x 0,75m x 0,82m	2	1,35m x 0,75m x 0,75m	4
	1,70m x 0,75m x 0,75m	3	1,20m x 0,60m x 0,75m	3
	1,60m x 0,70m x 0,75m	2	1,20m x 0,50m x 0,70m	4
Secretárias em madeira c/ gavetas	1,59m x 1,46m x 0,85m	1	0,83m x 0,40m x 0,78m	1
	1,50m x 0,80m x 0,75m	1	1,90m x 0,90m x 0,75m	1
	1,50m x 0,80m x 0,80m	2	1,30m x 0,70m x 0,75m	1
	1,55m x 0,78m x 0,78m	1	1,23m x 0,65m x 0,75m	1
Observações: As secretárias em madeira necessitam ser desinfestadas, limpas, reparadas por um marceneiro e um tratamento de proteção e acabamento final.				

Loja do piso 0	Dimensões Comp. x Larg. x Alt.	Quantidade
Expositores/balcões em madeira e vidro	2,25m x 0,90m x 1,20m	4
	1,80m x 0,90m x 0,90m	10
	0,90m x 0,90m x 0,90m	7
Expositor/armário de parede em madeira e vidro	3,00m x 0,50m x 0,90m	7
Expositores/alçados de parede em madeira e vidro	3,00m x 0,25m x 2,00m	7
Expositores/armários em madeira e portas de vidro	2,00m x 0,60m x 1,65m	4
Observações: Todos os expositores estão em bom estado de conservação, apenas necessitam limpeza e um tratamento de proteção e acabamento final para serem recolocados nos seus locais de origem.		
Loja do piso -1	Dimensões: Comp. x Larg. x Alt.	Quantidade
Balcões e mesas em madeira	2,20m x 0,75m x 1,00m	3
	1,10m x 0,53m x 1,00m	1
	3,00m x 0,70m x 1,00m	1
	1,54m x 0,45m x 0,90m	1
	1,20m x 1,50m x 0,90m	3
Prateleiras de madeira	Existem várias em bom estado de conservação.	
Prateleiras de vidro	Existem várias com estrutura de metal e outras só em vidro.	
Observações: Todos os balcões, mesas e prateleiras deste piso, estão em bom estados e serão adaptados a outras situações.		
Outros	Dimensões: Alt. x Larg. x Comp.	Quantidade
Escadotes em madeira		2
Escadotes metálicos		7
Bengaleiros em madeira	Altura: 1,80m	2
Marquesa		1
Cavaletes de pintor		2
Outros cavaletes		5
Teares para tapeçaria		5
Manequins com e sem pé		5
Candeeiros de mesa		5
Tinteiros e Mata-borrão		2
Lupa		1
Calendário em madeira		1
Apara-lápis de mesa		1
Caixa de madeira	0,75m x 1,30m x 0,78m	1
Relógio de parede em madeira		1
Suporte/expositor de lãs	Altura: 2,50m	1
Suporte para rolo de papel vegetal	1,60m x 2,40m x 0,46m	1
Balanças		2
Pesos e ferros metálicos		Cerca de 20
Ferros de engomar antigos e em uso		Cerca de 30
Cacifos	1,85m x 0,35m x 0,42m.	21
Prateleiras metálicas	Existem vários módulos de prateleiras metálicas nos armazéns que serão reutilizados para os mesmos espaços.	
Prateleiras de madeira	Existem vários módulos de prateleiras madeira nos armazéns que se encontram atacadas por insectos xilófagos e que devem ser substituídos por prateleiras de metal.	

Prateleiras c/ estrutura de metal e vidros	Existem vários módulos de prateleiras com estrutura em metal e c/ vidros no armazém e loja do piso -1 que devem ser adaptadas a outras situações.		
Observações: Todos os objectos existentes serão limpos e utilizados como auxiliares de memórias nos locais apropriados. Existem outros móveis rústicos, expositores, quadros/vitrinas, prateleiras e gavetas, feitos ou adquiridos posteriormente, que serão adaptadas a outras situações fora das áreas de produção e das lojas principais.			
Equipamentos	Marca	Quantidade	
Máquinas de costura	SINGER	2	
	PFAFF	1	
Máquinas de escrever	IBM; DARO; SMITH PREMIER; FACIT e ROYAL	5	
	REMINGTON RAND	3	
Máquinas de calcular	MARCHANT; PRECISA; ODHNER;	4	
	CASIO – 8; CITIZEN N 350 dPII	2	
	CITIZEN 325 dP	2	
	FACIT	2	
Computadores	LG	6	
	SAMSUNG e OLIVETTI WS 685	2	
Impressoras	IPSON; OKI – Microline 5521; OKI – MC 361; OKI – C 510 dM; HP – Deskjet 1010; De mapas; De etiquetas	7	
Fotocopiadora	OLIVATTI 1600	1	
Picotadoras	George Boucaud S. ^a - L. Cornu 9, Rue des Trois – Bornes, Paris	1,75m x 0,65m x 0,15m	4
	J. P. Santos, Funchal		1
Cofres		1,50m x 0,70m x 0,62m	1
		1,32m x 0,53m x 0,60m	2
		1,30m x 0,60m x 0,52m	1
		1,23m x 0,87m x 0,70m	1
		1,20m x 0,55m x 0,50m	1
Máquinas de lavar roupa	NYBORG	3	
	NYBORG Type 1300	2	
Máquinas de secar roupa	IPSO; GEM; NYBORG e uma mais antiga	4	
Calandra	NYBORG	1	
Aspiradores		3	
Microondas	ELECTRIC CO	2	
Observações: A maioria destes equipamentos está em funcionamento. Só uma picotadora é usada, mas todas funcionam, apenas necessitam de limpeza. Só duas máquinas de lavar roupa e uma de secar estão em funcionamento. Actualmente nenhuma operária sabe utilizar a calandra.			

5. Construindo um diagnóstico

5.1. A minha experiência como visitante

Na manhã de 29 de setembro de 2014 dei início a uma série de visitas à fábrica, cujo objetivo era fazer uma análise de constatação de facto para melhor compreender o seu funcionamento de conjunto.

O acesso foi feito pelo *hall* da fábrica, por coincidência, com a chegada de um autocarro de turismo que estacionou frente à porta da fábrica com uma excursão de turistas americanos, na sua grande maioria constituída por senhoras de faixa etária sénior, conduzidas por uma guia turística. O objetivo era fazerem uma visita guiada para se inteirarem do processo do fabrico do bordado e da tapeçaria da Madeira.

A concentração dos visitantes foi feita no *hall* de entrada da fábrica, sendo perceptível que o mesmo não reunia as condições de acolhimento, visto não dispor de luz suficiente, o que era agravado pela permanência dos autocarros estacionados à porta e pelos toldos que cortam a luz natural.

Por outro lado, não me apercebi se estava algum funcionário a fazer a receção aos visitantes.

Os turistas foram entrando sob a orientação da guia, uns pela escadaria que dava acesso ao andar superior, outros utilizavam o elevador. A guia¹²² ajudava livremente a visita para dar a conhecer os cantos da fábrica, mas, quanto a mim, sem respeitar o seu funcionamento e as funções que cada funcionário desempenha.

A guia, descurando o espaço que pisava, excedeu, para meu espanto, os limites da tolerância ao advertir uma funcionária, encarregada da manutenção e limpeza, que passava com um balde pelos visitantes. Continuei a visita à fábrica, plena de coisas belas e merecedoras de admiração e estima, mas tive logo a percepção de necessidade urgente de uma reestruturação e inovação.

A escadaria em madeira, feita em pinho de Leiria, possui uma *patine* escura devido à sobreposição de várias camadas de verniz aplicadas ao longo dos anos, o que ocultou a beleza natural da madeira conferindo-lhe um aspecto de mal cuidada. À medida que prosseguia a visita, constatei que era unicamente a guia que explicava as diversas etapas do bordado, ajudava a promover os adereços expostos, conduzia e manuseava os objetos sobre

¹²² As guias são pessoas com formação, contratados por Agências de Viagens para acompanharem os turistas de visita à Ilha ou à cidade.

as mesas, perante a passividade dos funcionários, cujo dever era apenas assumir as funções inerentes à sua secção. Desta forma, as guias substituem as funções que de forma alguma lhes estão destinadas. A organização e disposição das peças de tapeçarias e bordados, expostas sobre as mesas balcões e paredes, suscitou-me a ideia de um bazar gigante, chegando mesmo a equacionar se poderia comprar algumas das peças expostas.

Verificou-se, igualmente, que as diferentes secções distribuídas pelos três pisos possuíam fichas de informação bilingue colocadas dentro de acetatos, mas sem utilização prática porque ninguém as lê.

Para finalizar a visita, descemos ao bazar. Presumo que metade das pessoas saiu sem que visitasse os espaços de vendas, sendo que apenas duas senhoras se dirigiram à cave.

Finalizada a visita, a guia limitava-se a observar os visitantes a acorrer, num rodopio, ao WC, incluindo ela própria, parecendo que teria sido apenas este o pretexto para fazerem uso das instalações sanitárias. Quanto a compras, praticamente nada se vendeu e muito menos se cobrou pela utilização das instalações.

Depois, a fábrica ficou vazia mergulhada num silêncio que falava profundamente, fazendo apelo a uma rápida reestruturação e reorganização da fábrica. Registe-se que estas visitas são frequentes, chegando a estarem estacionados, simultaneamente, dois e mais autocarros frente à fábrica, cujo proveito é muito residual.

5.2. Diagnóstico sobre os funcionários

O relacionamento entre funcionários varia muito de empresa para empresa, verificando-se uma maior sociabilidade entre empregados das faixas etárias mais baixas. Nesta fábrica, a resistência às mudanças é geral, devido à sua faixa etária elevada, que, a nosso ver, os torna mais conservadores e inflexíveis. A criatividade, na nossa perspetiva, só beneficia uma maior capacidade de melhorar o trabalho e aceitar novas transformações e a implementação de novos processos.

A flexibilidade não está nos seus objetivos porque não compreendem que não podem sobreviver à evolução do mundo do trabalho se se opuserem às inevitáveis mudanças. A negatividade não beneficia e torna-se mesmo destrutiva, daí que seja de toda a urgência aceitar que o mundo mudou e que a fábrica tem forçosamente que acompanhar essa mudança.

5.3. Opinião de um cliente

Observei uma cliente que comprou um pano de tabuleiro bordado. Era francesa, residente na Alemanha, e encontrava-se só. Questionei-a sobre a loja e sobre os artigos. Curiosamente, confidenciou-me que achava estranho o facto de lhe terem feito 20% de desconto sem que o tenha solicitado, circunstância que achava simpática, porém inadequada, pois reconhecia a elevada qualidade do Bordado, razão pela qual considerava que um desconto tão alto não se justificava.

Considerou, igualmente, que havia uma má organização na forma de expor os trabalhos, reconhecendo também que alguns artigos tinham um *design* muito antiquado, para além do facto de a maioria das peças não serem utilitárias. Por outro lado, não gostou das embalagens e considerou que os funcionários são muito idosos para o desempenho da atividade.

5.4. Opinião das guias turísticas

Aos funcionários falta uma vida anímica de forma a promover uma ação dinâmica que envolva o visitante no espaço e desperte o interesse pelo produto da fábrica. Numa fábrica não pode haver secções com espaços mortos ou, de algum modo, impeditivos do seu funcionamento. A hora do café dos funcionários tem de ser alterada, de forma a assegurar os serviços mínimos, para não dar lugar a espaços mortos.

A visita do 1.º andar costuma correr bem, pois as funcionárias são participativas, no entanto, a falta de luz na secção de tapeçaria proporciona comentários menos positivos dos visitantes.

Relativamente ao 2.º piso, é preciso estruturar e introduzir uma nova forma de trabalho, no sentido de dar uma nova dinâmica ao espaço.

O 3.º andar, por seu turno, é muito apreciado pelos visitantes porque se apercebem de que há atividade. Porém, a nosso ver, há que reinventar a maneira de ver as transformações até ao produto final.

Em relação aos espaços comerciais, estes são os ideais, uma vez submetidos a remodelações e a uma reorganização, de forma a tirar partido das potencialidades que atualmente se encontram subaproveitadas. Modernizar, estamos certos, implica um *design* que vá ao encontro das expectativas, do gosto dos clientes, e das suas exigências. As blusas,

por exemplo, já tiveram a sua época, razão pela qual há que apostar em novas tendências. Para além disso, os preços são caros e aconselham uma visita à concorrência. Os funcionários, por sua vez, devido à sua idade avançada, já não têm a mesma dinâmica na promoção e venda do produto, faltando a introdução de sangue novo, sem que seja nosso propósito descurar os empregados mais antigos e as suas mais-valias decorrentes do seu conhecimento e da sua experiência. Por outro lado, a falta de predicados na receção aos visitantes é manifestamente relevante, sendo mesmo uma lacuna de que os visitantes facilmente se apercebem. No que respeita à cave, é obvio que a comercialização de artefatos diversos nada tem que ver com os bordados e muito menos com fabrico regional, sendo mesmo aconselhável banir a sua comercialização.

5.5. Opinião das Agências de Viagem

Tive a oportunidade de contactar com duas Agências de Viagens¹²³ que reconhecem potencialidades no espaço da P&G, mas que entendem igualmente que o mesmo vive muito preso a um passado que já não existe, uma vez que tudo é antigo, desde os funcionários aos artigos. Notam falta de inovação, renovação, modernização e dinamismo.

Salientam, ainda, que os clientes mudaram e que hoje procuram o que, em cada região, é genuíno e diferente existente, e não artigos que podem facilmente ser encontrados noutros locais.

Foi também focada a padronização da casa e o facto de não haver abertura a novas propostas.

Assim, criticam a forma de expor, visto não se mostrar atraente, bem como a venda de alguns artigos que transformaram a fábrica num gigante bazar de artefatos para turistas, que desvalorizam a atividade e os artigos que lá se produzem.

Em suma, consideram que este não é o local apropriado para o comércio e para a prova de vinhos, existente na cave.

Informaram-me, ainda, que encontraram uma outra fábrica como alternativa, a qual, apesar de ter menos condições, mostra-se mais recetiva, inovadora, moderna, dinâmica, tendo-me sido inclusivamente recomendada a sua visita para efeitos comparativos.

No final tive a informação de que teriam muito gosto em voltar para a P&G, caso esta venha a ter uma outra atitude, uma vez que ainda hoje a consideram uma referência.

¹²³ As Agências de viagem organizam os percursos. Estes podem ser feitos a pé ou de autocarro, destinando-se a visitar os locais de interesse e a agendar os tempos de visita. A fábrica de bordados, registe-se, é um local de passagem quase obrigatório.

5.6. A minha experiência de visita à concorrência

Com as recomendações para visitar a casa de bordado concorrente, decidi proceder à sua visita.

A visita à fábrica foi feita por uma funcionária da casa, que vestia uma simples e moderna blusa com bordado, tendo-me acompanhado e explicado todo o percurso enquanto o trabalho das funcionárias decorria.

Mostrou-me algum equipamento antigo que têm vindo a adquirir de outras fábricas que fecharam, acrescentando que a sua exposição auxilia o percurso e o entendimento da evolução do processo de fabricação.

Chamou-me a atenção para o facto de na secção de estampagem estarem a utilizar um produto sem cheiro, pois têm a preocupação com o bem-estar dos funcionários e com o ambiente, tendo-me informado que esse foi um produto resultante de um estudo feito na Universidade do Minho.

Na loja havia só artigos em Bordado Madeira, muitos artigos para bebé, pequenas peças utilitárias para ofertas, toalhas, atoalhados e um livro sobre a casa.

Todos os espaços eram muito pequenos, mas bem cuidados e bem organizados. A loja era um pouco escura, o arquivo muito pequeno, mas era visível um empenhado esforço na recolha de elementos para expor, bem como no enriquecimento do seu espólio.

5.7. Síntese das opiniões

Auscultadas as opiniões, tivemos a oportunidade de concluir que será necessário introduzir novas valências, requalificar, inovar e reestruturar a P&G, de forma a torná-la uma fábrica atrativa, com artigos competitivos, sem descurmarmos, obviamente, a sua necessária viabilidade económica.

A opinião geral é de que a fábrica, encontrando-se num ponto estratégico, em termos da implementação das suas funções, terá necessariamente de passar por uma urgente requalificação.

O edifício, devido à sua antiguidade, precisa de alguns trabalhos de conservação, recuperação e até pequenos acertos arquitetónicos, sobretudo para lhe restituir uma maior visibilidade quer a nível exterior, quer no reaproveitamento a nível interior, de forma a tornar-se mais funcional.

Ao nível da laboração, quer na produção do bordado, quer da tapeçaria, há que implementar alguma inovação para ir ao encontro dos gostos actuais.

Ao nível de divulgação, há que relançar o produto e a marca P&G.

No que respeita aos recursos humanos, urge aproveitar os conhecimentos e saberes e introduzir gente nova e com a formação necessária no atendimento ao público.

6. Identificação/Síntese dos problemas e pontos fortes (Matriz Swot)

Forças

- O Bordado da Madeira é considerado um “*ex-libris*” da região.
- O bordado é fundamental à cultura e à memória de um povo.
- O edifício da Fábrica de Bordados e Tapeçarias *Patrício & Gouveia Lda.* é um património singular reconhecido.
- O edifício é um exemplar da arquitetura do *Estado Novo* e o seu estado de conservação é razoavelmente bom.
- O edifício está identificado na Câmara Municipal do Funchal, como um edifício de interesse municipal, identificação feita pelo Prof. Doutor Rui Carita, em março de 1998.
- O edifício está localizado na zona histórica da cidade do Funchal.
- Sempre foi a maior Fábrica de Bordados, não só regional, mas também nacional.
- A fábrica encontra-se em funcionamento com todo o equipamento de origem e ambiente da época.
- O seu património é um testemunho único da História e do percurso do bordado da região.
- Esta fábrica retrata o processo de industrialização de uma atividade doméstica.
- É portadora de memórias, saberes e técnicas.
- Contribui para a memória e cultura de um povo.
- É uma atividade importante para a economia da região.
- Cria emprego.
- Produz bens transacionáveis de elevada qualidade, durabilidade, considerados obras de arte destinada a um mercado internacional exigente.
- Possui o maior arquivo de desenho de bordado.
- Os seus dois principais administradores fazem desta casa a única Fábrica de Bordados que conseguiu reunir duas *Comendas* atribuídas pelo Governo Português. A primeira atribuída ao fundador *Sr. João de Deus Magno Gouveia*, que se tornou no primeiro empresário do setor a receber, em 1985, do Presidente da República Portuguesa, *Exmº Sr. General António Ramalho Eanes*, a *Comenda de Mérito Industrial*. A segunda, atribuída ao sucessor e genro, *José Agostinho de Sousa*, dedicado administrador que deu

continuidade ao trabalho e, por isso, viu reconhecido o seu esforço quando se tornou no segundo e último empresário do setor a receber, em 1999, do Presidente da República Portuguesa, *Exmº Sr. Jorge Sampaio, a Comenda de Mérito Industrial.*

- Teve ao longo do séc. XX um importante papel social na região, nomeadamente pelo número de postos de trabalho criados, contribuindo com isso para a sustentabilidade de um povo e para a fixação das populações no meio rural.
- Tem a seu cargo 29 funcionários, trabalhando ainda com algumas centenas de bordadeiras de casa e algumas dezenas dos seus agentes.
- Teve ao longo do séc. XX um importante papel na economia da região, sobretudo pelo elevado volume de exportações.
- Foi pioneira quando se fez integrar em percursos turísticos de visita.
- O seu elevado número de visitantes faz desta casa a mais visitada e, por isso, uma das mais responsáveis pela imagem da região no exterior.
- É a única fábrica que tem condições, devido à sua dimensão e organização, para ser adaptada a um museu vivo.
- Não possui dívidas, nem ao Estado, nem à Segurança Social.
- Exporta artigos para EUA, Grã-Bretanha, Japão, Angola, Itália, Bélgica, Portugal continental, entre outros países.

Oportunidades

- Está inserida numa região que tem como motor principal o turismo, precursor de oportunidades de encontrar e criar serviços que garantam a sustentabilidade da empresa.
- É uma oportunidade porque as fábricas de bordado têm vindo a fechar, existindo hoje um reduzido número em atividade.
- O edifício está inserido numa área protegida de revitalização urbana, ARU.
- É altura de recorrer aos apoios existentes para salvar a maior fábrica que ainda se encontra em funcionamento, requalificando-a e revitalizando-a.
- Tem condições para se tornar no primeiro Economuseu do bordado da região e contribuir para aprofundar e desenvolver o conceito de cultura local, utilizando a memória como fator de desenvolvimento económico e social da região.
- Pode ser transformada numa *escola viva* para a adaptação dos trabalhadores às mudanças exigíveis e ao ensino da Arte de Bordar, bem como de outras profissões a ela

associadas.

- Pode promover a inclusão social através do acesso ao conhecimento, à formação e ao lazer, alargando-se a diferentes faixas etárias.
- Pode criar produtos e serviços na área do conhecimento, da investigação, da informação, do lazer, etc... a pensar na inovação e nas novas necessidades dos clientes e de novos públicos.
- Pode utilizar TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) para a ampliação da divulgação da casa e dos artigos.
- Pode utilizar plataformas “*online*” para ampliar as vendas internacionalmente.

Fraquezas

- Necessidade de uma melhor exposição dos artigos.
- Necessidade de uma maior inovação nos artigos produzidos.
- Necessidade de criar um mostruário de peças executadas, catálogos de pontos e desenhos, de fácil consulta para apresentar a clientes.
- Orçamento reduzido.
- Dificuldade em manter e angariar novos clientes e visitantes.
- Dificuldade de gestão perante as dificuldades.
- Excesso de burocracias internas, em resultado da existência de três empresas que operam no mesmo espaço.
- Necessidade de reanalisar a política de atribuição de valor aos artigos.
- Necessidade de encontrar formas que motivem e incentivem o trabalho e a criatividade.
- Número elevado de funcionários para a necessidade de produção atual.
- Necessidade de criar um quadro de recursos humanos mais jovem.
- Necessidade de recuperar o património.
- Necessidade de criar uma nova forma de intervenção na área da conservação preventiva do património.
- Necessidade de criar novos sistemas de segurança interna do edifício.
- Necessidade de se efetuarem estudos da documentação e do acervo de desenho do Bordado da Madeira desta fábrica.

- Necessidade de criar uma forma que facilite o acesso à documentação e ao Arquivo de Desenho.
- Necessidade de melhorar a forma de comunicar.
- Necessidade de criar uma calendarização para a divulgação em feiras.
- Necessidade de análise da concorrência direta.

Ameaças

- Número de clientes do mercado da exportação tem vindo a cair.
- Vendas locais em redução.
- Poucos apoios.
- Mercados internacionais muitos competitivos e de difícil acesso, com dificuldade em atingir os mercados de luxo a que a maioria destes artigos se destinam.
- Concorrência de produtos de inferior qualidade e a preços baixos.
- Desinteresse dos jovens por esta atividade.
- Mão de obra envelhecida.

CAPÍTULO III

Proposta de intervenção

1. Fundamentos teóricos - Evolução das bases da Museologia

Hoje a Museologia é uma área do saber que relaciona e estabelece relações entre a humanidade e todo o tipo de saberes associados ao moderno conceito de Património Cultural que resultou de um conjunto de acontecimentos, de textos e de documentos surgidos a nível nacional e internacional, no campo da cultura, do património e da memória colectiva.

Nestes últimos anos temos assistido a um movimento de renovação da Museologia que tem levado museólogos e outros intelectuais, tais como Ztransky, W. Russio, Mensch, M. Moutinho, C. Bruno; Scheiner, Santos, M. Chagas, J. Primo, H. Varine etc., a produzirem encontros, debates e textos que defendem que o principal objetivo do museu é preservar a memória social com a finalidade de transmiti-la às sociedades, de uma maneira educativa, cultural ou turística, através de testemunhos.

Este movimento, que tem estado em constante actualização e tem integrado outras áreas do conhecimento na Museologia, é conhecido por “*Nova Museologia*”, “*Sociomuseologia*”¹²⁴ ou “*Museologia Social*”, uma área do saber que centra os seus interesses no estudo do papel dos museus e na sua relação com o meio, no sentido de uma maior intervenção económica e social. Esta nova área disciplinar, que articula várias áreas do saber, apoia-se também em inúmeros documentos elaborados dentro e fora da Museologia, como por exemplo: Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, ocorrido no Rio de Janeiro, em 1958; da Mesa redonda de Santiago do Chile, em 1972; na Protecção do Património Mundial Cultural e Natural, UNESCO – Paris, 1972; no I Atelier Internacional da Nova Museologia na cidade de Québec, Canadá, em 1984; da Reunião de Oaxtepec, ocorrida no México, em 1984; da Reunião de Caracas, na Venezuela, em 1992; na Convenção para a salvaguarda do património imaterial (UNESCO), 2003; na Convenção sobre a protecção e promoção da diversidade das expressões culturais (UNESCO), 2005; na Convenção do Património Mundial e nos encontros do Conselho Internacional de Museus (ICOM). Em todos estes documentos aparece um traço de continuidade que indica

¹²⁴ Termo criado nos anos 90 por Fernando dos Santos Neves para espelhar o trabalho feito pela “escola Moutinho” na área da Museologia Social e que, segundo este autor (1993), significa o esforço de adaptação da museologia aos condicionalismos e aos problemas da sociedade contemporânea, orientada para o desenvolvimento da humanidade, em detrimento da visão mais restrita da museologia como técnica de trabalho virada para as coleções. O termo Sociomuseologia passou a designar as publicações periódicas da ULTH – Cadernos de Sociomuseologia, cujo conteúdo expressa este vincar da inclusão social e económica.

claramente o alargamento das funções tradicionais da museologia e o papel que deverão assumir na sociedade contemporânea.

Muitas das preocupações sentidas foram em relação às transformações ocorridas, sobretudo na segunda metade do século XX, a nível cultural, político, económico, científico, tecnológico e social, que nos tornaram numa “*aldeia global*”, e, como consequência, a padronização de culturas, bem ou mal interpretadas, mais ou menos manipuladas. Estes foram os motivos de reflexão sobre a função do museu nas sociedades em constante mutação e a forma encontrada de valorizar o Património Cultural e Natural que nos distingue e a necessidade de criar políticas integradas e geridas por áreas pluridisciplinares que envolvam recursos humanos, financeiros, legais, científicos e técnicos que visam o reconhecimento e a sustentabilidade, onde a cultura e o desenvolvimento são elementos de responsabilidade social que podem ser entendidos, a partir de agora, como uma intervenção museal.

Só depois de 1945 é que a museologia foi aceite como ciência situada no plano das Ciências Sociais e Humanas e a sua evolução só foi sentida depois dos estatutos criados pelo ICOM, em 1947, e que reconhece como museu: “*Toda a instituição permanente que conserva e apresenta colecções de objetos de carácter cultural ou científico com fins de estudo, educação e deleite*”¹²⁵ (ICOM, 1947).

Em 1958, através do Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, surge bem definida a importância dos museus na educação e a ideia é bem recebida pelos países mais desenvolvidos.

“ O museu pode trazer benefícios à educação. Esta importância não deixa de crescer. Trata-se de dar à função educativa toda a importância que merece, sem diminuir o nível da instituição, nem colocar em perigo o cumprimento das outras finalidades não menos essenciais: conservação física, investigação científica, deleite, etc.” (UNESCO, 1958)

Portugal seguiu a tendência e, em 1965, é formada a APOM – *Associação Portuguesa de Museologia*, que promove regularmente encontros e debates.

A evolução para um *museu moderno* surge nesta década, quando o museu começa a localizar-se no tempo e a identificar-se com um território, com uma cultura e com a

¹²⁵ Artigo 3º dos Estatutos do ICOM de 1947, Citado in, Hernandez, F. H. (2001). *Manual de Museologia*. Madrid: Editorial Síntesis, S. A. P. 69.

comunidade onde está inserido, assume um papel ativo e confere à instituição um cunho mais humano.

Em 1972, com a *Mesa Redonda de Santiago do Chile*, surge um documento entendido e reconhecido como a mais importante contribuição da América Latina para a consolidação do pensamento museológico internacional e para as primeiras reflexões sobre o papel dos museus e a sociedade como instrumento didático de transformação social que defende a criação de um museu integral baseado na interdisciplinariedade, com responsabilidade social e com participação comunitária, o que conduziu ao aparecimento de museus centrados na comunidade e não no objeto.

*“...o museu é uma instituição ao serviço da sociedade da qual é parte integrante e que possui em si os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que serve: que ele pode contribuir para o engajamento dessas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais.”*¹²⁶ (Primo, 1999, p.96)

Em 1974, o ICOM¹²⁷ altera a definição de museu para: “Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe para fins de estudo, educação e deleite, testemunhos materiais do homem e do seu ambiente.” (ICOM 1974)

Depois desta definição, a instituição Museu passou a incluir Institutos de conservação e galerias de exposição dependentes de Arquivos e Bibliotecas; lugares e monumentos arqueológicos, etnográficos e naturais, os sítios e monumentos históricos; instituições que apresentem espécies vivas, tais como: jardins botânicos, zoológicos, aquários e viveiros.

Este conceito teve repercussões práticas na definição das políticas museais que mudaram a anterior imagem e o conceito do museu, para enquadrá-lo na nova museologia orientada para outro tipo de objetivos.

¹²⁶ ICOM, 1972. In Primo (1999). *Museologia e Património: documentos fundamentais*. Cadernos de Sociomuseologia. Nº 16 - ULHT. Lisboa

¹²⁷ Assembleia Geral do ICOM (1974), Capt. II, artº 3.

*“Considerar os objetos como gema da museologia é o mesmo que considerar, por exemplo, os remédios e os instrumentos cirúrgicos como os principais elementos ou fundamentos da medicina. A concentração nos objetos afasta a museologia do campo das ciências sociais e humanas, e parece desconsiderar o espaço de manifestação desses objetos, bem como a relação dos mesmos com o homem/sujeito – criador, conservador e destruidor de bens culturais. O objecto museológico, seja ele qual for, só tem sentido em relação.”*¹²⁸ (Chagas, 1994; p.23)

Em 1984, com a *Declaração de Québec*, surge o documento fundador do MINOM – *Movimento Internacional para uma Nova Museologia* (Lisboa 1985). Esta Declaração remete para a *Mesa-Redonda de Santiago do Chile* (1972) como origem e proclama e consolida os princípios básicos da Nova Museologia, reafirmando a projeção social do museu sobre as funções tradicionais do mesmo. A museologia deverá apoiar-se na interdisciplinaridade e nos atuais meios de comunicação, valorizando globalmente problemas científicos, culturais, sociais e económicos. O museu passa a ser visto como um ente social adaptado às necessidades da sociedade em rápida mutação, como um *museu vivo*, participativo, que se define pelo contacto direto com o público e com os objetos mantidos no seu contexto. Alarga-se a noção de património e amplia-se o conceito de objeto museológico com tendência à preservação *in-situ*. Daí surgem os primeiros Ecomuseus/Museus Comunitários que rompem com o modelo institucional de museu e com uma forte participação comunitária.

George Henri-Rivière¹²⁹ elabora a definição evolutiva de ecomuseu:

“Um ecomuseu é um instrumento que o poder político e a população concebem, fabricam e exploram conjuntamente. O poder com os especialistas, as instalações e os recursos que colocam à disposição; a população, segundo suas aspirações, seus conhecimentos e sua idiossincrasia.” (Riviere)

¹²⁸ Chagas, Mário de Sousa (1994) *Novos Rumos da Museologia*. Cadernos de Museologia, ULHT. Nº2, pág. 23. Lisboa.

¹²⁹ Riviere, George Henri, Juntamente com Hugues de Varine são tidos como os fundadores da Ecomuseologia e da Nova Museologia.

“ A museologia deve procurar, num mundo contemporâneo que tenta integrar todos os meios de desenvolvimento, estender suas atribuições e funções tradicionais de identificação e de educação, a práticas mais vastas que estes objetivos, para melhor inserir sua ação naquelas ligadas ao meio humano e físico ” (Riviere)

A museóloga Waldisa Russio¹³⁰, nos anos 80, define museologia como sendo: *“...uma disciplina que tem por objetivo de estudo a relação profunda entre o homem/sujeito e os objetos/bens culturais num espaço/cenário denominado Museu.”* (Russio, p.24)

Na *Declaração de Oaxtepec* de 1984 é considerada indissociável a relação território/património/comunidade. Defende-se da preservação *in-situ* com a justificação de que se não deve retirar o património do seu contexto, considerando o espaço territorial como área museográfica e o alargamento da ideia de património cultural, entendido agora como uma visão integrada da realidade, não podendo manter-se isolada nem dissociada das descobertas científicas, dos problemas sociais, económicos e políticos. *“La participación comunitaria evita las dificultades de comunicación, características del monólogo museográfico emprendido por el especialista, y recoge las tradiciones y la memoria colectivas, ubicandolas el lado del conocimiento científico”*(Oaxtepec, 1984).

Em 1989, o sociólogo Henry Pierre Jeudy¹³¹, afirma que: *“... em finais do séc. XX o mundo corre o risco de converter-se num gigante museu.”* (Jeudy, 1989).

O conceito de museu foi sendo sempre alterado e aperfeiçoado nas diversas reuniões e assembleias do ICOM, sob a orientação de George Henri Rivière¹³², e, posteriormente, por Hugues de Varine-Bohan¹³³. Passou-se do carácter sagrado de museu para um espaço que oferece produtos culturais que são consumidos por um grande público e como qualquer outro produto de mercado.

Em 1988, o holandês Peter Van Mensch afirma que: *“... com o aparecimento da nova museologia, o interesse que se encontrava centrado no objeto transfere-se para a comunidade, que deu origem ao aparecimento de um novo conceito de museu, entendido como um instrumento necessário ao serviço da sociedade.”* (Mensch, 1988).

¹³⁰ Russio, Waldisa (1935/90). Foi uma personalidade influente no desenvolvimento do pensamento teórico da Museologia.

¹³¹ Jeudy, Henry Pierre. Filósofo, sociólogo e escritor francês.

¹³² George Henri Rivière, foi director do ICOM de 1948 a 1966.

¹³³ Hugues de Varine-Bohan foi director do ICOM de 1966 a 1975.

“Aspetos desta Nova Museologia: testemunhos materiais e imateriais serviriam a explicações e experimentações, mais que à formação de coleções; destaque para a investigação social enquanto identificação de problemas e de soluções possíveis; objetivo de desenvolvimento comunitário; o museu para além dos edifícios – inserção na sociedade; interdisciplinaridade; a noção de público dando lugar à de colaborador; a exposição como espaço de formação permanente ao invés de lugar de contemplação.” (Mensch, 1988)

Em 1992, com a *Declaração de Caracas*, são mantidas as prioridades da função sócio-educativa dos museus, há uma redefinição do conceito da *Mesa Redonda de Santiago* (1972) e de Museu Integral para o conceito de Museu Integrado numa Comunidade.

Alguns dos aspetos discutidos referem-se à inserção de políticas museológicas nos setores de cultura; a consciência sobre o poder da museologia no desenvolvimento dos povos; a reflexão sobre a ação social dos museus e museus do futuro; as estratégias para captação e gestão financeira; as questões legais e organizacionais dos museus; os perfis profissionais; o museu como meio de comunicação.

“A função museológica é, fundamentalmente, um processo de comunicação que explica e orienta as atividades específicas do museu, tais como a coleção, conservação e exibição do património cultural e natural. Isto significa que os museus não são somente fontes de informação ou instrumentos de educação, mas espaços e meios de comunicação que servem ao estabelecimento de interação da comunidade com o processo e com os produtos culturais.”¹³⁴ (Primo, 1999; p.6).

É nesta década de 90 que se estabelece a relação entre a Museologia e a Sociologia, que reforça o carácter social do museu e o seu importante papel no desenvolvimento da sociedade.

Segundo o museólogo Mário Moutinho, *“... o conceito de Museologia Social, traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea.”¹³⁵ (Moutinho, 1993; p.7)*

¹³⁴ Declaração de Caracas (1992). In Primo, Judite (1999). Doc. Pensar contemporaneamente a museologia. Cadernos de Sociomuseologia nº16 - ULHT. Lisboa.

¹³⁵ Moutinho, Mário (1993). Cadernos de Museologia nº1. ULTH – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa.

Este esforço de adequação foi sintetizado pelo Diretor Geral da UNESCO, Frederic Mayor, na abertura da XV Conferência Geral do ICOM :

“ o fenómeno mais geral do desenvolvimento da consciência cultural – quer se trate da emancipação do interesse do grande público pela cultura como resultado do alargamento dos tempos de lazer, quer se trate da crescente tomada de consciência cultural como reação às ameaças inerentes à aceleração das transformações sociais, tem no plano das instituições, encontrado um acolhimento largamente favorável nos museus.”

Esta evolução é evidentemente, tanto, qualitativa como quantitativa. A instituição distante, aristocrática, olimpiana, obcecada em apropriar-se dos objetos para fins taxonómicos, tem cada vez mais – e alguns disso se inquietam – dado lugar a uma entidade aberta sobre o meio, consciente da sua relação com o seu próprio contexto social. A revolução museológica do nosso tempo – que se manifesta pela aparição de museus comunitários, museus “sans murs”, economuseus, museus itinerantes ou museus que exploram as possibilidades aparentemente infinitas da comunicação moderna – tem as suas raízes nesta nova tomada de consciência orgânica e filosófica”. (Mayor, 1989)

A museóloga Cristina Bruno¹³⁶, em 1997, afirmou que a museologia está centrada em dois fenómenos:

“Por um lado a necessidade de compreender o comportamento individual e/ou coletivo do Homem em relação ao seu património e por outro, a potencialidade de desenvolver mecanismos que possibilitem que, a partir desta relação, o património seja transformado em herança e esta, por sua vez, contribua para a necessária articulação das identidades individuais ou coletivas.” (Bruno, 1997).

¹³⁶ Bruno, Cristina (1997). Museologia e museus: princípios, problemas e métodos. Cadernos de Museologia Nº 10. ULTH – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa.

Assim, o património é o conjunto de bens identificados pelo Homem a partir das suas relações com o meio e com os outros Homens e a própria interpretação que ele faz dessas relações.

A museologia é capaz de desenvolver processos para o tratamento e preservação de uma herança patrimonial, com a responsabilidade de a divulgar à sociedade.

Com o início do século XXI, mais precisamente em 2008, Portugal ratifica a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial e com ela adopta políticas que visam a valorização do património cultural imaterial da sociedade e encorajam estudos e metodologias de pesquisa para uma salvaguarda eficaz.

2. Enquadramento da proposta de intervenção na Economuseologia

O presente documento tem por base o projeto que servirá para a reestruturação e revitalização da P&G – Fábrica de Bordados, na RAM, considerada a maior fábrica de bordados na região e a única a ser construída com essa finalidade, ainda em atividade, e que lida com graves dificuldades de sustentabilidade.

O projeto contempla a atividade por se tratar de um saber fazer tradicional como um Bem Cultural em extinção; o edifício, porque tem condições de conservar a atividade *in-situ* e a empresa, porque tem uma História e um percurso reconhecido a nível económico para a região. Estes três fatores podem transformar o espaço num museu vivo da indústria do bordado.

Este projeto tem enquadramento na Museologia Contemporânea porque é ela que consegue localizar no tempo e projetar no futuro a atividade artesanal, identificá-la com o território, com a cultura da população e com a comunidade que lhe deu origem, conferindo-lhe um cunho mais pessoal e humano.

Tem enquadramento na Museologia Social porque é através dela que surge a possibilidade de compreender e adequar estruturas aos condicionalismos e às exigências da sociedade contemporânea.

Tem enquadramento na Economuseologia porque é a possibilidade existente para esta empresa, que se dedica à produção de artigos artesanais, se associar ao mundo da museologia para assegurar o seu desenvolvimento e sustentabilidade.

É através das funções da museologia contemporânea nas áreas de valorização social, educativa e cultural que se conseguem salvar referências, experiências vividas, conhecimentos e processos de defesa, valorização e divulgação do trabalho do artesão e do saber fazer tradicional de qualidade; salvaguardar a memória e a identidade cultural de uma população que se dedicou a uma atividade que contribuiu para a sua sobrevivência, fixação e desenvolvimento da região. São estes mecanismos que também explicam e promovem a integração social, económica, política e cultural e, ao mesmo tempo, salvaguardar, para as gerações futuras, todo um património material e imaterial em risco de desaparecer.

Também é através da museologia que se consegue promover e valorizar a imagem e a História dos artigos produzidos, que devem ser entendidos como objeto material e que são testemunhos carregados de informação de saberes imateriais que devem ser contextualizados

para que a sua história de vida seja portadora de um discurso de entendimento narrativo acessível aos diferentes públicos.

É a museologia que pode promover a imagem e a história do edifício e da empresa como marcos e referências de uma época e de uma atividade.

A P&G - Fábrica de Bordados poderá ser uma instituição para a promoção da História e da Cultura Regional e o projeto deverá assentar num conjunto de práticas da museologia contemporânea, para aí poder fundamentar as opções necessárias. A transformação do espaço – Fábrica - num *museu vivo, in-situ*, será um instrumento aberto e acessível à sociedade, atuante no processo de desenvolvimento da região e um espaço de diálogo, de educação, de partilha e de lazer, capaz de valorizar, divulgar e respeitar o centro de produção e o trabalho do artesão como um saber fazer tradicional.

Para satisfazer exigências, a futura organização deverá deixar de produzir apenas para vender, mas produzir de forma a valorizar a qualidade do objeto e o trabalho do artesão; melhorar o acolhimento ao público (local, nacional e turístico); corrigir a sua linguagem, de forma a torná-la mais fácil, envolvente, aberta e enriquecedora porque o objeto e o espaço podem ter a capacidade de nos deslumbrar se soubermos entender a sua beleza, raridade, valores e sentimentos e ir para além do que vemos, como afirma Benjamin Franklin¹³⁷: “Diz-me e esquecerei, Mostra-me e talvez lembre, Envolve-me e compreenderei.” (Franklin, 2013; p.9)

É sabido que as poucas fábricas de bordados existentes na ilha da Madeira vivem num clima de insustentabilidade económica. É altura de reverter o processo de extinção. Muitas razões podem existir para conservar o setor, desde a técnica ou a indústria artesanal, ou apenas pela nostalgia do anunciado desaparecimento, causado pelas profundas mudanças no mundo do trabalho, e que arrastam consigo técnicas e saberes indispensáveis à criação artesanal e artística e, simultaneamente, da consciencialização do potencial económico que representa o comércio deste tipo de produtos genuínos e tradicionais, para uma região que vive essencialmente dum turismo que valoriza e procura este tipo de ofertas.

¹³⁷ Benjamin Franklin, in Brand Sense de Martin Lindstrom (2013) 1º edição, pág. 9.

A futura organização da *P&G – Fábrica de Bordados* deve conseguir criar um negócio sustentável, que pode ser enquadrado na nova museologia, porque os museus de hoje podem apresentar várias formas que justificam a sua existência também como fatores de desenvolvimento económico e, por isso, capazes de criar meios de subsistência através dos serviços prestados à sociedade e venda dos artigos produzidos, que devem ser entendidos como pedaços de História viva de uma sociedade local com projeção internacional.

A *P&G – Fábrica de Bordados*, com quase um século de existência, continua a acreditar nos seus artigos e a mostrar-se leal na prestação de serviços ao público que a visita. Produz bens tradicionais, transaccionáveis, genuínos e de elevada qualidade que se destinam a um cliente exigente. Está localizada no núcleo histórico da cidade e inserida numa região que tem como motor de desenvolvimento o turismo.

A museologia pode ajudar a fábrica de bordados, porque vive da relação do sujeito/objeto; compreende as diversidades e as dinâmicas sociais como sistemas abertos; sabe utilizar estratégias ajustadas à sua época e criar atividades que envolvem a preservação e o uso da herança cultural e natural através de processos de adaptação das instituições às mutações da própria sociedade, sempre no sentido de as levar a participar ativamente, comunicando com as sociedades que lhes davam e lhes dão vida. Perante isto, também a museologia sabe preparar o público para novas atitudes e aprendizagens, baseada nas novas formas de comunicação e de respeito das novas regras que estabelecem laços comunitários.

O melhor modelo museológico capaz de acolher, conservar e divulgar este património será o Economuseu, que surgiu, no Québec, paralelamente com o conceito de Ecomuseu, no final dos anos 80, pelas mãos do arquiteto, etnólogo e museólogo Cyril Simard.

O conceito de Economuseu traduz uma nova opção cultural, na qual pequenas empresas artesanais se associam ao mundo da museologia para assegurarem o seu desenvolvimento e sustentabilidade, divulgando ao mesmo tempo a cultura material de um lugar, criando centros de produção, divulgação, animação, interpretação e de partilha cultural, ao mesmo tempo que acompanham e asseguram a modernização e a criatividade dos artigos produzidos para assegurar a sua sobrevivência, continuidade e viabilidade económica. São por isso considerados empresas/museus autosustentáveis.

Etimologicamente a palavra é constituída por um prefixo econo que se relaciona com economia, seguido de museologia que o remete para uma dimensão cultural, não nostálgica, mas presente, criativa e com futuro.

Segundo Cyril Simard, as empresas que podem ser transformadas em Economuseus dedicam-se a atividades artesanais, produzem objetos ou artigos tradicionais, ou contemporâneos, com uma conotação cultural e/ou utilitária e que contribuem para o quotidiano das populações, executados de forma autêntica e que apelem à criatividade e a técnicas de execução tradicionais. Devem possuir um centro de interpretação e de divulgação próprio, proporcionar qualidade, condições de trabalho e salários compatíveis aos seus funcionários, para que a imagem seja um exemplo a seguir. Ter organização e objetivos definidos.

A P&G – Fábrica de Bordados reúne as condições para ser transformada num Economuseu porque utiliza na sua produção o *saber-fazer* tradicional de gerações de artesãos que produzem artigos autênticos, utilitários e de elevada qualidade considerados obras de arte.

Pode criar ações e abrir as portas ao público, a fim de mostrar e valorizar o trabalho e o gesto como testemunhos vivos e enriquecedores de memória.

É um centro vivo de produção que tem o objetivo de criar um centro de interpretação e divulgação próprio para conservar a memória e a identidade cultural, promover as formas tradicionais de trabalhar, valorizar a cultura e o património, promover o turismo cultural e, ao mesmo tempo, tornar-se um testemunho do património imaterial de um povo. Pretende inovar e criar uma base financeira sólida, assente nos serviços prestados e na venda dos artigos revitalizados e adaptados às necessidades contemporâneas.

Como explica Regina Márcia Moura Tavares, antropóloga da PUC – Campinas, a ideia de criar unidades de resgate e preservação de tradições tecnológicas artesanais é um processo de inclusão onde existem quatro momentos: a visualização, a documentação, a exposição, bem como o comércio do produto artesanal.

“Acho a ideia muito importante: a exposição de tudo o que foi feito até hoje, desde séculos anteriores, uma exposição quase cronológica do processo de produção ao longo da história. O estágio final seria a venda dos produtos, inclusive dando-se grande autonomia para os artesãos.”

(Tavares)

A antropóloga vê a possibilidade de criar associações de artesãos, apoiadas por universidades, que mantenham os Economuseus e que lhes deem suporte metodológico nas metas a atingir e onde a população se encarregaria da guarda do património e da produção para melhorar a qualidade de vida.

É a ecomuseologia que melhor reconhece e valoriza a existência do trabalho do artesão como artista e como mestre de uma profissão; integra e promove a autoestima pessoal e a integração e o reconhecimento social; reconhece as potencialidades económicas para uma região deste tipo de atividade capaz de associar o património material do artigo produzido ao património imaterial através do gesto que lhe dá vida; percebe que são memórias vivas que representam a História e a identidade de uma região e é capaz de salvar um setor em risco de desaparecer.

Existem hoje muitos exemplos deste tipo de instituições. A primeira foi a papelaria *Saint-Gilles*, no *Québec*, uma fábrica de produção artesanal de papel, que, por dificuldades financeiras, cessou a atividade em 1984 e depois foi classificada como sítio de interesse patrimonial, voltando a funcionar como Economuseu, aliando a economia à cultura. Muitos outros se seguiram espalhados pelo Canadá e, mais recentemente, em 2005, foi criada uma Sociedade que acolheu novos parceiros na Europa, como a Irlanda, Noruega, entre outros, e, em 2009, foi inaugurado, na Noruega, o primeiro Economuseu da Europa, com a colaboração da UNESCO.

O conceito de Economuseu foi citado na assembleia geral do *World Crafts Council*, que se realizou na Grécia em 2004, por Indrasen Vencatachellum, diretor da secção de Arte, Artesanato e *Design* da UNESCO, como das melhores experiências na promoção turística cultural:

“Les Artisans à l'œuvre : c'est un concept innovateur pour développer les liens entre l'artisanat et le tourisme culturel que celui des ÉCONOMUSÉE lancé en 1997 à Québec, au Canada. L'atelier de l'artisan est le point culminant de ce concept, entouré d'aires d'interprétation et de production. Ces espaces sont dotés de panneaux instructifs expliquant aux visiteurs de tous âges à la fois les techniques de fabrication et les étapes de production afin qu'ils puissent comparer les techniques traditionnelles avec une vision contemporaine. La vente des produits sur place assure l'indépendance financière des ÉCONOMUSÉE tout en permettant aux visiteurs d'obtenir à la fois une expérience et un produit uniques. Cette expérience est devenue si populaire auprès des touristes depuis l'année 2000, que des sociétés régionales ont été créées pour promouvoir le concept à l'extérieur du Québec et, progressivement, à l'extérieur du Canada, avec l'établissement de la Société internationale du réseau ÉCONOMUSÉE.” (Vencatachellum, 2004)

Como exemplos mais relevantes de empresas e atividades transformadas em Economuseus existentes em Portugal, temos: Museu do Arroz na Comporta; Museu da Chapelaria em São João da Madeira; Museu da Ciência do Café em Campo Maior, Navio-Museu Santo André, pólo Museu Marítimo de Ílhavo, etc.

Na Madeira, o Museu da Eletricidade “Casa da Luz”, Museu Sociedade Engenheiros da Calheta e *Blandy Wine Lodge* são exemplos.

Em muitos outros países do continente europeu e americano possuem museus empresas com atividades nas áreas de fabrico de papel; tecelagem; trabalhos em madeira, ferro, porcelana e vidro; jóias; panificação; vinho; etc.

3. Metodologia de intervenção num Economuseu

Neste ponto explicaremos as intervenções necessárias para criar as condições internas que transformem esta fábrica num Economuseu. Para esta intervenção vão ser necessários apoios técnicos e financeiros, visto que a fábrica não possui esses meios e, sem eles, o projeto não poderá ser realizado. Pretende-se, por isso, recorrer a apoios que garantam a sua exequibilidade.

Essas intervenções serão ao nível da recuperação do edifício e de todo o património existente, na recuperação e reestruturação das empresas, na formação dos recursos humanos existentes, no recrutamento de pessoal especializado, e na adaptação de espaços físicos.

As medidas a serem tomadas levam a uma descentralização e implementação de diferentes polos de ação e gestão que atuam de forma integrada no gerenciamento de três vertentes: uma museológica, uma empresarial, e uma produtiva.

Este projeto apresenta uma forte vertente museológica, que vai conferir à fábrica o estatuto de Museu, entendido como uma entidade prestadora de serviços, que contribuirá, não só para a sustentabilidade da fábrica, mas também, para o desenvolvimento económico e sustentável da região e do país. São conhecidos valores que apontam para o facto de instituições deste tipo representarem atualmente 50 a 70% do PIB dos países mais desenvolvidos¹³⁸. A área museológica atuará numa vertente de valorização social, educacional e cultural.

A vertente empresarial, por seu turno, atuará na gestão e da engenharia financeira, na estratégia empresarial, nas ciências jurídicas, no *marketing* e nas vendas, apoiada nas novas tecnologias da informação, de comunicação e no domínio da informática, porque se pretende que a P&G seja uma empresa sustentável.

A vertente produtiva garantirá a qualidade dos artigos produzidos, a certificação e a inovação.

3.1. Vertente museológica

A vertente museológica do projeto surge no sentido, não só de reconhecer, proteger e valorizar a singularidade do património edificado, bens móveis e equipamentos da fábrica, mas também de valorizar as atividades e o *saber fazer* tradicional, o objeto produzido e todo um conjunto de bens imateriais a eles associados e que fazem parte das memórias coletivas,

¹³⁸ Na definição de Sociomuseologia – Mário Moutinho. Agosto de 2010.

da cultura e da herança da região. As técnicas a utilizar baseiam-se em atividades de índole social, educacional e cultural, que ajudarão a criar novas fontes de receita apoiadas num conjunto de serviços.

Para esta nova área de actuação é necessário encontrar pessoal especializado e adaptar o espaço físico ao seu funcionamento.

3.1.1. Valorização Social

No que toca à valorização social, as técnicas a utilizar baseiam-se em ações de formação que devem abranger diferentes faixas etárias com o objetivo de desenvolver conhecimentos e potencialidades, fazendo disso um meio de realização profissional ou pessoal, ao mesmo tempo que se pretende incentivar os jovens para esta atividade e, desta forma, angariar novos profissionais.

Devem existir diferentes tipos de formação voltados para o desenvolvimento de pessoas ou de grupos, por meio da aquisição de conhecimentos, reciclagem de saberes e desenvolvimento de potencialidades que contribuam para o fortalecimento das identidades, da autoestima, inclusão, e conseqüente melhoria da qualidade de vida da comunidade.

Esta é uma área que acarreta custos e burocracias internas, por isso deve contar com parcerias, bem como com o apoio de outras instituições concededoras e especializadas na área do ensino, do emprego ou do apoio social e comunitário. Muitas dessas ações visam a redução de custos de operacionalidade e podem resultar em intercâmbios de interesses que favoreçam as partes envolvidas, ficando a gerência de alguns processos entregue a terceiros, e a fábrica concentrada apenas na sua atividade principal. Esta prática pode levar a um aumento da qualidade, da produtividade, da redução de custos e do aumento da competitividade.

Pontualmente, para algumas ações de formação organizadas internamente, podem ser estabelecidos valores.

3.1.2. Valorização Educativa

No respeitante à valorização educativa, as ações visam a melhoria na forma de comunicar para que o entendimento do público não satisfaça as suas expectativas, mas que as ultrapasse, para que a experiência provoque o desejo de voltar. Para isso devem ser criadas

estratégias de comunicação enriquecedoras, porque o objeto e o espaço podem ter a capacidade de nos deslumbrar, se soubermos entender a sua beleza, raridade, valores e sentimentos.

O ambiente de aprendizagem deve ser alicerçado na tradição e na pertença a uma comunidade, no sentido de tornar o visitante conhecedor do artigo e do processo de produção. Deve ser utilizada uma linguagem própria, de forma a tornar a visita uma experiência sensorial que vá para além do que é visível, porque o conhecimento é obtido a partir de todos os nossos sentidos.

Assim sendo, pretende-se que o visitante seja participativo e se integre no processo produtivo através da mediação da museografia e dos recursos museográficos. Desta forma são criados laços fortes e duradouros e a valorização do trabalho do artesão, bem como o *saber fazer* tradicional de qualidade ficam assegurados.

Para satisfazer estas exigências, a futura organização deverá deixar de produzir apenas para vender e produzir, de forma a valorizar a qualidade do objeto, o trabalho do artesão, assim como a forma de *saber-fazer* tradicional da bordadeira madeirense. Esse trabalho só pode ser entendido quando enquadrado no seu território e *in-situ*, na residência da bordadeira domiciliária ou no centro de produção da fábrica, como memória de uma indústria. São estes mecanismos que explicam e promovem a integração social, económica política e cultural.

Deve existir um percurso interno de visita à fábrica que seja envolvente. Quanto aos percursos externos, estes devem servir para enquadrar a atividade na paisagem e na região.

Em suma, este serviço de visitas pode ser encarado como um serviço prestado, razão pela qual deve ser atribuído um valor específico para cada tipo de visita (por pessoa, grupo ou família).

3.1.3. Valorização Cultural

No que concerne à valorização cultural, as ações devem ser, não só no sentido de recuperar e preservar o património material, mas também o património imaterial, desenvolvendo trabalhos (colóquios, conferências e exposições) que contribuam para o conhecimento, valorização e construção de uma realidade.

A História tem um importante papel, pois é ela que é capaz de criar uma mística que atrai o público, desperta interesse no cliente, dá a credibilidade necessária ao processo,

garante a autenticidade e tem um papel primordial no que diz respeito à recuperação, preservação, promoção e propagação da memória da Sociedade, visto que quantas mais memórias forem ativadas mais forte será a ligação da comunidade e maior o sentimento de pertença, de forma a fortalecer a identidade coletiva e garantir o seu desenvolvimento sustentável. As marcas mais bem-sucedidas têm associadas a elas uma História, posto que os consumidores se deixam encantar e deslumbrar, daí resultando a sua satisfação, a sua recompensa, e a vontade de voltar.

Efetivamente, estamos certos, recuperar os bens materiais e a sua História salvaguarda referências, experiências vividas e memórias, que, em conjunto, contribuem para a identidade cultural de uma população que se dedicou a uma atividade, que garantiu a sua sobrevivência, fixação e desenvolvimento da região. Esses entendimentos e essa sensação de estabilidade, anteriormente vividas, podem contribuir hoje para a redução da ansiedade e incertezas em que hoje vivemos.

Não obstante, esta preservação só é possível se a ela estiver associada toda a informação, conhecimento, rituais e processos de trabalho.

Entender e admirar o imóvel, a empresa, o objeto material e sobretudo o imaterial são testemunhos carregados de informação e de saberes que devem ser contextualizados para que as suas histórias sejam portadoras de um discurso de entendimento narrativo acessível aos diferentes públicos. Ao mesmo tempo salvaguarda-se, para as gerações futuras, todo um património.

O edifício, visto como património material edificado de valor e o responsável por albergar todo um conjunto de Bens Culturais indispensáveis ao entendimento e à produção dos artigos deve apresentar um bom estado de conservação. Para o efeito devem ser criados, por especialistas, projetos de recuperação nas diferentes áreas (águas e esgotos, eletricidade, pintura e acabamentos), no sentido de travar algum tipo de deterioração em curso e controlar futuramente os efeitos físicos¹³⁹ causadores de degradação. Este deverá ser um trabalho a realizar por empresas especializadas. Devemos ainda proceder à instalação de sistemas de segurança, que também obedecem a um projeto de especialidade e posterior instalação.

Do ponto de vista das ações futuras contínuas, outro nível de intervenção relevante, devemos proceder ao controlo das condições ambientais, designadamente a nível de iluminação, temperatura e humidade relativa. Fazer com regularidade o controlo e

¹³⁹ Temperatura, humidade e luz.

monitorização interno de pragas, bem como tratamentos de desinfestação com regularidade, contratando uma empresa especializada. A manutenção e limpeza dos espaços deve ser feita por uma empresa contratada, não deixando, porém, de ser necessário(a) um(a) pessoa da casa que execute alguns trabalhos nesse sentido.

O mobiliário e o equipamento, por seu turno, deverão ser entendidos como bens materiais indispensáveis ao funcionamento da produção dos artigos e, ainda, como objetos capazes de contextualizar uma época e uma indústria, daí que a sua recuperação seja fundamental.

A valorização do património arquivístico e bibliográfico desta fábrica exige um espaço digno para a sua instalação que possua um controlo e monitorização das condições ambientais e uma qualidade organizacional ímpar para manter a integridade física do património. Este trabalho passa por uma triagem de desenhos e de documentos, higienização, quarentena e expurgo, digitalização¹⁴⁰ e microfilmagem¹⁴¹, registos, e criar condições de acondicionamento próprios, devido à sua importância histórica e cultural reconhecida, com o intuito de os preservar, valorizar, respeitar e proporcionar o seu acesso rápido para uso da produção e estudo. Promover o estudo e a qualidade deste património é fundamental para entender a indústria do bordado na região. A aposta na qualidade deste arquivo¹⁴² implica, não só a melhoria das condições de depósito, mas também o aperfeiçoamento dos recursos humanos existentes e o recrutamento de outros, de forma a garantir uma organização que dê resposta às exigências e necessidades de acesso rápido, simples, eficiente que contribuam para uma economia de meios. Essas necessidades são dirigidas internamente para a produção, para a angariação de clientes como instrumento que servirá de catálogo, para o estudo do percurso da fábrica, sobretudo a nível de clientes, destinos, modas, etc... ou para dar resposta a solicitações externas para o desenvolvimento de estudos.

¹⁴⁰ A **digitalização** é uma prática de conservação preventiva que ao desenvolver projetos de transferência de um suporte físico para um formato digital permite: um acesso visual múltiplo à informação; impressão, envio por *email* ou por *fax* rápido e a baixos custos; o uso desta tecnologia possibilita que a imagem digital possua melhores características de legibilidade que fornecem fidelidade na multiplicação de cópias, facilidade e qualidade de acesso à informação, poupando assim os documentos originais ao manuseamento excessivo.

¹⁴¹ O **microfilme**/captação de imagem é uma alternativa às necessidades de preservar, armazenar e fundir documentação de arquivo. Entende-se por microfilme os sistemas de gestão, arquivo e difusão, em que cada uma das microfilmagens tem um valor individual. As vantagens são ao nível da segurança do documento original, permanência em arquivo, facilidade e rapidez de difusão, economia e armazenamento.

¹⁴² Entende-se por **Arquivo** o local onde se guarda e conserva conjunto de documentos, da produção administrativa, unidade orgânica e funcional da instituição, local físico da sua instalação, conjunto de operações realizada sobre os documentos (recolha, receção, registo, encaminhamento, classificação, conservação, avaliação comunicação e explicação).

*“Sem uma descrição adequada, os arquivos são como uma cidade desconhecida sem plano, como o cofre de um tesouro sem chave, pior ainda: tal como um viajante com um mapa inexato corre o risco de se perder, assim um instrumento de descrição erróneo ou imperfeito pode enganar gravemente o investigador.”*¹⁴³ (Dunchein; p.9)

Esta área terá também como finalidade promover ações de âmbito cultural ou científico que prestarão consultadoria e apoio à investigação, bem como à elaboração de teses de Mestrado e de Doutoramento, criar um centro de interpretação para o estudo e divulgação da documentação, publicar regularmente brochuras e documentação informativa do setor, das atividades propostas, realizar uma agenda para exposições e eventos, quer por iniciativa interna, quer por solicitação exterior, organizar visitas e manter atualizado o banco de dados. Este trabalho interno pode ser conseguido e dinamizado através da gestão de parcerias com várias instituições idênticas, nacionais, estrangeiras e várias universidades, entre elas, a Universidade da Madeira – UMa.

Esta área de valorização cultural pode disponibilizar gratuitamente, a um público restrito, mediante justificação, acesso a bases de dados físicos, informatizados ou através de um programa editorial. Esta é uma área que acarreta custos para a empresa, mas é ela que vai dar credibilidade e notoriedade à instituição.

3.2. Vertente empresarial

Relativamente à vertente empresarial, esta atuará na gestão e da engenharia financeira, na estratégia empresarial, nas ciências jurídicas, no *marketing* e nas vendas, apoiada nas novas tecnologias da informação, de comunicação, e no domínio da informática, porque se pretende que a P&G seja uma empresa sustentável.

Serão mantidos os recursos humanos existentes nesta área, mas redefinidas as suas funções e contratados novos quadros especializados para o desempenho das novas funções.

Paralelamente, devem ser criadas condições no sentido de reduzir os custos de operacionalidade e burocracias internas para que o seu desempenho seja mais eficaz. Para o efeito, essas condições passam por tomar algumas medidas urgentes.

¹⁴³ Dunchein, Michel- Études d’archivistique, 1957-92. Paris: Associação des Archivistes Français, pág 9.

Segundo o Dr. João Pedro Araújo, atual gestor conselheiro da fábrica, as primeiras medidas a serem tomadas devem ser no sentido de diminuir custos de operacionalidade, bem como de eliminar o supérfluo através da “ *fusão-incorporação*” das três empresas. Assim, a empresa *Patrício & Gouveia Sucrs. Lda* absorve as empresas *JDMG & Filhos Lda*. e *Gouveias Lda*., formando uma nova empresa, designada *Patrício & Gouveia Lda*., onde seriam também reestruturados e requalificados os recursos humanos.

A solução da “ *fusão-incorporação*” surgiu porque não se justifica haver uma empresa produtora, e duas empresas para venda dos artigos, podendo a primeira desenvolver integralmente a atividade. Com este procedimento haverá apenas uma gestão que representa a melhoria da sua rentabilidade e produtividade resultantes da redução global de custos de operacionalidade, assim como de uma melhor racionalização dos recursos humanos. Acresce ainda a redução de obrigações legais e dos custos inerentes a uma injustificada duplicação de estruturas, designadamente o cumprimento de obrigações contabilísticas e fiscais, que traduzem uma política de desburocratização da atividade desenvolvida pelas três sociedades.

É entendimento dos órgãos de gestão atuais que é urgente pôr fim a esta duplicação de custos, tirando vantagens resultantes da fusão, que se refletem a nível económico, comercial, financeiro, fiscal e de direção.

Depois do processo de “ *fusão-incorporação*” deve-se reestruturar a nova empresa, onde não haverá lugar para a variedade e qualidade dos artefatos vendidos pela empresa *Gouveias Lda*., que deve ser uma atividade a extinguir, pelo facto de não ser lucrativa nem valorizar os artigos produzidos na fábrica, libertando assim o espaço físico que virá a ser utilizado como área onde se instalará toda a estrutura e a vertente museológica necessárias ao Economuseu.

3.2.1. Gestão financeira

Esta área torna-se fundamental porque estamos perante uma empresa que se pretende sustentável, e não subsídio-dependente. Sem uma gestão financeira competente, auxiliada por um gestor de *marketing* e vendas, o fabricante e o artesão não têm meios de resistir à concorrência. Pretende-se uma gestão económica e financeira talentosa e compatível com o desafio, capaz de assegurar a sustentabilidade da empresa e o cumprimento de toda a sua parte fiscal e financeira.

As medidas a serem tomadas levam à implementação de diferentes polos de ação na área da gestão dos diferentes áreas de atuação, de forma integrada, supervisionando desde: a análise de contratos com os recursos humanos existentes; a viabilidade de recrutar pessoal especializado que contribuam para o desenvolvimento e modernização de uma nova estrutura; que planeie, a nível estratégico, uma forma de tomar decisões corretas para a condução financeira de todas as vertentes e setores de produção; que articule com as entidades públicas e privadas na identificação de oportunidades de financiamentos, apoios e colaboração na área financeira, na formação, no desenvolvimento turístico e na prestação de novos serviços a entidades exteriores; que analise o quotidiano, de forma a definir uma política de preços a aplicar nos artigos e aos novos serviços criados; que controle e negocie contratos com fornecedores e prestadores de serviços.

3.2.2. *Marketing* e comunicação

O *marketing* é entendido como o conjunto de técnicas e métodos destinados ao desenvolvimento das vendas, mediante o preço, as necessidades e o conhecimento da concorrência e do cliente, quer internacional, quer local.

Este é um trabalho que não deve ser entregue só a terceiros, mas deve depender de políticas adoptadas pela empresa, pois é ela que conhece a fundo as partes que a constituem, e as estratégias a serem aplicadas, de forma a constituir uma marca e um produto memoráveis e apreciados no futuro, alicerçado numa tradição, entendido sensorialmente, e que deve ir além daquilo que se vê.

São as estratégias de *marketing* que conseguem apresentar pistas, mesmo antes de entrar no edifício, que estimulam os sentidos e ajudam a criar ligações emocionais que diferenciam o produto/artigo e nos conduzam a pensamentos sensoriais mais positivos e duradouros, relacionados com o nosso bem-estar, e que podem favorecer o desejo de aquisição.

Uma empresa que tem quase um século de existência tem margem de manobra suficiente para se concentrar na estabilidade, no aspeto humano, no artigo e em rituais e, conseqüentemente, criar e utilizar palavras-chave e associações que podem auxiliar na criação de textos publicitários eficazes, que passaram de geração em geração, de forma a estabelecerem a linguagem da marca, exemplos:

Bem-vindos à tradição – o lugar onde a qualidade é executada por mãos habilidosas ao longo de gerações

O Bordado da Madeira feito por pessoas e para pessoas exigentes

Tivemos um século só a pensar no seu bem-estar

O resultado das estratégias de *marketing* deve identificar integralmente os espaços físicos, os artigos produzidos, a valorização do trabalho artesanal, e o perfil da marca P&G.

Os custos do *marketing* podem ser pesados para a empresa, mas devemos ter em consideração que é esta área que vai conhecer e gerir a carteira de clientes para a exportação, e o que se vai vender para o exterior e localmente não é apenas o artigo, mas também o produto museu, que irá estabelecer laços de pertença e partilha, justificar rituais, formar a comunidade, partilhar valores e difundir a marca e a qualidade do produto através do acolhimento envolvente ao visitante, bem como da capacidade de contextualização e de comunicação que oferece. De salientar que as marcas ou os artigos, que hoje são mais procurados, mais memoráveis e apreciados são aqueles que se alicerçam na tradição. Neste contexto, a museologia também vai ajudar através dos seus conhecimentos e da criação dos centros de interpretação.

As medidas de planeamento, adaptação e desenvolvimento devem ser adotadas a médio e a longo prazo, por uma pessoa especializada, que saiba utilizar os meios que a museologia fornece, de uma forma total e integrada, com uma publicidade sensorial, de forma a maximizar o consumo e a satisfação do cliente.

Poderá, se necessário, mesmo existindo a Marca Coletiva com Indicação de Proveniência para os Bordados da Madeira que garante a origem, tipicidade e qualidade dos artigos com proteção de legislação internacional, como é o caso dos acordos em matéria de proteção da Propriedade Industrial e Intelectual, criar um registo da marca e do logótipo da fábrica, no *Instituto Nacional de Propriedade Industrial – INPI*¹⁴⁴, porque vai reforçar a proteção e valorização da marca *Patrício & Gouveia*, em todos os artigos por ela produzidos, incluindo os produtos de *merchandising*, conferindo-lhe assim exclusividade, autenticidade, e garantia de qualidade ao cliente.

¹⁴⁴ Diário da República, 2ª série – N.º 116 – 19 de junho de 2014.

3.2.3. Vendas

Tem por objetivo prestar apoio e aconselhamento ao cliente nas decisões de compra dos artigos e no apoio pós-venda. Neste contexto, a postura do vendedor é essencial para que o cliente se sentir único e com um funcionário ao seu dispor, com um sorriso, e conhecedor do artigo que está a vender.

Para a comercialização estão previstos três espaços distintos:

- Venda das várias coleções de Bordado Madeira (mesa, roupa de cama, banho, roupa de criança, *souvenirs* e peças decorativas).
- Produção e venda de tapeçaria.
- Cafetaria e *merchandising*.

Porque os artigos Bordado da Madeira são únicos, devem ser acompanhados por folhetos informativos que contenham a história do artigo, quem o realizou e quanto tempo demorou, por quantos processos produtivos passou, a forma de utilizar o artigo, a forma de o conservar, pondo-se a fábrica ao dispor para qualquer tipo de serviço nesse sentido.

Porque os artigos Bordado da Madeira são de valor comercial elevado, poder-se-iam criar formas de pagamento mais atrativas, realizando parceria com uma instituição bancária que crie uma linha de crédito para o Bordado.

3.3. Vertente produtiva

É a área que garante o cumprimento de todas as funções da vertente de produtiva da fábrica, assegura a qualidade dos artigos, controla o *stock* dos bens de consumo, gere *stocks* de produto acabado e em curso, recebe as encomendas, envia-as para a exportação, e supervisiona os recursos humanos nessa área.

As tradições e a qualidade devem ser conservadas, e a inovação dos artigos deve ser incentivada. Podemos comparar o artesão de outros tempos com o *designer* de hoje, por isso ambos devem ser conhecedores das técnicas ancestrais, dos bens e das aspirações da comunidade e as necessidades do cliente para poderem renovar o artigo.

3.3.1. Design

O design tem importância para o setor de produção porque compreende o gosto, as necessidades e as tendências do atual cliente, mas também sabe ler, reconhecer influências,

interpretar épocas, e assim criar ou recriar artigos destinados a determinados mercados.

O seu objetivo de trabalho principal é, por isso, cuidar da imagem dos artigos de bordado e de tapeçaria produzidos, criar novas linhas, recuperar velhas coleções, e definir os artigos de *merchandising*, criar novas embalagens, decorar vitrinas, desenhar expositores, escolher cores, materiais, etc..., de forma a conferir coerência estética a todos os níveis de produção, apresentação, e venda.

É essa organização e uniformização dos espaços que melhoram a exposição dos artigos, marca a diferença, reforça a qualidade dos artigos, distinguindo-os de outros de inferior qualidade, e ajuda o cliente na hora de decisão de compra.

4. Um modelo de organização baseado na prestação de serviços

Neste ponto apresentamos um número de serviços que a fábrica tem condições de prestar aos seus clientes e visitantes.

Os serviços prestados por esta fábrica podem ser entendidos também como ofertas turístico-culturais que servirão como complemento financeiro para a sustentabilidade da empresa, funcionando ao mesmo tempo, como auxiliares à divulgação.

A museografia dá sentido a todo o processo, que deve ser coordenado de acordo com as funções e com o espaço, criando conteúdos de qualidade, mas mantendo um relacionamento simples, didático e claro entre os objetos, de forma a obter diálogos capazes de proporcionar ao visitante bem-estar, assim como diferentes interpretações daquilo que vê.

Só depois de definido o conjunto de funções, ações e serviços, se podem definir os espaços físicos e o perfil dos recursos humanos necessários. Estes elementos fornecem orientações necessárias à elaboração dos projetos de especialidades e de arquitetura, no que diz respeito às condições e à utilização dos diferentes espaços, os quais devem ser articulados com as condicionantes das secções necessárias à produção, bem como com as condicionantes técnicas da arquitetura do próprio edifício.

a) Ações de formação

Este serviço terá por finalidade disponibilizar um conjunto de competências profissionais capazes de produzir pareceres e elaborar estudos por solicitação exterior ou por necessidade interna. Poderá funcionar em parcerias com entidades que possuam interesses comuns, no sentido da defesa do património regional do bordado e da tapeçaria, assumindo-se como Fábrica/Escola, criando cursos e formações que garantam a continuidade da atividade:

- Curso de formação ou de reciclagem de bordadeiras e de outras profissões associadas, de forma a investir na continuidade da arte.
- Realização de *Workshops* para dar a possibilidade ao visitante de ter uma experiência de trabalho numa ou em várias secções da produção e levar o trabalho que realizou.
- Cursos cuja temática abrangeria a tapeçaria – destinado a professores, a reformados, e ao público em geral.

- Cursos sobre a vertente artística, ministrando cursos de desenho do Bordado, destinados a professores de Educação Visual e Tecnológica, e a alunos do curso superior de Artes-Plásticas.
- Cursos de decoração de montras com bordado ou com tapeçaria, de forma a divulgar e a alargar os locais de venda. Esses artigos podem ficar à consignação ou mediante aluguer, em lojas de cadeias nacionais ou internacionais.
- Podem ser criados programas de formação com uma componente de ocupação temporária de trabalho.

b) Extensão Escolar

Dada a importância que a componente escolar tem em qualquer programação museológica, este serviço terá por função a planificação, animação e aprofundamento da relação da fábrica com a comunidade escolar: primário, secundário, e superior.

Tem o objetivo de promover, garantir e ampliar a interação Fábrica/Escola com a participação de professores, alunos e profissionais.

c) Extensão Comunitária

Este serviço tem por objetivo aprofundar a relação da fábrica com o meio, acolhendo iniciativas exteriores, dando resposta a solicitações para a disponibilização de espaços para a realização de debates, lançamento de um livro ou disco, apresentação de curtas-metragens, moda, etc.) através de uma planificação que terá lugar numa área própria contígua ao Centro de Estudo e de Interpretação.

Tem ainda lugar a promoção, formação ou o apoio a outras instituições que se dedicam ao apoio social e comunitário na região, nomeadamente centros de dia, através de uma planificação que contará com animação e aprofundamento da relação da fábrica com a comunidade mais idosa, em locais próprios de cada secção de produção.

d) Lazer

Este serviço tem por objetivo prestar apoio à população local ou estrangeira que se dedica a esta atividade como lazer, possibilitando a utilização do espaço para realizar os seus

trabalhos, nomeadamente no serviço da secção de estampagem ou adquirir materiais para a confeção da tapeçaria ou do bordado em sua casa como atividade de lazer.

Note-se que a fábrica deve possuir uma área para atender esse tipo de cliente.

O leque de oferta de desenho e dimensões será limitado, de forma a não interferir com os artigos produzidos pela fábrica para comercialização ou com as encomendas de clientes.

Deve ser criada uma tabela de preços para as atividades de lazer e para a venda de artigos para essa atividade.

e) Visita à fábrica

A visita às secções de produção do bordado será a principal área expositiva aberta ao público e a que melhor deverá definir, através da sua envolvimento, a identidade do artigo produzido e do espaço – Fábrica.

Neste contexto, o principal património a divulgar é a forma do *saber fazer* tradicional da bordadeira, preservando *in-situ*, recriando áreas como auxiliares de memória e objetos reais, que vão sendo contextualizados, apresentados e explicados ao longo do percurso de produção, sob critérios didáticos, que vão enquadrando as atividades no tempo e no espaço físico.

Na visita à Fábrica, o visitante pode acompanhar todo o processo de produção e interagir com o artesanato em contexto autêntico, mas sem perturbar a produção dos artigos. Pode obter informações da guia turística ou do responsável pelos serviços educativos da casa que acompanha e que exemplifica o método, o processo, a produção, os utensílios usados em cada secção, e a evolução da técnica. Este tipo de comportamento transmissão/aprendizagem possibilita visitas mais atentas, dá a conhecer e a perceber melhor o produto, potencia o respeito pela identidade cultural, pela preservação do património e pelo valor social do trabalho, despertando também o interesse e o desejo de aquisição.

Todas as secções devem ser reestruturadas e melhoradas para que o percurso de visita contribua, de forma clara, para o entendimento das diferentes secções e esclarecimento dos vários passos da produção e das diferentes profissões envolvidas no processo.

O percurso tem início na área de acolhimento (receção), localizada no r/c, onde o visitante será encaminhado para as diferentes zona de produção. A primeira secção a visitar é a de desenho, localizada no 1.º piso. Aqui, o visitante tem a oportunidade de conhecer a área

destinada ao centro de interpretação do desenho do Bordado da Madeira, a zona de criação e o local de arquivo de desenho; depois, passar para a secção de picotagem, onde pode acompanhar a realização das chapas (cópias). A segunda fase da visita é no 2.º piso, na secção de estampagem. Aqui, o visitante tem a oportunidade de entender e acompanhar o processo de corte do tecido, bem como a estampagem do desenho nesse tecido. A terceira fase da visita será realizada no 3.º piso, onde o visitante pode acompanhar a fase do bordado, e todas as que se seguem, desde a entrada do bordado na fábrica, depois do trabalho das bordadeiras domiciliárias, até às secções de lavandaria, acabamentos, engomadaria, dobragem, selagem, terminando na secção de embalagem dos artigos.

Neste percurso, o visitante tem ainda a oportunidade de conhecer a zona de exposição temporária, que terá sempre alguma informação e área da biblioteca, tudo localizado no 1.º piso; passa pela recebedoria, onde pode encontrar alguma bordadeira domiciliária ou algum dos seus agentes que levantam ou entregam trabalhos do exterior; para os mais exigentes em matéria de conhecimento, na cave, podem encontrar o centro de estudos e interpretação, onde ficará a conhecer a História e todos os estudos realizados até ao momento sobre o Bordado da Madeira, o edifício, e a empresa.

A visita à fábrica pode levar cerca de uma hora e será acompanhada por uma guia turística e /ou por uma pessoa da fábrica que presta esclarecimentos. O tempo de visita no centro de estudos e interpretação pode variar. No final, o visitante pode adquirir artigos de Bordado Madeira, tapeçaria, *merchandising* e utilizar a cafetaria. Aqui, o tempo depende de cada um ou do programa estabelecido pela agência de viagem.

Todo o tipo de visita deve ser informado e calendarizado, dentro do horário de funcionamento. São considerados dois tipos de visitas:

- Visitas em grupo (turísticas, escolares ou famílias), acompanhadas por um guia turístico e por uma pessoa da fábrica.
- Visitas individuais acompanhadas pelo(a) guia da fábrica.

Os visitantes são informados de que não é permitido fumar em todo o edifício, que só é permitido comer ou beber na área da cafetaria, e que os espaços devem ser respeitados.

De acordo com o tipo de visita, a hora e o gosto pessoal, o visitante tem direito a um café, chá, sumo ou vinho madeira, acompanhados por uma guloseima regional produzida na cafetaria.

Será criada uma tabela de preços para os diferentes tipos de visita.

f) Descoberta no exterior de percursos do bordado

Compete a este serviço programar e executar circuitos de descoberta do bordado nas restantes áreas da região. Aqui devemos contar com a colaboração de agências de viagem e instituições ecologistas e ambientais, na definição percursos de visita guiada ao espaço rural, e às bordadeiras de casa, dos conteúdos, trajetos e duração, em função dos públicos-alvo e dos objetivos da programação anual das instituições e da fábrica.

A visita à fábrica poderá ser realizada no início ou no final do percurso exterior.

O custo deste serviço deverá ser acordado com os parceiros da organização.

g) Centro de interpretação do desenho do Bordado da Madeira

Compete a este serviço melhorar as condições de conservação e de acesso ao arquivo de desenho e documentação da fábrica, através do levantamento de todo o acervo que deve ser estudado, inventariado e digitalizado.

Este é um património que requer um especial cuidado, porque pode ser considerado como um Património Nacional único, devido à sua diversidade e dimensão. Torna-se essencial, por isso, criar um centro de interpretação e de documentação deste património porque é através dele que podemos obter dados importantes sobre o percurso da indústria do bordado, que nos leva a conhecer também os costumes, as influências e o gosto, bem como os destinos desses artigos, enquadrando-os nas sociedades recetoras dos artigos relacionadas com a História da região desde o início do séc. XX.

O espaço de acolhimento deve estar devidamente equipado e informatizado para possibilitar a consulta e o acesso rápido. Servirá também para uso próprio da fábrica; para apresentar como *portfolio* a clientes; para aprofundar estudos locais e internacionais; para a elaboração e recuperação de antigos desenhos, artigos ou linhas de produção, que podem ser destinados a um nicho de mercado; para a inovação, inspiração, adaptação ou criação de novos desenhos e novas linhas de produção.

Esta disponibilização de arquivo deve ser regida mediante políticas criadas internamente, visando a proteção do acervo próprio ou dos clientes.

h) Centro de estudos e interpretação

Esta é uma área que pode ser visitada antes e/ou depois das secções de produção.

O centro de interpretação será instalado numa sala equipada e preparada para esclarecer o público mais exigente sobre a História social e artística do Bordado da Madeira; explica a economia e a sociedade na região nos séculos XIX, XX e XXI; retrata a evolução do setor desde o povoamento; focar características do bordado; apresentar obras excepcionais e locais distintos de utilização; contar a História e o percurso da empresa e do edifício.

Para este espaço, os objectos escolhidos e o discurso expositivo devem ser cuidados, porque é aqui que se encontram os resultados de toda uma investigação pluridisciplinar sobre os objetos seleccionados, as atividades, e o edifício.

Esta exposição poderá conter pequenos textos, documentos, fotografias, desenhos, gravuras, objetos e outros materiais complementares escolhidos que ajudam a interpretar a existência desta fábrica, bem como das atividades que nela se desenvolvem.

i) Publicações

Deve ser definida uma política editorial regular para a publicação de brochuras, desdobráveis, edições, produções audiovisuais na fábrica ou nos meios de comunicação social (Imprensa, Televisão, Rádio, Portais de *Internet*, etc.), para manter informados os utilizadores dos eventos a decorrer, das descobertas realizadas, assim como dos estudos efetuados.

Muitas destas publicações podem ter distribuição gratuita, mas algumas serão para venda local.

j) Exposições

Podem ser consideradas três tipos de exposição que através da sua apresentação contribuem para o entendimento e divulgação do setor, promoção da fábrica, constituindo uma forma de atrair um maior número de utilizadores ou potenciais clientes.

Estas exposições devem ser agendadas de acordo com o funcionamento da fábrica, com o calendário anual, estações do ano, etc.

- Exposições temáticas ou de curta duração. Terão prioritariamente por objetivo contribuir para o esclarecimento e reflexão sobre temas e problemas relacionados com a época ou com as atividades que se desenvolvem na fábrica, onde serão promovidos debates ou apresentadas exposições de artistas

contemporâneos, artesanato, bordado, tapeçaria e tecidos de outras regiões ou países.

- Exposições itinerantes. Terão o papel de articular a fábrica com diferentes instituições locais, nacionais e internacionais. Estas exposições poderão ser dos seguintes tipos: adaptação e síntese de exposições de curta duração; exposições temáticas criadas por iniciativa própria ou por solicitação; maletas pedagógicas para os estabelecimentos de ensino; exposições descartáveis para oferta.

- Acolhimento de exposições. O programa expositivo da fábrica poderá integrar exposições produzidas por outras instituições que se integrem na planificação geral ou que traduzam a colaboração com outras entidades: Universidades, Instituto de Conservação da Natureza, instituições Científicas e Culturais, Organizações não governamentais, Museus, etc.

Os pedidos para a utilização do espaço deverão ser apresentados, no mínimo 30 dias antes, sob proposta, que inclua: o tema, o tipo de materiais a utilizar, a planta da exposição, a forma de expor, a duração da exposição, o número de convidados e/ou participantes, a programação e os horários.

A equipa responsável deve estar devidamente identificada, ficando responsável por toda a montagem e desmontagem da exposição.

Os convites estão a cargo de quem solicitou o espaço, bem como qualquer tipo de despesa do serviço de cafetaria ou de segurança do espaço para além do horário normal de funcionamento da fábrica.

Este poderá ser um serviço gratuito ou mediante pagamento de um valor a ser estipulado, de acordo com o tipo de exposição.

k) Vendas

Estão previstos quatro espaços de vendas, um *on-line*, e três espaços físicos: uma loja para venda do Bordado; uma cafetaria, com venda de outros artigos relacionados com a casa e com as atividades (*merchandising*), aberta à venda de artigos dos criadores locais; um espaço para a criação, formação e venda da Tapeçaria.

l) Apoio Pós-venda

Compete a este serviço prestar o trabalho de recebimento e encaminhamento dos artigos para a manutenção e lavandaria, bem como a reparação de pequenos danos ou ainda a conservação e o restauro de peças mais antigas.

Aqui deve de ser criada uma tabela de preços para estes serviços.

m) Aluguer de artigos para eventos

Este serviço tem por objetivo criar parcerias para a divulgação através do aluguer de diferentes tipos de artigos produzidos na fábrica (artigos para cama, mesa, banho, roupa de criança e noivas) para a realização de eventos especiais organizados por privados, profissionais (arquitetos, decoradores, etc.) ou instituições (hotéis, restaurantes, etc.) e, depois, possibilitar ao cliente uma visita à fábrica ou um desconto simbólico na aquisição de artigos. Este é um serviço que se destina a clientes especiais que gostam de experimentar no seu quotidiano produtos e artigos mais sofisticados quer em qualidade, quer do ponto de vista visual.

Será necessário criar uma tabela de preços para este tipo de serviços.

n) Organização de eventos

Este serviço tem por objetivo apoiar e realizar atividades dentro ou fora da fábrica, como por exemplo: organizar e marcar viagem, hotel, *transfere*s, visitas e reuniões para potenciais clientes ou grupos de visitantes; organizar pequenas atividades como: chás, almoços, jantares temáticos ou prova de vinhos, etc., acompanhados com visita às secções de produção e à exposição permanente.

Estas organizações podem estar associadas e integradas nas exposições de curta duração ou realizadas em parcerias com outras instituições (agências de viagem, hotéis, restaurantes, Instituto do Vinho, etc.), destinando-se a grupos locais ou turistas.

Como cenário que servirá ao entendimento de utilização dos artigos produzidos, estes eventos serão integrados com atividades que fazem parte de rituais (baptizados, refeições temáticas em épocas especiais do ano, etc.), tendo como objetivo o entendimento duma cultura integrada num local.

De acordo com as atividades, será criada uma tabela de preços para os serviços.

5. Organigrama espacial

A requalificação e reorganização espacial do edifício devem ser no sentido de manter o espaço edificado, sem alterar estruturas nem fisionomia, mas sim, recuperar, requalificar, revitalizar, valorizar e tirar partido da arquitetura do edifício, dos espaços e das secções que nele se desenvolvem, adaptando-os às novas necessidades e aos novos serviços que vão alavancar a sustentabilidade da casa e da atividade.

A nova organização deve privilegiar uma aproximação do público com as atividades de produção para que o visitante descubra, participe e obtenha conhecimentos, num espaço e num percurso claro, amplo e confortável, mas ao mesmo tempo que não perturbe a produção.

Todos os espaços devem estar equipados e mobilados com as peças originais devidamente recuperadas e tratadas. Novos equipamentos informáticos devem ser adquiridos para dar resposta às exigências da nova organização.

A nova distribuição dos espaços físicos foi pensada de forma a satisfazer as novas necessidades do funcionamento da fábrica. Pretende-se manter o percurso lógico de produção, criando condições para visitas, de forma a não interferir com o trabalho do artesão; melhorar a área de acolhimento; maximizar, melhorar e ampliar as zonas de vendas locais; maximizar a área de exportação; criar instalações para as funções necessárias às atividades referentes à vertente museológica, ao *marketing*, ao *design*, aos diferentes serviços criados e ainda à melhoria e maximização dos espaços destinados à vertente empresarial. Alguns espaços serão públicos, outros públicos condicionados, e ainda outros serão reservados.

Os espaços públicos ficarão localizados na cave, com uma sala destinada a exposições de longa duração, Centro de Estudo e Interpretação; uma área polivalente para a realização de eventos de iniciativa interna ou mediante solicitação externa, e instalações sanitárias; no r/c, os espaços comerciais, e a secção de tapeçaria, a receção – Espaço de acolhimento ao visitante e instalações sanitárias; no 1.º piso, as áreas públicas serão as secções de desenho e picotagem com áreas de formação; no 2.º piso, a zona de exposições de curta duração e a secção de estampagem com área de formação; no 3.º piso as restantes secções de produção, compostas por uma área para a bordadeira, a verificadora, a lavandaria, a engomadaria e a dobragem, acabamentos, selagem, embalagem e secção de conservação e restauro do bordado e da tapeçaria, com espaços destinados à formação.

Os espaços públicos condicionados ficarão localizados na cave, com uma área

destinada aos serviços educativos; no r/c, a entrada de serviço; no 1.º piso, a biblioteca/espço de leitura, o centro de documentação, o arquivo de desenho, o centro de estudo e interpretação do desenho do Bordado da Madeira; e, no 2.º piso, a recebedoria, com *stock* de linhas e artigos para aluguer.

Os espaços reservados ficarão localizados na cave, com um gabinete de apoio aos serviços culturais, sociais e educacionais; uma área de apoio aos funcionários com cantina, instalações sanitárias e gabinete médico; um armazém e uma oficina; no r/c, reservas da secção de tapeçaria e de bordado; no 1.º piso, uma sala de reuniões; no 2.º piso existirão os gabinetes de apoio à exportação, à produção, à gestão financeira; áreas de reservas e *stock* de materiais de consumo, bem como instalações sanitárias.

O fator acessibilidade está solucionado, uma vez que o edifício está equipado com um elevador central, que contempla todos os pisos, para facilitar a circulação a públicos e funcionários com dificuldades motoras, estando o percurso assegurado a cadeiras de rodas. Apenas duas pequenas rampas de acesso devem ser colocadas na entrada de serviço e no acesso interior a uma das lojas para ultrapassar um degrau, em cada uma das situações.

Quadro 21: DISTRIBUIÇÃO DOS SERVIÇOS PELOS ESPAÇOS

TIPO DE ESPAÇOS	DISTRIBUIÇÃO DOS ESPAÇOS	SERVIÇOS
PÚBLICOS	Sala de exposições de longa duração - Centro de Estudo e Interpretação	a) b) h)
	Área polivalente	a) b) c) h) j)
	Instalações sanitárias	
	Espaços comerciais, cafetaria	d) k)
	Secção de tapeçaria	a) b) d) k)
	Hall de entrada/Recepção	
	Secções de produção, conservação e restauro do Bordado da Madeira	a) b) c) e)
Áreas de formação e lazer	a) c) d)	
PÚBLICO CONDICIONADO	Área de serviços educativos	b)
	Entrada de serviço	
	Biblioteca/Espço de leitura e Centro de Documentação	a) i)
	Arquivo de desenho	a)
	Centro de Estudo e Interpretação do Desenho Bordado Madeira	a) g)
Recebedoria	l) m)	
RESERVADOS	Gabinete dos Serviços Culturais, Sociais e Educacionais	f) n)
	Área de apoio aos funcionários	
	Zonas técnicas – Armazém e Oficina	
	Sala de reuniões da Direcção	
	Gabinetes de apoio à Produção, Exportação e Gestão Financeira	
	Áreas de reservas e stock de materiais de consumo	
Instalações sanitárias		

5.1. Discrição das funções dos diferentes espaços

5.1.1. Espaços públicos

Sala de exposições de longa duração – Centro de Estudos e Interpretação

Este é um espaço que se destina ao Centro de Estudo e Interpretação do Bordado da Madeira, do Edifício e da Empresa, tendo como função a divulgação do conhecimento para as ações de formação, apoio escolar, e visitas. Tem como objetivo criar um espaço que responda às necessidades encontradas, de apresentar e enquadrar a História e o percurso da empresa, desde os acontecimentos mais relevantes nos anos que antecedem a sua fundação em 1925, relacionando-a com as influências alemãs que possui na sua organização e com a casa síria “*Saydah Importing C^o*”; conhecer e valorizar o trabalho individual de cada funcionário através da documentação encontrada na fábrica e que contém fichas individuais de identificação de cada funcionário; identificar e valorizar os criadores da empresa e as suas criações de desenho de Bordado da Madeira; enquadrar e divulgar as condecorações obtidas; conhecer os percursos e os locais para onde exportou; justificar a importância da empresa para a região, a nível económico, social e cultural.

Apresentar e evidenciar as características e as singularidades do edifício, através de um enquadramento histórico, desde as necessidades da sua construção, à realização dos dois projetos de arquitetura, à construção, e até à sua inauguração.

Neste espaço também serão contempladas, de uma forma retrospectiva, as influências e o percurso da indústria do bordado, do desenho e dos pontos utilizados no Bordado da Madeira, bem como as profissões associadas a esta atividade.

Quanto ao acervo deste núcleo expositivo, a fábrica possui um grande espólio de objetos e de documentação que devem ser investigados e enquadrados. Pretende-se recorrer ao apoio do IVBAM, a nível técnico, bem como do Museu de Fotografia Vicentes, para o fornecimento de imagens. Os particulares podem colaborar, mediante políticas de incorporação na coleção, através de empréstimo ou doação, recebendo regalias especiais. Essas doações podem ser registos de vida, objetos ou peças de bordado.

Área polivalente

É uma área que dá resposta a várias necessidades internas ou solicitações externas,

tendo como função a realização de eventos de carácter temporário de extensão comunitária e escolar, desde a realização de ações de formação, promoção de debates, lançamento de um livro, disco, projeção de curtas-metragens, etc.

Este também é um espaço aberto a novos criadores para a apresentação de novas propostas, novas interpretações do bordado, assim como para a realização de outras atividades inspiradas no bordado, onde o visitante pode apreciar a criatividade e acreditar na continuidade histórica de um saber fazer tradicional adaptado às necessidades e ao gosto da atualidade. Estas exposições podem ser organizadas pela fábrica ou mediante solicitação exterior do espaço.

Instalações sanitárias

Haverá uma instalação sanitária pública na cafetaria.

As instalações sanitárias na cave e na loja de bordados podem ser utilizadas pelo público em geral, mediante pagamento de utilização do espaço.

Espaços comerciais e secção de tapeçaria

Os espaços comerciais destinam-se à exposição e venda dos artigos de Bordado da Madeira produzidos na fábrica, produção e comercialização de tapeçaria, cafetaria e *merchandising*.

Estão previstos três espaços para a comercialização, todos no r/c, e com porta e montra para a rua:

O maior espaço será uma Loja/*Boutique* destinada unicamente à comercialização do Bordado da Madeira, que contará com cinco áreas distintas destinadas às diferentes coleções: uma secção para roupa de mesa, uma para roupa de cama, outra para roupa de banho, uma para artigos de criança, uma pequena secção destinada à comercialização de pequenas peças decorativas e de uso pessoal. Este espaço conta com um vestiário, um armazém de *stock* e instalações sanitárias.

O espaço mais pequeno destina-se à Cafetaria e *Merchandising*, que podem ser entendidos como serviços que contribuem para um melhor acolhimento e, ao mesmo tempo, para a rentabilidade, divulgação da fábrica, e artigos produzidos.

A ideia de uma cafetaria surge no sentido de apelar a um outro tipo de cliente, que

pode inicialmente não estar interessado em visitar a fábrica, mas que se tornará um utilizador do espaço; será um local de repouso para o visitante que permaneceu algumas horas no edifício; é uma área que pode possibilitar a realização de algumas actividades ou eventos como, por exemplo, uma prova de vinhos ou a degustação de alguma iguaria típica.

O *merchandising* é uma forma de divulgar uma imagem através da utilização e/ou venda de artigos utilitários e de *design* cuidado, apoiados numa imagem que nos reporta ao bordado, à atividade ou à fábrica (arquitetura, objetos, logótipo, etc.) e de custo acessível a todas as bolsas.

Pode ser criada uma relação de complementaridade entre a cafetaria e o *merchandising*, quando se utiliza equipamento da própria fábrica para a sua decoração, ou quando se criam objetos de uso diário para a cafetaria (chávenas, pratos, copos, etc.) alusivos à atividade ou à fábrica, e que também podem ser comercializados.

Este espaço conta com um pequeno balcão de apoio ao serviço; uma pequena área destinada à confecção de iguarias, onde o cliente pode acompanhar o processo de confecção; expositores para a apresentação dos artigos de *merchandising*, bem como uma instalação sanitária pública.

O espaço intermédio destina-se unicamente à tapeçaria, onde será produzida e comercializada.

É um espaço separado das restantes áreas de produção e comercialização porque apresenta diferenças no processo produtivo, tem uma história diferente da do bordado “normal” e porque também pode ser aplicado e utilizado em artigos diferentes.

O cliente tem a oportunidade de acompanhar ao vivo e participar do trabalho das artesãs durante o processo criativo e produtivo destes artigos.

Este espaço conta com uma pequena área destinada à coleção de malas de senhora; artigos de decoração para o lar e artigos de natal; uma área para a formação; um armazém para o *stock* de materiais e peças prontas, assim como um espaço para o arquivo de desenho desta secção.

A receção

É o local onde é feito o acolhimento ao visitante da fábrica. Esse acolhimento deve ter início já no exterior do edifício, no local onde os autocarros, que transportam os turistas, param. Esse deve ser um espaço seguro para o visitante, não podendo interferir com a

circulação automóvel nem com os transeuntes locais. Por isso, as entidades competentes devem ser contactadas no sentido de criar esse espaço de paragem para os autocarros turísticos, inexistente até ao momento, já que esta zona possui outros locais de interesse a visitar e que fazem parte de percursos, já existentes, de visita à cidade. Também devem ser corrigidos os locais de paragem de transportes públicos locais, visto este ser um troço de avenida, com inúmeras paragens de autocarros e, por isso, cria a determinadas horas do dia grande concentração de utilizadores desses meios de transporte, o que dificulta a circulação de peões e o trânsito automóvel.

Dentro do edifício, o espaço de receção deverá situar-se no *hall* de entrada da fábrica, que se localiza no r/c, com acesso a todos as outras áreas através de uma escadaria ou de um elevador.

Neste espaço interno deve estar um(a) rececionista que receba e apoie o visitante, informe sobre o que pode ver, os horários de visita, e se responsabiliza pelas marcações, entrega mapas de percurso, desdobráveis, cartões, folhetos explicativos sobre as atividades e sobre a empresa. Ao mesmo tempo, este trabalho será o instrumento de controlo de entradas, seleção e encaminhamento de quem quer visitar a fábrica, comprar algum artigo, bem como a que loja se deve dirigir.

Deve ser um espaço acolhedor, bem iluminado, e que incentive a visita ou o interesse nos produtos comercializáveis. Esta estratégia pode ser alcançada com a colocação permanente de um pequeno filme (de alguns segundos) ou alguns diapositivos que mostrem o interior da fábrica em funcionamento ou os seus artigos.

Secções de produção do Bordado Madeira - Centro do Economuseu

A Fábrica possui seis secções de produção do Bordado da Madeira, locais onde os artesãos produzem de forma tradicional os artigos de qualidade que depois vão ser comercializados. Este será um espaço que, para além de servir à produção, será um percurso visitável, contando com áreas para o lazer em todas as secções, bem como para ações de formação.

O percurso visitável deve ser dinamizado pelos serviços educativos, deve ser lógico, motivador, sugestivo, compreendido de forma a contemplar todas as secções, com o intuito de explicar a linha de produção, valorizar o trabalho e justificar o custo dos artigos.

Todas as áreas devem possuir equipamentos e materiais necessários para as funções

de cada secção e ainda alguns auxiliares de memória, devidamente contextualizados, que auxiliem o percurso de entendimento: na secção de desenho, utensílios utilizados para desenhar ou para contar os pontos do bordado; na secção de picotagem, vários tipos de picotadoras; na secção de estampagem, vários tipos de pesos, tesouras, taças com tinta de estampar (graxa), pigmentos, bonecas, etc; na secção de acabamentos, uma coleção de ferros de engomar, máquinas para forrar botões, máquinas de secar e de lavar antigas, etc; junto à zona de escritórios, máquinas de escrever antigas, calculadoras, cofres, etc.

No percurso (3.º piso) deve ser criado um espaço para a bordadeira, para não haver lacunas na cadeia, que se quer cronológica e perceptível, em todos os seus passos. A fase exterior do bordado e o modo de vida das bordadeiras de casa também não podem ser esquecidos, tendo em conta a sua importância no processo que garante as encomendas e o *stock* de vendas. Este espaço deve recorrer à presença de uma bordadeira a tempo inteiro na instituição, assim como a fotografias que contextualizam a atividade no meio rural, explicação que pode ser completada com visitas exteriores.

Áreas de formação e lazer

Em todas as secções devem ser criados espaços, com equipamentos apropriados para a formação, reciclagem e aprendizagem do ofício. Esses espaços também serão utilizados para as atividades de lazer.

5.1.2. Espaços públicos condicionados

Área de serviços educativos

Esta área servirá de apoio a atividades escolares, trabalhos e ações de formação destinadas às escolas.

Entrada de serviço

A estrada de serviço é reservada aos funcionários e visitantes com dificuldade motora.

Biblioteca/Área de leitura e Centro de Documentação

Este espaço será o local de arquivo de documentação da fábrica e de todas as suas publicações futuras. Também deve existir nesta zona uma área, destinada ao estudo e à investigação da documentação da fábrica, que poderá ser consultada mediante autorização.

Arquivo de desenho

O arquivo de desenhos originais continuará integrado na secção de desenho. As caixas e o seu conteúdo serão recuperados, bem como o seu suporte. As caixas serão devidamente identificadas e numeradas, e o registo do seu conteúdo será feito em livros gerais de inventário que permanecerão também neste espaço. Este arquivo será para a utilização da fábrica ou mediante solicitação autorizada para estudos e divulgação.

Centro de Estudo e Interpretação do Desenho Bordado da Madeira

Todo o 1.º piso está destinado ao desenho e à documentação. É nesta área que se realizam os desenhos de Bordado da Madeira, a picotagem, o arquivo, o tratamento do arquivo de desenho e de documentação da fábrica.

Depois de digitalizado todo o arquivo de desenho, será esta a área que albergará todo o suporte informático e fotográfico existente e necessário.

Será aqui também que irão ser instaladas as secções de *design*, de *marketing* e comunicação, responsáveis pelas vendas *on-line*, assim como todo o tipo de contactos com o exterior, pelo tratamento e divulgação de imagem da fábrica quer no local, quer ao nível dos meios de comunicação e divulgação mais sofisticados.

O tratamento de imagem da marca deve ser coerente e abranger as secções de produção, zonas comerciais, artigos a serem produzidos, desenhos e coleções a serem realizados ou recuperados, *merchandising* e publicações.

A recebedoria

É o espaço onde as bordadeiras domiciliárias ou os seus agentes se deslocam para levantar ou entregar os trabalhos, onde se preparam as encomendas para as bordadeiras domiciliárias, onde se realiza o registo e a entrega dos artigos para aluguer, onde se aceitam peças para apoio pós-venda, e onde se dá apoio à produção.

5.1.3. Espaços reservados

Gabinete dos Serviços Culturais, Sociais e Educacionais

Esta área destina-se a albergar a gestão da parte museológica (social, educacional e cultural), receção e à organização de eventos, visitas exteriores e exposições.

Área de apoio aos funcionários

A área destinada aos funcionários possui vestiários com cacifos, sala de refeições equipada com mesas, bancos, lava-louça, microondas, frigorífico, instalações sanitárias e gabinete médico.

Armazém e Oficina

O armazém é um espaço destinado ao armazenamento temporário de equipamento necessário à fábrica ou às exposições.

A oficina será utilizada para reparações no mobiliário e no equipamento, bem como para armazenar material destinados a pequenas manutenções no edifício.

Sala de reuniões

Esta sala serve para reuniões de direcção, reuniões com clientes, com fornecedores ou com funcionários.

Gabinetes de apoio à Produção, Exportação e Gestão Financeira

As áreas reservadas aos gabinetes de direcção, escritórios e exportação, destinam-se aos responsáveis e aos administrativos da instituição nas diferentes áreas de atuação: um gabinete para o gestor de produção, com área para o seu auxiliar de apoio à exportação; um gabinete para o gestor financeiro, com área para instalar o seu auxiliar administrativo; uma área para a recebedoria.

Áreas de reservas e *stock* de materiais de consumo

As áreas de *stocks* de materiais existirão: na cave, para armazenamento de equipamentos para as exposições, materiais de limpeza variados, materiais para reparações, primeiros socorros e materiais de apoio às formações; no r/c, artigos para venda; no 1.º piso,

material de desenho; no 2º piso, na secção de estampagem para armazenamento de tecidos; na recebedoria, para o armazenamento de linhas e de artigos para aluguer; no 3.º andar, para o *stock* de embalagem e de detergentes para a lavandaria.

Instalações sanitárias

Nos 1.º, 2.º e 3.º pisos existem instalações sanitárias apenas para uso dos funcionários, na cave e no r/c existem instalações sanitárias utilizáveis mediante pagamento, e, no r/c, um espaço público.

6. Projeto de Arquitetura - Organização funcional

Quadro 22: DISTRIBUIÇÃO DOS ESPAÇOS FÍSICOS

PISOS	DISTRIBUIÇÃO DOS ESPAÇOS FÍSICOS NO EDÍFICIO
CAVE	<p>Sala de exposição de longa duração - Centro de Estudo e Interpretação do bordado</p> <p>Área polivalente e de exposições temporárias</p> <p>Área para os Serviços Educativos com área de <i>stock</i> de material</p> <p>Gabinete de apoio aos serviços culturais, sociais e educativos</p> <p>Área destinadas aos funcionários: Vestiários, instalações sanitárias, cantina, gabinete médico e primeiros socorros</p> <p>Zonas técnicas – Armazém, oficina e área de <i>stock</i> de material de limpeza</p> <p>Instalações sanitárias</p>
R/C	<p>Recepção</p> <p>Entrada de serviço</p> <p>Loja/<i>Boutique</i> de Bordado da Madeira com vestiário, armazém de bordados e instalação sanitária</p> <p>Cafetaria com área para o <i>Merchandising</i> e instalação sanitária</p> <p>Secção de produção e comercialização de Tapeçaria com armazém, reserva de produto acabado e área de formação</p>
1º PISO	<p>Arquivo físico de desenho</p> <p>Centro de Estudo e Interpretação do Desenho do Bordado da Madeira</p> <p>Zona de acervo de documentação da fábrica</p> <p>Biblioteca/Espaço de leitura e centro de documentação geral e publicações</p> <p>Secção de Desenho com área para a formação</p> <p>Área de <i>stock</i> de material de desenho</p> <p>Secção de Picotagem com área para a formação</p> <p>Sala de reuniões</p> <p>Instalações sanitárias</p>
2º PISO	<p>Secção de Estampagem com área para a formação, dois armazéns de <i>stock</i> um de material diverso e outro de tecidos</p> <p>Recebedoria com duas áreas de <i>stock</i>, uma para linhas e outra de artigos para aluguer</p> <p>Gabinetes de apoio à exportação</p> <p>Gabinetes de gestão produtiva</p> <p>Gabinete de gestão financeira</p> <p>Área de apoio administrativo</p> <p>Instalações sanitárias</p>
3º PISO	<p>Zona da Bordadeira</p> <p>Lavandaria</p> <p>Engomadaria e dobragem</p> <p>Secção de acabamentos</p> <p>Secção de costura</p> <p>Embalagem e selagem</p> <p>Área de <i>stock</i> de embalagem, material de lavandaria e outros</p> <p>Secção de conservação e restauro do bordado</p> <p>Áreas para a formação junto a cada secção de produção</p> <p>Instalações sanitárias</p>

Imagem 31

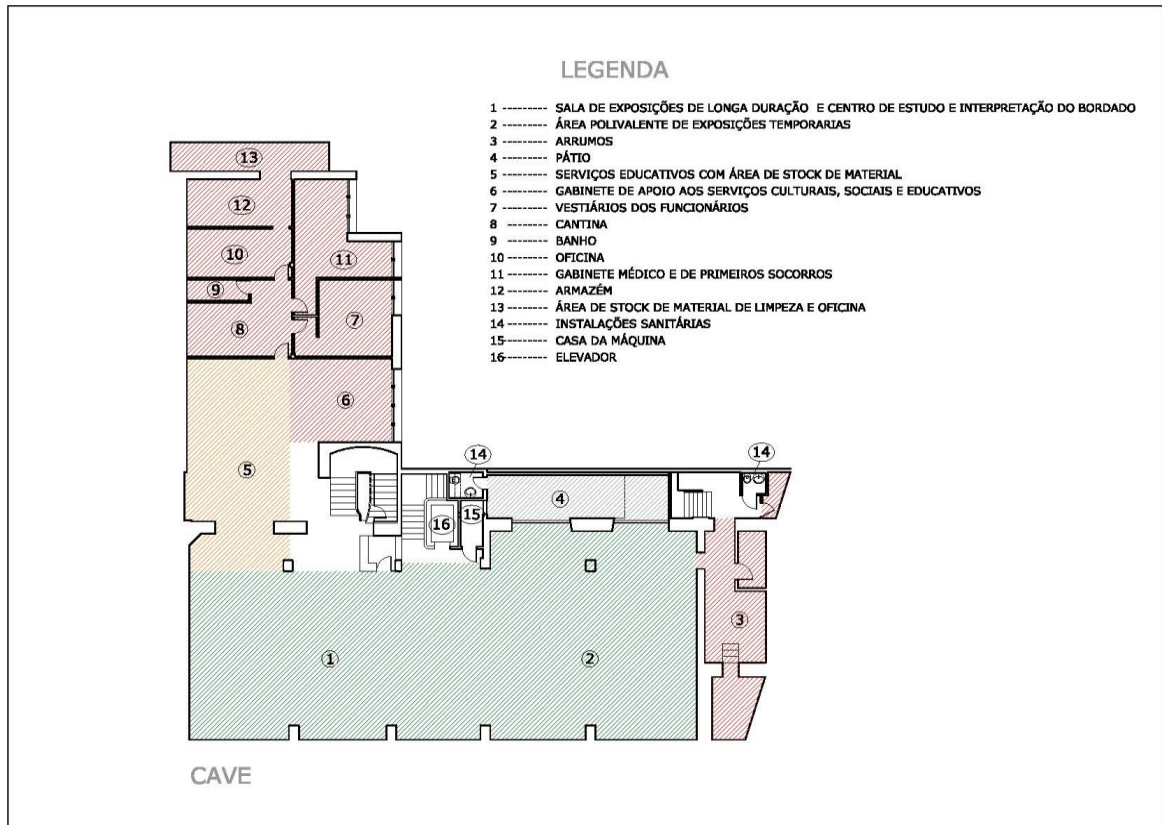


Imagem 32

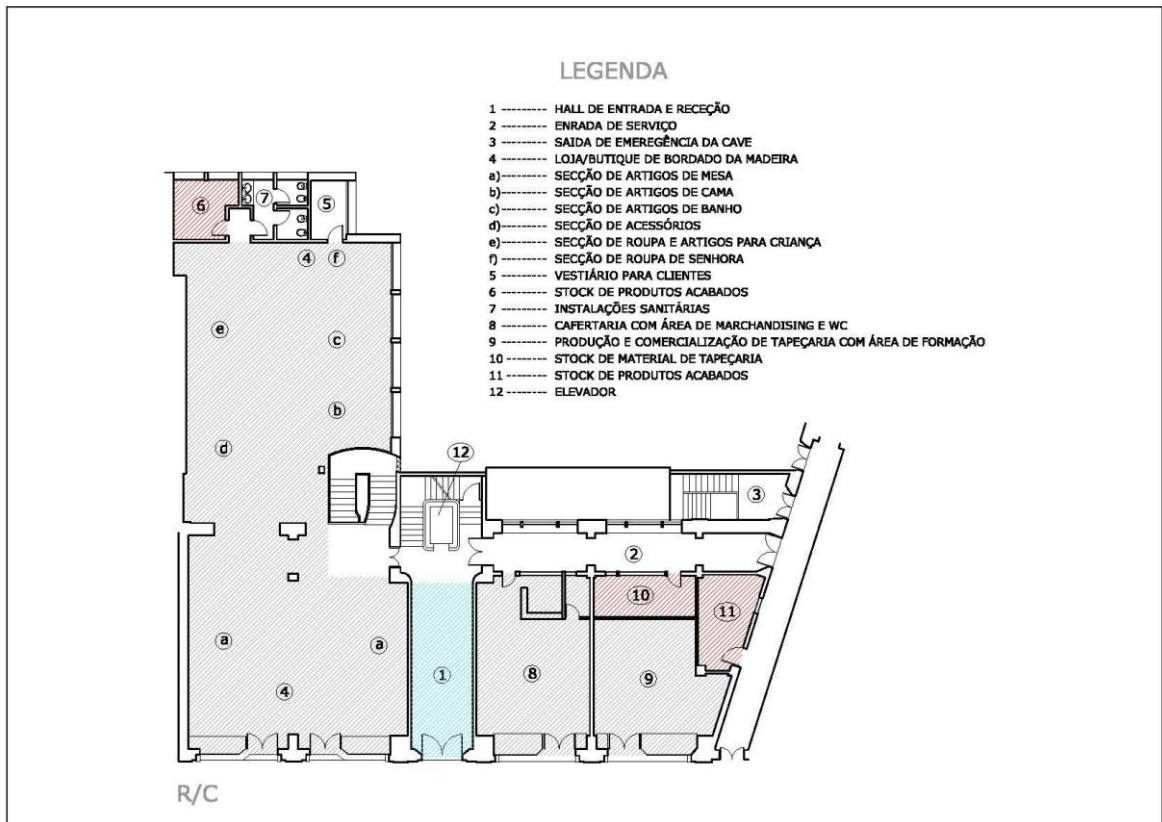


Imagem 33

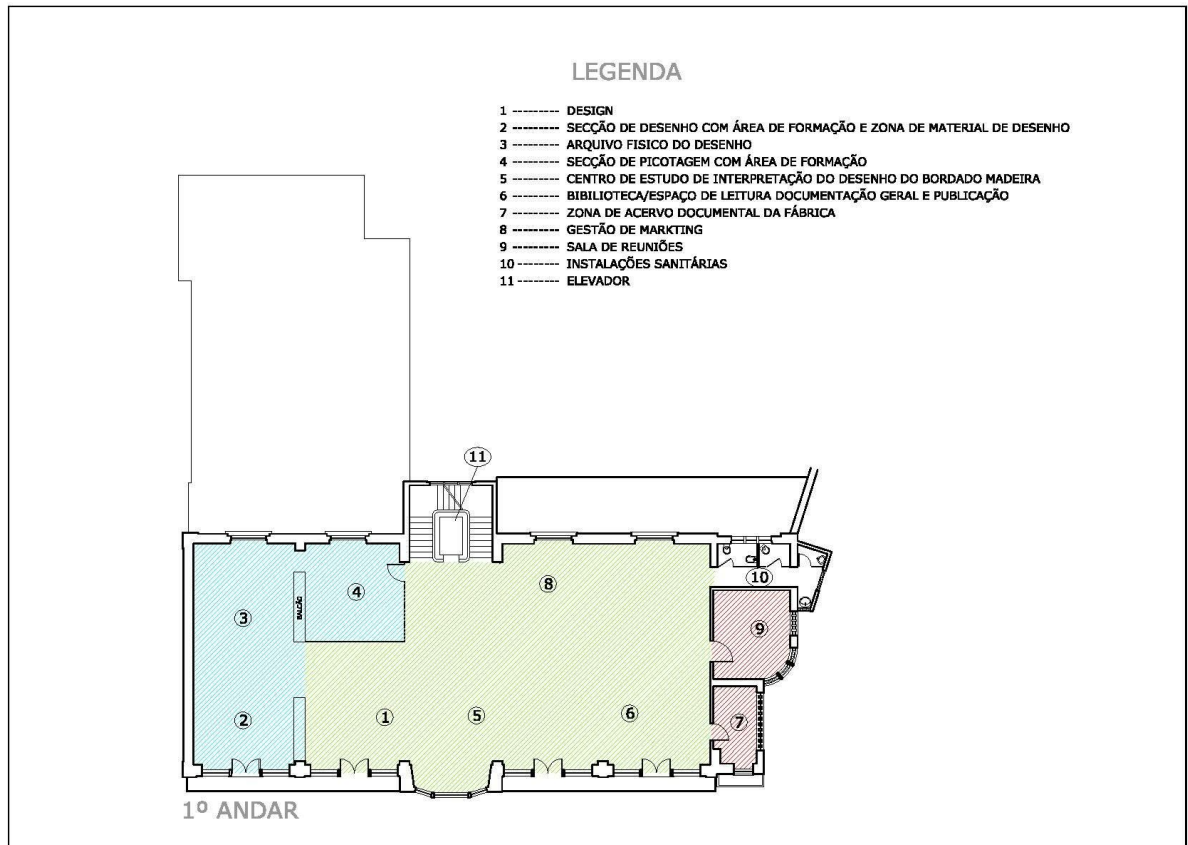


Imagem 34

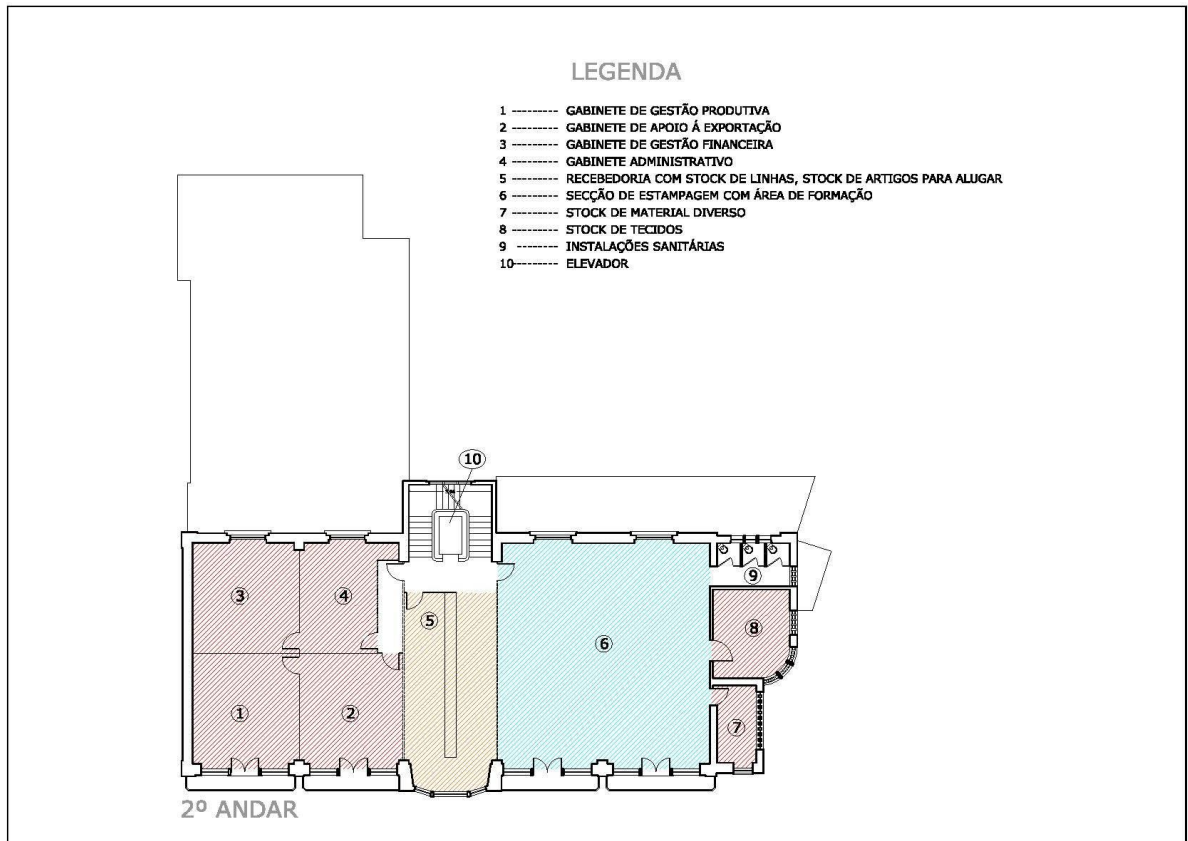
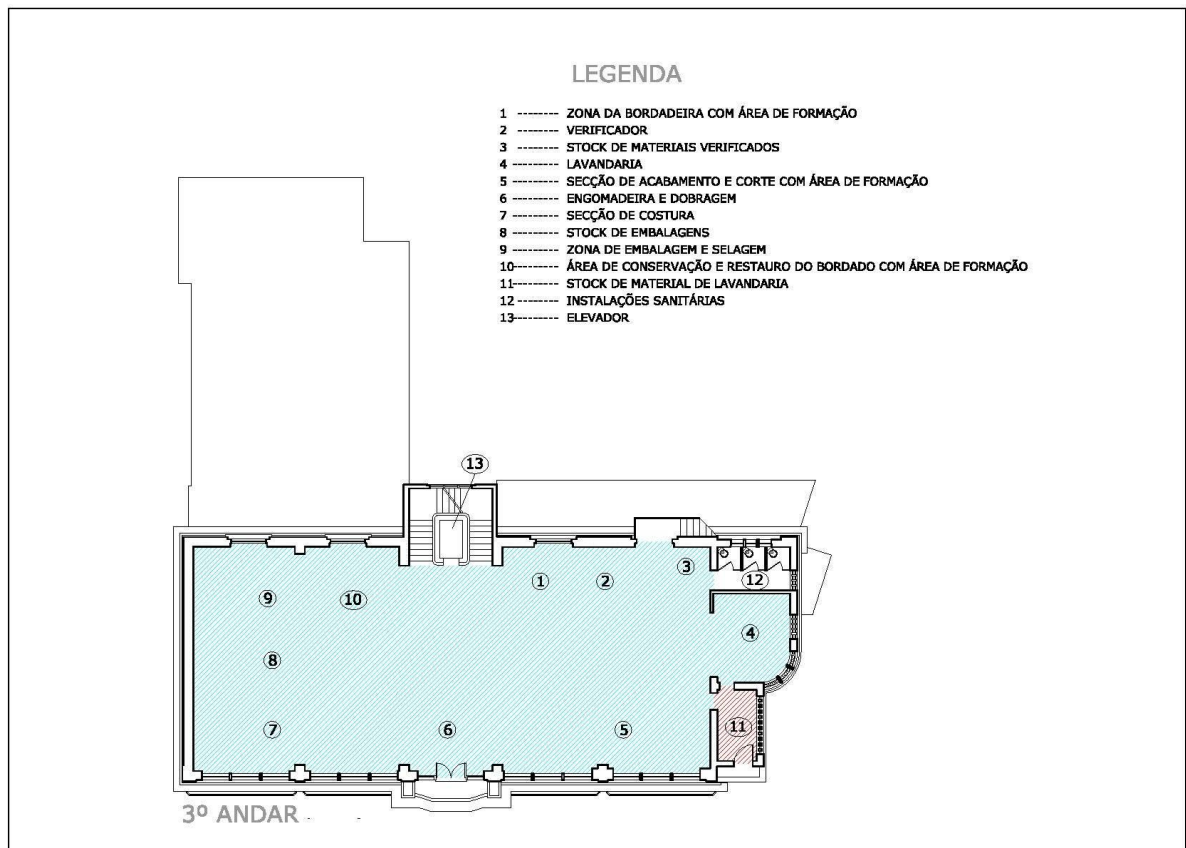


Imagem 35



- * Percurso de visita à fábrica
- * Centros de interpretação, exposição e estudo
- * Espaços reservados
- * Espaços condicionados
- * Espaços comerciais

7. Novos recursos humanos

A gestão de recursos humanos é fundamental para qualquer instituição, pois são eles que garantem a sustentabilidade, o desenvolvimento e o sucesso da empresa.

Pretende-se manter a maioria dos funcionários, não apenas pelas suas habilidades, mas pelas competências específicas e conhecimentos adquiridos, que não são de fácil reposição, e porque os dados apontam para a existência de um grande desfalque nas profissões associadas a estas atividades, por isso a dispensa dos atuais quadros conduziria à perda de saberes ainda presentes na instituição. A sua continuidade assegura a formação de novos elementos e a transmissão de conhecimentos que têm sido garantia dos mais elevados padrões de exigência. A dispensa será apenas dos seis funcionários que se encontram a recibo, ficando assim ao serviço vinte e nove funcionários. Destes vinte e nove, três estão a atingir a idade da reforma muito em breve e até ao final de 2015 deixarão a fábrica.

O novo quadro de recursos humanos prevê 43 funcionários no total, o que exige capacidades técnicas apuradas. A sua direção será assegurada por três gestores, um na área museológica, outro na área empresarial, e o terceiro na área da produção, os quais se devem reunir regularidade para planear estratégias.

Pretende-se uma fábrica com uma forte componente Museológica, por isso serão necessários dez funcionários neste departamento: três gestores culturais, que devem ter formação de Pós-graduação, Mestrado ou Doutoramento, um na área da Museologia e Conservação, outro na área da Museologia e Educação, e, por último, um na área de Arquivo/História; dois guias para acompanhar as visitas à fábrica, com formação em turismo; um rececionista, para o acolhimento, e quatro auxiliares de apoio/vigilantes (um por piso). O objetivo é transformar a fábrica organizada, atrativa, com um percurso lógico, e que comunique com a comunidade e com o público, de forma a transformá-la num *Museu Vivo*.

O primeiro gestor cultural deverá coordenar, não só os recursos humanos de toda a área museológica, mas assumir a vertente cultural e museográfica do projeto, agendar e organizar eventos, exposições por iniciativa interna, ou responder às solicitações externas. Será responsável, junto com os auxiliares vigilantes de cada piso, pela conservação preventiva, vigilância e segurança do património móvel e imóvel, limpeza e gestão do acervo do Centro de Estudo e de Interpretação e das peças colocadas nas diferentes secções de produção.

O segundo gestor cultural será responsável pela vertente social e educativa. Deverá coordenar o plano anual de atividades, no que se refere às Ações de Formação, Extensão Escolar, Comunitária e Lazer; gerir e estabelecer acordos com outras instituições para reforçar o apoio ao exercício das suas funções, de acordo com as necessidades específicas. Na vertente educativa, a sua função será a de coordenar a sua equipa de colaboradores diretos, constituída pelos dois guias, que devem ter facilidade de comunicação e domínio de línguas estrangeiras, com Licenciatura em Turismo ou Curso de Especialização Tecnológica na área de Património (CET); um rececionista para o setor de acolhimento ao público, com aptidões na área de atendimento e domínio de alguns idiomas. A sua responsabilidade é também no sentido de agendar visitas e garantir o percurso interno de visitas à fábrica, criando, junto com os parceiros, percursos de descoberta exterior do bordado.

O terceiro gestor cultural deverá ter formação em Arquivo/História, posto que será o responsável pela Biblioteca; pelo Centro de Interpretação do Desenho do Bordado da Madeira; Arquivo de Desenho, seu acondicionamento e gerenciamento ambiental, inventariação, investigação e estudo básico das coleções e da documentação. Deve ainda lançar publicações regulares resultantes dos seus estudos do arquivo da fábrica e da sua investigação no exterior.

Na área empresarial pretende-se que a fábrica seja uma empresa sustentável e divulgada nos diferentes meios de comunicação. Nesta área são necessários treze funcionários. O responsável deverá ser uma pessoa com formação superior na área da gestão financeira e que se responsabilizará por uma equipa constituída por um técnico administrativo auxiliar, um gestor de *marketing* comunicação, com formação superior, e uma equipa de vendas. A função desta equipa é a de sistematizar os principais fluxos das atividades e fontes de financiamento necessários, essencialmente na fase inicial do processo de revitalização.

O gestor financeiro irá supervisionar os gastos entre as atividades que englobam os recursos humanos especializados na área cultural (museu, serviços educativos, restauro e conservação do património, exposições, etc...), bem como os recursos humanos na área produtiva. Deve controlar gastos com *stock* de materiais para a produção, serviços educativos, material de escritório, serviços informáticos, recursos humanos não especializados, como a vigilância e a limpeza, negociar contratos de fornecimento de serviços necessários a toda a operacionalidade da instituição. Terá ainda a função de definir

valores a aplicar aos artigos produzidos e aos serviços prestados.

O técnico administrativo dará apoio direto ao gestor financeiro e deverá possuir conhecimentos na área da contabilidade.

O gestor de *marketing* e comunicação deverá ser uma pessoa com formação superior nessa área e que domine os meios de comunicação mais sofisticados; deverá ser capaz de assumir a responsabilidade do gerenciamento do setor de vendas local; o contacto com o cliente, para exportação; a imagem dos espaços comerciais; a apresentação dos artigos destinados à comercialização; a escolha de estratégias para a divulgação dos artigos produzidos; a imagem da fábrica; a imagem dos serviços prestados nos meios de comunicação próprios e adequados que auxiliem a dinamizar no meio digital a forma de atingir os diferentes públicos e clientes, sendo também o responsável pela gestão do *site* de vendas *on-line*.

O setor de vendas será formado por uma equipa de dez funcionários, constituída por um gestor de stocks de vendas nos três espaços comerciais, seis vendedores, um caixa, uma artesã, e uma pessoa responsável pela cafetaria. O gestor de *stocks* deve ter a capacidade de gerir e repor os *stocks* dos três espaços comerciais; os vendedores devem ter capacidade comunicativa, experiência na venda de bordados, atendimento ao público, domínio de vários idiomas, e encarar o seu trabalho como a continuidade do ciclo de vida do produto iniciado e apresentado nas visitas guiadas à fábrica, seduzindo o cliente através duma comunicação que valorize a imagem e a marca, esclarecendo e incentivando o comprador no momento da escolha e da decisão de compra dos artigos, de forma a que haja uma maximização no volume de venda local, aumentando a rentabilidade e incentivando o escoamento rápido do *stock* dos artigos; o caixa deve ter responsabilidade na gestão de caixa dos três espaços comerciais e também deve conhecer alguns idiomas; a artesã de tapeçaria deve conhecer a arte da tapeçaria, preparar o trabalho para o exterior, realizar ao vivo as suas produções, interagir com o cliente e com o visitante; o responsável pela cafetaria deve ter conhecimento na área da pastelaria e capacidade de interagir com o cliente na realização ao vivo da pastelaria regional.

Na área de produção serão necessários vinte funcionários para garantir a qualidade dos artigos produzidos.

Porque se trata de uma fábrica que produz artigos de forma artesanal e tradicional, há que colocar nesta área os antigos funcionários e artesãs com experiência.

O gestor de produção tem de conhecer bem todas as secções de produção, tem de garantir o cumprimento das encomendas para a exportação e fornecimento dos artigos para a venda local, tem de garantir a qualidade dos artigos produzidos, o controle da gestão de *stock* para a produção e será ele a dar o último parecer técnico para a execução de novas proposta a nível do *design*.

A recebedoria será um auxiliar ao setor produtivo e será ocupada pela funcionária desta secção que possui experiência na preparação do trabalho e na relação da fábrica com as bordadeiras domiciliárias ou os seus agentes. Acumulará a função de aceitar, controlar e encaminhar os serviços de apoio pós-venda e de aluguer de artigos.

Para garantir o setor da exportação haverá o apoio de um funcionário que já realiza esta atividade e que será o responsável por tratar de toda a burocracia necessária à expedição dos artigos.

Para a verificadora, o lugar será ocupado pela bordadeira experiente da casa, que já realiza este trabalho de verificação da qualidade do bordado quando este chega do exterior, e depois acompanha todos os passos que os artigos fazem dentro dos diferentes setores de produção.

Porque se pretende inovação nos artigos produzidos e coerência estética na imagem dos espaços, será necessário contratar um *designer* que deverá ter formação superior nesta área e ficará responsável por orientar e assegurar a vertente estética dos artigos produzidos na fábrica, na indumentária dos funcionários e nos artigos a serem produzidos para o *merchandising*, recriar novas coleções, novos desenhos, novas interpretações, recuperar antigos desenhos, criar novas embalagens, cuidar da exposição nas vitrinas, de forma a conferir coerência estética a todos esses níveis, e apoiar na criação de equipamentos expositivos.

A desenhadora será a funcionária já existente, que trabalhará em conjunto com o *designer* e com um copiador, que será um funcionário da empresa que terá formação nesse sentido. O picotador deverá ser contratado. A estampadeira será a funcionária já existente. As quatro artesãs bordadeiras da fábrica ocupam os dois lugares dos acabamentos, uma só se dedicará a bordar, e a quarta terá formação para se dedicar ao restauro de peças de bordado antigo. Para a lavandaria será mantida a funcionária que já realiza este trabalho. Para a secção de engomadoria e dobragem são necessárias quatro funcionárias das já existentes. Para a selagem e embalagem manter-se-á a funcionária que já se dedica a esta atividade na fábrica e que também dá apoio à engomadoria e dobragem dos artigos.

Esta nova estrutura empresarial suporta 29, dos 35 postos de trabalho existentes na fábrica, e extingue 6. A extinção é justificada pelo facto de esses funcionários estarem a recibo e 5 deles já se encontram reformados.

Dos 29 funcionários que vão continuar na empresa, 24 serão mantidos nas suas atividades porque se trata de artesãs necessárias à produção atual, vendedores experientes ou porque são importantes contributos ao controlo da produção e da qualidade. Cinco funcionárias terão formação para novas funções.

As vendedoras mais jovens, que pertencem à loja que vai ser extinta, serão integradas nas novas áreas de venda e terão formação para substituir os vendedores dispensados. Uma das vendedoras terá formação para ocupar o local de rececionista da fábrica e a outra para ocupar o cargo de gestora de *stock* de vendas. A funcionária que se dedica atualmente à limpeza vai ter formação para ser vigilante e auxiliar de apoio num dos pisos (cave). Uma funcionária de secção de serigrafia irá ter formação para ser copiadora. Uma das bordadeiras terá formação para ocupar o lugar de costureira de artigos bordados.

Serão criados 14 postos de trabalho para a nova estrutura:

Oito postos de trabalho prendem-se com a necessidade de transformar a fábrica num Economuseu, o que requer uma forte componente museológica e, por isso, a necessidade de contratar três gestores culturais, dois guias, e três auxiliares de apoio aos diferentes pisos.

Dois funcionários, porque se quer uma empresa sustentável apoiada nos meios modernos de comunicação e gestão, por isso a necessidade de contratar um gestor financeiro e gestor de *marketing*.

Dois funcionários, porque se quer inovar os artigos e criar unidade estética, o que obriga a contratar um *designer* e um picotador para as novas produções.

Um funcionário, para diversificar a oferta com a introdução de uma cafetaria.

Duas jovens com a função de vendedoras.

Fora do quadro da empresa será necessário continuar a recorrer a agentes e a bordadeiras domiciliárias para satisfazer as encomendas e permitir cumprir prazos de entrega a clientes; as contratações de curta duração de outros serviços, para satisfazer pontualmente alguma necessidade em qualquer setor ou secção; apoios pontuais, caso seja necessário, para preencher férias ou baixas de funcionários; o recurso a uma empresa de limpeza e manutenção de espaços.

Quadro 23: RESUMO DO NOVO QUADRO DE RECURSOS HUMANOS

CATEGORIA PROFISSIONAL	SEXO	SITUAÇÃO	LOCAL DE TRABALHO
ÁREA DA MUSEOLOGIA			
Gestor Cultural/Conservação		Contratar	Cave
Gestor Cultural/Educação		Contratar	Cave
Gestor de Arquivo/Historiador		Contratar	1º piso
Guia Turístico		Contratar	Fábrica
Guia Turístico		Contratar	Fábrica
Rececionista	F	Formar	r/c
Vigilante	F	Formar	Cave
Vigilante		Contratar	1º piso
Vigilante		Contratar	2º piso
Vigilante		Contratar	3º piso
ÁREA EMPRESARIAL			
Gestor Financeiro		Contratar	2º piso
Administrativo	F	=	2º piso
Gestor de <i>Marketing</i>		Contratar	1º piso
Gestor de Stock de vendas	F	Formar	r/c
Operador de Caixa	F	=	r/c
Vendedor		Contratar	r/c
Vendedor		Contratar	r/c
Vendedor	F	=	r/c
Vendedor	M	=	r/c
Vendedor	M	=	r/c
Vendedor	F	=	r/c
Artesã	F	=	r/c
Emp. de cafetaria		Contratar	r/c
ÁREA DE PRODUÇÃO			
Gestor de Produção	M	=	2º piso
<i>Designer</i>		Contratar	1º piso
Apoio á produção - Recebedoria	F	=	2º piso
Apoio á produção -Exportação	M	=	2º piso
Bordadeira/Costureira	F	Formar	3º piso
Desenhador	F	=	1º piso
Copiador	F	=	1º piso
Picotador		Contratar	1º piso
Serigrafo	F	=	2º piso
Bordadeira	F	=	3º piso
Bordadeira	F	=	3º piso
Bordadeira	F	=	3º piso
Bordadeira/Restauro	F	Formar	3º piso
Engomadeira/Embalagem	F	=	3º piso
Engomadeira	F	=	3º piso
Engomadeira	F	=	3º piso
Engomadeira	F	=	3º piso
Engomadeira	F	=	3º piso
Lavandaria	F	=	3º piso
Bordadeira/Verificadora	F	=	3º piso

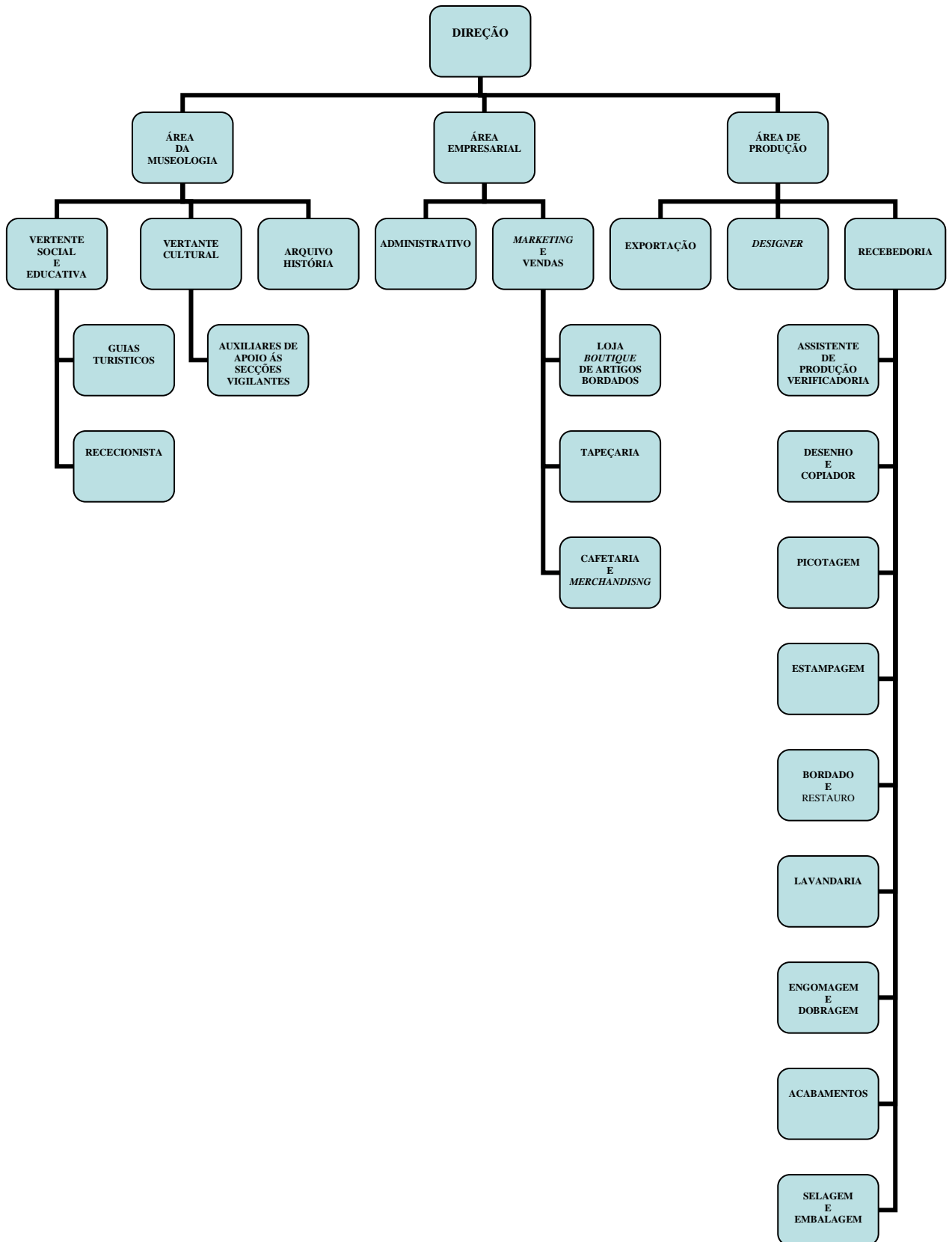


Gráfico 9: Organograma dos Recursos Humanos da Fábrica

8. Calendarização

Partindo do pressuposto de que o projeto de musealização da fábrica é aceite pelos sócios e herdeiros e que terá execução contínua, depois de ter sido feito o diagnóstico da situação atual, a investigação dos caminhos a seguir e o projeto em si deverá ainda contar com alguns estudos de especialidade na área financeira, para analisar a sua viabilidade económica, bem como na área técnica, mais precisamente para a execução de determinados tipos de intervenção na área da recuperação do imóvel e dos bens móveis, após o que poderemos passar à fase da sua execução.

O primeiro passo será dado no sentido da fusão/incorporação das três empresas, o que levará cerca de seis meses, e com ela o encerramento de uma das atividades existentes; depois haverá um período de projeto e orçamentação que levará aproximadamente três meses, no sentido de ter conhecimento dos apoios financeiros, técnicos, e recursos humanos a que podemos recorrer. Não é ainda possível determinar o montante nem o período necessário para esses apoios.

Para as obras de recuperação do edifício está previsto o período de dez meses, ao mesmo tempo que se farão na cave os trabalhos de desinfestação e recuperação do mobiliário, dos equipamentos e o tratamento de desinfestação, digitalização e microfilmagem do acervo de documentos e de desenho. Estes trabalhos têm de ser bem coordenados porque a fábrica não pode encerrar a sua atividade, ficando as obras condicionadas e fraccionadas piso a piso.

O tratamento e estudo do arquivo de desenho e de documentação serão trabalhos a realizar depois das obras de recuperação concluídas, no seu espaço próprio (1.º piso).

A formação das equipas de recursos humanos deverá ser feita durante o processo de recuperação do edifício para que vão tomando os seus locais de trabalho, de acordo com a área de trabalho e com a função a desempenhar, prevendo-se um período de cerca de seis meses.

A aquisição dos equipamentos necessários ao bom funcionamento deverá acompanhar o processo de formação das equipas de trabalho.

A reorganização do espaço de comercialização do bordado, o tratamento dos espaços destinados à tapeçaria, à cafetaria/*merchandising*, poderão levar cerca de três meses até à sua conclusão. Por isso, outubro de 2016 é a data prevista para a abertura de todos os espaços comerciais. A preparação da primeira linha dos artigos de *merchandising* deverá ter

início em julho de 2016 para ser lançada já com a abertura do respetivo espaço.

A preparação da exposição permanente terá início em janeiro de 2016, sendo que a sua montagem no Centro de interpretação ficará para o final das obras na cave do edifício, prevendo-se a abertura ao público em setembro de 2016.

A visita à fábrica fica condicionada pelo período de seis meses, prazo necessário à renegociação com as agências de viagem e programação de visitas ao exterior. No final deste período, as visitas são retomadas na íntegra, prevendo-se para abril de 2016.

Deverá haver ainda um período de experimentação e adaptação das novas funções, o que durará cerca de três meses antes da inauguração do Economuseu, tempo esse que deverá ser utilizado também para preparar e começar a lançar uma primeira campanha de divulgação nos diferentes meios de comunicação. Assim, a inauguração deverá ser agendada para dezembro de 2016.

Depois de janeiro de 2017 terão início as atividades de valorização social.

Quadro 24: CALENDARIZAÇÃO

FASES	TEMPO								
	2014	2015				2016			
	4º	1º	2º	3º	4º	1º	2º	3º	4º
Diagnóstico	»»»								
Investigação	»»»	»»»	»»»						
Projecto do Economuseu	. . »	»»»	»»»	»»»					
Fusão/Incorporação			»»»	»»»					
Projectos de Especialidade e Orçamentação					»»»				
Apoios técnicos e Financeiros						»»»	»»»	»»»	»»»
Encerramento do espaço comercial c/v				. . »					
Obras de recuperação do edifício					»»»	»»»	»»»	»»»	
3.º piso					»» .				
2.º piso					. . »	» . .			
1.º piso						. »»			
r/c								»»»	
Cave							»» .		
Exterior								. . »	
Obras de recuperação dos bens móveis					»»»	»»»			
Montagem Centro de Interpretação							. »»		
Tratamento e digitalização do arquivo					»»»	»»»	»»»	»»»	»»»
Aquisição de equipamentos						»»»	»»»		
Formar equipas de recursos humanos					»»»	»»»			
Reabertura integral de visita à fábrica							»»»	»»»	»»»
Abertura da Exposição de longa duração e área polivalente								»»»	»»»
Abertura da secção e loja de tapeçaria									»»»
Abertura da cafeteria/ <i>merchandising</i>									»»»
Experimentação da nova estrutura									»»»
Inauguração do Economuseu									»

9. Resumo da proposta de intervenção

A Fábrica de Bordados e Tapeçaria – *Patrício & Gouveia Lda.* fica situada na Rua Visconde de Anadia, nº34, no Funchal. Dedicase à produção, exportação e venda local do bordado e da tapeçaria regionais.

Tanto o edifício como as empresas são pertença dos herdeiros (terceira geração) do seu fundador, JDMG.

É sabido que estas atividades lutam com inúmeras dificuldades e a *P&G* não é exceção, tendo sido iniciados trabalhos no sentido de encontrar alternativas. O projeto surgiu depois de um estudo que reuniu um conjunto de opiniões e olhares pluridisciplinares que identificaram problemas, dificuldades, valorizaram os pontos fortes e encontraram oportunidades.

Levando em consideração a História, o percurso do Bordado da Madeira e a sua importância cultural, social e económica, foi elaborado um projeto que visa a salvaguarda da memória coletiva de uma atividade, considerada indústria, hoje em vias de extinção, e com ela, todas as vivências e parte da cultura de uma sociedade e de uma região.

É fundamental criar novos processos de defesa e novos enquadramentos para a sua continuidade, tornando-se, pois, imperativo recuperar uma fábrica de bordados, uma vez que a entendemos como local de memória viva.

Essa transformação vai promover, *in-situ*, ações que contribuam para o diálogo, educação, partilha, valorização e divulgação de um património material e imaterial em risco, ao mesmo tempo que se promove a integração social, a criação de emprego, a fixação das populações, bem como o contributo para o desenvolvimento económico de uma região que vive essencialmente do turismo e que, como tal, tem a responsabilidade de defender uma imagem e um produto genuínos que a distingam de outras.

A Fábrica de Bordados *P&G*, pelas suas características ímpares e porque é reconhecida como referência, reúne as condições para lá serem implementados esses novos processos de defesa, que têm enquadramento na Museologia Contemporânea, mais concretamente na Economuseologia, que possibilita a associação de uma empresa ao mundo da museologia. Para dar resposta às exigências, as medidas a serem tomadas levam à implementação de diferentes polos de ação e gestão que atuam de forma integrada no gerenciamento de três vertentes: uma museológica, uma empresarial e uma produtiva.

O projeto apresenta uma forte vertente museológica, que vai conferir à fábrica o estatuto de Museu, como uma entidade prestadora de serviços, o que contribuirá para a sustentabilidade, reconhecimento, proteção, valorização do património edificado, dos bens móveis, equipamentos, do objeto produzido e, essencialmente, a valorização do *saber fazer* tradicional. As técnicas a utilizar baseiam-se em atividades de índole social, educacional e cultural, que ajudarão a promover e a criar novas fontes de receitas.

A vertente empresarial atuará na gestão e na engenharia financeira, na estratégia empresarial, nas ciências jurídicas, no *marketing* e nas vendas, apoiada nas novas tecnologias da informação, de comunicação, e no domínio da informática.

A vertente produtiva garantirá a qualidade dos artigos produzidos, certificação e inovação.

Para o bom funcionamento desta instituição é necessário recuperar o edifício, os espaços, os bens móveis, assim como os vários equipamentos.

A recuperação do edifício torna-se imperativa, não só pelo seu valor arquitetónico, mas pelo património que alberga. Esse trabalho deve, pois, caminhar no sentido de manter o espaço edificado, sem alterar estruturas ou a sua fisionomia, mas recuperar, requalificar, revitalizar, valorizar e tirar partido da sua arquitetura, dos espaços e das secções que nele se desenvolvem, adaptando-os às novas necessidades e aos novos serviços que vão alavancar a sustentabilidade da fábrica.

A recuperação dos bens móveis e dos equipamentos é essencial, pois são bens necessários ao funcionamento das atividades. De realçar a necessidade de recuperar o importantíssimo espólio existente de desenho que constitui um Bem Cultural e um verdadeiro património quer a nível regional, quer nacional, sobretudo como registo gráfico do bordado, em particular do Bordado da Madeira. Todo este espólio poderá ser um monumento, não do ponto de vista da dimensão física, mas da conceção a nível cultural, histórico, económico, e até social da região. A defesa e a preservação do património é um direito que está consagrado na Lei fundamental da Constituição da República Portuguesa:

“ Incumbe ao Estado, por meio de organismos próprios e por apelo a iniciativas populares: criar e desenvolver reservas e parque nacionais e de recreio, bem como classificar e proteger paisagens e sítios, de modo a garantir a conservação da natureza e a preservação de valores culturais de interesse histórico ou artístico ... ” (Artº 66 – Nº 2, alínea C).

Das dezenas de Fábricas de Bordados da Madeira, as que existiram ou estão hoje extintas, não existem quaisquer registos gráficos (desenhos), para além da memória que o tempo acabará por remeter para o esquecimento. O esforço para salvaguardar e preservar os bens culturais, felizmente, tem sido desenvolvido por instituições internacionais especializadas, como é o caso da UNESCO, o ICOM, o ICOMOS e a FEC, entre outras.

O presente projeto, na sua essência, pretende manter os recursos humanos existentes, não apenas pelas suas habilidades, mas pelas competências específicas e conhecimentos adquiridos, que não são de fácil reposição, pois são eles que garantem a sustentabilidade, o desenvolvimento, a continuidade e o sucesso da empresa. Serão ainda criados alguns novos postos de trabalho, os quais vão auxiliar na nova gestão, na modernização da empresa e dos artigos produzidos.

CONCLUSÃO

Neste trabalho não se pretende aprofundar as causas da invenção do bordado, mas conferir-lhe um carácter mais despretensioso, fundado na experiência, mas igualmente sustentado teoricamente num estudo alargado sobre a História geral do bordado, nas suas diversas vertentes ao longo do tempo e das diferentes épocas, que se nos impunha.

Em primeiro lugar, a minha preocupação foi perceber que papel desempenharam as ordens religiosas junto aos primeiros povoadores, a sua proveniência e a transmissão de conhecimentos das artes, do bordado e da sua confeção. Em segundo lugar, foi meu propósito estudar o bordado na sua fase de pré-industrialização, balizando-o entre o início da segunda metade do séc. XIX e a atualidade.

Para o efeito, recorremos a fontes escritas e impressas de forma a permitir uma pesquisa séria e o mais objetiva possível, o que proporcionou um conhecimento mais aprofundado e abrangente sobre o bordado e todos os agentes a ele associados. Contudo, o nosso trabalho nunca ficaria completo se não tomássemos por base as fontes ou o arquivo vivo que nos relataram as suas vivências e conhecimentos sobre o bordado, nas suas diferentes etapas, evolução e comércio para os diferentes mercados e clientes.

Para a sustentabilidade da minha investigação sobre o Bordado da Madeira, em relação ao século XX, foram imprescindíveis as informações do Senhor Comendador José Agostinho de Sousa (industrial do bordado), profundo conhecedor e agente direto da promoção do bordado nos mercados internacionais, memórias e relatos que, por não estarem registados em papel, perderíamos irremediavelmente.

Apesar de tudo, a P&G serviu de base para o enquadramento e contextualização do bordado e da industrialização desta atividade na região. Metodologicamente, utilizámos o método indutivo, utilizando a P&G, para perceber e formular considerações e ilações sobre o Bordado da Madeira nos seus mais diversos aspetos, e lançámos igualmente mão do método dedutivo, a fim de perceber o contributo e o papel desta fábrica no contexto do Bordado da Madeira.

A todas estas questões surge associada a ideia de criar um Economuseu do Bordado da Madeira, na singular fábrica P&G, pelo seu espólio e pelo seu contributo, entendendo como objetivo central de um Economuseu a recolha, o estudo, a salvaguarda e a valorização de um património cultural e natural correspondente à área onde está inserido.

Efetivamente, a ligação entre a instituição museu e a região pode representar e valorizar a diversidade dos aspetos geográficos, históricos, sociais, económicos e culturais, sobretudo através da transmissão de conhecimentos sobre uma arte tradicional, sem perdermos de vista a importância do diálogo com a população no sentido da sensibilização para a defesa deste património que é, afinal, fator de identidade.

Com efeito, e com toda a propriedade e legitimidade, alguns locais assumem posições de defesa no que consideram ser fundamental preservar para o reconhecimento da sua identidade e que contribua para divulgar e valorizar a cultura e a memória coletiva.

É precisamente neste princípio que a *Patrício & Gouveia Lda* se revê e é a essa luz que está apostada em criar condições para dar um novo impulso ao setor da indústria do bordado e da tapeçaria, investindo numa continuidade fundamentada, sustentável, e, sobretudo, adaptada aos novos desafios e às necessidades atuais.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- **Brito**, Raquel Soeiro de (1986). A importância da ilha da Madeira no início da Expansão Ibérica e a sua evolução recente.
- **Bruno**, Cristina (1997). Museologia e museus: princípios, problemas e métodos. Cadernos de Museologia Nº 10 - ULTH. Lisboa
- **Caldeira**, Abel Marques (1995). O Funchal no Primeiro Quartel do Século XX, 1900 – 1925. (2ª Edição, pág. 45 e 46) Funchal.
- **Chagas**, Mário de Sousa (1994) Novos Rumos da Museologia. Cadernos de Museologia, ULHT. Nº2, pág. 23. Lisboa.
- Constituição da República Portuguesa, Artº 66 – Nº 2.
- Convento das Mercês. ARM. F. Lvº 274, flhs 157,160 vº, 164 vº, 169.
- Decreto-Lei nº 65/90M. DR 47/90 SÉRIE I de 1990/02/24. Ministério do Comércio e Turismo.
- Decreto Legislativo Regional nº 22/98/M. in Diário da República SÉRIE I-A, nº 216/98 de 18 de setembro de 1998. Assembleia Legislativa regional.
- Decreto Regional nº 7/78/M. in Diário do Governo. Série I, Nº 49/78 de 28 de fevereiro de 1978.
- Decreto Regulador Regional nº 11/86/M. in Diário do Governo, Série I, nº 146/86, de 28 de junho de 1986 RAM – Assembleia Regional.
- Diário de Notícias, Ano 59º. terça-feira, 4 de junho de 1935. Nº 18.181.
- Diário da República, 2ª série – Nº 116 – 19 de junho de 2014
- Dicionário Universal Português Ilustrado (1884). Volumes IV e VI. Lisboa.
- **Dunchein**, Michel- Études d’archivistique, 1957-92. Paris: Associação des Archivistes Français.
- **Fontoura**, Otília Rodrigues (2000). As Clarissas na Madeira – Uma presença de 500 anos (1ª Edição). Funchal: CEHA – SRTC.
- **Fruoso**, Gaspar (1522-91) (1998). Saudades da Terra, História das Ilhas do Porto-Santo, Madeira, Desertas e Selvagens, Livro II. Nova ed. Açores: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- **Gesche**, Elisabeth (2015) “Aus der Gegenwart Zurück in die Zukunft der Vergangenheit”, so Wahr mir Gott helfe, Manuscrito da Crónica Familiar de

Memórias, Espólio privado. Funchal, Quinta Olávo.

- Heraldo da Madeira, Anno I, domingo 2 de outubro de 1904, N° 42. Funchal.
- **Hernandez**, F. H. (2001). Manual de Museologia. Madrid: Editorial Síntesis, S. A.
- ICOM (1972). *Mesa - Redonda de Santiago do Chile*. In Cadernos de Sociomuseologia (1999) N° 16. ULHT, Lisboa.
- IPHN, 2011. In TMS – Management Studies International Conference Algarve 2012. Tourism Management Marketing & ITC Management. Book of Proceedings. Editores Santos, Águas e Ribeiro. ESGHT. Faro, Universidade do Algarve.
- Jornal Oficial, Série I, N° 6 Portaria n° 11/2015 da Secretaria Regional do Ambiente e Recursos Naturais e da Educação e Recursos Humanos de 13 de janeiro de 2015.
- Jornal Oficial, I Série, N° 22 de 26 de julho de 1979.
- **Lindstrom**, Martin (2013). Brand Sense, Os Segredos Sensoriais Que Nos Levam a Comprar. Gestãoplus Edições. ISBN 978-989-8115-80-5.
- **Magalhães**, M. M. Calve (1995). Bordados e Rendas de Portugal. (1ª Edição) Lisboa: Edições Veja.
- **Mauro**, Frederico (1989). Portugal, o Brasil e o Atlântico 1570 – 1670 (3ª Edição: Imprensa Universitária, 2º Volume) Lisboa: Estampa.
- **Mendes**, António Rosa (2012). O que é Património Cultural. Olhão. Gente Singular editora.
- **Moreira**, Tarciso. Trabalho de pesquisa e investigação - arquivo privado não publicado.
- **Moutinho**, Mário (1993). Cadernos de Museologia N°1. ULTH – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa
- **Ortigão**, Ramalho (1943). Arte Portuguesa, I Vol. 2ª Edição. Lisboa.
- **Pereira**, Eduardo C.N. (1998), Ilhas de Zargo. 4º Edição, Volume II. Funchal.
- **Prada**, Valentim Vasquez de (1987). História Económica Mundial. 1ª Edição, Volume II. L. Porto, Civilização Editora.
- **Primo**, Judite (1999). Museologia e Património: documentos fundamentais. Cadernos de Sociomuseologia N° 16 - ULHT. Lisboa.
- Registo Notariais, Notário Bacharel João Batista do Amaral Barata. ARM.
- **Rivière**, George Henri (1958). Seminário Regional da UNESCO, sobre a Função Educativa dos Museus.
- **Russio**, Waldisa (1989). Museu, Museologia, Museólogos e Formação, in Revista de

Museologia, N° 4. S.P., Instituto de Museologia de São Paulo.

- **Santos**, José A. C.; **Águas**, Paulo; **Ribeiro** Filipa P. (2013). Book of Proceeding - TMS – Management Studies International Conference - Algarve 2012. Volumes: 4. ESGHT, Universidade do Algarve, Faro.
- **Serrão**, Joel (dir.) Dicionário da História de Portugal (1981) (Volume IV) Porto.
- **Silva**, Paulo Fernando Teles de Lemos (2006). Bordados Tradicionais Portugueses. Departamento de Engenharia Têxtil. Mestrado de Design e Marketing. Universidade do Minho.
- **Sousa**, José Agostinho de (2015). Memórias e registos do arquivo privado. Funchal, P&G.
- **Vasconcellos**, Dr. António da Câmara Leme Homem de (1876). Escola Central da Associação de proteção e instrução do sexo feminino funchalense. Funchal. ARM.
- **Vencatachellum**, M. Indrasen (3 de junho de 2004) intervenção de, “Crafts and Tourism”. (UNESCO), Assembleia-Geral do World Crafts Council realizada em Metsovo (Grèce).
- **Vieira**, Alberto (1999). O Bordado da Madeira na História e Quotidiano do Arquipélago, (1ª Edição). Calaméo. Funchal: CEHA.
- **Vieira**, Joaquim (1960/70). Portugal do Século XX.

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

Atas:

- V Encontro de museus de países e comunidades de língua portuguesa, Ministério da Cultura de Moçambique (setembro 2000). Departamento de Museus Comissão Nacional Portuguesa do Concelho Internacional de Museus. Maputo.

Cadernos de Sociomuseologia. Centro de Estudos de Sociomuseologia:

- **Bruno**, Cristina (1996). Museologia e comunicação. Cadernos de Museologia, Nº 9. ULTH – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa.
- **Cândido**, Manuelina Maria Duarte (2003). Ondas do Pensamento Museológico Brasileiro. Cadernos de Museologia Nº 20. ULTH – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa.
- **Chagas**, Mário de Sousa (1994). Novos Rumos da Museologia. Cadernos de Museologia, Nº 2. ULTH – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa.
- **Menezes**, Susana Maria Peres de (2007). A memória do Trabalho e os Trabalhos da Memória. O caso do Museu da Indústria de Chapelaria, Nº 26. ULTH – Universidade Lusófona de Humanidades. Lisboa.
- **Moutinho**, Mário Canova (1994). A construção do objeto museológico. Cadernos de Museologia, Nº 4. ULTH – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- **Primo**, Judite (1999). Museologia e património: Documentos Fundamentais. Cadernos de Museologia, Nº 15. ULTH – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa.
- **Primo**, Judite (2008). Museologia e património: Museus Locais e Economuseologia: Estudo do Projeto para o Ecomuseu da Murtosa. Cadernos de Museologia, Nº 30. ULTH – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa.
- **Tinoco**, Alfredo (2012). Artigos e Comunicações. Cadernos de Museologia, Nº 42. ULTH – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa.

Catálogos:

- Bordado da Madeira, Instituto do Vinho e do Artesanato da Madeira, Funchal, s/d.
- Exposição: BORDADO – MADEIRA 1850-1930, (1987), Governo Regional da Madeira, Secretaria Regional de Turismo e Cultura, DRAC, Funchal.
- Tapeçarias da Madeira, Instituto do Vinho e do Artesanato da Madeira, Funchal, s/d.

Dossier:

- FICHAS GUIAS /INQUÉRITOS E OUTROS DOCUMENTOS, Serviços Educativos dos Museus Municipais de Setúbal, s/d.
- MUSEOLOGIA E EDUCAÇÃO – Ação de Formação da Cadeira (1997): *Formas e Meios de Comunicação* – pelo Prof. Doutor Mário Moutinho. Funchal.
- MUSEOLOGIA E EDUCAÇÃO/ Textos de apoio, da Cadeira: História da Museologia. CELF, s/d.
- PATRIMÓNIO INDUSTRIAL DO CONSELHO DO SEIXAL/ Texto de apoio, (1995) Divisão do Património Histórico e Natural – Ecomuseu Municipal, Serviço Educativo. Câmara Municipal do Seixal.

Enciclopédias:

- MEMÓRIA – HISTÓRIA, Vol. 1, Col. Enaud. INCM - Imprensa Nacional Casa da Moeda. Lisboa.

Geral:

- **AA.VV.**, (novembro 1995). 1.º Encontro sobre Museologia e Educação, Câmara Municipal de Setúbal.
- **AA.VV.**, Textos de Museologia, Cadeira FUNÇÃO SOCIAL DO MUSEU, Curso de Mestrado em Museologia, ULHT. Lisboa s/d.
- **Brandão**, Ana; Sousa, Amândio (1988). *Formas de vestir: Séc. XVIII – XIX.* Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Lisboa.
- **Calvo**, Ana (2006) *“Técnicas e conservação de Pintura”*, Porto, Civilização Editora.
- **Calvo**, Ana (1997). *Conservacion y Restauracion: Materiales, técnicas y*

procedimientos de la a a la z. Barcelona: Serbal.

- **Câmara, Benedita** (2002). *A Economia da Madeira, 1850-1914*. Instituto de Ciências Sociais. Lisboa.
- **Carvalho Isabel e Almeida Anabela**, (2007). “*Vade – mécum*” Preservação do património histórico e artístico das igrejas” Comissão Episcopal da Cultura, Bens Culturais e Comunicações Sociais, IPCR, Lisboa.
- **Casanovas, Luís Efrem Elias**, (2006). “*Conservação Preventiva e Preservação das Obras de Arte, Condições-ambiente e espaços museológicos em Portugal*”, Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Edições Inapa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa.
- **Casanovas, Luís Efrem Elias**, (2004) “*Reflexões sobre o Conceito de Conservação Preventiva*”, *Artis – Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa*, n.º3, Braga.
- *Temas de Museologia, Plano de Conservação Preventiva, Bases orientadoras, normas e procedimentos*, (2006). Ministério da Cultura, Instituto dos Museus e da Conservação - IMC, Lisboa.
- **Clode, Luísa** – Bordados Indústria Caseira. Das Artes e da História da Madeira. Funchal. Vol. VIII, Nº 38 (Ano XVIII) s/d.
- **Clode, Luísa; Brazão, Teresa** – Bordados da Madeira: (1987) 1850 – 1930: catálogo. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Direção Regional dos Assuntos Culturais, imp.
- **GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS BORDADOS DA MADEIRA**, (1958). Indústria de Bordados da Madeira: apontamentos. Funchal: Grémio dos Industriais dos Bordados da Madeira.
- **Varine** - Boham, Hugues de. O PAPEL DO MUSEU E DA MUSEOLOGIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA (entrevista do autor), in OS MUSEUS NO MUNDO, Biblioteca Salvat, s/d.
- **Moutinho, Mário** (1998) “O SONHO DO MUSEOLÓGO” – A exposição: Desafio para uma Nova Linguagem Museológica. ULHT, Lisboa.
- **Moutinho, Mário** – FUNÇÃO SOCIAL DO MUSEU, Textos de Museologia do Curso de Mestrado de Museologia, ULHT, s/d.
- **Moreira, Isabel M. Martins** (1989) - *Museus Monumentos em Portugal 1772 - 1974*. Lisboa: Universidade Aberta.

- **Mota**, Helena (5 de novembro 1995). Empresário defende Madeira em feira internacional de Bruchelas. Diário de Notícias. Funchal.
- **MUSEUS E A DIMENSÃO ECONÓMICA DA CADEIA PRODUTIVA À GESTÃO SUSTENTÁVEL**, (2014). Coleção MUSEU ECONOMIA E SUSTENTABILIDADE, Ministério da Cultura e Instituto Brasileiro de Museus, Brasília, 1ª edição.
- **Silva**, António Zacarias Gomes da (1982) Bordados e tapeçarias da Madeira: estrutura evolução económica e problemas do setor.
- **Soledade**, Maria da (1957). Os Bordados da Madeira: “viagem” numa fábrica de bordados. Funchal: Eco.
- **Steinmetz**, George (1993). Regulating the Social. The Welfare State and Local Politics in Imperial Germani. Princeton Studies in Cultur/History.
- **Trindade, Maria Beatriz Rocha**, (1993). Iniciação à Museologia. Lisboa, Universidade Aberta.
- **Walter**, Carolyn; **Holman**, Kathy (1987). The embroidery of Madeira. New York: Union Square Press.

Legislação:

- Decreto Regional nº 7/78M. DR 49/78 SÉRIE I de 1978/02/28

Região Autónoma da Madeira – Assembleia Regional

Cria o Instituto do Bordado, Tapeçarias e Artesanato da Madeira (IBTAM) e aprova o seu estatuto.

- Decreto Regulamentar Regional nº 11/86M. DR 146/86 SÉRIE I de 1986/06/28

Região Autónoma da Madeira – Assembleia Regional

Estabelece disposições relativas à defesa e autenticidade do artesanato regional.

- Decreto-Lei nº 65/90M. DR 47/90 SÉRIE I de 1990/02/24

Ministério do Comércio e Turismo

Atribui ao IBTAM competência para a emissão de certificados de origem em Portugal. Altera o Decreto-Lei nº 75-A/86, de 23 de abril.

- Lei nº 55/90. DR 205/90 SÉRIE I de 1990/09/05

Assembleia da República

Cria uma marca coletiva de proveniência para os bordados da RAM.

- Decreto Legislativo Regional nº 23/90M, DR 223/90 SÉRIE I de 1990/09/26
Região Autónoma da Madeira – Assembleia Legislativa Regional
Aprova a Lei Orgânica do IBTAM.
- Decreto Legislativo Regional nº 7/91M, DR 62/91, SÉRIE I-A, de 1991/03/25
Região Autónoma da Madeira – Assembleia Legislativa Regional
Estabelece as normas de qualidade do Bordado da Madeira
- Decreto Legislativo Regional nº 14/91M, DR 137/91, SÉRIE I-A, de 1991/06/18
Região Autónoma da Madeira – Assembleia Legislativa Regional
Aprova a orgânica do IVBAM. Revoga o Decreto Legislativo Regional nº 23/90/M, de 26 de setembro.
- Decreto Legislativo Regional nº 12/93/M, DR 171/93, SÉRIE I-A, de 1993/07/23
Região Autónoma da Madeira – Assembleia Legislativa Regional
Regula a atividade das bordadeiras de casa.
- Decreto Legislativo Regional nº 4/97/M, DR 32/97, SÉRIE I-B, de 1997/02/07
Região Autónoma da Madeira – Presidência do Governo
Estabelece a estrutura orgânica da Secretaria Regional dos Recursos Humanos.
- Decreto Legislativo Regional nº 2/97/M, DR 61/97, SÉRIE I-A, de 1997/03/19
Região Autónoma da Madeira – Assembleia Legislativa Regional
Regulamenta a atribuição de subsídio de desemprego às bordadeiras de casa da RAM.
- Decreto Legislativo Regional nº 13/97/M, DR 196/97, SÉRIE I-A, de 1997/08/26
Região Autónoma da Madeira – Assembleia Legislativa Regional
Cria um sistema de incentivos financeiros à realização de ações promocionais à exportação de bordados, vimes e tapeçarias de origem artesanal feitos na RAM, a título de participação a fundo perdido.
- Decreto Legislativo Regional nº 22/98/M, DR 216/98, SÉRIE I-A, de 1998/09/18
Região Autónoma da Madeira – Assembleia Legislativa Regional
Altera o Decreto Legislativo Regional nº 12/93/M, de 23 de julho (regula a atividade das bordadeiras de casa).
- Decreto Legislativo Regional nº 3/2001/M, DR 63, SÉRIE I-B, de 2001/03/15
Região Autónoma da Madeira – Presidência do Governo
Altera o Decreto Legislativo nº 14/91/M, de 18 de junho, que aprova a orgânica do IVBAM.
- Portaria nº 11/2015. Jornal Oficial, Série I, nº 6, de 13 de janeiro de 2015
Região Autónoma da Madeira – Secretarias Regionais do Ambiente e Recursos Naturais e da

Educação e Recursos Humanos. Estabelece os valores remuneratórios mínimos a pagar às bordadeiras de casa no ano de 2015.

Monografias:

- **RdM** monografias, (Febrero 2000). *Museus y Museologia en Portugal Una ruta ibérica para el futuro.* Patrocínio Banco Santander e Fundação Banco Comercial Português e Banco Espírito Santo. Espanha.

Periódicos e outros Documentos:

- Boletim **APOM** II, Série nº3, 1996.
- **Casnovas**, Luís Elias – *A CONSERVAÇÃO PREVENTIVA. O CONCEITO, A SUA EVOLUÇÃO E ENQUADRAMENTO. A CLASSIFICAÇÃO DOS FATORES DE DEGRADAÇÃO.* Artigos. s/d.
- **Casnovas**, Luís Elias, (2000). O caso da “Vista de Delft” de Vermeer.
- **Casnovas**, Luís Elias (2001). *As Exposições Temporárias e a Conservação Preventiva. Reflexões e propostas.*
- **Chagas**, Mário de Souza (2002). *CULTURA, PATRIMÓNIO E MEMÓRIA.*
- **Chagas**, Mário de Souza (2000). *MEMÓRIA E PODER: dois movimentos, seleção de textos.*
- **Chagas**, Mário de Souza (2002). *MEMÓRIA E PODER: focalizando as instituições museais.*
- **Chagas**, Mário de Souza – *MUSEU, LITERATURA E EMOÇÃO DE LIDAR*, s/d.
- **Cruz**, António João - *A matéria de que é feita a cor, Os pigmentos utilizados em pintura e a sua identificação e caracterização*, s/d.
- *Diário de Notícias*, Ano 59º. Terça-feira, 4 de junho de 1935. Nº 18.181
- *DIÁRIO DA REPÚBLICA* Nº 195/19 de agosto de 2004 — I SÉRIE-A 5379. Lei nº 47/2004 de 19 de agosto. *Lei-Quadro dos Museus Portugueses.*
- *Convento das Mercês.* ARM. F. Lvº 274, flhs 157,160 vº, 164 vº, 169.
- **F. Raphael** – *LE TRAVAIL DE LA MÉMOIRE ET LES LIMITES DE L’HISTOIRE ORALE*, s/d.
- **finep** (1977). *FINANCIADORA DE ESTUDOS E PROJETOS, GEDEC – GRUPO*

DE ESTUDOS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA. Projeto de pesquisa: História Social da Ciência no Brasil. Doc. Nº 12, TÉCNICAS DE ENTREVISTA E TRANSCRIÇÃO.

- **Guarnieri**, Waldisa Rússio Camargo – A INTERDISCIPLINARIDADE EM MUSEOLOGIA, s/d.
- **Guarnieri**, Waldisa Rússio Camargo – CONCEITO DE CULTURA E SUA INTER-RELAÇÃO COM O PATRIMÓNIO CULTURAL E A PRESERVAÇÃO, s/d.
- **Islenha**, Wilhelm, Eberhard Axel – VISITANTES DE LINGUA ALEMÃ NA MADEIRA (1815-1915). Nº 6, jan – jun, 1990. Secretaria regional do Turismo, Cultura e Emigração. RAM. Funchal.
- **Islenha**, Wilhelm, Eberhard Axel – AS CASAS ALEMÃS DE BORDADOS ENTRE 1880 E 1916 E A FAMÍLIA SCHNITZER. Nº 7, jul – dez, 1990 Secretaria regional do Turismo, Cultura e Emigração. RAM. Funchal.
- **Islenha**, Santos, Rui – O CEMITÉRIO ISRAELITA DO FUNCHAL. Nº 10, jan – jun, 1990. Secretaria regional do Turismo, Cultura e Emigração. RAM. Funchal.
- **Jebli Fedwa** e **Davel** Eduardo (fevereiro de 2012). Mentorat et reconnaissance: La portée de L'économusée comme contexte empirique de recherche. Télé-université/Université du Québec.
- **Lopes**, César (1993). Museologia e Ambiente. VI JORNADAS SOBRE A FUNÇÃO SOCIAL DO MUSEU, NOVOS DESAFIOS/NOVAS MUSEOLOGIAS, Póvoa do Varzim.
- MEMÓRIA DO PENSAMENTO MUSEOLÓGICO CONTEMPORÂNEO. Comité Brasileiro do ICOM. Organizadores (1995): Marcelo Mattos Araújo e Maria Cristina Oliveira Bruno.
- **Moreira**, Fernando João (2001). UMA REFLEXÃO SOBRE O CONCEITO DE PÚBLICO NOS MUSEUS LOCAIS.
- **Moreira**, Fernando João – Turismo Cultural, s/d.
- **Moreira**, Fernando João e **André**, Isabel Margarida – O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE UM MUSEU, s/d.
- **Moutinho**, Mário (1992). Museologia: Novos Enfoques/Novos Desafios, Ciências em Museus.
- **Moutinho**, Mário – SOBRE O CONCEITO DE MUSEOLOGIA SOCIAL, s/d.
- **Moutinho**, Mário – Museologia Informal, s/d.

- ORGANIZAÇÃO TÉCNICA DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL
- **Primo**, Judite dos Santos – A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO MUSEOLÓGICO CONTEMPORÂNEO, Conceitos Utilizados Relativos a Museu, seleção de textos, s/d.
- **Primo**, Judite dos Santos (2001). O Museólogo-Educador Frente aos Desafios Económicos e Sociais da Atualidade, Texto apresentado durante o encontro Nacional de Museologia e Educação, Santiago do Cacém – Portugal.
- **Rivière**, George Henri – LA MUSÉOLOGIE, Cours de Muséologie/Textes et témoignages. Dunod s/d.

Teses:

- **Almeida**, M^a Mota, (2012). “UM MUSEU-BIBLIOTECA EM CASCAIS: PIONEIRISMO MEDIADO PELA AÇÃO CULTURAL E EDUCATIVA”, ”, Dissertação apresentada na ULTH – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, FCSH – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, para a obtenção do grau de Doutor em Museologia, com a orientação do Professor Doutor Mário Canova Magalhães Moutinho, Lisboa.
- **Bonito**, Ana Maria Rodrigues (2005). Economuseologia: Proposta de Ecomusealização para o Conselho da Ponta do Sol” ”, Dissertação apresentada na ULTH – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Geografia, para a obtenção do grau de Mestre em Museologia, com a orientação do Professor Doutor Mário Canova Magalhães Moutinho e Coorientador Mestre Judite Santos Primo, Lisboa.
- **Klut**, Ana Teresa de Macedo (2003). “ECOMUSEU Casa da Bordados” ”, Dissertação apresentada na ULTH – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, para a obtenção do grau de Mestre em Museologia, com a orientação do Professor Doutor Mário Canova Magalhães Moutinho, Lisboa.
- **Querol**, M^a Lorena Sancho (2011). “PATRIMONIO CULTURAL INMATERIAL Y LA SOCIOMUSEOLOGÍA: ESTUDIO SOBRE INVENTARIOS”, Dissertação apresentada na ULTH – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, FCSH – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, para a obtenção do grau de Doutor em Museologia, com a orientação do Professor Doutor Mário Canova

Magalhães Moutinho, Lisboa.

- **Santos**, Teresa Catarina dos (2005). “O BORDADO DA MADEIRA: O processo criativo do bordado madeirense”, Dissertação apresentada na ULTH – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, para a obtenção do grau de Mestre em Museologia, com a orientação do Professor Doutor Mário Canova Magalhães Moutinho e coorientação do Prof. Tarciso Moreira; Lisboa.
- **Silva**, Paulo Fernando Teles de Lemos (2006). “Bordados tradicionais portugueses”, Dissertação em *Design e Marketing* – Área de Especialização em Têxtil, para a obtenção do grau de Mestre, com a Orientação da Prof^ª Doutora M^a Manuela da Silva Torres Matos Neves e Coorientação do Professor Doutor Manuel Ferreira Dias, apresentada na Universidade do Minho.

Sites:

- https://books.google.co.uk/books?hl=ptPT&lr=&id=Pku2UOLDHcMC&oi=fnd&pg=PP1&dq=welfare+system+in+Colonial+Germany&ots=MCLSrhiYK&sig=A3Mq_AlCRS0ILggcHICy4mGtDmc#v=onepage&q=welfare%20system%20in%20Colonial%20Germany&f=false
- http://ceim.pt/wp-content/uploads/2015/01/doc_estrategico_turismo_ram.pdf
- <http://ciarte.no.sapo.pt/biblio/textos/quadro2#quadro2>
- <http://cultura.madeira-edu.pt/museus/Museus/MuseudaElectricidadeCasaLuz/tabid/183/language/pt-PT/Default.aspx>
- <https://embroidery.about.com/od/Embroidery-Community/tp/Museum-Exhibits-And-Embroidery-Collections.htm>
- <http://embroiderersguid-recuse.co.uk/index.php>
- <http://exame.abril.com.br/pme/noticias/8-dicas-para-aumentar-suas-vendas>
- http://loorock.blogspot.pt/2011_11_01_archive.html
- <http://www.myswitzerland.com/pt/textiles-handwerk.html>
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/>
- http://pt.wikipedia.org/wlk/Museu_da_Companhia_Carris_de_Ferro_de_Lisboa
- <http://redemuseusmemoriaemovimentossociais.blogspot.pt/2010/08/definicao-de-sociomuseologia-mario.html>

- https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/.../TESE_PAULO.p...de PFTL Silva - 2006
- <https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/2506/1/O%20que%20C3%83%C6%92%C3%82%C2%A9%20Patrim%C3%83%C6%92%C3%82%C2%B3nio%20Cultural%20%28miolo%29.pdf>
- <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001338/133845so.pdf>
- http://www.ameriquefrancaise.org/en/article-594/Economuseums:_Keeping_Traditional_Crafts_and_Know-How_Alive_in_French-Speaking_Canada.html
- <http://www.arquivo-madeira.org.pt>
- <http://www.bayeuxmuseum.com>
- <http://www.comitecolbert.com>
- http://www.crq4.org.br/quimicaviva_corantespigmentos
- <http://www.egausa.org/>
- <http://www.jornaldamadeira.pt/artigos/sociedade-de-engenhos-da-calheta-inaugura-museu-na-madeira>
- <http://www.lesage-paris.com>
- http://www.magnouse.com/en/attachment.php?id_attachment=16
- <http://www.mtmad.fr>
- http://www.museologia-portugal.net/files/upload/doutoramentos/maria_lorena_querol.pdf
- <http://www.museumaritime.cm-ilhavo.pt/pages/33>
- http://www.tsf.pt/Programas/programa.aspx?content_id=918070&audio_id=3698030

GLOSSÁRIO

Agentes de bordados – profissional que estabelece a relação entre a fábrica ou espaço comercial e a bordadeira de casa

Anil – pigmento de cor azul

Appliqué – tipo de bordado francês onde é aplicado outro tipo de tecidos, geralmente transparentes

Argamassado – ligação feita com uma argamassa de cimento

Arrendado – tipo de bordado espanhol aplicado no tecido rendar de diferentes tipos

Asnas – peça triangular de madeira onde assenta a cumeeira

Batitas – tipo de roupa de criança, vestido

Bazar – nome dado ao local de comercialização do Bordado da Madeira e artefactos

Betão – produto constituído por cimento, brita, areia e água

Betão armado - betão com armações de aço ou ferro

Betão ciclópico – betão com uma grande percentagem de fragmentos de pedra

Bomboteiro – vendedor de bordados nos barcos e no cais

Bordadeira – mulher que borda

Bordadeira de casa – mulher que executa o bordado em casa

Bordado – trabalho decorativo realizado com agulha e linha sobre um tecido

Bordado Madeira – artigos de bordado produzidos na região de acordo com normas estabelecidas

Casas de bordados – Podem ser industriais produtores/fabricantes de bordado, comerciantes ou exportadores.

Calheta - localidade na costa sul da ilha da Madeira

Câmara de Lobos - localidade na costa sul da ilha da Madeira

Cambraia – tipo de tecido fino transparente de linho ou algodão

Caseado – tipo de ponto utilizado no bordado feito sobre a urdidura

Contadores – o que conta os pontos do bordado

Copiador – aquele que copia o desenho original para uma outra folha de papel vegetal

Cordão, escada, oficial, bastido – pontos do bordado

Croché – trabalho feito com linha e agulha que não envolve tecido

Curral Grande – localidade no interior da ilha da Madeira

Curvimetro – aparelho para contar os pontos do bordado

Desenhador – o que executa o desenho do Bordado da Madeira

Desenho de Bordado – o desenho pode ser riscado diretamente sobre o tecido, no Bordado da Madeira o desenho é feito inicialmente sobre papel vegetal.

Engomadeira – operária que se dedica a engomar os bordados

Engomadoria – local onde a funcionária que se dedica à tarefa de engomar o bordado

Estampador – profissional que estampa o desenho no tecido

Estampar – ato de passar para o tecido o desenho usando uma chapa

Flores de cera e de penas – tipo de artesanato feito no Convento de Santa Clara

Grega, cavaca, garanito – graficamente circular para composições do bordado

Grémio de Industriais do Bordado da Madeira – associação cooperativa de industriais do Bordado da Madeira

Ilhós – graficamente circular, aberto para depois ser contornado com linha

Industriais de bordado – são os produtores de bordado

Ladrilho – peça para revestir pavimento

Lavadeira – profissional que se dedica à lavagem de bordados

Lavagem – ato de lavar o bordado para retirar a tinta da estampagem e sujidades

Linha DMC – marca da linha utilizada no bordado

Linha de algodão – tipo de linha sem brilho utilizada no bordado

Linha castanha ou de cores – refere-se à cor da linha utilizada

Linho cru – linho sem tratamento branqueador

Linhos da terra – tecidos em linho produzidos na região

Machado – conjunto macho/fêmea para o assentamento do soalho

Madre – viga horizontal

Morim – tipo de tecido leve

Negalhos – linhas dobradas ordenadamente

Organdi – tecido feito de organsim

Organsim – fio ou conjunto de fios de seda que constituem a urdidura para um tear

Padrão - tipo de composição

Petróleo – decano utilizado na estampagem

Picotador – técnico que executa o picote

Picotadeira – aparelho de picotar os desenhos

Picotar – ato de perfurar o desenho com a picotadora

Pilaretes – pilares de pequenas dimensões

Ponta de lenço – parte do lenço de mão onde é aplicado o bordado

Ponto alinhado, gobelin, grado e miúdo – são pontos utilizados na tapeçaria

Pórtico – conjunto de viga pilar

Recebedoria – local onde se entrega e recolhe o bordado de fora p.

Recortar – ato de retirar o excesso de tecido com uma tesoura, contornando o bordado

Recortadeira – operária que recorta os pontos de recorte

Richellieu – nome de ponto ou tipo de ponto que requer muito recorte no seu acabamento

Roupa de cama, toalhas, vestuário para criança – peças para o lar e para criança que na sua decoração utilizam Bordado da Madeira

Riscado – acto de desenhar diretamente sobre o tecido

Roquete – peça de vestuário litúrgico, túnica

Sal de azedas – nome vulgarmente utilizado para o ácido oxálico ou ácido etanodioico

Santana - localidade no norte da ilha da Madeira

São Vicente - localidade na costa norte da ilha da Madeira

Sombreado – tipo de ponto aplicado em tecidos leves e transparentes

Talagarça – tipo de tecido para bordar com fio de lã

Tapeçaria – arte de bordar sobre talagarça

Timbalinho – povoação da Beira Alta próxima de Viseu

Trames – peça de tapeçaria apenas com pontos de alinhavo para venda

Risco – desenhar diretamente sobre o tecido

Sal de azedas – produto químico que funciona como branqueador

Trames – suporte onde é utilizado o ponto de alinhavo como marcação de desenho e cores de uma tapeçaria para posterior acabamento

Urdidura – pontos para serem contornados, sobre ela aplica-se o ponto final

Verificadora – funcionária com a função de avaliar a qualidade técnica do bordado

Verificadoria – zona onde se avalia a qualidade do bordado

Viloas – mulher do campo

Viúvas – nome dado a um ponto de bordado que apresenta a forma de uma pequena flor

ÍNDICES REMISSIVOS

	Páginas
Alfandega do Funchal	35
Atividade doméstica	31 e 38
Belle époque	32
Bolsa de Nova Iorque	32
Bordado da China	40
Bordado das Filipinas	40
Carreiras transatlânticas	35 e 40
Casas de bordado	33 e 36
Casa grande	32
Casa Marum	33
Casa Saydah	38, 39, 96, 97 e 107
Centro Produtor de Bordado	33
Certificado	38
Clarissas	23
Crise na Europa	31 e 32
Crise do Bordado	32, 38, 41, 45 e 48
Crush	38
Comercio asiático	44 e 45
Comercio do açúcar e do vinhos	25 e 27
Comenda de Mérito Industrial	42, 43 e 46
Constituição da República Portuguesa	78
Convento da Caldeira	24
Convento da Encarnação	24
Convento de Santa Clara	24 e 26
Convento das Mercês	24
Curso de Embutidos e Desenho de Bordado	78
Economia familiar	29, 30, 36, 38 e 42
Exposição de toda a Industria da Ilha	26
Emigrantes Madeirenses	42
Empresários alemães	31 e 32
Escola Central da associação de Proteção Feminina	29 e 30
Escola Lancasteriana	26
Escola Industrial António Augusto de Aguiar	78
Estado Novo	38, 40, 44 e 80

	Páginas
Expansão do Bordado	36, 43 e 45
Exportação de bordado	28 e 33
Exposição de 1850	27
Figueira & Phelps. Ld ^a	28
Formação feminina	30
Fundos de previdência	38
Grémio da Indústria dos Bordados	38
Incentivos	47 e 50
Industriais alemães	34 e 39
Industriais madeirenses	37 e 45
Indústria do bordado	22, 32, 34, 38 e 44
Industria hoteleira	45
Inovação no bordado	34, 35 e 38
Instituto do Vinho e do Bordado da Madeira	44, 46, 47, 48 e 49
Judeus-alemães	34
Mercado alemão	31, 32, 33 e 34
Mercado americano	30, 31, 32, 38, 40, 41, 42 e 47
Mercado inglês	27, 28, 32 e 47
Mercado italiano	42, 43 e 47
Miss Phelps	28
Núcleo Histórico de Santa Maria Maior	85
Núcleo Histórico da Sé	86
Núcleo Museológico do Bordado	46 e 48
Primeira Guerra Mundial (1914/18)	35
Segunda Guerra Mundial	40
Segurança Social	46
Selo de garantia	48
Sindicatos	44
Sírios	35, 36 e 37
Sistema cooperativo	38
Trabalho domiciliário	36

LOMBADA

Georgina
Garrido

DOS CONVENTOS AO ECONOMUSEU
PATRÍCIO & GOUVEIA Lda. - Fábrica de Bordados

ULHT
Lisboa
2015

Georgina da Conceição Branco Garrido

Dos Conventos ao Economuseu: *PATRÍCIO & GOUVEIA Lda.* - Fábrica de Bordados

